



AILSON BARBOSA DE OLIVEIRA

OS VENEZUELANOS EM DOURADOS: PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUAS TERRITORIALIDADES

**DOURADOS
2024**

AILSON BARBOSA DE OLIVEIRA

OS VENEZUELANOS EM DOURADOS: PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUAS TERRITORIALIDADES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira

**DOURADOS
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O48v Oliveira, Ailson Barbosa De
OS VENEZUELANOS EM DOURADOS: PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUAS
TERRITORIALIDADES [recurso eletrônico] / Ailson Barbosa De Oliveira. – 2025.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Alexandre Bergamin Vieira.
Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Território. 2. Territorialidade. 3. Venezuela. 4. Dourados. 5. Migração. I. Vieira,
Alexandre Bergamin. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Ailson Barbosa de Oliveira

**OS VENEZUELANOS EM DOURADOS: PROCESSOS MIGRATÓRIOS E
SUAS TERRITORIALIDADES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira
Orientador (FCH/UFGD/Dourados – MS)

Profa. Dra. Maria José Martinelli Calixto
(FCH/UFGD/Dourados – MS)

Prof. Dr. Camilo Pereira Carneiro Filho
(UFG)

Prof. Dr. Alex Dias de Jesus
(IFPI)

Profa. Dra. Ana Paula Archanjo Batarce
(UFMS/Aquidauana – MS)

**DOURADOS- MS
2025**



Dedico este trabalho a Deus, à minha família: pai, mãe, irmãos e sobrinhos, e aos meus amigos, que estiveram presentes comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus pais, pois, sem o apoio deles e o sonho de terem um filho doutor, eu não teria conseguido. Até mesmo eu cheguei a pensar que esse sonho não seria possível e que teria que me conformar em reproduzir um estilo de vida determinado aos pobres, reproduzido pelo sistema, mas, como não me contentei, sonhei para mudar. Sonhei e sonhei, e vendi esse sonho para os meus pais, que prontamente o compraram e investiram nele muito mais do que eu pensava, muito mais do que eu merecia, muito mais do que eu poderia imaginar. E foi uma longa jornada.

Tudo começou com o desejo de cursar uma universidade pública saindo de uma escola pública. Assim, o que parecia impossível se tornou factível após muita dedicação e estudo.

Terminando a faculdade, sonhamos em cursar mestrado, o que poderia ser inviável caso não houvesse persistência e dedicação. Depois de muito esforço, conseguimos nos tornar mestre e, então, sonhamos em seguir para a próxima etapa: cursar o doutorado. Poderia parecer impossível, mas como já sabíamos que o impossível não existe, saímos da periferia da região metropolitana de São Paulo, SP, seguindo a nossa trajetória que começou na escola pública em direção à universidade pública. E assim sonhamos com o doutorado. Não desistimos, pois somos persistentes e, felizmente, chegamos lá.

Apesar de todos os obstáculos em nossa trajetória, tudo o que vivemos e passamos, poder chegar aonde chegamos é uma grande vitória. Abrimos mão de muitas coisas da vida e hoje, felizmente, podemos afirmar que todas as dificuldades que passamos e tudo o que vivenciamos foi válido, pois, atingimos o nosso objetivo.

O início do doutorado foi marcado por um processo de seleção, onde a aprovação foi obtida com êxito. A partir daí, foram dados os primeiros passos para a realização de um sonho que se iniciou na graduação. Porém, a jornada não foi fácil.

A nossa trajetória se iniciou na graduação, marcada por vários momentos de turbulência e dificuldades. Entretanto, desistir não faz parte da nossa história de vida e, assim, levamos adiante todos os desafios.

Mudamos da Grande São Paulo, município de Cotia, SP, para o interior do estado a fim de cursar Geografia na UNESP de Presidente Prudente, SP. Saímos com a cara, a coragem e a vontade de cursar uma universidade pública, sem saber o que isso significaria e o quanto iria transformar a nossa vida.

As dificuldades foram muitas, assim como as alegrias. Felizmente terminamos o curso, e fui dar aulas e exercer a profissão.

Assumi o concurso de professor de geografia e lecionei até receber um e-mail com o convite para concorrer ao processo de seleção do mestrado da UFGD. Mesmo com medo de não ser aprovado, fui de São Paulo para Dourados, MS, participei da seleção e, para minha alegria, fui aprovado. Passei várias noites sem dormir, pois não acreditava no que estava acontecendo.

Tive que pedir exoneração do cargo público que exercia, uma vez que não tinha como conciliar as duas coisas. Foi um pouco triste, mas como era a realização de um sonho, encarei o risco e me mudei para Dourados. A cidade é muito bonita e muito quente, e a adaptação ao clima foi difícil. Até hoje sinto os efeitos do calor.

O período do mestrado foi bom, com menos sofrimento do que o da graduação pelo fato de poder contar com uma bolsa de pesquisa. Isso me resultou bons momentos, já que pude me dedicar integralmente aos estudos.

Ao terminar o curso, resolvi continuar na cidade para ingressar no doutorado. Fiquei um considerável período somente com a reserva financeira que tinha guardado, já que não havia conseguido trabalho como professor.

As economias foram acabando e o controle de gastos aumentando. Depois de algum tempo, consegui algumas aulas, mas a carga horária não foi o suficiente para suprir as necessidades. Concorri à seleção do doutorado, mas não fui aprovado. Então, a reserva financeira acabou, e por não ter conseguido uma boa colocação como professor, fui procurar trabalho em empresas e no comércio, conseguindo trabalho em um lava-rápido. Aprendi mais uma profissão. Fiquei quase dois anos trabalhando no lava-rápido, ganhando um

salário de R\$ 950,66, o suficiente para pagar as contas e manter o sonho do doutorado.

No trabalho, encarei muitas dificuldades. Pensei em desistir por muitas vezes, pois, ao chegar ao final do ano, concorria à seleção do doutorado e não passava. Acabei percorrendo o máximo de escolas possíveis, entregando currículo. Todavia, não conseguia aulas e então só restava voltar para o lava-rápido, frustrado, mas com um fio de esperança. Naquele momento, minha família foi muito importante para me ajudar a continuar persistindo. Minha mãe sempre deu apoio e isso me motivou a não desistir.

Pouco tempo depois, alguns venezuelanos passaram a trabalhar comigo no lava-rápido, quando pude presenciar todas as suas dificuldades antes, durante e após a imigração. Passei também a compartilhar suas angústias e medos. Devido a essa convivência, meu objeto de estudo mudou: antes, territorialidade paraguaia; agora, trabalhando com os imigrantes venezuelanos.

Posteriormente, concorri à seleção para o doutorado e obtive o êxito da aprovação. Não dormi por uma semana de tanto entusiasmo. Era o início da realização de um sonho, portanto, mil palavras seriam poucas para descrever e mensurar meu sentimento.

O início do doutorado foi totalmente diferente. Tive somente uma aula presencial, pois o mundo passou a sofrer com a Pandemia da Covid-19¹. Queria poder cursar as disciplinas presencialmente, me deslocar até a universidade com o ônibus cheio, enfrentar todas as dificuldades de locomoção, dedicar-me ao máximo às aulas. Entretanto, isso não aconteceu. A pandemia acabou com essa possibilidade e, infelizmente, muitas vidas foram ceifadas. Fui contemplado com uma bolsa de estudos, o que tornou possível passar o período mais crítico da pandemia isolado em casa.

Também contraí Covid-19, pois fiz algumas entrevistas de campo, e penso que foi essa a via de contágio. Os sintomas da doença não foram fáceis, fiquei acamado, com dificuldades respiratórias e alimentares durante cerca de 20 dias. A minha vida se restringiu a ficar deitado e a assistir aulas, sem poder

¹ Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Para mais informações, consulte: Instituto Butantan, [202-], OPAS, [202-], Wikipedia, [202-].B

fazer nada, sem me dedicar aos textos e sem poder realizar as pesquisas. Felizmente esse período passou.

Tive que me adaptar às aulas remotas e à participar de eventos e do estágio de docência à distância. A vida passou a ser remota. Foi uma situação de vida totalmente diferente, mas que me permitiu vivenciar a experiência acadêmica por outro ângulo. Com a vacinação em estágio avançado e as atividades voltando gradativamente ao formato presencial, pude participar de congressos e de atividades presenciais.

Toda a minha atenção voltou-se exclusivamente para o doutorado. O período de pandemia foi difícil para todos, ninguém estava esperando que a situação fosse tão grave como a que passamos. Contudo, mesmo com todos os obstáculos e o estresse, o trabalho foi desenvolvido em isolamento. Assim, a pesquisa foi realizada com dedicação às aulas, leituras, reflexões e participação em muitos eventos. Pude concluir o curso do Doutorado em Geografia e, enfim, chegou o dia de retribuir aos meus pais todo o investimento que fizeram em mim, todas as lágrimas, toda a saudade e principalmente todo o dinheiro investido.

Hoje, dedico o doutorado para vocês, meus pais, que choraram e compraram um sonho que, no início, era apenas meu, mas que, como já mencionado, passou a ser de vocês também. Então, vocês também são doutores, muito mais do que eu, pois, se não fosse por vocês, eu não estaria aqui e não teria chegado aonde eu cheguei. A vocês minha profunda gratidão.

Também agradeço ao professor Alexandre Bergamin Vieira pela orientação, paciência e por todo o empenho dedicado a mim, por ter lido e corrigido todos aqueles relatórios sempre com muita paciência e atenção. Meu muito obrigado.

Outras pessoas também colaboraram para a realização deste trabalho. Agradeço à Luciene Blans, à Magali Mirhan e a Fernanda Francis Ricco, aos amigos e colegas de curso; à Érika S. Gutierrez, secretária do programa de pós-graduação por sua atenção, dedicação e principalmente paciência em responder aos e-mails desesperados que eu mandava para saber dos prazos e das possíveis prorrogações. Nunca sabia quando eu tinha que entregar os relatórios, e a Érika, sempre com muita paciência, me ajudava.

Agradeço também aos amigos venezuelanos que conheci durante a pesquisa e também àqueles com quem trabalhei pela oportunidade de aprender um pouco mais de sua cultura e vivenciar um pouco de toda a sentimentalidade que o imigrante carrega consigo, seja a saudade da terra natal, sejam a angústia ou o medo. Todos esses sentimentos, e muitos outros, fazem parte da vida do imigrante.

Agradeço ao pastor Mário Sérgio por ter me recepcionado muito bem e falado do trabalho social que a Igreja CTV desenvolve distribuindo refeições para toda e qualquer pessoa que quiser almoçar, de segunda-feira a sexta-feira, das 11h30min até às 12h30min. Quando fiquei sem receber bolsa, os almoços oferecidos pela igreja eram a minha a única refeição do dia, momento também compartilhados com vários venezuelanos que lá estavam para se alimentar.

Agradeço ao pastor Jesus Emilio Perez, da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, igreja evangélica pentecostal venezuelana, pelo acolhimento e pelas palavras, e à sua esposa, pastora Ivone Ximenes, pela recepção e pelos pratos típicos venezuelanos, que são muito deliciosos.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir os processos migratórios, a territorialidade, fatores econômicos, religiosos e culturais estabelecidos pelos venezuelanos em Dourados, Mato Grosso do Sul. O objetivo geral foi compreender a construção de territórios e territorialidades dos venezuelanos residentes em Dourados, a partir de suas relações sociais e culturais. O recorte analítico empírico são os(as) venezuelanos(as) interiorizados, as causas da migração e a busca pelo trabalho. O procedimento metodológico usado foi a fonte oral, com dados colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas sobre as histórias de vida e sobre o período de migração, somadas à descrição durante o tempo de convivência e das experiências presenciadas e observadas no ambiente de trabalho e na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 01 Dourados. E também ocorreram entrevistas com pessoas e iniciativas religiosas que auxiliaram na interiorização. A análise realizada apontou, como resultado, que os venezuelanos interiorizados e residentes em Dourados estão espacialmente espalhados de forma difusa e descentralizada, pelas bordas da periferia urbana de Dourados. Além disso, foi possível observar elementos culturais e vínculos sociais, afetivos e religiosos que são elementos do processo de construção da territorialidade venezuelana em Dourados, MS.

Palavras-chave: Território. Territorialidade. Venezuela. Dourados. Migração. Cultura.

ABSTRACT

The present study aims to discuss the migratory processes, territoriality, economic, religious and cultural factors established by Venezuelans in Dourados, Mato Grosso do Sul. The general objective was to understand the construction of territories and territorialities of Venezuelans residing in Dourados, based on their social and cultural relations. The empirical analytical approach is the internalized Venezuelans, the causes of migration and the search for work. The methodological procedure used was the oral source, with data collected through semi-structured interviews about life stories and the migration period, added to the description during the time of coexistence and the experiences witnessed and observed in the work environment and in Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 01 Dourados. And also interviews with people and religious initiatives that helped in the interiorization. The analysis carried out pointed out, as a result, that the Venezuelans internalized and residing in Dourados, are spatially spread in a diffuse and decentralized way, along the edges of the urban periphery of Dourados. In addition, it was possible to observe cultural elements and social, affective and religious bonds that are elements of the process of construction of Venezuelan territoriality in Dourados, MS.

Keywords: Territory. Territoriality. Venezuela. Dourados. Migration. Culture.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo discutir los procesos migratorios, la territorialidad, los factores económicos, religiosos y culturales establecidos por los venezolanos en Dourados, Mato Grosso do Sul. El objetivo general fue comprender la construcción de territorios y territorialidades de las personas venezolanas residentes en Dourados, a partir de sus relaciones sociales y culturales. El enfoque analítico empírico es la interiorización de los venezolanos, las causas de la migración y la búsqueda de trabajo. El procedimiento metodológico utilizado fue la fuente oral, con datos recolectados a través de entrevistas semiestructuradas sobre historias de vida y el período de migración, sumado a la descripción durante el tiempo de convivencia y las experiencias presenciadas y observadas en el ambiente laboral y en la Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 01 Dourados. Y también ocurrieron entrevistas a personas e iniciativas religiosas que ayudaron en la interiorización. El análisis realizado señaló, como resultado, que los venezolanos interiorizados y residentes en Dourados, se encuentran dispersos espacialmente de manera difusa y descentralizada, a lo largo de los bordes de la periferia urbana de Dourados. Además, se pudieron observar elementos culturales y vínculos sociales, afectivos y religiosos que son elementos del proceso de construcción de la territorialidad venezolana en Dourados, MS.

Palabras-clave: Territorio. Territorialidad. Venezuela. Dourados. Migración. Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Redes de contatos das pessoas que foram entrevistadas.	28
Figura 2 - Jantar com pratos típicos venezuelanos.	66
Figura 3 - Culto evangélico na Igreja Luz do Mundo Mundial.	66
Figura 4 - Localização de Pacaraima em Roraima e no Brasil.	111
Figura 5 - Divisa entre Brasil e Venezuela.	111
Figura 6 - Casal venezuelano Mayte Ojeda e Jonathan Ruiz.	136
Figura 7 - Interiorização de venezuelanos – abril/2018 a janeiro/2024.	150
Figura 8 - Casa de passagens.	152
Figura 9 - Perfil dos venezuelanos.	153
Figura 10 - Venezuelanos(as) – Idade, sexo e famílias.	154
Figura 11 - Mirtha Capió, presidenta da Associação de Venezuelanos de Campo Grande.	162
Figura 12 - Vanessa, assistente social, representante da UEMS Acolhe e professora de português para imigrantes.	164
Figura 13 - Pastor Mário Sérgio, da Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV).	165
Figura 14 - Fiéis reunidos para a foto.	166
Figura 15 - Confraternização após o culto.	167
Figura 16 - Pastora Loira Balbas falando que ganhou uma máquina de lavar roupa.	172
Figura 17 - Leitura da Bíblia.	174
Figura 18 - “Pastores” Luzia e Áureo, da Igreja Metodista Central de Dourados com um casal de venezuelanos construindo sua casa em mutirão.	177
Figura 19 - Culto em espanhol para os(as) venezuelanos(as) na congregação da Igreja Metodista, Vila Seac, ...	178
Figura 20 - Oração em espanhol com adultos e crianças antes da recreação.	179
Figura 21 - Torta de queso.	181
Figura 22 - Arepa de Frango	181
Figura 23 - Bebida típica venezuelana, chicha (farinha de trigo, farinha de arroz, canela, açúcar, leite condensado, manteiga).	182

Figura 24 - Pastor Osmar Benites fazendo a pregação e contando a história da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão I Dourados Mato Grosso do Sul.	183
Figura 25 - Pastor Jesus Emilio Perez, com o bolo ao centro em comemoração aos três anos de fundação da igreja, fazendo oração em agradecimento.	183
Figura 26 - Pastor Jesus Emilio Perez, com sua esposa pastora Ivone Ximenes, emocionados, e os pais venezuelanos sendo homenageados pelo Dia dos Pais.	184
Figura 27 - Lembrança distribuída aos pais venezuelanos.	185
Figura 28 - Confraternização.	185
Figura 29 - Irmã Najari Osório oração e leitura da Bíblia.	187
Figura 30 - Pastora Ivone Ximenes cantando em espanhol.	187
Figura 31 - Jantar após celebração em comemoração ao Dia das Mães.	188
Figura 32 - Arroz con pollo (arroz com frango) e guasacaca.	188
Figura 33 - Pastor Osmar Benites relatando as dificuldades que enfrentou no Peru.	191
Figura 34 - Visita do Consul norte-americano e do pastor Márcio Vieira a um casal de venezuelanos.	219
Figura 35 - Aplicativo OKA: bússola de serviços e políticas públicas.	220
Figura 36 - João Lucas, ex-secretário do Projeto Acolhida.	221
Figura 37 - Refeição na Igreja Comunidade Tempo de Vida.	230
Figura 38 - Fila para a refeição.	231
Figura 39 - Localização das residências dos imigrantes venezuelanos(as): .	235

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Oscilação do preço do petróleo.	90
Gráfico 2 - Países sul-americanos com maior população de migrantes venezuelanos(as) (2023).	97
Gráfico 3 - Número de refugiados reconhecidos por ano.	143
Gráfico 4 - Interiorização de 128.241 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/04/2024 no Brasil.	145
Gráfico 5 - Interiorização de 7.050 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/02/2024 em Mato Grosso do Sul.	147

Gráfico 6 - Interiorização de 4.280 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/02/2024 em Dourados, Mato Grosso do Sul.	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados.....	30
Quadro 2 - Organização dos temas e subtemas da pesquisa.	39
Quadro 3 - Migrantes Venezuelanos – País de destino (2020).	95
Quadro 4 - Evolução do número de imigrantes venezuelanos no Brasil (2018 - 2023).	141
Quadro 5 - Municípios: que mais receberam venezuelanos(as).....	151
Quadro 6 - Questões feitas para os venezuelanos durante o Trabalho de Campo.....	314

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão Política-Administrativa da Venezuela.	32
Mapa 2 - Localização da Venezuela e países com os quais faz fronteira.	71
Mapa 3 - Migrantes Venezuelanos no Mundo (2020).....	95
Mapa 4 - Mapa de Boa Vista.....	108
Mapa 5 - Pacaraima.	131
Mapa 6 - Venezuelanos(as) no Brasil.	142
Mapa 7 - Rota de saída e chegada.	227
Mapa 8 - Bairros com maior quantitativo de venezuelanos(as) entrevistados.	237

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

Acción Democrática	AD
Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados	ACNUR
Associação Venezuelana de Campo Grande	AVCG
Centro para los Defensores y la Justicia	CDJ
Companhia Venezuelana de Petróleo	CVP
Comité de Organización Política Electoral Independiente	COPEI
Coordenação de Estatística e Análise Criminal	CEAC
Comunidade Tempo de Vida	CTV
Exame Nacional do Ensino Médio	ENEM
Fundo Monetário Internacional	FMI
Human Rights Watch	HRW
Instituto de Reintegração do Refugiado	ADUS
Igreja de Jesus Cristo Santos dos Últimos Dias	SUD
Movimento V República	MVR
Movimento Revolucionário 200	MBR-200
Mesa de Unidade Democrática	MDU
Mercado Comum do Sul	MERCOSUL
Organização dos Países Exportadores de Petróleo	OPEP
Organização das Nações Unidas	ONU
Organização Internacional para as Migrações	OIM
Ordem dos Advogados do Brasil 4ª Subseção de Dourados	OAB/MS
Partido Comunista da Venezuela	PCV
Petróleo de Venezuela AS	PDVSA
Sindicato do Metrô de Caracas	SITRAMECA
Sistema Único de Saúde	SUS
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	UFMS
Universidade Federal da Grande Dourados	UFGD
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	UEMS
Unión Republicana Democrática	URD
União Europeia	EU

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	22
1.1 Construindo os objetivos da pesquisa.....	22
1.2 Metodologia	23
1.3 Recorte empírico	25
1.4 As entrevistas	26
1.5 As fases da pesquisa.....	33
1.6 As entrevistas semiestruturadas	38
1.7 Forma, olhares e percepções das entrevistas	40
1.8 Relatos das percepções de campo.....	42
2. TERRITÓRIO, DESTERRITORIZAÇÃO, RETERRITORIZAÇÃO, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE	47
2.1 Elementos de adaptação ao novo local.....	62
3. A RELAÇÃO ENTRE O PETRÓLEO, O PODER E A CRISE NA VENEZUELA.....	70
3.1 Discussão histórica: breve análise.....	70
3.2 A Venezuela petroleira (1908-1958).....	72
3.3 Petróleo, elemento de poder	75
3.4 A Era Chávez	83
3.5 Fim da Era Chávez e o Início da Ascensão de Maduro	87
3.6 A Era Maduro	88
3.7 Instabilidade na Venezuela.....	97
3.7.1 Pseudoneutralidade da ONU	107
4. MOVIMENTO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL VENEZUELA X BRASIL.....	113
4.1 Síntese sobre migrações	113
4.2 Os deslocamentos humanos.....	120

4.3 Cenário atual da migração.....	127
4.4 Dados gerais sobre a violência na Venezuela	132
4.5 Saída dos migrantes da Venezuela.....	137
4.6 Imigrantes venezuelanos no Brasil.....	158
4.7 Dificuldades linguísticas no Brasil	160
4.8 Questão Cultural e Integração ao Local	175
5. AS VAGAS DE EMPREGO OCUPADAS PELOS VENEZUELANOS EM DOURADOS, MATO GROSSO DO SUL.....	193
5.1 A interiorização em Dourados, Mato Grosso do Sul, e a busca pelo trabalho	199
5.2 Inserção no mercado de trabalho	208
5.3 Parcerias e Políticas Públicas	214
5.4 Redes migratórias venezuelanas	218
5.4.1 Rotas migratórias.....	226
6. RELATOS E AS VIVÊNCIAS DOS VENEZUELANOS EM DOURADOS.....	229
6.1 Bairros de Dourados com moradores Venezuelanos	234
6.2 Narrativas e diálogo com os Venezuelanos	238
CONCLUSÃO	264
REFERÊNCIAS.....	270
APÊNDICE.....	314

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado em que as relações sociais estão cada vez mais dinâmicas e virtuais, por exemplo, com a pandemia de Covid-19, difundiu-se o *home office* e as múltiplas plataformas digitais para o ensino, sendo inclusiva para quem pode pagar para ter o acesso às tecnologias e, ao mesmo tempo, excludente para aqueles sem recursos.

Há vários exemplos sobre as facilidades e dificuldades do mundo globalizado, como a circulação de tecnologia, o fluxo de capitais, as *commodities* e o agronegócio. Enfim, não há barreiras e nem obstáculos, mas oportunidades de mercado.

A falta de investimento em infraestrutura, geração de emprego, desenvolvimento econômico e educacional e em políticas públicas despreocupadas com questões sociais faz com que a fluidez de capital gere recessão econômica, gerando crises e desemprego, fazendo com que muitas pessoas emigrem para outras localidades em busca da reprodução laboral e melhores condições de vida (ONU, 2021).

De acordo com os apontamentos de Martins (2002, p. 128), “assim migraram porque decidiram migrar; migraram porque migrar era a melhor alternativa”. Isso não quer dizer que seja a alternativa correta, mas era a melhor alternativa no julgamento do migrante no momento da decisão.

A migração ocorre não somente por esses fatos, mas, existem vários outros fatores que levam à migração, como políticas de Estado, mercado consumidor, recursos energéticos, facilidades de logísticas de modais de transportes, blocos econômicos, de acordo com o Parlamento Europeu (2020), entre outros.

Assim, o processo migratório é muito amplo e complexo, envolvendo ameaças à vida (guerras) e crises humanitárias (fome), sendo uma das características da disputa econômica e da falta de perspectiva de melhora, além de características do deslocamento dos sujeitos no território, pois os forçam ao deslocamento e à exclusão social, à pobreza, o que causa efeitos nocivos ao desenvolvimento e ao crescimento econômico de um país (Pinto; Guerreiro, 2016).

E assim é o que se assiste com o agravamento da crise social e política venezuelana, milhares de venezuelanos² foram forçados a migrarem em busca de melhores condições de vida, tendo destino em países como Peru, Colômbia e Brasil.

Nesse sentido, para alcançar os propósitos da pesquisa, foram realizadas revisões bibliográficas; análises de documentos, de artigos científicos, de dissertações de mestrado, de teses de doutorado; reuniões com o orientador e minicursos sobre a temática [e/i]migração e/ou que tivessem relação com os venezuelanos. Somado a tudo isso, foi realizado o trabalho de campo, além das entrevistas e da convivência no ambiente de trabalho e também na Igreja Pentecostal Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados.

Esperamos que o presente estudo possa servir de parâmetro para outros trabalhos que discutirão a migração venezuelana, território e territorialidade. E que o produto dessa pesquisa possa contribuir para a ciência e para melhorias da realidade de Dourados.

Desse modo, o texto escrito constitui uma discussão acerca dos aspectos gerais relacionados aos motivos que levaram os venezuelanos à migração, à interiorização em Dourados e às suas expectativas para o futuro.

O texto estrutura-se da seguinte maneira: uma sucinta **introdução** e o desenvolvimento do texto apresenta **seis** capítulos e, por fim, a **conclusão** que a pesquisa propiciou.

No **capítulo um**, apresentaremos a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa e a caracterização do recorte empírico-analítico.

No **segundo capítulo** serão estudadas questões teóricas sobre desterritorialização, reterritorialização e identidade, pautadas em referenciais teóricos pertinentes ao assunto e à (re)construção dos territórios pelos venezuelanos, se eles existem e como estão sendo (re)construídos ou se não estão.

No **terceiro capítulo** serão ponderados um breve resgate histórico venezuelano e seus governos, assim como o início das explorações de

² Primeiramente, esclarecemos o fato de que não pretendemos aqui generalizar quando nos referimos aos venezuelanos(as). Utilizaremos, no desenvolvimento do texto “venezuelanos(as)” para nos referirmos à sua nacionalidade, pois as origens são várias, mesmo sendo tomadas como uma categoria, coletiva, suas práticas variam e, no interior do grupo, há diferenças, como a religiosa, por exemplo, católica ou protestante, diferenças regionais, culturais e educacionais.

petróleo até a sua transformação na principal commodity mineral exportada por aquele país em detrimento da agricultura. Também serão discutidas reflexões sobre o governo de Hugo Chávez e de Nicolás Maduro e a situação econômica e social na Venezuela.

Essa discussão se faz pertinente, pois os interesses estadunidenses no petróleo venezuelano levaram o país a entrar em uma crise econômica e social sem precedentes, forçando um sem-número de venezuelanos(as) a migrarem para fugir da adversidade.

No **quarto capítulo** serão abordadas as migrações internacionais por meio de uma discussão teórica baseada em bibliografias pertinentes ao assunto e um recorte da migração venezuelana para o Brasil, discutindo os motivos pelos quais cidadãos(ãs) venezuelanos(as) migraram e vieram para Dourados, interiorizados.

Em seguida, procuramos destacar se há perda da/de territorialidade e como é a influência da distância física da Venezuela, verificando se há uma construção mental de territórios imagéticos ao recordarem de um território que pertenceram e que agora só existe em suas memórias.

No **quinto capítulo** serão discutidas as vagas de emprego e a migração para Dourados por oferta de vagas sinalizadas pela empresa Seara Alimentos Ltda. E após a adaptação no novo local começaram a trazer a família para Reunificação Familiar ou Reunião Social.

No **sexto capítulo** serão discutidas as entrevistas, a partir dos depoimentos dos venezuelanos interiorizados em Dourados, como sujeitos do processo da reconstrução territorial, destacando as problemáticas que envolveram a desterritorialização e a reterritorialização, e como foi sua contribuição/construção para a formação de aspectos culturais e sociais de pertencimento ou não aos novos territórios no município de Dourados em Mato Grosso do Sul.

Por último, na **conclusão**, serão explanadas as reflexões que foram abordadas nos **seis** capítulos e se existe uma territorialidade venezuelana em Dourados, como os migrantes se relacionam culturalmente, se há a reprodução de hábitos que tinham na Venezuela e se pensam em regressar ao seu país natal.

1. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A organização da discussão deste capítulo está dividida em duas sessões. Na primeira, caracterizamos os objetivos, hipótese e metodologia. Na segunda, apresentamos os planos para o direcionamento das interpretações da pesquisa, o recorte empírico, as fontes de pesquisa, a estrutura das entrevistas semiestruturadas e como foi a realização do trabalho de campo.

1.1 Construindo os objetivos da pesquisa

O objetivo geral proposto para esta pesquisa foi compreender a reconstrução de territórios e territorialidades dos venezuelanos interiorizados em Dourados, a partir de suas trajetórias de vida, de suas relações sociais e de suas identidades culturais.

Em diálogos com os(as) migrantes venezuelanos(as) buscamos entender como foi a adaptação ao Brasil, quais dificuldades enfrentaram em Dourados e o que fizeram/fazem para manter sua cultura e língua vivas. Ademais, buscamos entender se existem conflitos de identidade cultural na educação dos filhos e se pensam em regressar ao país de origem.

Assim, partindo da perspectiva de que as migrações são complexas, e cientes desse debate, procuramos fazer um recorte, os(as) venezuelanos(as) interiorizados(as) em Dourados para a interpretação da territorialidade, buscando compreender os elementos que os levaram à migração³ e estudando a territorialidade, o pertencimento, que eles passaram a construir no novo local, a fim de conseguir responder a hipótese central desta pesquisa: há uma territorialidade em formação dos venezuelanos interiorizados em Dourados, MS?

Para tal discussão, os motivos pelos quais os venezuelanos procuraram o Brasil foram levados em conta, assim como as dificuldades e os problemas que passaram durante o processo de migração: se sofreram alguma discriminação, as dificuldades linguísticas, alimentares e religiosas, se pensam

³ Migrar é o ato de se deslocar de um país, estado, cidade ou região para outra (Machado, [201-])

em continuar migrando para outro país e se, em um futuro próximo, pretendem voltar para a Venezuela.

1.2 Metodologia

Para alcançar os objetivos e responder às problemáticas supracitadas, utilizamos a fonte oral no trabalho de campo com o intuito de trazer as narrativas de suas histórias de vida como registro de memórias, indo ao encontro dos estudos de Thomson (2006, p. 51):

As entrevistas permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica [...]. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados: qual a sensação de casar-se, [...], de enfrentar a morte [...], de imigrar. Os historiadores orais são singulares em sua capacidade de questionar seus informantes, de fazer perguntas que podem não ter sido imaginadas no passado e de evocar reminiscências e entendimentos anteriormente silenciados ou ignorados [...].

Nesse sentido, nosso olhar se volta para o outro, já que, quando suas ações foram silenciadas, deixaram registrados a partir do contexto de vida que lhes assegurou suas próprias memórias e, então, por meio das questões que estavam silenciadas ou esquecidas, voltam a ser lembradas.

O testemunho oferece questões particulares da formação pessoal, demonstrando a complexidade cultural, individual, familiar e social somada aos relatos de tempos de convivência e observação.

A metodologia do trabalho consistiu, primeiro, em uma leitura e reflexões sobre a crise social e econômica venezuelana, e, na sequência, valeu-se da aproximação e de conversas com migrantes venezuelanos(as) aproveitando que trabalhávamos em um lava-rápido e tínhamos contatos com alguns deles. Portanto, os primeiros contatos foram estabelecidos por meio de conversas informais no ambiente de trabalho.

A pesquisa se caracteriza também por ser pautada em análise bibliográfica e documental, enriquecida com entrevistas semiestruturadas e trabalho de campo. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 195 - 196), “A entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. Para eles,

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Marconi; Lakatos, 2017, p. 195 - 196).

Os mesmos autores pontuam que o interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.

Assim, partimos de uma metodologia de pesquisa bem definida, que articula o empírico e o teórico, somando as experiências de convivência de um movimento migratório complexo e recente, abordando como foi a desterritorialização e como está sendo a reterritorialização dos migrantes. Além disso, analisamos como os territórios estão sendo (re)criados ou não, ou se os migrantes estão apenas (re)produzindo os mesmos padrões cotidianos de vida da Venezuela.

Por outro lado, a pesquisa é exploratória, pois soma o trabalho de imersão bibliográfica e documental à pesquisa em registros audiovisuais, utilizando vídeos do YouTube, especificamente do canal da IOM – UM Migration, canal da ONU Brasil, canal Pastoral dos Migrantes – MS, as discussões e a orientação do orientador, as palestras e os minicursos que foram importantes para o levantamento das informações e do referencial teórico que foram fundamentais para a construção do texto da tese.

Posteriormente, procuramos fazer contato com membros das igrejas que assistiram os migrantes no processo de interiorização em Dourados. Dessa forma, estabelecemos relações próximas e passamos a frequentar a Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, colhendo depoimentos e relatos durante e após os cultos.

Ir a campo, observar, procurar dialogar e participar ativamente das atividades da igreja foram imprescindíveis para a coleta de informações relacionadas às suas histórias de vida e às relações que desenvolvem atualmente em Dourados, tais como dificuldades linguísticas, adaptação ao trabalho e ao modo de vida brasileiro.

Durante as entrevistas, foi possível entender que os(as) venezuelanos(as) estão passando por um processo de adaptação ao novo

local, seguido da inserção no mercado de trabalho e de reprodução de elementos culturais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram traçadas algumas diretrizes para direcionar as interpretações:

- a) Territorialidade como construção histórica de relações sociais somadas ao tempo espaço de vivência no “novo” território;
- b) A hibridização cultural como processo/configuração que reverbera nos territórios por meio da reterritorialização.

1.3 Recorte empírico

A produção da informação geográfica obedeceu a um recorte temporal (migração venezuelana entre os anos de 2015-2020⁴) e a um recorte espacial (município de Dourados, Mato Grosso do Sul).

Com uma população aproximada de 243,37 mil pessoas, segundo IBGE (2022), Dourados, está localizado a 230 km da capital do estado, Campo Grande, e a aproximadamente 130 km da fronteira com o Paraguai, das cidades limítrofes de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Inserida em uma região de fronteiras internacionais no Brasil, Dourados situa-se em um ponto estratégico de rotas migratórias (Pires; Silva, 2021).

Dourados também é conhecida como “cidade universitária” por abrigar duas universidades públicas, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e, ainda, universidades privadas como a Faculdade Anhanguera e o Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). É a segunda maior cidade do estado em densidade populacional (Pires; Silva, 2021).

A cidade é um importante centro agropecuário, comercial, industrial e de serviços da região, possuindo a segunda maior arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do estado. O Produto Interno Bruto (PIB) da cidade é a cerca de R\$ 9,5 bilhões, sendo que 57,6% do valor adicionado advém do setor de serviços, na sequência aparecem a

⁴ O período foi escolhido, pois, em leituras prévias, foi diagnosticado que, entre 2015 e 2020 (antes da pandemia), houve um grande número de venezuelanos que migraram para o Brasil, e Dourados, MS, recebeu um grande contingente de imigrantes.

administração pública (19,2%), a indústria (19,2%) e o setor agropecuário (7,1%). (Romero *et al.*, 2018; Caravela, 2022).

Com isso, a uma grande demanda de contratação, por exemplo, de janeiro a junho de 2022, foram registrados 18,8 mil admissões formais e 16,8 mil desligamentos, resultando em um saldo positivo de 1.967 novos trabalhadores, esse desempenho é superior ao do ano anterior, quando o saldo foi de 1.892 (CAGED, 2022; Caravela, 2022).

O município possui aproximadamente 62 mil empregos com carteira assinada, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), a ocupação predominante desses trabalhadores é a de alimentador de linha de produção (4.241), seguido de vendedor de comércio varejista (2.895) e de assistente administrativo (2.595). A remuneração média dos trabalhadores formais do município é de R\$ 2,2 mil, valor abaixo da média do estado, de R\$ 2,4 mil (CAGED, 2022; Caravela, 2022).

O grande número desses empregos é devido às indústrias frigoríficas e de fábrica de rações e incubadora de aves, suinocultura, avicultura, curtumes (couros e seus derivados).

Consequentemente essas empresas assumem um papel relevante para o desenvolvimento econômico local e geram uma grande demanda por mão de obra operária para atuar nas linhas de produção. Sendo assim, são corriqueiras seleções com grande número de vagas em indústrias do corte de carnes, como na JBS S.A, ou na BRF Foods S.A. (Romero *et al.*, 2018).

1.4 As entrevistas

Essa etapa foi importante para obter informações, coletar dados e analisar/interpretar os depoimentos dos migrantes por meio da história de vida, do convívio e pelas observações tanto no ambiente de trabalho no lava-rápido como na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados.

Entendemos a igreja como um facilitador da permanência, um refúgio sentimental e espiritual no “novo local” e um elo de identidade cultural. Assim, a igreja ajuda a manter uma ligação imagética com a cultura e a terra de origem por meio das celebrações em espanhol e das festividades com pratos típicos.

A religião enquanto identidade com a Venezuela, mantém viva a identidade cultural dos migrantes.

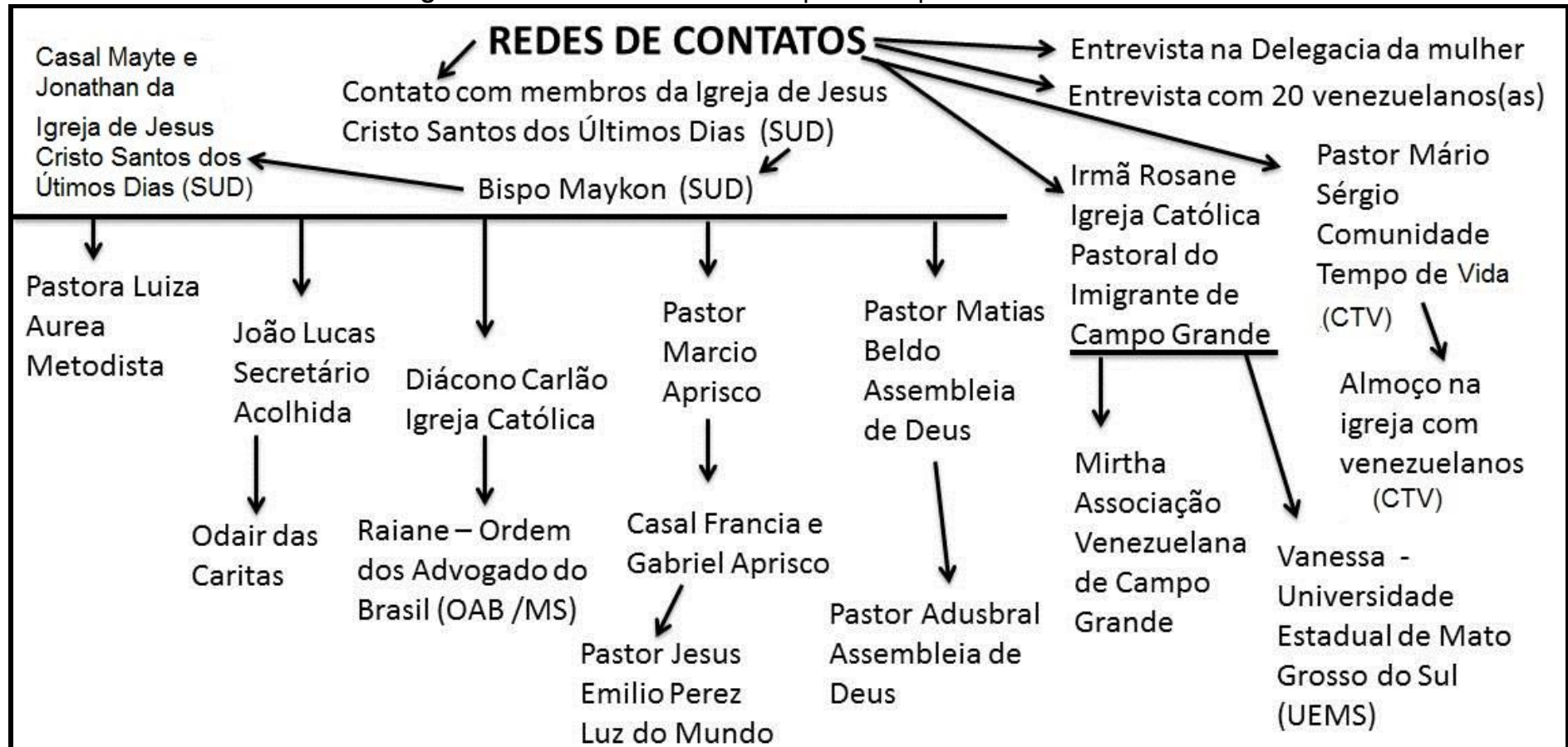
Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos a metodologia denominada “bola de neve”⁵, quando um entrevistado indicava outro indivíduo disposto a colaborar com a pesquisa. Alguns eram parentes, amigos próximos ou pessoas que conheceram durante a migração, ou seja, já tinham um histórico de passado em comum.

Dessa forma, um dos elementos destacados foram os laços de proximidade e as redes de contatos dos entrevistados, seja física ou virtual, criando uma rede de comunicação estabelecida por parentes e amigos que foram essenciais para viabilizar a migração, a inserção e o estabelecimento em Dourados.

A “bola de neve” foi composta por contatos, e a **Figura 01** resume como os contatos foram sendo feitos e as relações estabelecidas. As entrevistas foram realizadas com os membros que atuaram no Projeto Acolhida e também com venezuelanos(as) interiorizados em Dourados, os quais passaram a ter uma maior proximidade gerando relações de amizades com os membros das igrejas que auxiliaram na sua interiorização, adaptação e estabelecimento — como relatado em entrevista pelo Diácono Carlão (Carlos Alberto Afonso, 62 anos, celebra missa na diocese de Dourados) que já celebrou casamento e batismo de venezuelanos(as) que auxiliou na interiorização, assim como o senhor Odair relatou que socorreu um casal de venezuelanos levando a esposa para o hospital na hora do parto e que o filho ganhou o seu nome.

⁵ A “bola de neve” ou *snowball* é caracterizada pela indicação de interlocutores futuros a partir dos interlocutores anteriores, ou melhor, o entrevistado indica outra pessoa para ser entrevistado, criando, assim, uma espécie de cadeia de entrevistados, de forma que todos têm, de certo modo, uma ligação entre si, sendo muito utilizada em pesquisas sociais. Para a nossa pesquisa, essa metodologia foi de extrema importância, pois foi possível entrevistar pessoas que acolheram e auxiliaram na interiorização venezuelana em Dourados e também venezuelanos(as) interiorizados(as) em Dourados, que trouxeram seus parentes e amigos para se estabelecerem em Dourados. Ou seja, a uma rede composta de parentes e amigos.

Figura 1 - Redes de contatos das pessoas que foram entrevistadas.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Foram entrevistados 20 venezuelanos, dos quais, 10 homens adultos com idade variando entre 18 e 62 anos e 10 mulheres adultas com idade entre 20 e 60 anos. Dos entrevistados, dez eram membros da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, dois trabalhadores do lava-rápido e os outros oito venezuelanos indicados por outras pessoas.

Entre os homens, três tinham o ensino fundamental completo, quatro possuíam o ensino médio completo, dois tinham ensino técnico e um possuía o ensino superior (formado em Ciências Sociais).

Entre as mulheres, duas possuíam o ensino fundamental completo, seis tinham o ensino médio completo, uma possuía curso técnico de enfermagem e uma o curso superior em enfermagem.

Entre os entrevistados, foi possível perceber que a maioria tem o ensino médio completo, seguido do ensino fundamental, e que um pequeno número possui ensino técnico ou nível superior.

Dos entrevistados com nível superior, nenhum exercia atividades relacionadas à sua formação aqui no Brasil, o que era diferente na Venezuela.

As entrevistas foram feitas de forma semiestruturada (ver o quadro 6, no apêndice), com questões abertas e composta por duas etapas⁶. A primeira trouxe indagações voltadas à história de vida e perguntas gerais relacionadas ao período anterior à migração, como foi à partida, deixando os familiares e amigos, e questões laborais do seu cotidiano, como mercado de trabalho, expectativas de regresso e adaptação à nova cultura, realizada de forma presencial e remota.

A utilização dessa técnica foi importante, pois foi possível conhecer um pouco melhor o entrevistado, haja vista que os relatos constituem a história de vida dos imigrantes e revelam questões que não foram documentadas por não terem sido perguntadas anteriormente e, portanto, ainda não relatadas. Por meio da primeira etapa foi possível descontrair o entrevistado para que ele se sentisse um pouco mais confortável no momento da segunda parte.

⁶ Utilizamos essa técnica em duas etapas para ganharmos a confiança do nosso entrevistado e sermos resilientes e complacentes, não apenas coletores de informações para compor um banco de dados.

A segunda parte apresentou questões mais sensíveis ao seu modo de vida e questões laborais cotidianas. Para nossas reflexões, foi utilizado o diário de campo, em que foram registradas as impressões e os detalhes que foram julgados pertinentes e que compuseram aquele momento da entrevista, além de reflexões relacionadas ao que foi assistido durante as entrevistas.

No **quadro 01** apresentamos o nome dos entrevistados, idade, profissão e local de residência em Dourados e o ano de interiorização no Brasil. E, o **mapa 01**, apresenta a divisão político-administrativa da Venezuela e indica a origem de alguns dos entrevistados.

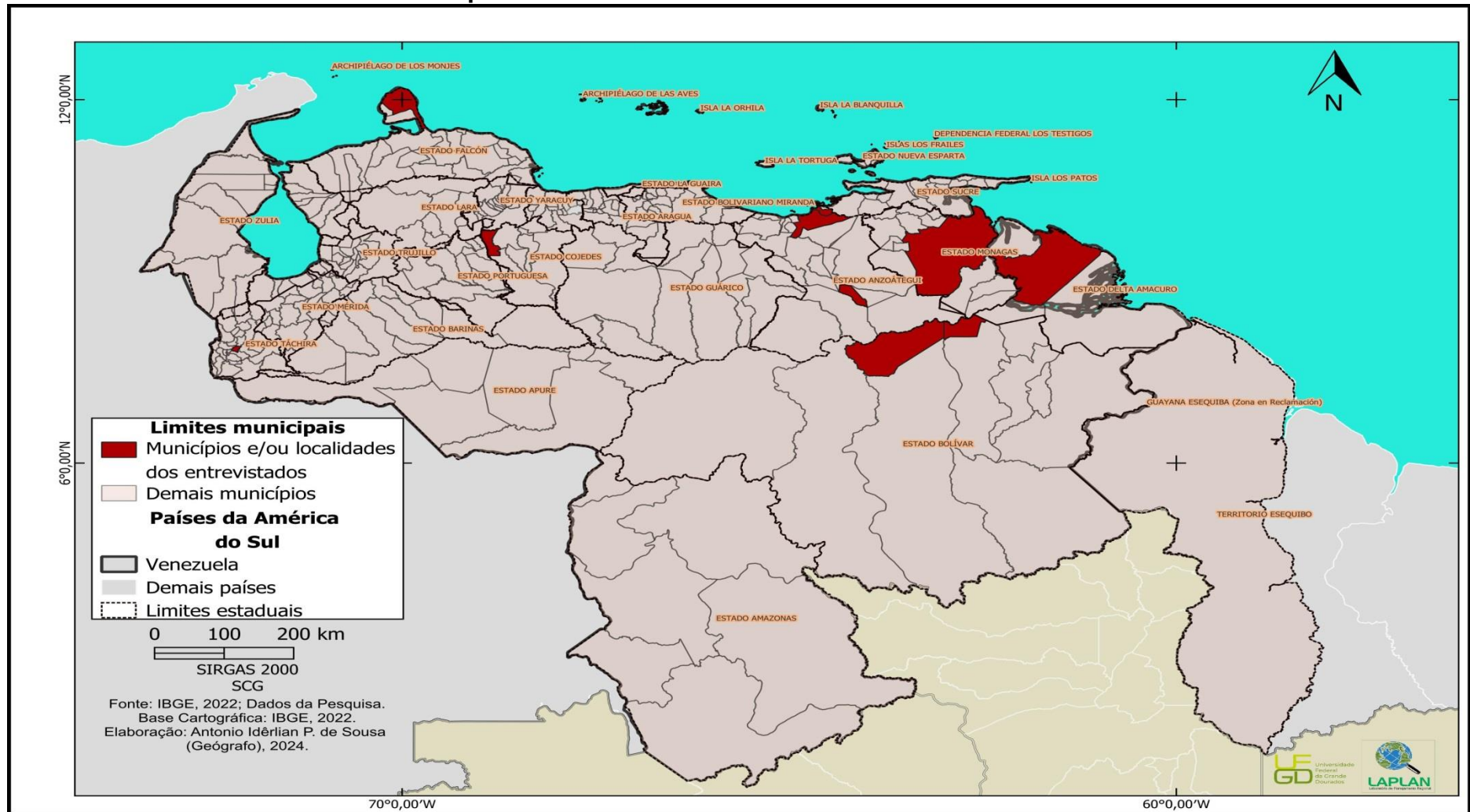
Quadro 1 - Entrevistados.

Nome	Idade	Cidade/ Estado de origem	Profissão na Venezuela	Profissão no Brasil	Bairro de Residência	Ano de Interiorização em Dourados
Francia Arzuaga	25	El Tigre	Estudante de Engenharia Naval	Atendente de Supermercado	Jardim Boa Água	Julho de 2019
Asdrubal Hernandez	62	Bolívar	Político e Pastor Evangélico	Pastor Evangélico	Jardim Florida 1	Dezembro de 2019
Judith Velásquez	60	Bolívar	Empresária	Dona do Lar	Jardim Florida 1	Dezembro de 2019
Osmar Benites	38	Bolívar	Vendedor	Pintor/Pastor Evangélico	Jardim Boa Água	Janeiro de 2021
Loira Balbas	37	Bolívar	Autônomo	Dona do Lar	Jardim Boa Água	Fevereiro de 2020
Jesus Emilio Perez	58	El Tigre	Gerente de loja e Pastor Evangélico	Ajudante Geral Pastor Evangélico	Jardim Florida 1	Fevereiro de 2020
Ivone Ximenes	48	El Tigre	Dona do Lar	Dona do Lar	Jardim Florida 1	Fevereiro de 2020
Najari Osório	38	El Tigre	Dona do Lar	Dona do Lar	Santo André	Maio de 2020
Mirian Coromoto Uspin Acosta	29	Anzoategui	Estudante Técnica de Enfermagem	Diarista	Jardim Londrina	Dezembro de 2019
Carla Caraballo	20	Maturim	Estudante de Engenharia Civil	Atendente de supermercado	Jardim São Pedro	Fevereiro de 2019
Guabrielly Agirili	58	Morangas	Enfermeira	Costureira	Jardim São Pedro	Março de 2020

Mayte Ojeda	44	Bolívar	Vendedora	Cabelereira	Terra Roxa	Julho de 2018
Elaine Del Valle	22	Porto La Cruz	Estudante Ensino Médio	Desempregada	Jardim Itália	Março de 2021
Manuel Chiriscos	25	Puerto Ordaz	Técnico Industrial	Servente de pedreiro	Jóquei Clube	Março de 2019
Ray Cláudio	32	Bolívar	Auxiliar de Produção	Pedreiro	Jardim Itália	Fevereiro de 2021
Hélio Ramirez	41	Bolívar	Motorista	Auxiliar de Produção JBS	Jardim Itália	Fevereiro de 2021
Igor Ramos	30	Tucupita	Autônomo	Servente de pedreiro	Jardim Independência	Outubro de 2020
Lucas Malave	18	Barcelona	Estudante Ensino Médio	Ajudante Geral	Jardim Independência	Março de 2020
Francisco Rafael	42	Paragan	Mecânico	Pintor	Vila Erondina	Julho de 2020
Caio Cortez	53	Tatira	Mecânico	Pedreiro	Vila Erondina	Agosto de 2020

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Mapa 1 - Divisão Política-Administrativa da Venezuela.



Fonte: IBGE, 2022. Adaptado pelo autor.

1.5 As fases da pesquisa

Por fim, sintetizando os propósitos e os interesses, a construção da tese se estruturou em elaborar uma narrativa na tentativa de desconstruir mitos e inverdades sobre os migrantes, relacionando a desterritorialização e a reterritorialização. E desmistificar que os venezuelanos estão vindo para o Brasil roubar os postos de trabalho dos brasileiros, pois na verdade ocupam postos de trabalho que muitos brasileiros não querem ocupar/trabalhar, por serem insalubres, baixa remuneração e exigência de grande esforço físico e/ou movimentos repetitivos.

A territorialidade gera tendências reflexivas que favorecem o lado colaborativo que o indivíduo está vivendo. O objetivo final será entender como as relações sociais estão sendo construídas, a fim de que o migrante se veja engajado em um diálogo com a comunidade, construindo seus referenciais de pertencimento.

A caracterização da proposta de estudo sobre os migrantes venezuelanos explora a questão das imigrações Sul-Sul, um novo redirecionamento das correntes migratórias, antes caracterizadas por serem Sul-Norte⁷, de ex-colônias para as metrópoles, de países em desenvolvimento para países desenvolvidos.

No entanto, essa lógica mudou e vem sendo ressignificada. O que se assiste atualmente são múltiplas rotas com características locais, migrações para países próximos causadas por perseguição política, guerras, catástrofes ambientais e recessão econômica.

A ideia de pesquisar os migrantes venezuelanos residentes em Dourados, Mato Grosso do Sul, surgiu de uma experiência pessoal e profissional. Durante o período de dois anos, de 2017 a 2019, trabalhei em um lava-rápido e, por isso, passei a comungar o mesmo cotidiano daqueles migrantes. Com isso, foi possível observar e conviver com eles.

Desse modo, com o passar do tempo, laços de amizade foram criados pela convivência, alguns mais fortes, outros menos, pois existe uma grande

⁷ Mas que ainda acontecem, porém, devido às várias restrições tanto políticas, econômicas, sociais etc., tiveram uma diminuição.

rotatividade de mão de obra no lava-rápido pelo fato de o trabalho ser mal remunerado, insalubre (trabalhar exposto ao sol e manuseando produtos químicos, tais como, soda caustica, solventes e tintas automobilística, sem proteção adequada), com horas extras sem remuneração e muita exigência do empregador.

Os laços estabelecidos no lava-rápido não eram capazes de responder as nossas indagações suscitadas durante a convivência, as quais buscavam saber os motivos que os levaram a migrarem e como chegaram a Dourados. Além disso, buscávamos saber quais eram as relações estabelecidas com outros venezuelanos e se mantinham contato com os parentes e amigos que não migraram.

Nesse sentido, dessa inquietação surgiu a ideia desta tese. Para responder as perguntas que nos inquietaram, buscamos análise documental por meio de sites, bibliografias e fotos, além de várias fontes secundárias, como a Cáritas⁸, a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal da

⁸ Cáritas Brasileira – organismo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). É uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Em Dourados, assistem os imigrantes, entre eles os venezuelanos, com moradia, alimentação, vestimentas e oportunidade de emprego por contatos e indicações. A Cáritas Brasileira prioriza cinco áreas de atuação em distintos níveis: Economia Popular Solidária (EPS), Convivência com Biomas, Programa de Infância, Adolescência e Juventude (PIAJ), Meio Ambiente, Gestão de Riscos e Emergências (MAGRE) e Migração e Refúgio. Atua na acolhida, integração e proteção em diversas cidades e, em Dourados, atua no acolhimento e ensino da língua portuguesa. A Cáritas tem vários acordos de cooperação e parceria com o Alto Comissariado e as agências da ONU, como a ACNUR e a OIM, e também com órgãos do governo e com o Ministério da Justiça, por meio dos quais são geridos e criados os programas para proteção, acolhimento e integração social e local. As atividades desenvolvidas pelas Cáritas são totalmente gratuitas e contam com uma equipe técnica composta por assistentes sociais, psicólogos, advogados, equipes de saúde pública e voluntários que, juntos, contribuem para a integração social e a reconstrução da vida do imigrante, refugiado e solicitante de refúgio. O atendimento psicológico é realizado em grupo ou individualmente e, nele, o imigrante procura ajuda para a resolução de conflitos familiares ou decorrentes do processo migratório. Também são ofertadas de forma gratuita aulas de língua portuguesa tanto no formato presencial quanto no remoto e orientações relacionadas aos serviços públicos, como acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), indicação de empregos, lazer e cultura. A Cáritas faz parceria e cooperações com instituições da sociedade civil e do governo federal, criando, assim, uma rede de assistência e de proteção ao migrante. E essa atuação pode ser percebida em relação aos migrantes venezuelanos a partir da Operação Acolhida, do governo federal, formando redes de migração para facilitar a interiorização, principalmente em Mato Grosso do Sul, onde, por meio de instituições privadas e outras comunidades religiosas, o Projeto Acolhida foi estabelecido. Se uniram ao projeto, inicialmente, a Cáritas Diocesana de Dourados, a Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons) e a Igreja Metodista.

Grande Dourados (UFGD)⁹, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, dados da Polícia Federal referentes ao Registro Nacional Migratório (SISMGRA)¹¹, antigo (SINCRE), e o eSocial¹², para saber sobre a situação dos venezuelanos no mercado de trabalho, e a Plataforma R4V (Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V¹³ — Response for Venezuelanos).

Posteriormente à formação do projeto, novas instituições se uniram, a saber: Igreja Batista Boas Novas, Igreja Amigo Fiel, Comunidade Aprisco, Comunidade Tempo de Vida (CTV), Rotary Club Guaicurus, Igreja Assembleia de Deus, Igreja CPZ, Igreja Sara Nossa Terra, Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal da Grande Dourados (CSVM/UFGD) e Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IF/MS). Um exemplo é o Instituto de Reintegração do Refugiado (Adus, [202-]), uma ONG que, por meio de uma parceria com a ACNUR Brasil, desenvolve atendimento aos solicitantes de refúgio, refugiados e/ou pessoas em situação análoga, como os haitianos e, recentemente, os venezuelanos. O instituto tem por objetivo promover ao migrante apoio para a sua integração social por meio da sua valorização, colocando-o como protagonista da sua inserção econômica, social e cultural, evitando, desse modo, o choque cultural.

A ONG aponta que um dos maiores desafios é o acesso à documentação para os migrantes, que possibilita a inserção no mercado de trabalho e o acesso à educação. Também foram criadas parcerias com as universidades federais de Roraima, Amazonas e outras para promover a validação de títulos acadêmicos dos venezuelanos. Para mais informações sobre os projetos e a atuação da Cáritas, acesse: <https://caritas.org.br/>.

⁹ A Profa. Dra. Luciana Campos Oliveira, da Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIR/UFGD), coordenou algumas atividades por meio do projeto de extensão Promoção, Monitoramento e Avaliação da Interiorização e a Integração de Migrantes e Refugiados Venezuelanos em Dourados, Mato Grosso do Sul (UFGD, 2020).

¹⁰ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o principal provedor de dados e informações, atendendo diversos órgãos governamentais (federal, estadual e municipal) e pessoas da sociedade que procuram seus dados para pesquisas de diversas finalidades.

¹¹ A Polícia Federal, instituição policial brasileira subordinada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, nos auxiliou para saber o quantitativo de venezuelanos residentes em Dourados e também para pesquisa de dados referentes ao Registro Nacional Migratório (SISMGRA), antigo (SINCRE), que contém dados referentes ao número de registros ativos de imigrantes. O SISMGRA possui dados segmentados por escopo temporal (mensal), escopo geopolítico (UF), país de nacionalidade do imigrante e situação do imigrante (residente, temporário, provisório e fronteiriço). Para mais informações, acesse: <https://dados.gov.br/dataset/sismigra>.

¹² O eSocial contribuiu para saber sobre a situação dos venezuelanos no mercado de trabalho. É uma plataforma on-line do governo que unificou a entrega de 15 obrigações da área trabalhista para empresas, de pessoas jurídicas e de pessoas físicas também. Assim, em vez de ter que preencher vários formulários e entregá-los em canais diferentes, o empregador deverá usar apenas esse sistema para cumprir a lei e manter sua contratação na legalidade. O sistema é uma iniciativa da Receita Federal em conjunto com a Caixa Econômica, o INSS (Instituto Nacional do Sistema Social) e o Ministério do Trabalho, que faz parte do SPED (Sistema Público de Escrituração Digital), um projeto que busca modernizar vários processos envolvendo obrigações fiscais no intuito de reduzir a burocracia. Para mais informações sobre o eSocial, acesse: <https://www.gov.br/esocial/pt-br>.

¹³ A Plataforma R4V, criada em 2018 como um fórum para coordenar as ações de serviços básicos, proteção, autossuficiência e integração socioeconômica para os migrantes venezuelanos, serve como um painel de informações sociais sobre refugiados e migrantes. O painel é interativo e apresenta dados gerais e gráficos quantificados por estados e municípios brasileiros. A cada ano a Plataforma R4V elabora e implementa um Plano de Resposta a

Para além dessas fontes, o trabalho de campo foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa e foi estruturado em quatro fases. A primeira foi realizada com venezuelanos(as) que tivemos contato no ambiente de trabalho no lava-rápido, quando entrevistamos, em março de 2021, Cristian Arevalo, 31 anos, residente no Jardim Santo André (venezuelano de Puerto Ordaz e interiorizado em abril de 2018) e Jose Vidal, 28 anos, residente no Parque das Nações (venezuelano de Puerto Ordaz interiorizado em maio de 2018).

A segunda fase foi realizada com venezuelanos residentes em bairros próximos a minha residência, na Praça Paraguaia, a partir dos Agentes de Saúde da Unidade Básica de Saúde da Vila Hilda, que nos relataram a localização das residências com moradores venezuelanos. Essas entrevistas foram realizadas de março a maio de 2021.

A terceira fase constituiu em visitar e entrevistar os ex-integrantes do Projeto Acolhida em Dourados, coletando informações como contatos, o tipo de trabalho desenvolvido, os motivos pelos quais participaram do projeto e planos para o futuro. As entrevistas foram realizadas de fevereiro a março de 2023.

A quarta fase foram as entrevistas com membros da Igreja Luz do Mundo Mundial – Missão 1 Dourados, realizadas a partir do dia 05 de março de 2023 até novembro do mesmo ano. O campo permitiu nos aproximar da igreja, que passamos a frequentar e participar, visto que as celebrações são ministradas em espanhol, e pudemos ter um maior contato e mais proximidade com um grupo de cerca 30 venezuelanos(as) frequentadores da igreja.

Essa aproximação com os migrantes venezuelanos, a partir da igreja e também do tempo de trabalho no lava-rápido, foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois por meio das vivências estabelecidas com os entrevistados foi possível observar e descrever os seus anseios, medos, angústias e desejos, assim como trazer (descrever) o processo migratório de desterritorialização e reterritorialização, a adaptação dos migrantes ao novo local e os elementos culturais que trouxeram.

Refugiados e Migrantes (RMRP), um marco orçamentário e de atuação programática em apoio aos esforços dos governos da região (R4V, [202-]).

O trabalho de campo foi caracterizado, por entrevistas presenciais, na casa do entrevistado e também na casa do entrevistador com registro de imagens, também por entrevistas virtuais utilizando plataforma digital, registradas com gravação e imagens.

Estabelecemos contatos com mais de 35 venezuelanos(as), mas somente 20 concederam entrevistas e autorizaram para divulgação de imagens e transcrição.

Entrevistamos, ainda, ex-integrantes do Projeto Acolhida em Dourados, que autorizaram divulgação da entrevista e também cederam permissão para divulgação de fotos e imagens.

A interpretação dos resultados obtidos foi realizada de forma sistematizada na tentativa de fazer uma análise sobre a questão da territorialidade e os problemas enfrentados, como dificuldade de adaptação e dificuldades linguística, alimentar e de inserção no mercado de trabalho.

Para alcançar os objetivos e responder às problemáticas supracitadas, a metodologia utilizada foi a do discurso de fonte oral da subjetividade por meio dos relatos de vida, dos motivos da [e/i]migração e da trajetória de interiorização.

Segundo Portelli (2016), por meio da fonte oral, é possível apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão, descobrir os valores sentimentais e de nostalgia que penetram o mundo imaginário e simbólico que é tanto criador da história quanto condutor do racional.

Para Portelli (2016, p. 16-17):

[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...]. Não se tratam de histórias de pessoas comuns, mas de pessoas extraordinárias e incomparáveis. [...] [A História Oral] leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade.

Por meio dessa reflexão, pelas histórias de vida dos venezuelanos podemos exemplificar o que os levou à migração, o que passaram, como vivem no novo local e quais dificuldades enfrentaram. Sabemos que as vivências podem ser similares, mas a história de vida é particular de cada um, ou seja,

uma pessoa passa pelo mesmo processo de outra pessoa, mas a representatividade ou o trauma é totalmente diferente de um para outro.

Segundo Pollak (1989, p. 2), a fonte oral pode ser utilizada tanto para suprir ou completar uma memória, também poderá ocorrer uma “memória em disputa [...] onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes”. Concordamos com o autor, pois os migrantes venezuelanos carregam consigo um território imaterial e sentimentalidades. E, com o tempo, passam a ser conflitantes quando, mesmo que indiretamente, começam a reproduzir hábitos que eram comuns na sua terra natal e que agora não fazem mais sentido ou que não fazem parte da sociedade em que estão vivendo atualmente.

1.6 As entrevistas semiestruturadas

Na sequência, apresentamos a relação das entrevistas “semiestruturadas”¹⁴ que foram transcritas logo após serem feitas para não perdermos os detalhes e outros aspectos importantes observados a cada entrevista. Foram levados em consideração os aspectos corporais e emotivos do entrevistado.

Quando uma pergunta era feita, observávamos se o entrevistado se sentia incomodado ao responder, as formas como respirava, como a voz ficava trêmula, se os olhos lacrimejavam e se havia pensamentos distantes ou momentos de nostalgia.

Vale destacar que, para os(as) entrevistados venezuelanos(as), foram utilizados nomes e sobrenomes fictícios, que estão transcritos em relatos e trechos das entrevistas nos capítulos da tese. No caso dos(as) venezuelanos(as) que nos deram permissão para gravar as entrevistas e tirar fotos e ex-membros do Projeto Acolhida, os nomes são verdadeiros.

Em seguida, procedemos com uma leitura minuciosa de cada entrevista, observando o referencial teórico, com o objetivo de destacar as principais temáticas que surgiram nas falas, visando o estabelecimento e a

¹⁴ Entrevistas semiestruturadas são flexíveis, possuem um roteiro prévio, mas que abre oportunidade para que se faça novas perguntas, além das que já tinham sido planejadas, tornando o diálogo dinâmico, natural e espontâneo (Manzini, [202-]).

caracterização dos principais discursos emanados das entrevistas. Realizamos uma segunda leitura, identificando e destacando tanto os participantes quanto as falas que seriam recortadas para compor os temas e os subtemas para a transcrição.

Apresentamos no **Quadro 02** a síntese dos temas que surgiram na elaboração do roteiro das entrevistas semiestruturadas e os subtemas que se relacionam.

Quadro 2 - Organização dos temas e subtemas da pesquisa.

NÚMERO	TEMA	SUBTEMA
01	Migração	Motivos da migração
02	Processo migratório	Chegada, interiorização, adaptação, espacialidade
03	Dificuldades e facilidades	Local de moradia/Trabalho
04	Questões legais	Acesso às políticas públicas, postos de trabalho, saúde, educação e lazer.
05	Língua espanhola	Identidade, territorialidade
06	Perspectivas futuras	Planos para o futuro

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Como delimitação, trabalhamos com seis temas e seis subtemas, os quais poderiam responder as indagações de pesquisa e responder aos questionamentos feitos pelo orientador. Para que serve a sua tese? E o que é a sua tese? Essas perguntas fizeram parte de quase todas as nossas reuniões, e, assim, o quadro foi elaborado para poder responder essas questões durante o desenvolvimento do texto.

Após essa primeira organização, a releitura cuidadosa das entrevistas transcritas e as anotações no diário de campo foram realizadas. Na sequência, seguimos com a seleção dos principais termos que mais se destacaram, com base nas perguntas contidas no roteiro, a fim de respondermos aos questionamentos dos temas e subtemas da pesquisa.

Consequentemente, após as entrevistas, a observação de testemunhos na igreja e uma leitura minuciosa desses elementos, eles foram separados e agrupados por trechos e relatos com fotografias que pudessem responder os temas e os subtemas por nós elaborados. Dessa maneira, iniciamos a escrita do texto.

Aduz Andrade, Ramalho e Resende (2011, p. 194) afirmam que essa etapa se constitui como “tarefa trabalhosa, demorada, mas que o resultado útil para a redução do extenso material em dados especificamente relacionados à questão de pesquisa” possa responder aos nossos questionamentos e dar sentido para o desenvolvimento do texto.

Procuramos fazer então um diálogo com os elementos principais e com as observações e as reflexões de leitura, não trazendo para a construção do texto todas as respostas das entrevistas, mas sim partes capazes de responder aos nossos questionamentos. E de acordo com os estudos de Bauer e Gaskell (2003), esse tipo de interpretação procura descrever a realidade social, assim o foco do estudo é verificar/interpretar a territorialidade dos migrantes, por meio das suas falas, seguindo os estudos de Marconi e Lakatos (2017).

Vencida essa etapa, era chegado o momento de transcrever os trechos e os registros das entrevistas, bem como as discussões e as interpretações dos resultados sem “romantizar” a migração, pois, seguindo o pensamento de Sassen¹⁵ (2016b), as migrações são, na realidade, expulsões. Mas, corroborando com os estudos de Batarce (2016), o contexto social faz com que a migração seja forçada.

1.7 Forma, olhares e percepções das entrevistas

Na presente subseção, traremos a forma como as entrevistas foram feitas juntas ao trabalho de campo por meio dos relatos dos testemunhos apresentados na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados.

Logo, objetivamos compreender por meio das entrevistas e dos relatos as principais dificuldades enfrentadas no período de interiorização e como se está se construindo a territorialidade venezuelana em Dourados, ou até mesmo se já está (re)constituída a territorialidade venezuelana em Dourados.

¹⁵ Sassen trabalha com o surgimento de novas lógicas de expulsões, problema este enfrentado atualmente na economia política global que geram as complexas expulsões e demonstra que é preciso entender o capitalismo global, problematizando as relações sociais e as diferentes formas de expulsões. Ela afirma que na verdade há uma “romantização” da migração, que na realidade são expulsões e a autora segue com várias exemplificações em seu livro *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global* (Sassen, 2016b).

A utilização desse método proporcionou relatos que constituem a história de vida dos migrantes e revelam fatos e histórias que demonstram a complexidade do processo de migração, mostrando ainda como as políticas, padrões culturais e sociais reverberam no comportamento tanto do indivíduo quanto de familiares e de pessoas do convívio social sobre as quais não tinham falado, pois não haviam sido perguntados/questionados a respeito, as experiências somente vivenciadas fazem parte da sua construção mental enquanto pessoa.

Segundo Marcos (2006, p. 132):

Trata-se, pois, de viver a prática e deixar que ela se mostre a nós. Trata-se de ser capaz de, na prática, estar preparado para encontrar o “imponderável”, o não conhecido, aquilo com o que não contávamos, o que nunca foi visto nem dito, o novo, ao invés de ir para campo com um esquema pré-definido do que se espera encontrar.

Nessa perspectiva, os relatos vivenciados/presenciados ganham formas particulares que variam de indivíduo para indivíduo, uma vez que as experiências que formam o indivíduo são diferentes. Mesmo a pessoa comungando da mesma cotidianidade, do mesmo tempo espaço, tem a sua formação diferente, porque os sentidos de percepção e de reflexão são pessoais, nunca iguais de uma pessoa para outra. Ou seja, pode-se comungar dos mesmos espaços e tempos históricos, mas cada pessoa será única, terá percepções e reflexões particulares.

Assim, durante as entrevistas, após a nossa apresentação, cada entrevistado era abordado de uma forma diferente, pois as pessoas são diferentes. A intenção era descontrair o entrevistado para que ele se sentisse mais confortável.

Foram entrevistadas 20 pessoas (quadro 01), venezuelanos(as) interiorizados em Dourados, tanto homens, quanto mulheres, de diferentes religiões, assim como, católicos, evangélicos e umbandistas. As profissões dos(as) entrevistas(os): são trabalhadores da construção civil, ajudante de serviços gerais, colaboradores da Empresa Seara Alimentos Ltda., profissionais do sexo, diaristas domésticas, desempregados, dona do lar, recepcionista e atendente de supermercado.

1.8 Relatos das percepções de campo

Em se tratando de entrevistas semiestruturadas, as questões foram utilizadas como um roteiro, deixando o entrevistado livre para falar, dando à entrevista características de uma conversa.

Durante as entrevistas, houve recusas em responder, e alguns venezuelanos(as) se calaram, pois não estavam se sentindo à vontade e, falaram que, se continuassem respondendo, poderiam ser prejudicados.

Alguns diziam ainda que não estavam ganhando nada em responder e, mesmo alegando que se tratava de uma pesquisa e que era importante para os estudos e, num futuro próximo, poder discutir políticas públicas para assistir as principais demandas dos migrantes, não houve acordo. Restava-nos então agradecer e pedir que indicassem outro conterrâneo para conversar. Assim, por meio de indicações, as entrevistas foram prosseguindo.

Alguns venezuelanos(as) ajudaram muito durante as entrevistas quando era pontuada a finalidade do estudo da faculdade. Logo perguntavam qual era o curso e, quando dizíamos que era para o doutoramento, respondiam: “iremos ajudar, sabemos que é difícil estudar, razão pela qual vamos te ajudar”. E procuraram responder com a maior clareza possível e com ricos detalhes, além de muita paciência.

Os entrevistados passavam-nos dicas muito preciosas de contatos e conversam sobre fatos ocorridos na política venezuelana que não saem na mídia internacional ou são poucos divulgados, características do então presidente venezuelano e dicas de fontes para pesquisa.

Foi possível perceber que esses venezuelanos passaram por muitas dificuldades durante o processo de migração até a interiorização em Dourados, MS, como relatado pela senhora Judith Velásquez, esposa do pastor Asdrubal Hernandez, sobre os furtos que aconteciam no abrigo, quando ela dormia em cima de suas sacolas de roupas, as quais amarrava todas juntas e prendia no seu braço ou na perna para não serem furtadas.

Por outro lado, por meio da observação e da convivência com venezuelanos(as), foi possível elencar um grande número de informações que, frequentemente, ficariam ou passariam despercebidas ou, até mesmo, não

teriam uma reflexão mais aprofundada, se não tivéssemos estabelecido contato de confiança.

Marcos (2006, p. 126) aponta que:

Não apenas aprender a escutar o silêncio, a interpretar os gestos e a verificar se a voz e gestos diziam a mesma coisa. Significava também estar conversando com alguém atenta àquilo que acontecia à minha volta. Aos poucos fui conseguindo desenvolver um “olhar a 360”.

Corroborando com Marcos (2006), quando a autora aborda suas percepções e a necessidade de se distanciar do seu objeto de pesquisa. “Foi preciso usar do olhar de longe e de fora, e ter me distanciado [...]. Por mais que tivesse participado [...] não refletia a totalidade das questões vividas por eles”.

Após o distanciamento, o melhor a ser feito em um momento como esse é o silêncio, o saber ouvir e se distanciar do objeto de estudo, pois não somos venezuelanos. As reflexões aqui pontuadas muito se aproximam dos estudos de Marcos (2006).

Enfim, gostaria de chamar a atenção para a “tentação das respostas rápidas”, e certa forma já acenada quando falei sobre a necessidade de refletirmos constantemente sobre nossa postura e prática da/na pesquisa. Do alto de nosso saber como “acadêmicos e pesquisadores universitários”, somos tentados a achar que “sabemos” muito. É comum que o pesquisador “apressado em cumprir os prazos acadêmicos”, não respeite o tempo da comunidade que está estudando, veja, mas não olhe, e acabe tirando conclusões apressadas sobre o fato/problema estudado. Mas o pior de fato é quando ele, com a legitimidade científica de seus estudos garantida, decide dizer [...] o que está certo ou errado, a dizer o que eles deveriam fazer (Marcos, 2006, p. 133- 1334).

A autora ainda segue dizendo:

Durante o trabalho de campo, também vivi “tentações” semelhantes, e tive que fazer um esforço não indiferente para aprender a responder com o silêncio, mesmo quando achava que estava “absolutamente certa”. Isto não significa que não aponte a crise e os problemas vividos pela comunidade no momento em que concluía o trabalho (Marcos, 2006, p. 134).

Destacam-se também os anseios e que, em alguns momentos, assumindo certa discrição, expressavam maior liberdade de linguagem, cheia de emoções e esperanças para delinear as interpretações assistidas na reconstrução territorial venezuelana em Dourados.

As pessoas são diferentes e as experiências [e/i]migratórias, mesmo sendo semelhantes, as impactam de forma diferente. Portanto, alguns se sentem mais à vontade para relatar/conversar sobre suas histórias de vida, outros nem tanto. Alguns venezuelanos não permitiram a aproximação, apesar das tentativas, como ocorreu, por exemplo, com a Associação Dunamis Multicultural Dourados-Região¹⁶ (Associação de Venezuelanos¹⁷). No entanto, conseguimos contato e uma entrevista com a Associação Venezuelana em Campo Grande¹⁸.

Por um lado, tínhamos cada pessoa era diferente uma da outra, mas, por outro lado, era comum o discurso de que tudo estava bom, que não tiveram muitas dificuldades e as que tiveram foram rapidamente superadas. Muitas vezes, os entrevistados já vinham com o discurso pronto, como uma receita de bolo. Havia mais utopia do que realidade.

E quando o entrevistado vinha com respostas rápidas e diretas, como sim e não, era dada uma pausa por alguns instantes, olhando nos olhos dele, e um momento de silêncio, esperando mais informações. O modo de perguntar era então modificado, abordando outros assuntos para ganhar mais confiança e poder deixar a conversa¹⁹ menos tensa e, assim, depois voltamos à pergunta novamente, com o entrevistado mais relaxado.

¹⁶ Associação DUNAMIS Multicultural Dourados-Região, presidida por Rosana Iriani Daza de Garcia, coordena o Projeto de Espanhol como Língua de acolhimento para imigrantes, em conjunto com a UFGD, Ministério Público Federal e Secretaria de Educação do município de Dourados e colaboradora da Cátedra Sérgio de Mello.

¹⁷ Foram feitas tentativas de contato com a Senhora Rosana Iriani Daza de Garcia, por telefonia móvel, com apresentação do estudo, falando que tínhamos participado juntos de um evento online da Rede Estadual de Migrações de Mato Grosso do Sul coordenado pela irmã Rosane Costa Rosa, ocorrido entre o dia 14/06/2021 a 18/06/2021, onde houve conversa, troca de telefones e que seria possível agendar um horário para uma entrevista. Ela, depois de algumas horas, respondeu que não estava interessada em colaborar.

¹⁸ Associação Venezuelana em Campo Grande – MS, presidida por Mirtha Virginia Carpio Diaz. CNPJ: 42.400.884/0001-11, localizada na Rua: Beatriz de Barros Bumlai CEP 79003-103 Vila Antonio Vendas Fone (67) 99652-0338 e-mails: mirthacarpio@hotmail.com

¹⁹ Utilizamos essa técnica porque foi a melhor forma de nos aproximar dos venezuelanos, uma vez que, mesmo sendo indicados por outros venezuelanos para conversar, havia tensão na conversa. Então propomos uma conversa tipo “bate papo”, assim poderíamos ter informações por meio de uma conversa. Dessa forma, os participantes geram uma proximidade para o diálogo, podendo expor outras questões que acreditam ser pertinentes. Com isso, poderíamos seguir o roteiro de perguntas e ter respostas para as nossas questões, e tudo que falavam, anotávamos e o que não conseguíamos anotar naquele momento, ficava para a próxima oportunidade. Assim que retornávamos para casa, fazíamos as transcrições e anotações do

Outra contradição enfrentada era que, para a leitura e a interpretação, o discurso que o entrevistado estava fazendo era diferente do que ele estava vivenciando, como se ele quisesse dar respostas rápidas para se livrar logo do entrevistador.

Foram enfrentadas muitas dificuldades durante os trabalhos de campo, como no agendamento das entrevistas, momento que nos apresentávamos, falando que tínhamos sido indicados por outro venezuelano, e as pessoas simplesmente diziam que não estavam interessadas ou perguntavam se era para cadastro do governo, para trabalho, auxílio do governo ou se era para cesta básica, pois haviam respondido um questionário e não tiveram retorno e quando falávamos que não era, diziam que não estavam interessados em responder a entrevista.

Também enfrentamos problemas com a constante mudança de endereços e troca de número de telefone por parte dos venezuelanos, assim quando fazíamos as anotações das entrevistas e ficava alguma dúvida entrávamos em contato novamente e não conseguíamos localizá-los.

Muitas vezes procuramos o proprietário do imóvel para saber se tinha o contato, mas ele relatava que não tinha, pois o inquilino havia mudado repentinamente, deixando o aluguel em haver.

Assim tínhamos que ir procurar outra pessoa para entrevistar. É quando surge a ideia de frequentar a igreja, pois os fiéis venezuelanos(as), podem mudar de endereço e de trabalho, mas não deixam de frequentar a igreja.

Apesar disso, houve venezuelanos totalmente receptivos e atenciosos, os quais foram entrevistados com êxito e passaram a se corresponder conosco por mensagens de celular via *WhatsApp*. Além da pesquisa, foi possível fazer amigos que constantemente ligavam para conversar sobre visitas, saber do andamento dos estudos, se ainda haveria mais entrevistas, como estávamos de saúde e que pediam para não abandoná-los.

diário de campo. Fizemos duas entrevistas por dia, pois eram muitas informações e, dessa maneira, não misturávamos elementos, o que geraria confusão.

Assim, convites para ir a suas casas eram constantemente recebidos, seja para almoçar ou conversar. Com isso, construímos laços de amizades. Traremos o relato de parte das entrevistas no **capítulo cinco**.

A seguir, no **capítulo dois**, apresentamos uma discussão teórica sobre território, territorialidade, desterritorialização e reterritorialização que são imprescindíveis para a construção e interpretação/diálogo com o migrantes venezuelanos(as), interiorizados em Dourados.

2. TERRITÓRIO, DESTERRITORIZAÇÃO, RETERRITORIZAÇÃO, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE

Nesse capítulo iremos fazer uma breve discussão sobre os conceitos de território, desterritorialização, reterritorialização, territorialidade e identidade. O assunto não irá ser esgotado, mas os principais elementos para a sua compreensão serão abordados.

O conceito de território é carregado de significados, expressões, ecos, ressonâncias, vibrações e interpretações que foram utilizadas ao longo dos tempos como uma forma de domínio territorial, muito utilizada para poderio militar, sendo confundido com domínio, poder e conquista (Haesbaert, 2002). Porém, nos últimos anos, o conceito de território nos discursos acadêmicos, políticos e com outras conotações, ganhou outros contornos de significação, mais carregadas de sentidos ideológicos e identitários culturais (Ferreira, 2014).

Outrora, território tinha alcinha de domínio militar, pensamento estratégico de conhecimento territorial, para fins estratégicos, com o caráter de ocupar e dominar. Com a ressignificação, tendo destaque para os estudos de Agnew (1994) Raffestin (1988, 1993); Sack (1986); Souza (1996, 2009), Bonnemaïson (2002); Bonnemaïson e Cambrezy (1996); Haesbaert (1997, 2004b, 2005, 2008, 2009); Saquet (2000, 2001, 2003, 2009, 2013); Fernandes (2009), entre outros, os estudos passaram a ser utilizados para uma caracterização mais aproximada com a identificação, com o local, ganhando contornos com características culturais e de pertencimento. Ou seja, um reverberando no outro, e essas relações manifestam a territorialidade.

Nesse sentido, o intuito foi caracterizar e elucidar, mais do que debater conceitos como território e territorialidade, que já foram debatidos e teorizados por diferentes autores, como:

- a) Agnew J (1994): para quem a territorialidade não implica necessariamente as práticas de total exclusão mútua que as compreensões dominantes do Estado territorial moderno lhe atribuem, a territorialidade do Estado é discussão predominantemente em termos de

persistência ou obsolescência do Estado territorial como uma entidade imutável.

- b) Raffestin (1988, 1993): critica a obra ratzelina e a sua concepção de poder centrada no Estado, o ator também defende a origem do Estado está nas comunidades que se fixaram no solo, explorando as potencialidades territoriais.

O espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator "territorializa" o espaço. (Raffestin, 1993 p. 143).

- c) Sack (1986): pondera que a territorialidade para os humanos não é um instinto, mas uma estratégia geográfica poderosa e muitas vezes indispensável, usada para controlar pessoas e coisas através do controle de áreas e explora aspectos para a compreensão da territorialidade como estratégia espacial de controle e influência, capaz de produzir efeitos e combinações de efeitos que impactam diretamente as relações entre as pessoas e os fenômenos que se manifestam em um território.
- d) Souza (1996, 2009): discute que o território é entendido como um espaço organizado e constituído pela formação histórico-social e suas relações entre o ser humano e o trabalho, com limites e variáveis perceber as desigualdades sociais, de ideias, crenças, pensamentos e tradições de diferentes povos e etnias que, muitas vezes, existem em um mesmo território.
- e) Bonnemaison (2002): faz uma reflexão a partir de sociedades tradicionais, fragmentadas em inúmeros pequenos grupos interdependentes levando a adotar para compreender essas sociedades pode ou não acrescentar alguma coisa para os geógrafos que trabalham em sociedades.
- f) Bonnemaison e Cambrezy (1996): afirmam que o domínio do espaço territorial revela que esse espaço é cercado de valores não somente materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim

que o território cultural precede ao território político e ao espaço econômico.

- g) Haesbaert (1997, 2004b, 2005, 2008, 2009): defende a concepção de multiterritorialidade, a partir de um debate em torno dos conceitos de território, territorialidade e múltiplos territórios, aprofundando as várias manifestações das formas contemporâneas de multiterritorialidade.
- h) Saquet (2000, 2001, 2003, 2009, 2013): traz uma discussão sobre o conceito de território sob o ponto de vista dos mais variados autores, como os franceses e os ingleses, mas principalmente os italianos, alvo principal do livro, sendo os mesmos uma importante contribuição no contexto internacional, contudo, em concordância com a visão do autor, ainda são desconhecidos no Brasil.
- i) Fernandes (2009): dialoga sobre a tipologia de territórios com uma leitura das disputas territoriais e seus processos de conflitualidade, assim convivemos com diferentes tipos de territórios produtores e produzidos por relações sociais distintas, procurando aprofundar estas reflexões e apresentar uma proposição para as análises dos territórios.
- j) De acordo com Santos (2002, p. 7): “cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos”, pois a cultura é resultado do processo de viver, das relações sociais, assim como a territorialidade é resultado do processo de ocupação do espaço, das relações estabelecidas entre o homem e o seu meio.

Nesse sentido, nos últimos anos, o conceito de território passou a ter mais visibilidade nos trabalhos acadêmicos. Basta uma pesquisa rápida nos bancos de dados²⁰ de teses e dissertações e publicações em anais de eventos e revistas, que “território”, seja como termo, conceito ou simplesmente sendo citado, tem aparecido com muita frequência e ganhado destaque.

- k) Fuini (2014): traz uma discussão sobre o conceito de território no ensino de Geografia tanto no ensino básico como na graduação.

²⁰ No banco de dados da CAPES, pesquisamos por “território” nos últimos 20 anos e o retorno foi 227 ocorrências. O número de resultados encontrados foi de 556, entre artigos, teses, revistas, jornais e idiomas como, espanhol, italiano, alemão, resenhas, artigos de jornal etc. Para fazer a consulta, acesse: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>.

- I) Mello (2016): faz um estudo sobre as pesquisas brasileiras que abordam o território e suas dimensões. Ambos os estudos apontam a grande pluralidade e as transformações que o conceito de território vem assumindo historicamente.

A pluralidade em relação às teses e às teorias sobre o território vem demonstrando, historicamente, a sua constante transformação a partir dos processos políticos, econômicos e socioculturais onde ocorrem. Consequentemente, essas mudanças e transformações incidem, mesmo que pontualmente, na atualização de postulados teóricos, demonstrando, assim, a sua múltipla capacidade em abranger conceitos e temas (Sack, 1986; Raffestin, 1993; Andrade, 2004; Santos, 1996, 1998; Haesbaert, 2004b, 2010; Souza, 2001; Verdi; Pires, 2008) (Araujo; Caldas, 2019, p. 360).

Mais recentemente, com o processo de globalização²¹, o conceito de território passou também a ser empregado para analisar a realidade socioespacial, passando a valorizar a questão das identidades e as relações dos indivíduos com o lugar devido a facilidades das mobilidades e comunicações, criando e redefinindo situações e ideias de identidades com os territórios.

Desse modo, muitos geógrafos se inseriram nesse debate e voltaram seus olhares ao conceito de território, com especial atenção para as novas qualidades que este assume. Assim, aparecem com força as especificidades do território: seu conteúdo, princípio, finalidade e representação; as territorialidades; sua ação, movimento e processo; as territorializações, desterritorializações e reterritorializações (Fuini, 2014, p. 226-227).

Fuini (2014, p. 230) apresenta uma definição de desterritorialização e reterritorialização:

O território reinventa-se na medida em que recebe uma carga identitária múltipla e diversa da sua tradicional, isto é, ao mesmo tempo, que o território é desterritorializado da sua antiga identidade (do que saiu), é logo ocupado e reterritorializado (do que chega) política e culturalmente por uma nova identidade.

²¹ Sobre o assunto, ver *Globalização e geografia em Milton Santos* (Ribeiro, 2002).

Mas, não concordamos com essa definição, pois entendemos que o território é fixo e não o agente causador das relações de desterritorializações e reterritorializações, pois quem as causam são os sujeitos que vivem e se relacionam no território. Ou seja, quem desterritorializa é o sujeito social que carrega consigo sua identidade, que não é fixa. Esse sujeito social se reterritorializa em outro território, e esse território é fixo, ele é concreto.

Já Haesbaert (2006, p. 173) afirma que:

[...] a desterritorialização é vista praticamente como sinônimo de globalização econômica ou, pelo menos, como um de seus vetores ou características fundamentais, na medida em que ocorre a formação de um mercado mundial com fluxos comerciais, financeiros e de informações cada vez mais interdependentes de bases territoriais bem definidas, [...]. Podem ser consideradas componentes essenciais para configurar os processos de desterritorialização.

No entanto, o autor acredita que “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização [...] e extremamente complexo” (Haesbaert, 2005, p. 3). Ou seja, os processos são simultâneos: quando o indivíduo sai, se desterritorializa e, quando chega ao novo local de destino ele inicia imediatamente a reterritorialização. Essa ação automática não é simples, pois vários elementos têm que ser levados em consideração, entre eles, o econômico, o social, o cultural e a língua.

Fazendo um recorte na presente pesquisa, a desterritorialização e a reterritorialização fazem parte do contexto migratório dos venezuelanos. Ele se desterritorializa de algum lugar no seu país de origem, Venezuela, e se reterritorializa em alguma cidade do Brasil.

Para Haesbaert (2002), o território é definido a partir dos processos sociais no qual ele está inserido. A construção da territorialidade é mediada pelas dimensões social, política e cultural da vida em sociedade. Já para Saquet (2009), a territorialidade corresponde às relações sociais e as atividades diárias, resultando em um processo que produz cada território e constrói a identidade.

As relações em sociedade, em um determinado lugar, tomando a cidade como exemplo, compõem vários grupos, e essa integração com

diferentes pessoas, diferentes costumes e, até mesmo, diferentes línguas gera a multiterritorialidade. Assim:

[...] o território se tornou dinâmico [...] por apresentar distintas territorialidades, pois, ao territorializar [...] o espaço o sujeito [...] empresta ao local sua identidade [...]. A carga identitária contribui para a construção de territórios e da consciência territorial. (Cruz, 2008, p. 78).

Seguindo os estudos de Santos (2002, p. 10):

O território é o espaço físico mais a identidade, mostrando a importância da organização social para a formação do território. O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

O território registra, na sua materialidade, as mudanças de nosso tempo. Hoje, “cada lugar é, assim, a cada instante, objeto de um processo de desvalorização e revalorização, onde as exigências de natureza global têm papel fundamental” (Santos, 1998, p. 225). Ou seja, o mundo está configurado em um mundo cheio de multiplicidades e pluralidades (material e imaterial), multicultural, multiterritorial, multinacional. Assim, várias multiplicidades fazem parte das contradições da sociedade atual.

Para Haesbaert (2007b), política (referente às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relacionadas às relações espaço-poder institucionalizadas) é onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado através do qual se exerce um determinado controle, relacionado ao poder político do Estado (Haesbaert, 2007b, p. 39-40).

As relações de tensões e disputas políticas são vivenciadas no território a se reconfigurar enquanto uma rede de poder simbólico, ou seja, uma espacialidade abrangendo as dimensões econômicas, ideológica sociais, política e territoriais.

Faz-se necessário destacar que o território pode ser interpretado como um conceito híbrido, como afirmam Rogério Haesbaert (2004b) e Milton Santos

(1996), pois os autores ressaltam a conveniência de que dois ou mais conceitos espaciais sejam utilizados em conjunto para analisar uma determinada realidade social (Araújo; Caldas, 2019, p. 364).

De acordo com Fernandes (2009, p. 11), o território é a propriedade como espaço de vida, podendo ser comunitária ou particular. Sendo constituído por propriedades privadas não capitalistas, comunitárias ou familiares, e as propriedades capitalistas, todos os sistemas políticos criam propriedades com diferentes formas de organização.

Já para Haesbaert (2002, p. 121), o território é um “produto de relações de forças desiguais, sendo relacionadas ao controle político e econômico do espaço e da apropriação simbólica, conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados”.

Assim, percebemos que as leituras sobre o território, entre Fernandes (2009) e Haesbaert (2002), dialogam que ele está no espaço geográfico, como apontado nos estudos de Milton Santos, e que o espaço é o território vivido.

Por outro lado, as relações que se estabelecem no território geram tensões sociais e os processos territoriais no espaço geram a territorialidade, e, segundo Saquet (2007, p. 57) entende-se que: “a territorialidade é gerada por forças econômicas, políticas e culturais que, efetivam o território, [...] em diferentes centralidades, temporalidades”.

Surge, então, uma pergunta: onde o território entra? O território é o palco/espaço onde as coisas acontecem e as suas relações processam as territorialidades, ou seja, o espaço onde a sociedade habita e se reproduz é o palco das contradições, das disputas sociais e econômicas, sendo o território uma constituição de múltiplos processos sociais, e as disputas desses múltiplos processos sociais é a territorialidade.

Para Haesbaert (2007b, p. 40-41), a territorialidade econômica é uma dimensão espacial de relações e o território é a fonte de recursos sendo incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho.

Desse modo, a construção da territorialidade é mediada pelas dimensões sociais, políticas e culturais da vida em sociedade. O autor define

territorialidades como um processo social no espaço geográfico com diferentes territorialidades e lógicas territoriais.

Ainda se faz necessário reiterar que Santos (2009, p. 7) expõe que:

Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência.

Assim, corroborando com Haesbaert (2009, p. 106), entende-se que, “todo território tenha uma territorialidade [...], mas nem toda territorialidade, possui um território”, ou seja, existe territorialidade, mas não um território. Essa territorialidade se faz ou se constitui por elementos imagéticos, podendo ser ativados ou desativados. Assim, há a constituição de uma territorialidade sem um território, pois “o território são formas, objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (Santos, 1998, p. 16).

Percebemos a construção dos territórios imagéticos pelos venezuelanos quando falam com nostalgia do que viveram na Venezuela, que é um ótimo lugar para morar, mas devido ao governo tiveram que se mudar para outra localidade. E essa construção imagética acontece em reuniões com amigos, quando conversam em espanhol e fazem comida (pratos) típica venezuelana, como relatado pelo senhora Francia:

Bom o que eu mais lembro da Venezuela, almoçar junto com a família na praia, então de casa para praia era umas três, quatro horas, todo final de ano estava na praia, às vezes na Páscoa, ir na praia esse é o que mais tenho saudades... Dos meus vizinhos são vizinhos não como aqui, que essa parte também é ruim a gente pelo menos vai alugar uma casa para outro lado perto do serviço vai embora para outro lado vai ter outros vizinhos, lá não vão ser os vizinhos de 15, 20 anos os mesmos vizinhos e aqueles vizinhos se tornam família na verdade e essa parte também tenho saudade mesmo que até agradeço a fofoca, porque sabe que seus vizinhos essa parte também que fala assim os vizinhos são os parentes que você não teve que Deus te deu. (Entrevista Francia Arzauga, 23/02/2023).

Com efeito, a ideia de territorialidade é constituída, recriada como territórios imagéticos, sendo concebida como uma expressão territorial, como “condição” (teórica, imaterial) (Haesbaert, 2007a, 2009), uma vez que a territorialidade pode ser a dimensão simbólica, o referencial territorial

(simbólico) para a construção de um território, que não obrigatoriamente existe de forma concreta, mas sim de forma reproduzida imagética.

Sendo assim, “quando se fala em ‘territorialidade sem território’ é preciso tomar cuidado para esclarecer a que concepção de territorialidade ou a que relação entre território e territorialidade se refere” (Haesbaert, 2007a, p. 27).

Para um melhor entendimento, o migrante se desterritorializou, ou seja, ele saiu de um território, mas nesse território ao qual pertencia existiam relações sociais e disputas, logo, existia uma territorialidade.

Esse migrante chega a um novo local e, de imediato se reterritorializa nesse “novo” território onde já existia uma composição social e econômica e pessoas nele vivendo. Logo, já existia uma territorialidade da qual esse migrante não fazia parte.

Os migrantes recém-chegados irão/terão que dialogar com esse fato ou vão entrar em conflito com a composição social já existente para se territorializar, e com o tempo, passarão a fazer parte do território, ou seja, com o tempo vão construindo suas territorialidades e a sua identidade com o local, como relatado em entrevista por João L. Z. Silva:

Aqueles que eu recebi em Dourados ficaram um ano e depois migraram, foram para outras localidades, conseguiram trabalho e então foram viver suas vidas. Isso daí é uma dinâmica toda complexa, que envolve as questões imigratórias (Entrevista João Lucas Z. Silva, 25/02/2023).

Como também relatados por Francia, quando fala sobre cultura e identidade, que são elementos da territorialização:

Eu tenho saudade da minha família, eu prefiro continuar e seguir para frente. Essa pessoa vai se acostumar, vai ser da melhor no Brasil que aquela que ainda tem essa saudade que quer voltar, essa pessoa vai ser mais difícil para ele se acostumar, mais difícil de pegar coisas do Brasil porque ainda não deixou alguma coisa lá na Venezuela, coisa que tem que deixar para você poder pegar outras novas, entendeu? Isso é identidade, mas o pessoal que tem que ir para frente, tem pessoas que não vai para frente na sociedade.

O que eu penso do Brasil que o Brasil tem uma identidade muito grande, aquele dia da Copa do Mundo, eu via todo mundo torcendo, todo mundo unido, eu falei que ia torcer para o Brasil e depois para a Argentina. Não tem como não torcer, gostei muito dessa parte, de verdade, essa parte da identidade. Juntava todo mundo, realmente se sentia diferente assistindo um jogo. Na Venezuela, a gente sempre

torcia para o Brasil porque era o mais perto de nós e era o que era para nós os melhores brasileiros, os melhores futebolistas do mundo saíram do Brasil. A experiência de assistir a Copa do Mundo aqui no Brasil foi muito legal e bom, muito bom (Entrevista Francia Arzauga, 23/02/2023).

Mas, ao analisar outra situação, que “territorialidade sem território” são territórios simbólicos, territórios imagéticos, é possível compreender que eles existem, pois seriam a constituição na qual o sujeito estaria construído, uma vez que traria elementos do seu antigo território e o vivenciaria no novo território, procurando se identificar com o novo local buscando, ao mesmo tempo, elementos de referência para a sua constituição imagética anterior à imigração. Assim, o território imagético pode existir mesmo que o venezuelano construa um novo ou outros territórios e territorialidades.

Para uma melhor ilustração, a territorialidade imagética venezuelana em Dourados é composta por elementos culturais venezuelanos e reproduzida em um novo lugar, seja a igreja, a associação venezuelana, em casa ou em conversas ao telefone, ou ao ouvir músicas, lembrando-se do território que não existe mais concretamente, mas em essência, de forma imagética em suas memórias, sendo recriada constantemente quando se lembra, ou melhor, se recorda. Nas palavras de Milton Santos (2007, p. 83-84): “O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, moramos, mas também um dado simbólico, sem o qual não se pode falar de territorialidade”.

Com isso, a territorialidade passa a ser uma expressão cultural que “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (Sposito, 2009, p. 11). A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas lhes dão identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (Saquet, 2009, p. 88).

Dessa forma, a territorialidade passa a ser construída, assim como o território imaterial e as sentimentalidades são vivenciadas pelos migrantes e, segundo Thompson (2002), a passagem física da migração de um lugar para

outro como um evento, em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos, continua por toda a vida do migrante pelas gerações subsequentes, trazendo consigo memórias, elementos do território imaterial e sentimentalidades que acabam por serem expressas quando os migrantes se unem/reúnem em associações, centros religiosos e reuniões festivas.

Os territórios imagéticos representam, no processo de reterritorialização, um elemento aglutinador de sentimentalidades, ganhando características positivas de saudosismo e a intenção de se manter “viva” a cultura mesmo que seja somente uma representação (Thomson, A., 2002, p. 343).

[...] a história da migração está interessada nos processos pelos quais os migrantes, individual e coletivamente, se estabelecem em uma nova região ou país, e pelas maneiras em que as redes de trabalho e os estilos de vida do local de origem são recriados e modificados [...]. Evidentemente, a experiência de um grupo étnico particular no local de destino é um elemento necessário à história da migração, [...] mudanças no interior de comunidades étnicas estabelecidas e relações de contestação à cultura dominante são frequentemente motivações para o registro e a promulgação de histórias da origem e da chegada de migrantes. [...] as migrações que ocorreram na memória viva, e em que as experiências da migração e das comunidades étnicas são parte igualmente importantes da história. (Thomson, A, 2002, p. 341-364).

Indo ao encontro dos estudos de Raffestin (1993, p. 158), relacionando com o presente estudo,

A territorialidade assume um valor bem particular, [...] do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade, em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.

De acordo com nossa perspectiva, o valor que a territorialidade assume não é um valor capital, mas, sim, sentimental. Seguindo os estudos de Raffestin (1993, p. 160), a “territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo”.

Criando nos territórios imagéticos uma interação, em um curto espaço de tempo, com outro território, gerando tensões, conflitos e divergências, processando, assim, um território dessa colisão.

Isso pressupõe compreender o “território para além dos aspectos estritamente “funcionais”, ligados a uma lógica expressa nas relações de poder as quais são envolvidas pela apropriação simbólica identitária de determinados grupos por ações sobre o espaço” (Saquet, 2013, p. 125), pois, como já assinalado por Haesbaert (2007b, p. 30-32), as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de “funções” quanto na produção de “significados”.

O território passa a ter uma identidade coletiva que nele vive e que o reproduz por meio das construções territoriais imagéticas, sempre em processo dinâmico, ou seja, podendo ser influenciadas e mudadas, flexíveis, pois não é sempre que é reproduzido, sendo até contraditório, pois não existia antes da migração e agora faz parte da existência de um migrante em um país estrangeiro. Essa reterritorialização é carregada de possibilidades que só se realizam quando são espacializadas no território.

Nessa perspectiva, Saquet (2009, p. 10) acrescenta que a territorialidade traduz o conjunto daquilo que se vive cotidianamente: relações com o trabalho, com o não trabalho, com a sociedade, as ONGs, as igrejas, associações, a família etc. Ou seja, ela é multidimensional, conforme frisado anteriormente por Raffestin (1993).

Desse modo, a territorialidade incorpora uma dimensão política relacionada à cultura e à economia, pois está interligada ao modo de vida das pessoas e como elas se organizam e ressignificam o lugar. Assim, a territorialidade passa a ser um signo cujo significado é compreensível por códigos culturais com os quais se relacionam por meio de representações culturais.

Com isso, os indivíduos são apenas seres humanos que vivenciam a amizade, a familiaridade, a coletividade, a presença gratuita e a capacidade de congregação que se dá mediada pelas territorializações. Ou seja, os elementos acima, fazem parte da constituição das territorialidades, pois todos esses processos são os reflexos da convivência humana em sociedade.

A vivência e a familiaridade, para Costa (2012, p. 315):

[...] é onde o coletivo acolhe determinados fatos e o incorpora como parte de sua identidade ou de seu cotidiano, que os lugares sagrados

se associam a uma imaginação geográfica, nos quais são expressões desse universo consensual, uma vez que as formas simbólicas espaciais, os rituais, a experiência com o sagrado podem ser considerados como estruturas familiares para aqueles que vivenciam esses lugares.

Os símbolos constituem um espaço potencial que pressupõem representações de memória que possuem duas funções, uma referencial, que constrói percepções de pertencimento, e a outra imagética, que organiza novas relações com as experiências anteriores. Dessa forma, o território expressa uma dinâmica de relações, sejam políticas e socioeconômicas, sejam culturais. Assim, geram características identitárias, podendo ser inclusivas, agregando pessoas com ideários comuns ou imigrantes que sentem saudade da terra natal.

Partindo desse princípio, existe um caráter “funcional”, pois:

[...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. (Haesbaert, 2007b, p. 22).

Nesse sentido, para Ferreira (2014, p. 10):

A territorialidade está ligada às relações sociais e às atividades diárias [...] e o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana. O território só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com os outros indivíduos. Essa relação social, que é plural, multiforme e recíproca.

Para Raffestin (1993, p. 98), o território pode ser analisado a partir das relações de poder, mas também como palco de ligações efetivas e de identidade entre um grupo social com seu espaço. Desse modo, o território é uma construção simbólica, histórica e contínua, portanto, também é social inclusiva e exclusiva, que envolve elementos da sociedade e do espaço geográfico. Ou seja, também é construído por relações simbólicas de desterritorialização e reterritorialização.

E Saquet (2013, p. 57) complementa:

A subjetividade está muito clara e presente nessa obra, no desejo, no sonho, no amor, na esquizofrenia. O sonho edipiano é uma

reterritorialização perversa em relação a desterritorialização do sono e do pesadelo. A reterritorialização, neste caso, ocorre no nível do imaginário, do pensamento, ou melhor, do sono e do sonho. É uma abordagem que marcará profundamente [...], no que se refere ao processo de desterritorialização.

Nessa direção, Haesbaert (2007b, p. 28-29), em seus estudos sobre território simbólico, evidencia que: invade e refaz as “funções” num caráter complexo e indissociável em relação à funcionalidade dos territórios que por sua vez, toma-se, mais do que nunca, também, simbólica — um simbólico, porém, que não advém do “espaço vivido”, mas da reconstrução identitária em função dos interesses dos atores, e o que representa, no presente estudo, as construções imagéticas venezuelanas em Dourados ao se reunirem e comungarem elementos vivenciados anteriores à imigração.

Haesbaert (2010, p. 17) continua:

O território é uma combinação de diferentes funções simbólicas, uma vez que, as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na realização de "significados". O território é "funcional" enquanto recurso, desde sua relação com os chamados "recursos naturais" que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s).

Nessa perspectiva, o território é entendido como a manifestação espacial do poder fundamentado em relações sociais determinadas, em diferentes graus, pela presença de estruturas simbólicas. Essa compreensão permitiu pensar o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R) baseado, sobretudo, no grau de acessibilidade à informação, isto é, elementos que podem fazer surgir novos territórios (territorialização), ou mesmo destruí-los (desterritorialização) ou até reconstruí-los (reterritorialização) (Araújo, Caldas, 2019, p. 363).

E de acordo com os estudos de Haesbaert (2012):

Desterritorialização: migração por motivos de pobreza, guerras, catástrofe ambiental e perseguições políticas.

Reterritorialização: movimento ou ação de reconstrução de vínculos identitários e de enraizamento de grupos populacionais e atividades em territórios, em uma reorganização territorial influenciada pelo cruzamento com novas lógicas sociais.

Territorialização: Ação, movimento ou processo de construção e criação de territórios pela apropriação, uso, identificação, enraizamento com determinadas extensões do espaço por lógicas políticas, econômicas ou culturais. É também sinônimo de qualificação ou organização territorial.

Nesse sentido, por meio dos contatos e das entrevistas com os venezuelanos interiorizados em Dourados, a reterritorialização é um processo que está em construção e que, para eles, é a retomada de suas vidas por estarem se adaptando, apreendendo outra cultura, outra língua, novos costumes e retomarem suas vidas no Brasil, como podemos ver na fala de José: “aqui no Brasil apreendi uma nova cultura”; de Emilio:

Vim para cá e aqui vou ficar [...] terminar de criar meus filhos e netos. [...] estou comprando um terreno para ser a sede da igreja e, ao lado, também comprei um terreno para construir a minha casa. Minha filha vendeu a casa que eu tinha na Venezuela [...] não volto mais (Entrevista Jesus Emilio Perez, 02/03/2023).

Também na fala da Isa Morroy:

Meu futuro é o Brasil, ter uma casa própria, não pagar aluguel, ter um meio de transporte, abrir um negócio, uma conveniência, para poder dar estabilidade para minha família. [...] Tenho nove filhos, uma na Colômbia, um em São Paulo, e os outros na Venezuela. Quero que no futuro possam vir para cá (Entrevista Isa Morroy, 30/03/2021).

As migrações forçadas produzem diferentes territórios, que as reproduzem em permanentes conflitos sociais. Assim, as territorialidades são as representações dos tipos de uso dos territórios.

Acreditamos que a migração venezuelana pode ser caracterizada nesse contexto de diáspora e de territórios imagéticos, ou seja, os territórios imagéticos só existem quando lembrados a partir de seu passado, como terra natal.

A desterritorialização ocasionada pela migração possibilitou ao migrante desenvolver outras percepções territoriais, pois se deparara com as diferenças impostas pela sociedade. Essa realidade vivenciada foi muito importante para os migrantes formularem uma visão crítica e se organizarem em associações, como a Associação de Venezuelanos de Campo Grande ou

os grupos de *WhatsApp* e de *Facebook*, o que se torna um elemento importante para a adaptação, o acolhimento e a divulgação de informações.

A construção territorial é múltipla e muito mais complexa e, segundo Haesbaert (2004a, p. 279), a “[...] ‘multiterritorialidade’, em sentido estrito, [é] construída por grupos ou indivíduos que constroem seus territórios na conexão flexível de territórios multifuncionais e multi-identitários”, por exemplo, o território físico da Associação Venezuelana e da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, e o território virtual, como os grupos de *WhatsApp* e do *Facebook*.

Há evidências de que o movimento migratório está pautado no processo de desterritorialização e reterritorialização, e que as pessoas que dele participam constroem as suas relações no tempo-espço a partir de suas trajetórias de vida.

A diferença está no interior de cada pessoa em aceitar ou não a nova cultura e como irá adaptar elementos culturais que trazem e que fazem parte da sua formação enquanto sujeito social.

2.1 Elementos de adaptação ao novo local

Por meio dos discursos recolhidos durante as entrevistas, foi possível perceber que alguns fatos são reflexos do processo de reterritorialização e da adaptação, pois muitos venezuelanos não sabiam o português, migraram sem saber a língua e tiveram que aprender por meio da convivência e/ou de cursos.

O esforço de se fazer comunicativo e entendido é uma luta constante, uma vez vencida essa barreira, o domínio da nova língua em suas vidas deixa de ser um fator de exclusão e passa a ser um fator de inserção, pois reestruturaram suas vidas e podem ter melhores oportunidades de trabalho.

Assim, passam a ser comunicativos e a entender as expressões da nova língua, o que pode facilitar uma melhor inserção laboral mais técnica e qualificada.

Ao mesmo tempo, o uso continuado do português destina à língua espanhola as antigas memórias dos territórios anteriores à migração, que passaram a ser imagéticos e ficaram guardadas em suas lembranças, ativadas

quando falam em espanhol em casa com seus familiares ou quando encontram algum amigo/parente ou até mesmo quando recebem ou fazem uma ligação para algum conhecido ou ao frequentarem a igreja, que tem celebrações em língua espanhola e se configura como um elo aglutinador cultural.

Desse modo, a comunicação em espanhol é um aglutinador cultural e uma representação imagética venezuelana anterior à migração, pois, nas lembranças desses migrantes, remontam às suas origens e à recriação de memórias ou às lembranças dos territórios e do modo de vida anterior à migração.

Com isso constrói-se, assim, uma narrativa de imaginações criativas, de maneira que os relatos transformam o passado em presente e a memória transforma em realidade fazendo com que todas as dificuldades enfrentadas anteriormente à migração, durante e após a chegada ao novo local, sejam relembradas²².

Essa reprodução, mesmo que imaginária do território venezuelano antes do processo migratório, ou seja, um território de vivência que não existe mais a não ser em suas memórias, é constante e infinita quando suas memórias afetivas são ativadas por meio das suas lembranças.

O que era um território de vivência, passou a ser um território imagético, passando a ser (re)criado/(re)produzido constantemente pelo migrante no “novo” território e em suas memórias, esse é o território imagético.

De acordo com Candau (2011, p. 16):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

²² Na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão I Dourados, sempre são contadas e recontadas histórias sobre as situações vividas, muitas vezes para gerar preocupação ou medo, como sempre relatam que o povo de Israel não dorme, mas ora e luta constantemente, pois as dificuldades são inúmeras e, cada vez mais, as coisas estão mais difíceis, e só a penitência e a oração são o caminho para a salvação.

Segundo Candau (2011, p. 16 - 17), partindo do pressuposto de que “sem lembranças, o sujeito é aniquilado”, há três classificações de memória e identidade, sobre as quais discorreremos a seguir.

Isso corrobora com os estudos de Pinheiro (2016, p. 27):

Sem lembranças o sujeito é aniquilado, isso impõe dizer, que nossas memórias constituem nossa existência, de modo, que, carregamos trajetórias de vidas, compostas de saberes e tradições que se tornam responsáveis pela força identitárias que construímos [...].

A primeira recebe o nome de “memória de baixo nível” e faz referência ao conhecimento e às experiências compartilhadas entre os indivíduos que formam parte de um grupo social específico.

A segunda classificação tem por nome “memória de alto nível”, ou seja, aquela que abarca vivências e lembranças autobiográficas, podendo também remeter a crenças, sensações, sentimentos etc.

Por último, está a “metamemória”, que designa o modo como cada indivíduo representa sua própria memória, como um constante retorno ao passado, contribuindo para a construção da identidade.

Sobre essa correlação entre identidade e memória, Candau (2011, p. 23-25) discute os significados materializados na fala do sujeito, na lembrança e no desejo, regulados pela rememoração e pelo contexto de determinado evento, por exemplo, comemorações festivas na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados.

Essas comemorações festivas na igreja surgem como imagem de uma representação territorial, permitindo, assim, a manutenção de memórias que resultam em marcas identitárias que reforçam sentimentos de origem e de pertencimento.

Nessa perspectiva, as histórias de vida dos imigrantes ganham questões de formações particulares que variaram de indivíduo para indivíduo.

De acordo com Martinelli *et al.* (2021, p. 24-25):

[...], reconhecer a singularidade do sujeito, ouvir, escutar, permitindo reconhecer a importância das suas experiências de vida, levando em consideração suas condições de vida, como salário, despesas básicas de sobrevivência, modo de vida e como constrói suas práticas de vida, seus sentimentos, crenças, costumes e práticas cotidianas, “reconhecimento do modo de vida do sujeito pressupõe

saber como elaborar sua experiência social cotidiana” dentro desse novo local.

Conforme os estudos de Martinelli (2021), saber ouvir e reconhecer as experiências de vida das pessoas para o propósito de estudo são elementos formadores dos territórios imagéticos. Assim, as experiências de vida são individuais e formadoras da complexidade de cada pessoa.

E, de acordo com o os estudo de Haesbaert,

O território só existe quando a pessoa está presente nele e o está transformando, criando e recriando relações sociais, culturais, sentimentais e econômicas, ou seja, metamorfoseando o território (Haesbaert, 2010, p. 20-21).

Ao mesmo tempo,

A territorialidade é uma construção coletiva, mas as suas consequências reverberam tanto no social quanto no cultural e em memórias coletivas, criando um diálogo do "passado no presente", inserindo-se em um cenário complexo, em uma situação múltipla, em um contexto territorial e cultural (Haesbaert, 2007b, p. 19).

Considerando a hibridez cultural, sua organização cultural e as condições sociais em que viveu ou vive o sujeito, cada grupo apresenta as suas particularidades territoriais e imagéticas, interagindo diferentemente com o contexto em que está inserido e, dessa forma, podendo apresentar diversos problemas, diferentes necessidades e diversas relações sociais e territorializações, representados pela desterritorialização e reterritorialização.

E de acordo com os estudos de Saquet (2007) desterritorialização seria a saída, ou a fuga, a expulsão; a reterritorialização seria o estabelecimento em outro local, o “novo” pertencimento caracterizado por processos de territorializações e reproduções imagéticas de elementos culturais anteriores à imigração, como a culinária e religiosidade.

Assim pudemos presenciar, celebrando e confraternizando com venezuelanos(as) sua culinária em reuniões festivas e comemorações religiosas na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados (**figuras 02 e 03**):

Figura 2 - Jantar com pratos típicos venezuelanos.



Fonte: Banco de dados do autor, 2023.

Figura 3 - Culto evangélico na Igreja Luz do Mundo Mundial.



Fonte: Banco de dados do autor, 2023.

Na **figura 02** vemos o jantar servido para os pastores da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, após o culto; na **figuras 03** vemos as mulheres cantando e orando em língua espanhola durante o culto.

Também podemos dialogar com os estudos de Assmann (2011), que nos fala sobre o espaço entre língua e memória quando alude às concepções do etnólogo Pierre Clastres (1976, p. 175, *apud* Assmann, 2011, p. 264), o qual

afirma que “as marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é a memória”. O trecho citado evidencia como a língua ocupa essa relação com a memória. E as celebrações em língua espanhola são a representação dessa manutenção.

À medida que o sujeito constantemente se comunica/faz uso da sua língua, carrega consigo as muitas marcas que lhe são imputadas e atribuídas, por exemplo, o sotaque como um diferencial cultural, como citado pela senhora Francia Arzuaga, ou sinais de “inadequação”, “inferioridade” e opressão, ainda mais se são produtos de um conflito que os antecede (Anzaldúa, 2016, p. 42), como podemos perceber nas falas inquietas e nervosas do senhor Hélio Ramirez.

Segundo Assmann (2011, p. 168), “a língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural”.

Desse modo, só tivemos acesso a esses relatos de memória, pois tivemos tempo de convivência com os venezuelanos e também durante as entrevistas fomos compassivos e atenciosos com aqueles que falavam e gesticulavam, sendo suas memórias registradas por meio da escuta, gravação e escrita, dando voz a suas dores e mágoas que estavam no seu inconsciente.

A vivência no novo local cria tensões e competição²³, sente medo, saudade e angústia em relação à família e à comunidade na qual está inserido, seja por não dominar a nova língua, seja por querer ter um trabalho melhor.

O mesmo acontece com as pessoas com quem começaram a conhecer e a interagir, pois os costumes e os hábitos são totalmente diferentes, de forma que cada vez mais são envolvidos não apenas com o lugar, mas também com a reterritorialização, transformando seus gostos e anseios em sua territorialidade.

Com isso, vão sofrendo paulatinamente mutações e conflitos com a sociedade e acabam se transformando em sujeitos híbridos (Cardoso, 2008) na

²³ Isso porque passam a disputar postos de trabalho, ficando à mercê de empregadores inescrupulosos que exploram sua força de trabalho aumentando a jornada de trabalho por meio do medo e do aliciamento moral.

cultura do "Outro", a qual passa a ser a sua, uma vez que o tempo é um fator determinante de territorialização e de adaptação.

Segundo Cardoso (2008, p. 1):

Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; ouve outro tipo de música e dança em outro ritmo O ritmo que trouxe une ao que encontra e inicia o processo de hibridismo.

Além disso, o indivíduo é “moldado” pelo convívio social, passando a decodificar, diagnosticar e interpretar fatos sociais, elementos que fazem parte do hibridismo cultural e do imigrante, visto que sofreu processos químico-físicos²⁴ (transformação, alteração de condições), empíricos (sociais, geográficos, históricos e culturais), idas, vindas e “devires” (transformar, mudar, modificar) em um constante processo de transformação que faz parte da territorialidade.

Poderá chegar o momento que o tempo de permanência no novo território passará a ser maior do que o tempo no antigo território, o qual poderá ser mapeado e mensurado, mas não as suas representações territoriais e relações, pois elas não existirão mais, deixarão de existir no ato da migração.

Segundo Batarce (2016, p. 88), o imigrante, após algum tempo, quantificado em dias, meses, anos e décadas, longe do país de origem, toma conta/percebe que o território que deixou não mais existe.

A autora continua ponderando que as pessoas não são mais as mesmas, pois mudaram, (e/i)migraram, assim como o lugar deixado não é mais o mesmo, pois o tempo o transformou e o ressignificou, criando novos elementos e atribuindo novas funcionalidades, pois as pessoas que estão interagindo nesse tempo espaço também são outras.

Com isso, o sujeito percebe-se dividido entre a nostalgia pelo que ficou para trás após a partida, a desilusão do regresso²⁵ e a opção por permanecer

²⁴ Por processos químico-físicos entendemos um processo que transforma a pessoa para que ela se adapte ao novo local.

²⁵ Durante as entrevistas, a crítica à situação econômica venezuelana é constante, mas não uma crítica ao sistema; assim, alguns manifestam o desejo de se estabelecer no novo local e, em ocorrendo uma eventual melhora econômica no país de origem, de regressar.

no novo local, pois este passa, então, a fazer parte das suas relações sociais, e o antigo território e as relações que tinha passaram a fazer parte do seu imaginário.

Pontua Batarce (2016, p. 88): “[...] enfim todos aqueles que tinham como objetivo inicial o retorno, mas por decorrência do estar lá e cá e do não estar em lugar nenhum, no final, tenta se estabelecer no país receptor”.

Como observado em Batarce (2016), e assim se observa com os venezuelanos em Dourados, o regresso à Venezuela passa ser um sonho, uma realidade difícil de ser concretizada, pois com o tempo, de moradia no novo local, questões de adaptação, trabalho, idade e estabilidade financeira e o medo de voltar e passar por dificuldades econômicas, fazendo lembrar-se dos motivos da migração forçada, passa a ser um medo recorrente.

No **capítulo três** discutiremos a crise venezuelana e a relação do petróleo e as suas consequências, as quais forçaram os venezuelanos a migrarem para outras localidades em busca de melhores condições de vida.

3. A RELAÇÃO ENTRE O PETRÓLEO, O PODER E A CRISE NA VENEZUELA

Neste capítulo iremos discutir o petróleo venezuelano, fazendo um sucinto resgate histórico desde seu descobrimento até se transformar na principal commodities de exportação venezuelana e os vários governos que usaram o recurso mineral como moeda de troca para se manter no poder.

3.1 Discussão histórica: breve análise

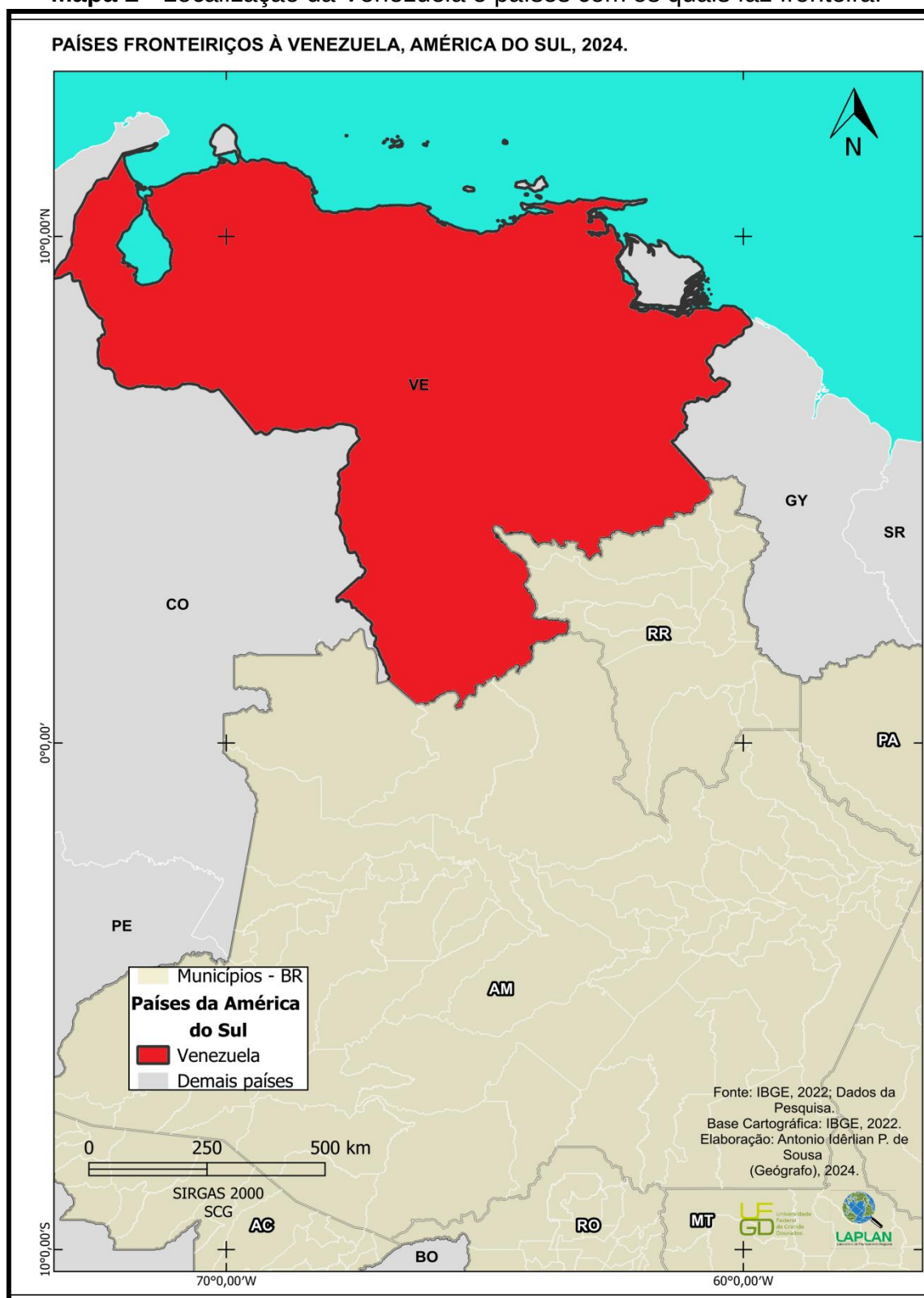
A Venezuela (**mapa 02**) é um país de imensa riqueza natural, sendo detentora de grandes reservas de petróleo, gás natural e minérios. É historicamente um explorador de petróleo, o qual, desde 1945, tornou-se sua principal fonte econômica, visto que representava 25% do PIB do país (Folle, 2021, p. 119).

O PIB do país atingiu, em 2016, a marca de US\$ 287 bilhões, colocando o país em quarto lugar na América Latina. Segundo os dados apresentados pela Fundação Getúlio Vargas - FGV Energia em 2017, a produção de petróleo diária era de 2,3 milhões de barris em 2016, sendo que 1,8 milhões foram exportados. (Folle, 2021, p. 119).

Para a compreensão da crise social, econômica e humanitária que assola a Venezuela desde o ano de 2013, é necessário fazermos uma discussão histórica e traçar a relação entre a descoberta do petróleo e o poder, algo de fundamental importância para o entendimento do complexo quadro que a Venezuela atravessa.

No entanto, não há a pretensão de esgotar esse estudo e nem de fazer um detalhamento histórico da política e da economia, pois esse é um assunto muito complexo e não é o objetivo principal deste trabalho. O que pretendemos é trazer uma leitura sobre a crise humanitária venezuelana em três pontos principais: social, político e econômico, divisão essa puramente didática.

Mapa 2 - Localização da Venezuela e países com os quais faz fronteira.



A crise venezuelana é caracterizada por envolver questões econômicas, sociais, geopolíticas, políticas e migratórias. Desse modo, o debate é complexo, pois envolve um mosaico de elementos. Com isso, para o entendimento do debate, vamos apresentar a herança histórica que os governos de Hugo Chávez (1999-2013) e de Nicolás Maduro (desde 2013) herdaram do chamado Pacto de Punto de Fijo (1958-1998), que consolidou a economia petroleira, constituindo uma burguesia altamente dependente das rendas do petróleo e incapaz de gerar riquezas além da atividade extrativista altamente imbricada ao poder político (Pedroso, 2020).

A Venezuela, nas primeiras décadas do século XX, passou por uma mudança produtiva, diferenciando-se dos demais países latino-americanos que eram agrário-exportadores e governados por elites latifundiárias, transformando-se em uma grande produtora de petróleo.

Para um melhor entendimento, vamos abordar o assunto em três etapas: na primeira, será discutida a mudança produtiva ocorrida no século XX; na segunda, será abordada a relação entre o petróleo, o poder político e a burguesia rentista durante o Pacto de Punto de Fijo (1958-1998); e, na terceira, discutiremos sobre a relação entre os elementos históricos e a crise desde 2013 e os governos de Chávez e Maduro. Discorreremos, na **subseção 3.2**, sobre os primeiros contratos de prospecção de petróleo e a Venezuela ganhando destaque na América do Sul (Pedroso, 2020).

3.2 A Venezuela petroleira (1908-1958)

Os primeiros contratos de exploração petroleira foram assinados pelo presidente nacionalista Cipriano Castro (1899-1908), e o momento da transição produtiva foi iniciada na ditadura de Juan Vicente Gómez (1908-1935). No seu governo, foram descobertas muitas reservas petrolíferas na Venezuela, o que ocasionou mudanças na economia, transformando o desenvolvimento econômico, social e político, fazendo com que o país ganhasse destaque na América Latina. Gómez criou uma aliança entre o governo venezuelano e as empresas estrangeiras petrolíferas por meio de uma política autoritária que

garantia a estabilidade necessária para que o capital internacional pudesse fluir.

O governo de Gómez também se destacou pela chegada de milhares de funcionários estrangeiros e centenas de companhias petrolíferas atraídas pelas grandes reservas de petróleo e a alta permissividade governamental. A relação entre o setor privado e o público era complexa, o que levou Gómez a criar a Companhia Venezuelana de Petróleo (CVP), considerada uma empresa de fachada, pois lidava com os interesses pessoais do presidente, que era o seu maior *tierrateniente* (proprietário). A função da CVP era negociar as concessões de terra com as empresas (Pedroso, 2020).

Assim, o que fica evidente é que Gómez loteou o país para as companhias petroleiras internacionais e lucrava com as concessões de terras.

As primeiras legislações sobre a exploração de petróleo foram pensadas para privilegiar o capital privado por meio da isenção fiscal em troca dos royalties, que eram baixos em relação aos enormes lucros da extração do petróleo. A legislação garantia a não interferência do congresso venezuelano e a possibilidade de compra ilimitada de terras. Ao mesmo tempo, a política venezuelana obteve altas taxas de retorno no período entre 1913 e 1947, maiores do que as de países do Oriente Médio, o que possibilitava ao país a liquidação de sua dívida externa (Pedroso, 2020).

No governo de Gomes, a produção de petróleo teve um salto, saindo de 63 milhões de barris em 1927 para 323 milhões em 1945. O petróleo passou, então, a dominar a economia rapidamente a partir de um momento crítico para o setor agroexportador, a crise de 1929, que foi um duro golpe para os produtores de café. Assim, as atividades agrícolas praticamente desapareceram, fazendo com que o país se tornasse vulnerável em relação à alimentação.

A economia agrária extensiva perdurou por muitos anos, mas, em questão de duas décadas, uma nova estrutura econômica, de caráter importador e especulativo, passou a dominar o cenário, fazendo com que a agricultura fosse praticamente destruída, acelerando o processo de urbanização e transformando fazendeiros em banqueiros, importadores, empresários da construção civil ou comerciantes. Já os camponeses, estes

migraram para as cidades passando a compor a população urbana (Pedroso, 2020).

A fase pós-*gomezista* (1936-1945) marcou a consolidação do petróleo como força motriz da economia em um país mais urbanizado, com a ascensão de novos grupos políticos e sociais, sobretudo profissionais liberais e pessoas ligadas à indústria petroleira, que começaram a se organizar em partidos políticos de diversas matrizes (Pedroso, 2020, p. 12).

O período da Segunda Guerra Mundial influenciou os sucessores de Gómez a lidarem de maneira mais assertiva com as companhias petrolíferas, sem deixar de estarem alinhadas à estratégia ocidental de combate ao nazifascismo. A Venezuela, então, aproveitou que os Estados Unidos estavam precisando de cooperação hemisférica para estabelecer novas regras, mais vantajosas, em relação à exploração petrolífera.

Em 1945, uma movimentação interna liderada por Rómulo Betancourt, um militante da juventude *antigomezista*, culminou em um período chamado de “triênio democrático”, que durou até 1948 (Pedroso, 2020, p. 12). Essa mudança política aumentou a representatividade dos setores médios, mas as críticas que Betancourt fazia à política econômica e à alta dependência ao petróleo não resultaram em nenhuma medida.

Em 1948, a Venezuela voltou novamente a ser comandada por uma ditadura militar. Após a eleição de Rómulo Gallegos, setores militares intervieram e governaram por quatro anos até que o general Marcos Pérez Jiménez (1952-1958) assumisse a presidência.

O seu governo foi caracterizado por fortes resistências e por contar com uma burguesia urbana consolidada e com maior capacidade de articulação em relação à oligarquia agrária e aos militares.

Pérez e Truman (1945-1953), presidente dos Estados Unidos, se aproximaram mais ainda e estabeleceram novos acordos econômicos, liberando novas concessões petroleiras às empresas estadunidenses e firmando um tratado de livre-comércio. Assim, a Venezuela passou a ter a sua dependência econômica atrelada ao mercado estadunidense (Pedroso, 2020).

Com a alta do petróleo, a economia venezuelana investiu em grandes obras de infraestrutura, passando a beneficiar a burguesia que sustentava o

governo para favorecer correligionários. Jiménez foi o responsável pelo enriquecimento da burguesia venezuelana e de empreiteiros ligados à Fedecámaras, uma entidade patronal que apoiava a ditadura (Pedroso, 2020, p.13).

Com o aumento da dívida pública e a queda do preço do petróleo em 1957, o governo perdeu o apoio do setor empresarial. A sociedade venezuelana, mesmo reprimida, não aceitava tutelas, buscando subterfúgios para manter a atividade política na clandestinidade. A falta de mecanismos de distribuição da renda petroleira, que estava nas mãos de poucas famílias, alimentou ainda mais o descontentamento que sepultou a ditadura e trouxe, em seu lugar, o Pacto de Punto de Fijo (Pedroso, 2020, p. 13). Discorreremos, na **subseção 3.3**, sobre a distribuição clientelista das rendas advindas do petróleo e o seu uso como instrumento de poder.

3.3 Petróleo, elemento de poder

O Pacto de Punto de Fijo pacto de conciliação das classes dominantes, foi idealizado em Nova York contra o governo de Pérez Jiménez, e foi liderado por apoiadores dos partidos políticos: Unión Republicana Democrática (URD), Comité de Organización Política Electoral Independiente (COPEI), Acción Democrática (AD) e Comité de Organización Política Electoral Independiente (COPEI). Entretanto, esses partidos não contavam com a participação da população e tinham um acordo para restaurar a democracia liberal, extinguindo o monopólio do poder e estabelecendo o respeito aos resultados eleitorais e à constituição (Altman, 2017).

Segundo Folle (2021, p. 116), com o pacto, foi estabelecida a distribuição clientelista da renda petrolífera, permitindo, dessa forma, que a economia fosse reaquecida, porém autorizando a intervenção governamental na política do petróleo e também o surgimento de atores políticos econômicos como sindicatos e partidos.

A derrocada da ditadura ocorreu não somente pelo Punto de Fijo, mas também por movimentos populares rurais e urbanos organizados e alinhados à esquerda, com o viés mais radical do Partido Comunista da Venezuela (PCV).

Somando militares a estudantes, o movimento foi cooptado pelo AD, fazendo com que o partido ascendesse à presidência da república (Pedroso, 2020).

Desse modo, uma nova fase política iniciou-se em 1958 e perdurou até 1998, um longo ciclo repleto de contradições que consolidou o capitalismo rentista e importador, a burguesia e um acelerado processo de urbanização. Nesse período, também houve a centralidade dos partidos políticos somados a uma aliança entre o setor petrolífero, as Forças Armadas e a Fedecámaras (relacionada à burguesia importadora), sendo considerado o mais longo período democrático venezuelano (Martins, 2017).

Os governos *puntofijistas* no período de 1959-1964 foram caracterizados por serem autoritários e pelo retorno de Rómulo Betancourt à presidência por meio de eleições diretas. Já os anos de 1960 e 1970 foram caracterizados por serem tão repressores quanto os anos da ditadura anterior, sufocando os descontentamentos e buscando alianças amplas para garantirem a sua legitimidade e manterem-se no poder (Urbaneja, 2009).

E de acordo com os estudos de Urbaneja (2009) reconhece que “historicamente a Venezuela depende do petróleo. A partir de 1958, com o Pacto de Punto de Fijo, a organização do poder político entre estas forças teve como uma de suas consequências a divisão da renda petroleira entre os agentes centrais do regime”.

O modelo econômico adotado conciliava os interesses das classes burguesas por meio da intervenção do capitalismo via Estado nacional, gerando um ambiente benéfico para o empresariado importador, pois este contava com vantagens econômicas e altamente produtivas sem custos, tornando o caráter rentista e improdutivo da burguesia venezuelana predominante (Martins, 2017).

Assim, não existia oposição por parte do empresariado à intervenção estatal, pois havia benefícios para ambas às partes. Caso houvesse tensões intra e extrabloco, a autonomia e a dependência do Estado eram resolvidas com a inclusão do empresariado em ministérios como meio de apaziguar interesses e atritos (Neves, 2010).

A Corporación Venezolana de Formento foi criada no governo de Betancourt para reforçar o caráter planificador e o Estado-empresário. Houve

também a criação da estatal Corporación Nacional de Petróleo, um dos idealizadores, em 1960, da fundação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Em 1960, foi criada a própria companhia para a exploração de petróleo, a Corporación Venezolana del Petróleo (CVP), sendo que em três anos apenas, 1963, se tornou a quinta maior produtora de petróleo do mundo. No mesmo ano, a Venezuela em conjunto com a Arábia Saudita, o Iraque, o Irã e o Kuwait fundaram a Organização dos Países Exploradores de Petróleo (OPEP) em Bagdá, no Iraque, intervindo nos interesses geopolíticos e mundiais. (Neves, 2010, p. 56).

O governo de Raúl Otero (1964-1969) foi caracterizado por continuar a repressão à esquerda e aos dissidentes de direita do *perezimenismo* e por sofrer críticas por parte de intelectuais, que falavam da necessidade de melhor aproveitar os lucros do petróleo para dinamizar a economia e desenvolver a sociedade (Pedroso, 2020).

O governo de Rafael Caldera (1969-1974) foi caracterizado pela manutenção do modelo econômico de Estado interventor na economia, o qual passou a ser desfavorável porque os Estados Unidos estavam passando por uma crise inflacionária, o que levou à queda das exportações de petróleo, uma vez que, por meio de acordos econômicos, os Estados Unidos eram os seus maiores compradores. Manter os preços do petróleo eram de fundamental importância para a economia venezuelana, pois ela era improdutiva e tinha grandes dificuldades em arrecadação de impostos (Martins 2017).

Dessa forma, surgiram as primeiras ideias de nacionalização do petróleo para a manutenção da renda estatal, que foram implementadas no governo seguinte.

O governo de Carlos Andrés Pérez (1974-1979) deu início à nacionalização do gás e do petróleo e também representou o retorno da AD e o início da “Venezuela Saudita”, expressão originada no ano de 1973, quando ocorreu o primeiro choque do petróleo e os preços dispararam no mercado internacional, elevando as rendas advindas dessa commodity. Com isso, o governo permitiu o financiamento de projetos de desenvolvimento (Martins, 2017).

O projeto promovido por Pérez caracterizou-se por ser capitalista corporativo de larga escala, o que tornava o Estado o promotor, proprietário e

gerente. Com isso, o setor privado era beneficiado com novas oportunidades políticas protecionistas, tornando as relações uma complexa rede de regulações e interações promíscuas, pois a bonança econômica estimulava os empresários, a todo o momento, o recorrem à sua rede de contatos políticos. Os empresários, beneficiados com concessões e cargos públicos, foram essenciais para que Pérez pudesse realizar a nacionalização do ferro e do petróleo (Martins, 2017).

As discussões no congresso venezuelano foram acirradas, mas não impediram a nacionalização do ferro em 1974 e do petróleo em 1975. Esta última demandou mais cautela do governo, ainda que as companhias estrangeiras não estivessem tão receosas devido às generosas compensações que o governo prometera (Pedroso, 2020).

Ressaltamos o fato de que a Venezuela sempre defendeu seus direitos sobre os recursos do subsolo e, portanto, sobre o petróleo. A nacionalização foi o passo final para que os ativos comandados desde o exterior passassem a ser controlados pelo Estado (Pedroso, 2020).

A concretização da nacionalização ocorreu com a criação da estatal Petróleo de Venezuela SA (PDVSA), quando muitos dos executivos das empresas estrangeira nacionalizados “continuaram em seus cargos diretivos [incluindo] aqueles que até o dia anterior à nacionalização representavam no país os interesses das companhias transnacionais” e que passaram “a ser também um ator nacional e, portanto, público, a capacidade de vigilância e controle do Executivo nacional como proprietário do recurso começou, de imediato, a se debilitar” (Lander, 2005, p. 6 *apud* Pedroso, 2020, p. 17).

A PDVSA deveria funcionar como uma empresa privada e reinvestir os lucros no desenvolvimento da indústria petroquímica e na prospecção de novos poços. Assim, mesmo sendo uma empresa estatal, as suas ações seriam guiadas pela lógica privada, ou seja, desde a sua criação a PDVSA foi dirigida pela oligarquia petrolífera ligada ao capital internacional, ou seja, não mudou nada na prática (Altman, 2016).

As compras das empresas petroleiras foram com base no preço de mercado, portanto, o capital internacional não teve prejuízo. A Venezuela, sendo inundada por petrodólares, viu sua dívida pública explodir. O ápice dos

preços do petróleo levou ao aprofundamento da dependência e também ao endividamento do Estado. O boom do petróleo durou até o início da década de 1980, e, dessa forma, a Venezuela pôde manter suas obrigações financeiras. Quando os preços se estabilizaram, os gastos altos geraram uma crise que se prolongou por duas décadas, levando ao fim o Pacto de Punto de Fijo (Pedroso, 2020).

O governo de Luis Campins (1979-1984) enfrentou um forte endividamento, alta improdutividade das companhias venezuelanas e alta da inflação, impulsionada pelos elevados preços do petróleo. Eram os sinais do enfraquecimento do Pacto de Punto de Fijo. O que sustentou o governo foi um novo boom do petróleo entre 1979 e 1980, mascarando a crise (Martins, 2017).

Campins tomou medidas econômicas, como diminuição das restrições às importações e ao controle de preços, para poder compensar a queda da produtividade, pensando que a elevação do preço do petróleo seria suficiente para manter o papel crescente do Estado na economia. Assim, o Estado passou a ser um dos principais empregadores, chegando a ter mais de um milhão de funcionários públicos, um número muito expressivo, pois, na época, o país tinha aproximadamente 15 milhões de habitantes (Pedroso, 2020).

As dívidas adquiridas durante o boom petroleiro passaram a ser sentidas pelo governo em 1982 devido ao desgaste financeiro em arcar com as dívidas adquiridas. Mesmo a entrada de divisas não foi capaz de cobrir o rombo da dívida pública, e, em 1983, o Banco Central da Venezuela declarou insolvência diante da queda constante do preço do petróleo (Cano, 2002).

Por essa razão, a moeda nacional foi desvalorizada e foi instituído um controle de câmbio, resultando em uma grande crise econômica caracterizada pela alta da inflação e pelo desemprego elevado. Tal fato perdura no país até hoje, demonstrando que a dependência do petróleo e os problemas relacionados à alta da inflação ainda não foram resolvidos (Cano, 2002).

Diante da desvalorização do *bolívar* (moeda nacional venezuelana), ficou evidente a relação entre o governo e os empresários. Mesmo com a troca de governo, as relações se mantiveram constantes no *puntofijismo*, fazendo com que a burguesia nacional tivesse elevados lucros, pois o governo antecipou a informação da desvalorização da moeda, o que originou ações

especulativas. Quem realmente perdeu foram as classes menos abastadas socialmente, que sofreram com a inflação e o crescente desemprego (Pedroso, 2020).

O governo de Jaime Lusinchi (1984-1989) foi marcado pelo fortalecimento dos trabalhadores sindicalizados por um lado e, por outro, pelo apoio dos empresários, o que era de fundamental importância para a manutenção no poder, pois a Fedecámaras, desde o governo de Caldera, estabeleceu conexão com a classe política *puntofijista* e, para a manutenção e governabilidade, deu tratamento diferenciado aos empresários, mantendo suas vantagens cambiais (Cano, 2002).

E de acordo com Altman (2017, p. 25), o pacto, ao fim e ao cabo, criou um bipartidarismo entre a AD e o COPEI, com alternância de governo entre os dois partidos que se estendeu até o ano de 1999, quando se instalou o novo Congresso, logo após a eleição à presidência de Hugo Chávez, que deu por concluída a etapa histórica do *puntofijista*.

A gestão de Lusinchi não conseguiu reverter a crise econômica que assolava a Venezuela. A venda de dólares preferenciais não só impulsionou mais uma vez o empresariado importador, mas aprofundou a situação de dependência petroleira *vis-à-vis* uma burguesia improdutiva, que gerou denúncias de favorecimento e atos ilícitos (Pedroso, 2020).

O que ficou caracterizado, mesmo com diferentes posicionamentos políticos e ideológicos e as circunstâncias históricas, foi que houve uma linha condutora do Pacto de Punto de Fijo no sentido de privilegiar o setor privado de muitas formas.

O governo de Carlos Andrés Pérez (1989-1993) distribuiu empresários nos ministérios, gerando descontentamento por parte dos partidos, que ficaram deslocados do centro do poder. Por ser o presidente do auge econômico, Pérez prometeu que os tempos da “Venezuela Saudita” retornaria, mas a alegria durou somente 25 dias, quando foi anunciado um programa de ajuste neoliberal com aumento do preço da gasolina, que foi repassado para os transportes públicos, ocasionando o Caracazo (revolta social de repúdio ao pacote de medidas econômicas impostas pelo governo). Esse episódio também

ficou marcado na história recente venezuelana devido à violência desenfreada por parte do Estado para reprimir os protestos populares (Altman, 2016).

De fevereiro de 1989 até final de 1993, teve lugar uma nova luta pelo poder, que chegou ao seu ápice no ano de 1992, com as insurreições militares. A principal delas foi um intento de golpe de Estado liderado pelo então jovem tenente-coronel do exército Hugo Chávez Frías (Pedroso, 2020, p. 19).

Outros fatos que motivavam as revoltas sociais foram o descontentamento pela crise econômica social e pelos graves escândalos de corrupção. Quando as manifestações foram controladas, o sistema *puntofijista* já estava em crise, levando aliados históricos a manifestarem o seu descontentamento. Assim, a Fedecámaras passou a afirmar que o presidente não tinha mais condições de se manter no poder, mostrando a ruptura entre a Acción Democrática e a burguesia (Martins, 2017).

A Venezuela vivia uma economia capitalista sem ter passado pelo processo de industrialização.

A presidência de Pérez foi marcada por ter uma postura de duplicidade, tinha uma imagem de nacionalista, porém recompensava generosamente as empresas, permitindo a PDVSA ter uma estrutura de empresa privada. Mesmo assim, essa ação não foi o suficiente para evitar as acusações de corrupção e o descontentamento social, culminado em um processo de *impeachment* em 1993 (Neves, 2010).

Neves (2010, p. 58) aponta que:

Venezuela viveu crises de *déficit* público, decorrência em grande medida de aumentos da dívida externa, que deterioraram a economia nacional. Um exemplo se deu na década 1980, quando se abriu novamente o setor de exploração petrolífera ao capital privado e estrangeiro para o investimento direto na exploração e produção em novos campos, perdurando até 1995, já sob a presidência de Rafael Caldera.

O governo de Rafael Caldera (1993-1999) foi o último a representar o Pacto de Punto de Fijo. Seu governo foi caracterizado pela implementação de medidas estadistas, como controle de câmbio e de preços e a anistia dos comandantes militares presos durante o fracassado golpe militar de 1992, liderado por Hugo Chávez, o qual, mesmo com o fracasso do golpe, saiu como

herói do povo venezuelano, o salvador da dignidade do povo bolivariano (Martins, 2017).

Caldera lançou a Agenda Venezuela mediante o aumento da crise econômica e social, e aos elevados índices de desemprego. Inspirado no Fundo Monetário Internacional (FMI), entre as medidas estavam a desnacionalização do petróleo, a desvalorização da moeda nacional, o corte de gastos públicos e o aumento do valor dos combustíveis (Cano, 2002).

Assim, Altman (2016, p. 32) pontua que a crise econômica se agrava, aprofundando o endividamento externo e com forte desvalorização do bolívar (moeda venezuelana), tornando o governo mais frágil frente ao FMI que impõe os seus rigorosos ditames.

Sua principal ação foi a “*apertura petroleira*” por meio da redução do preço do barril do petróleo, da atração de capital externo para a PDVSA e do distanciamento da OPEP, medida que permitiu que companhias como a Mitsubishi, a Exxon Mobil e a Shell, somadas a outras dezenas de companhias estrangeiras e empresas privadas nacionais, explorassem o petróleo venezuelano (Altman, 2016).

Isso significou uma ruptura com o “*sembrar el petróleo*”, pois permitia a internacionalização da estatal e o envio dos lucros advindos da prospecção do petróleo para o exterior, não para o investimento interno (Altman, 2016).

O final do Pacto de Punto de Fijo também foi caracterizado pela dissidência dos empresários após anos de benefícios estatais para partidos políticos a fim de defenderem suas agendas próprias, surgindo assim uma nova direita venezuelana, composta pela valorização da tecnocracia, especialmente da PDVSA, pela descentralização política, que favoreceria o surgimento de novos líderes regionais e locais, e pela “politização” do empresariado no sentido de aumentar sua interferência sobre a política (Neves, 2010).

Os meios de comunicação privados passaram a ganhar grande importância no cenário político nacional, sendo o porta-voz e os grandes defensores da agenda liberal. Assim, a mídia passou a influenciar a opinião pública, ocupando os espaços antes ocupados pelos partidos tradicionais durante o *puntofijismo* (Martins, 2017). Esse processo foi fundamental para a

consolidação do chavismo a partir de 1999, sobre o qual falaremos na **subseção 3.4**.

3.4 A Era Chávez

“El petróleo es un arma geopolítica, y estos imbéciles que nos gobiernan no se dan cuenta del poder de un país que produce petróleo”, Hugo Chávez — durante a campanha presidencial de 1998 (Kozloff, 2006, p. 93).

O governo Hugo Rafael Chávez Frías (1999-2013) perdurou por 14 anos, até a sua morte em decorrência de um câncer em 2013. Chávez, militar graduado em Ciências e Artes Militares, se aproveitando de sua fama por ser considerado o herói do povo venezuelano, após perder as eleições presidenciais de 1993, saiu vitorioso nas eleições de 1998, sendo eleito de forma democrática e se aproveitando da decadência e dos questionamentos sobre o Pacto de Punto Fijo em relação a quem ficaria no poder, pois a Venezuela passava por uma crise (Maringoni, 2008).

Chávez abandonou as Forças Armadas e ingressou definitivamente na carreira política com a fundação do Movimento V República (MVR) quando viu uma oportunidade de ascensão política como solução “prática e lógica” para a Venezuela e também por ser reconhecido como herói pelos venezuelanos, além de possuir aspirações pessoais, as quais alimentava desde 1982, quando fundou o Movimento Revolucionário 200 (MBR-200), de ideias esquerdista e nacionalistas (Costa, 2015).

O governo Chávez foi marcado por não cumprir as promessas feitas durante a campanha eleitoral e por realizar uma reforma constituinte que visava pura e exclusivamente atender os seus aliados políticos. O que ficou evidente foi, que mesmo mudando os personagens políticos, a política venezuelana de privilegiar as elites permaneceu a mesma (Maringoni, 2008).

Ainda assim, a reforma constituinte, conhecida como Constituição Chavista, foi considerada democrática e novas eleições presidenciais foram realizadas em 2000, mantendo Chávez no poder, pois a sua popularidade era muito alta e ele gozava de prestígio social.

Durante o governo Chávez, houve uma maior aproximação com Cuba, governada por Fidel Castro, por meio de acordos econômicos por meio dos quais a Venezuela enviaria, diariamente, 115 mil barris de petróleo a Cuba e, em troca, receberia 40 mil médicos cubanos como forma de pagamento para atuarem na rede de assistência social, além do compromisso de as atividades econômicas passarem a ser voltadas para os países vizinhos.

Dessa forma, surgiram descontentamentos e oposição ao governo. Em 2001 e 2002, várias paralisações ocorreram, sendo três de caráter nacional. Em meados de 2002, Chávez sofreu uma tentativa de golpe, mas setores das Forças Armadas e aliados da população civil o reconduziram ao poder.

A Venezuela possui um histórico de golpes e usurpações de poder e com o governo Chávez, não foi diferente. Chávez, que, em um passado não tão distante, conspirou para derrubar o governo e o tomar para si, fracassou em sua tentativa (Maringoni, 2008).

O mesmo aconteceu com o seu governo, o qual tentaram usurpar. Todavia, ele foi reconduzido por ter o apoio das Forças Armadas, onde fez carreira militar. O poder político na Venezuela sempre esteve nas mãos das elites, seja petroleira ou a militar, que, quando se sentem desprestigiadas, derrubam o governo vigente e instauram um governo que vai ao encontro dos seus ideais de privilégios (Maringoni, 2008, p. 123-125).

O governo Chávez, durante seus 14 anos, foi caracterizado pelo chavismo de esquerda, que controlava a maioria do parlamento (Assembleia Nacional) e também os governos municipais e estaduais. Em relação à economia, as empresas, depois de estatizadas, tornaram-se improdutivas e passaram a ser subsidiadas pela petroleira PDVSA (Costa, 2015).

Essas tomadas de decisões políticas e ideológicas por parte do governo Chavista não foram bem-sucedidas. Ocorreram vários apagões elétricos, falta de água, escassez de alimentos e inflação “galopante”, o que levou o país a um gigantesco desequilíbrio econômico (Miragani, 2008).

O que era para ser um governo para os pobres e marginalizados passou a ser um governo autoritário responsável por uma crescente recessão

econômica, e novamente o país se viu preso à exportação de petróleo²⁶, artigo tido como o grande “salvador da pátria”, gerando, assim, o descontentamento e o fortalecimento da oposição.

O governo estadunidense impôs um embargo econômico à Venezuela em 2019, pois eram os principais interessados no petróleo do país; a Venezuela se tornou o epicentro da política internacional porque sua crise político-institucional se somou ao colapso econômico e social presente desde 2013.

Assim, a crise da Venezuela se tornou uma crise com implicações não só a nível nacional, mas também a nível regional, continental (pelo papel do EUA) e no mundo (pelo papel relevante de liderança da EU, Rússia e China) (Malamud; Castellano 2019).

A Venezuela desempenhou um papel ativo na resistência aos EUA, em torno do seu enorme potencial petrolífero iniciando uma ampla coalizão “anti-imperialista” de alcance regional e extrarregional. O país ganhou apoio do Irã e da Turquia, pois os turcos buscaram aumentar sua presença econômica na América Latina — e os interesses geopolíticos do apoio é a rejeição aos EUA. Assim, se soma aos interesses econômicos a venda de ouro venezuelano à Turquia, em troca de alimentos e remédios (Malamud; Castellano 2019).

Por outro lado, em um contexto mundial, a Venezuela assiste a uma crescente multipolaridade de vários países, que questionam a liderança dos EUA, a ascensão da China, o desafio permanente da Rússia e uma América Latina fragmentada e envolta em uma heterogeneidade com profundas divisões.

A dependência petrolífera da Venezuela em relação aos EUA é maior do que vice-versa, sem esquecer o enorme interesse da China e da Rússia no petróleo venezuelano. Nas últimas duas décadas, sob o governo Chaves, a Venezuela dobrou sua dependência das exportações para os EUA, que passaram de 20% do total em 1997, para 40% em 2019 (Malamud; Castellano 2019).

²⁶ O petróleo, em relação a outras atividades econômicas, ficou conhecido no meio econômico como doença holandesa.

As decisões do embargo do governo Donald Trump são relacionadas pela perda da maioria republicana na Câmara dos Representantes, assim a Venezuela passou a ser funcional para Donald Trump, com um discurso alternativo para direcionar sua base eleitoral, (re)conquistar os eleitores dos principais estados com vista a 2020, por exemplo a Flórida, onde o histórico eleitor anticastrista convive agora com a onda de emigrados venezuelanos antichavistas (Malamud; Castellano 2019).

Por outro lado o papel da China e da Rússia na crise venezuelana é muito diferente, assim a Rússia busca contínua e persistentemente entrar em conflito com Washington, atrapalhar e desgastar a influência estadunidense; assim, o que acontece na Venezuela é funcional para a Moscou, desde que se criem problemas para os EUA. Além disso, somado aos empréstimos russos em 2017, a estatal de energia Rosneft assumiu o controle de 49,9% da Citgo (subsidiária da venezuelana PDVSA nos EUA) (Malamud; Castellano 2019).

Desse modo, o que se assiste sobre a imposição dos embargos econômicos estadunidenses à Venezuela são estratégias geopolíticas, primeiro para mostrar a força imperialista dos EUA na América Latina, segundo por causa dos conflitos de guerra no Oriente Médio, fazendo oscilar o preço do petróleo no mercado internacional. Assim, os EUA teriam uma reserva para explorar no seu “quintal” e, ao mesmo tempo, endividariam o governo venezuelano para que não possa saldar a sua dívida externa com o FMI. Dessa forma, os EUA seriam “obrigados” a intervir na estatal petrolífera PDVSA, também contribuindo para que a Rússia e a China percam os seus investimentos na economia Venezuelana (Malamud; Castellano 2019).

Desse modo, Trump, sairia vitorioso, abrindo caminho para a reeleição e diminuiria a influência da Rússia e da China na América Latina.

Assim, o que se assistiu sobre a Venezuela foi que de um governo popular, o país passou a ter um governo questionável, sobre o qual discorreremos na **subseção 3.5**, incluindo o fim do governo Hugo Chávez e o início do governo Nicolás Maduro (Miragoni, 2008, p. 148-149).

3.5 Fim da Era Chávez e o Início da Ascensão de Maduro

Após se diagnosticado com câncer, Chávez se afastou do governo, passou por quase dois anos de tratamento, mas não resistiu, vindo a óbito. Seu velório durou três dias e contou com mais de trinta chefes de Estado. Seu corpo foi embalsamado e exposto em um mausoléu. Após sua morte, o vice-presidente Nicolás Maduro, sindicalista e ex-motorista de metrô, assumiu a presidência, ampliando a instabilidade econômica e política do país.

Maduro sempre esteve ligado à política. Formado na Escola de Formação Política em Cuba e líder trabalhista na década de 1990, fundou o Sindicato do Metrô de Caracas (SITRAMECA), sendo defensor do chavismo. Em 1992, quando Chávez estava preso por tentativa de golpe de Estado, fez campanha por sua libertação.

Maduro foi eleito para a Câmara dos Deputados em 1998, ingressando na Assembleia Nacional Constituinte em 1999. Em 2005, tornou-se presidente da Assembleia Nacional Constituinte. No ano de 2006, tornou-se ministro das Relações Exteriores, atuando para diminuir a influência dos Estados Unidos na América Latina e fortalecer o bloco sul-americano.

Com a saúde de Hugo Chávez debilitada, Maduro começou a ganhar espaço político, assumindo o cargo de vice-presidente entre outubro de 2012 e em março de 2013. Após a morte de Chávez, em 05 de março de 2013, assumiu interinamente a presidência da Venezuela. Seu maior opositor era Diosdado Cabello, na época presidente da Assembleia Nacional (Nascimento, 2020).

Aproveitando-se da morte de Hugo Chávez e do momento que o país estava passando, Maduro não perdeu a oportunidade de usar o nacionalismo venezuelano ao seu favor, criando uma mística em torno da morte de Chávez e atribuindo para si a responsabilidade de herdar a Venezuela e conduzi-la ao desenvolvimento.

Maduro considerava o período do governo Chávez como “milagroso”, “divino”, “salvador da Venezuela”, época em que o país conseguiu sua total independência, fazendo a alusão a Simón Bolívar e se dizendo o mais bem preparado para dar continuidade aos ideais chavistas (Nascimento, 2020, p.

124). Na **subseção 3.6**, falaremos sobre o início do governo de Nicolás Maduro.

3.6 A Era Maduro

O governo de Nicolás Maduro Moros (2013 – até a data atual) iniciou-se em 14 de abril de 2013, quando Maduro venceu as eleições presidenciais pelo Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) com 50,61% dos votos válidos, enquanto Henrique Capriles teve 49,12% dos votos. O resultado da eleição foi bem apertado e também muito questionado pela oposição, mesmo assim, em 19 de abril daquele ano, Maduro toma posse como presidente venezuelano eleito.

E em 2024 foi reeleito para mais um mandato e também muito questionável principalmente pela oposição e vários governos mundiais.

E segundo Folle (2021, p. 118):

A ascensão de Nicolás Maduro em 2014, o sucessor de Chávez, que venceu eleições de maneira um tanto quanto questionáveis, tendo em vista a disparidade de votos e a não presença de observadores internacionais, sinalizou a continuidade do poder chavista na Venezuela.

O partido de Maduro controlava a grande mídia e, por essa razão, não havia uma paridade na cobertura da campanha do outro candidato. Com isso, a vitória nas eleições foi como uma máscara para os críticos e para os demais países com quem a Venezuela mantinha uma relação democrática.

Maduro assumiu um país dividido. Embora a classe média não o apoiasse, ele tinha o apoio dos militares e da polícia, mais uma vez reflexo do tipo de sistema político venezuelano, cuja nova constituição, que, na verdade, pouco tinha de novo, mantinha os mesmos tipos de privilégios para as elites dominantes, no caso, o exército, que nunca deixou o poder, estando sempre ligado a ele de forma direta ou indireta (Maringoni, 2008).

O exército sempre esteve ligado à política venezuelana, desde a sua independência. O que fica claro é a redação da constituição foi mudada, porém o velho *modus operandi* se mantém, como os privilégios à elite dominante (Maringoni, 2008, p. 24).

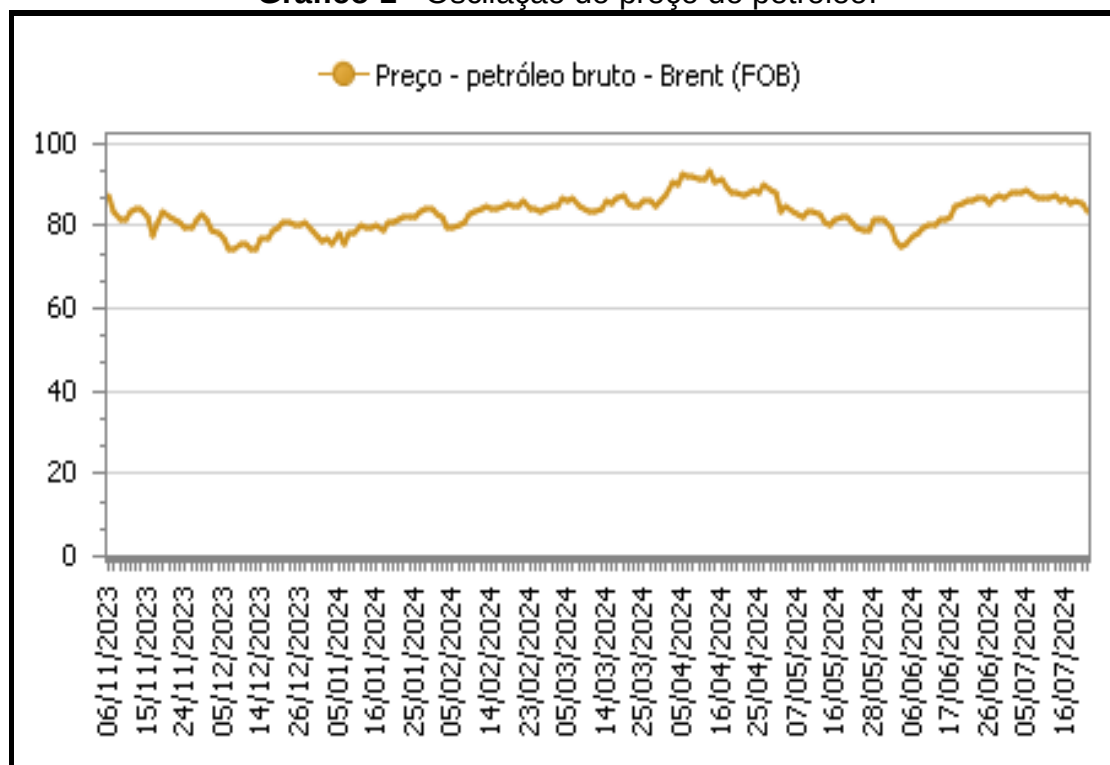
Maduro é conhecido pelo autoritarismo, mandou prender opositores, como Leopoldo López, e foi acusado de tortura, o que mostra que os personagens políticos mudaram, mas o jeito de fazer política é o mesmo. Todas as eras de presidentes venezuelanos eleitos ou golpistas viveram à sombra de golpes de Estado e, para a manutenção do poder, alianças foram feitas com a elite. A repressão sempre fez parte dos governos na Venezuela, como tortura, assassinatos e censura, criando uma base democrática frágil que, a qualquer momento, pode ser rompida por algum aspirante a usurpador político (Nascimento, 2020).

A indignação da sociedade venezuelana com a degradação das condições socioeconômicas, somada ao repúdio de uma grande parcela da população ao sistema político vigente, fez eclodir, em 2014, uma série de protestos (Nascimento, 2020, p. 124).

O governo de Maduro enfrentou vários problemas, entre os quais uma grave crise econômica relacionada à queda da exportação e à produção industrial somada ao baixo preço do petróleo e aos elevados índices inflacionários.

Fato esse que impactou até mesmo o Brasil, que derivou no golpe contra a Presenta Dilma, o preço do petróleo caiu no mercado internacional, (acumulando perdas de 60% desde o pico de julho de 2014, quando era negociado a 115 dólares) por causa da guerra entre os países árabes produtores e os EUA, que passaram a explorar o óleo de xisto, fazendo com que preço do barril de petróleo fosse rebaixado propositalmente nesse período, também somado a uma menor demanda na Europa e na Ásia (G1 Economia, 2015).

Gráfico 1 - Oscilação do preço do petróleo.



Fonte: Ipeadata, 2024.

No **gráfico 01**, mostra a oscilação do preço do petróleo²⁷ no período de 06/11/2023 a 16/07/2024.

A OPEP culpa a grande produção de óleo de xisto pelas baixas cotações da *commodity* e, com o “boom” do xisto, a produção norte-americana disparou com nove milhões de barris por dia (G1 Economia, 2015).

Assim, vários países sofreram com a redução dos preços do petróleo, como a Venezuela, a Rússia, o Irã e também o Brasil — fazendo com que o país passasse por uma crise política que foi um dos fatores que contribuíram para o golpe contra a Presidenta Dilma Vana Rousseff em agosto de 2016.

Segundo Folle (2021, p. 118):

A Venezuela em 2014 vivia um desajuste econômico, quando a principal fonte econômica venezuelana foi atingida, tornou-se o

²⁷ Para saber o preço do barril de petróleo bruto e para acompanhar a frequência diária de 04/01/1986 até 22/07/2004 Acesse o link: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?module=m&serid=1650971490&oper=view>

estopim para a instalação da crise, criando o aumento considerável da inflação, vez que a balança econômica não conseguiu suportar a queda do valor do petróleo. Fazendo com que a inflação subisse deste modo desvalorizando o peso, fazendo com que a Bolsa de Valores da Venezuela não conseguisse mais competir com as demais.

Com o decréscimo econômico e a queda do preço do petróleo, a Venezuela entrou em uma situação de vulnerabilidade²⁸ econômica, redução do poder de compra, escassez de alimentos e de produtos básicos. A população começou a sofrer com as consequências, que foram fome e desnutrição, aumento dos saques a supermercados e violência, que tomou conta das principais cidades da Venezuela²⁹.

Assim, a crise social e econômica venezuelana fez com que a oposição ganhasse campo, e, após 16 anos, o Partido Socialista Unido da Venezuela, que esteve no comando da Assembleia Nacional, perdeu as eleições para oposição, fato que gerou mais instabilidade política no país e multiplicação dos conflitos³⁰.

Maduro tomou posse para seu segundo mandato em 10 de janeiro de 2019 e governará até 2025, e a partir de 10 de janeiro de 2025 assumirá mais um mandato de seis anos, pois foi reeleito³¹. Essas eleições foram caracterizadas pela baixa adesão dos eleitores, em torno de 46% compareceram às urnas. Maduro obteve 68% dos votos válidos, mais ou menos 5,8 milhões de votos, e essa eleição foi questionada internacionalmente por muitos chefes de Estado que não reconheceram o resultado das urnas (Folle, 2021).

²⁸ O conceito de vulnerabilidade deve ser analisado de forma multidimensional, na qual os países que são exploradores de petróleo, no caso, sendo esta a única ou principal fonte econômica, são mais suscetíveis às crises diante dos acontecimentos internacionais (Carmo; Guizardi, 2018).

²⁹ No primeiro semestre de 2015, houve 56 saques e 76 tentativas, segundo ONG (Reuters, 2015).

³⁰ Tal descontentamento, no ano de 2018, fez com que drones carregados de explosivos fossem enviados para matar Maduro em um desfile comemorativo em Caracas. Seguranças agiram e impediram o atentado.

³¹ Maduro é reeleito na Venezuela. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/maduro-e-reeleito-presidente-da-venezuela-diz-conselho-eleitoral.ghtml>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Em 2019, Juan Guaidó³², opositor chavista, foi eleito chefe da Assembleia Nacional e, em 23 de janeiro, declarou que Maduro não tinha sido eleito democraticamente, se autoproclamando líder da Venezuela. Tal fato recebeu apoio de vários países, entre eles, Brasil, Estados Unidos, Equador, Colômbia, Chile e Argentina. Por sua vez, Maduro se declarou como o verdadeiro e único presidente venezuelano, recebendo apoio de outras nações, como Cuba, México, Rússia e Turquia.

Após esse fato inédito, a Venezuela passou a ter dois presidentes, um que se autoproclamou por questionar o sistema eleitoral venezuelano e o outro que foi reeleito para o seu segundo mandato consecutivo, mesmo sendo as eleições questionáveis.

O que poderia ser feito era a dissolução das eleições, e uma nova convocação com apuração e acompanhamento mais rigorosos de nações internacionais, e não a autoproclamação de um candidato, eleito pela Assembleia Nacional, como presidente do país. Desse modo, fica claro o jogo político de interesses, que se destacam as instituições de justiça e os militares, que deram sustentação para Maduro continuar no poder a despeito de todas as adversidades (Nascimento, 2020 p. 132).

O sistema político venezuelano é bem frágil e a qualquer momento pode ser quebrado, mudado, usurpado, pois depende das vontades das elites dominantes e do exército. Segundo Miranda (2014, p. 33-34):

[...] constante influência em sucessivos governos [do exército]. [E as] mudanças implementadas pelo governo Chávez, a partir da nova Constituição, convertem os militares em uma instituição orientadora da sociedade e da tomada de decisões debilitando o controle civil.

Atualmente, Maduro está no seu segundo mandato consecutivo como presidente venezuelano. O país está enfrentando uma grave crise política internamente e diplomática externamente.

A crise interna caracteriza-se pelo decréscimo econômico, pela fuga de mão de obra para outros países e pela hiperinflação (Venezuela [...], 2021). É uma das piores crises já enfrentadas pela Venezuela. Somando-se a falta de

³² O governo interino do Guaidó foi destituído (France Press, 2022; Poder 360, 2022).

produtos e insumos, a instabilidade econômica assiste a redução do poder de compra dos salários e da qualidade de vida, o que se reverbera em problemas de saúde e de segurança alimentar.

Devido ao agravamento dessa conjuntura, principalmente pela submissão da população³³ à fome, à miséria, à escassez de medicamentos e de alimentos, e às violações sistemáticas de direitos humanos (Trindade, 2014, p. 65), tem ocorrido o deslocamento forçado/expulsão de venezuelanos para outros países em busca de melhores condições de sobrevivência e de reprodução social, muitos venezuelanos imigraram para o Brasil, entrando no país por via terrestre através da fronteira seca existente entre o município de Pacaraima, situado em Roraima, e o município de Santa Elena de Uairén, situado no estado de Bolívar na Venezuela.

Para conter a crise econômica, o governo de Maduro adotou, em 20 de agosto de 2018, um “plano econômico” que previa a desvalorização da moeda nacional em 95,8% e a consequente subtração de cinco zeros de seu valor. No entanto, na prática, tais medidas foram insuficientes, pois a maioria da população encontra-se abaixo da linha da pobreza, motivando o governo a subsequentes aumentos do salário-mínimo (Silva, 2020, p. 35).

Nesse ínterim, a falta de manutenção e de investimentos em infraestrutura ocasionada pela carência de recursos, pela má administração e pela corrupção institucionalizada tem resultado em problemas para o devido funcionamento dos serviços públicos, incluindo o sistema elétrico, o fornecimento de água potável, o transporte público e a saúde (Urribarrí, 2016, p. 369).

Diante disso, verifica-se que a crise humanitária instalada na Venezuela tem natureza tridimensional, pois suas causas e feitos não estão circunscritos exclusivamente aos aspectos econômicos, mas também aos aspectos políticos e sociais, denotando a complexidade na propositura de soluções para tentar reestabelecer o equilíbrio desse Estado e do *status quo* de sua população (Silva, 2020, p. 35).

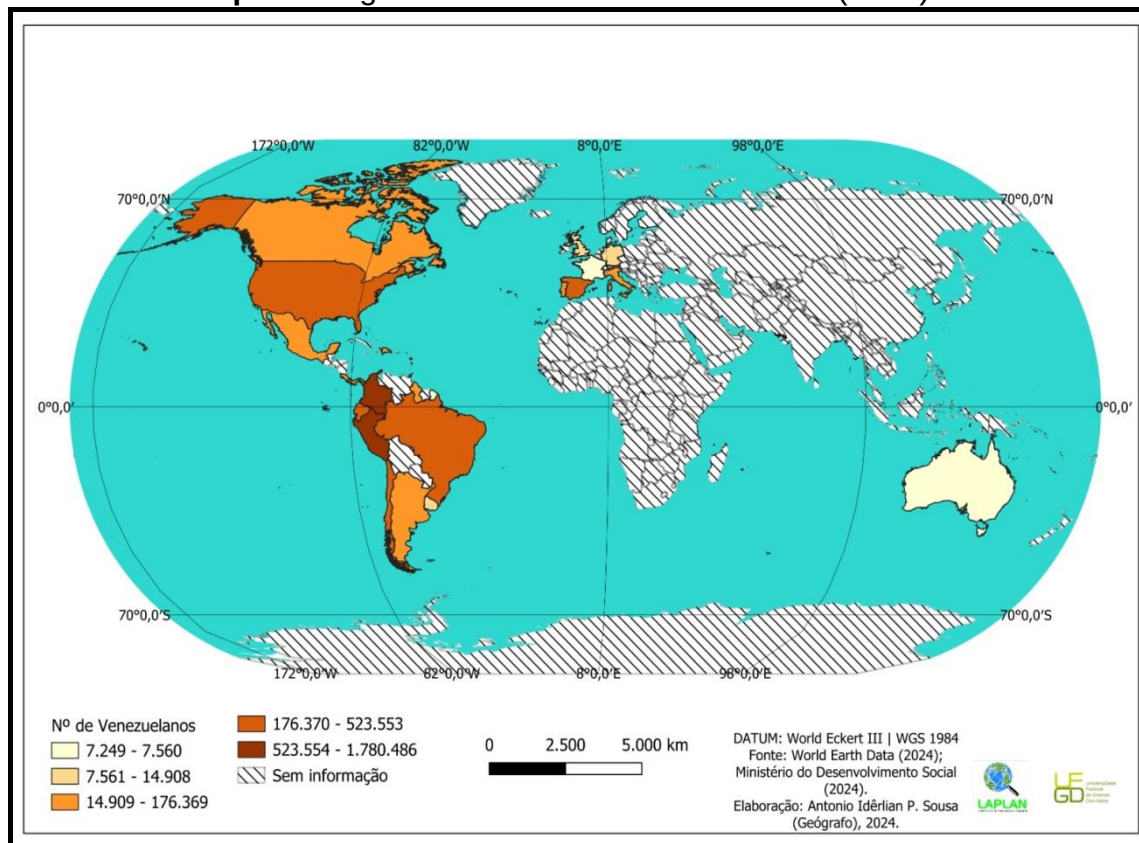
³³ Salientamos que somos complacentes com os problemas enfrentados pelos venezuelanos, mas não daremos soluções e nem nos posicionaremos. A intenção é trazer para o debate de suas causas e consequências para a população.

Do mesmo modo, vislumbra-se o fato de o governo negar a existência da crise humanitária que se abate sobre o país, ainda que ela continue crescendo e acarretando violações aos direitos à saúde e à alimentação da população sem perspectivas de cessação (HRW, 2016, p. 4). Externamente, há conflitos diplomáticos com a Colômbia, pois o país vizinho alega haver narcotraficantes escondidos na Venezuela, os quais teriam o suporte do governo de Maduro, e ameaça prendê-los em território venezuelano.

A Venezuela, por sua vez, alega não estar dando esconderijo para narcotraficantes e, caso haja qualquer tentativa colombiana de entrar no território venezuelano, a ação será considerada uma afronta à soberania nacional, entendida como invasão e declaração de guerra, sendo devidamente interceptada (Corrêa, 2023; Guimón; Manetto, 2020).

Segundo Folle (2021, p. 120), o caos econômico que a crise instalou tornou-se uma crise socioeconômica e migratória, “sendo a única saída para grande parte da população, o deslocamento massivo para os países vizinhos”. (Ver o **mapa 03**, **quadro 03** e o **gráfico 02**):

Mapa 3 - Migrantes Venezuelanos no Mundo (2020)³⁴.



Fonte: Datosmacro.com (2020). Adaptado pelo autor.

O **mapa 03** apresenta a distribuição no ano de 2020 dos venezuelanos(as) migrantes e os países que mais têm venezuelanos, tendo destaque a América do Sul, assim pode ser percebido o destaque para Colômbia, Chile, Brasil e Argentina.

Quadro 3 - Migrantes Venezuelanos – País de destino (2020).

PAÍSES	EMIGRANTES
Colômbia	1.780.486
Peru	941.889
Chile	523.553
Estados Unidos	505.647
Equador	388.861
Espanha	325.667
Brasil	248.105

³⁴ Os dados são referentes ao ano de 2020, pois as publicações do Datosmacro.com, trabalham com um período de 5 anos de publicação, assim os próximos dados e atualizações serão publicados em 2025.

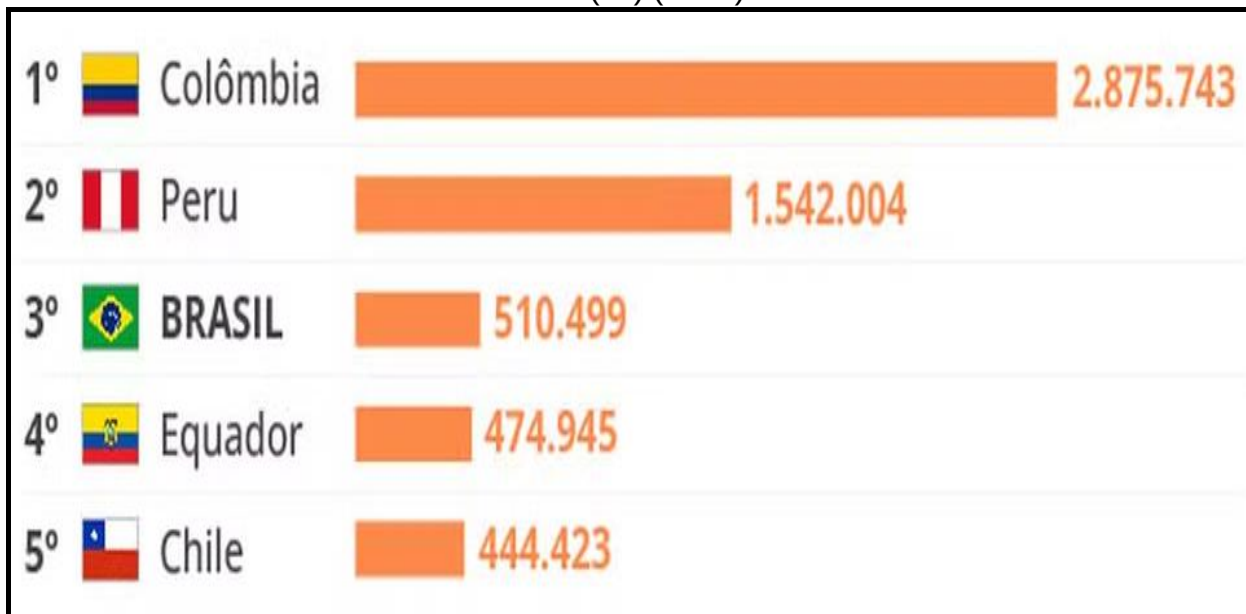
Argentina	176.369
Panamá	119.553
México	70.377
Itália	59.432
República Dominicana	34.063
Costa Rica	28.214
Portugal	27.732
Trinidad e Tobago	24.001
Guiana	23.326
Canadá	22.375
Uruguai	14.908
Alemanha	10.095
Reino Unido	8.611
Austrália	7.560
França	7.249
Bolívia	5.707
Suíça	5.212
Países Baixos	5.162
Bélgica	2.613
Haiti	2.488
Suécia	1.535
Áustria	1.302
Noruega	1.225

Fonte: Datosmacro.com (2020). Adaptado pelo autor.

O **Quadro 03** apresenta o quantitativo de migrantes venezuelanos(as), no ano de 2020, e os respectivos países que receberam migrantes venezuelanos, assim como o **mapa 03** pode ser percebido que o país que mais recebeu migrantes venezuelanos foi a Colômbia.

A Colômbia (**gráfico 02**) abriga o maior número de refugiados e migrantes da Venezuela, seguido pelo Peru, Brasil, Equador e Chile.

Gráfico 2 - Países sul-americanos com maior população de migrantes venezuelanos(as) (2023).



Fonte: O Globo, 2023. Adaptado pelo autor.

No **gráfico 02**, representa os cinco países que mais receberam migrantes venezuelanos. Na **subseção 3.7** discutiremos sobre a instabilidade venezuelana.

3.7 Instabilidade na Venezuela

Para a análise da atual situação venezuelana, é necessário levar em consideração o modelo econômico rentista³⁵ instalado naquele país desde o ano de 1949, permitindo que a entrada de petrodólares na economia nacional seja um fator de desestímulo à realização de investimentos privados em outras atividades industriais e econômicas, atrelando a economia a uma única *commodity*, o que a torna vulnerável ao mercado internacional quando os preços caem, podendo levar a economia ao colapso (Villa, 2000, p. 136-137).

³⁵ Na economia rentista, os custos de extração de petróleo e gás são relativamente baixos em comparação com o lucro gerado. Ademais, os Estados rentistas têm quatro características essenciais, quais sejam: a) a renda não pode ser o único tipo de renda na economia, mas deve ser predominante; b) a origem dessa renda deve ser externa; c) o Estado deve ser o receptor dessa renda e; d) uma minoria da população deve ser envolvida na geração da renda, enquanto a maioria está envolvida somente na sua distribuição ou utilização (Beblawi, 1987).

Assim, a relação entre o Estado e as riquezas geradas pelo petróleo, principal produto de exportação, é elemento de fundamental importância para podermos compreender o cenário político e econômico que assola a Venezuela atualmente (Villa, 2000, p. 137).

A exploração do petróleo sempre influenciou e delimitou o Estado e a sua relação com a sociedade, pois a existência desse recurso natural condicionou a maneira que o Estado interveio na economia independentemente do regime político, ditadura ou democracia, condicionando o relacionamento do Estado com os demais atores políticos, como sindicatos, partidos políticos, o setor privado e as Forças Armadas.

Em atenção a todo esse contexto de depauperação política, democrática e econômica, verifica-se que a crise política ganhou notoriedade com a denúncia sobre a Venezuela pela Convenção Interamericana de Direitos Humanos em 2013 durante o governo interino de Maduro, mas a crise ganhou mais força e destaque em 2014, em três momentos distintos, após a eleição de Maduro (Silva, 2020, p. 39).

Ao analisar os governos de Chávez e Maduro sob uma perspectiva histórica, percebermos similaridade em relação à vulnerabilidade econômica. Com isso, é possível indagar se a desintegração dos sistemas políticos precede às revoluções, assim como se a desintegração é uma contínua erosão da autoridade governamental e se tal erosão é gerada pela incapacidade do governo de funcionar adequadamente.

Da crise venezuelana é possível destacar dois momentos em que há o descontentamento da população. O primeiro remonta à chegada de Chávez ao poder, o qual, embora tenha sido eleito em 1998 com maioria dos votos e buscado manter o verniz democrático com o apoio popular, convocou uma Assembleia Nacional Constituinte, composta majoritariamente por apoiadores e redigiu uma nova Constituição em 1999, aumentando as competências presidenciais, outorgando-lhe um mandato com duração de seis anos e uma reeleição por igual período; dissolveu as duas câmaras que compunham o Congresso Nacional, transformando-o em um órgão unicameral chamado de Assembleia Nacional e formado por maioria de políticos chavistas; e extinguiu a Corte Suprema de Justiça, culminando na criação do STJ, composto por juízes

fiéis aos desígnios chavistas, denotando uma tendência à concentração de poder nas mãos do Poder Executivo e consequente burocratização do Estado venezuelano (Silva, 2020, p. 42).

O segundo momento se dá durante os governos de Maduro, tanto como presidente interino quanto como presidente eleito, quando há a denúncia do Estado venezuelano pela Convenção Interamericana de Direitos Humanos em 2013; o emprego crescente da violência por meio das forças de segurança contra os manifestantes a partir de 2014; a declaração do Estado de Emergência Econômica/Estado de Exceção em janeiro de 2016; e a cooptação do poder da Assembleia Nacional em agosto de 2017 por meio da criação de uma nova Assembleia Nacional Constituinte, corroborando para a instauração de uma duplicidade de sistema legislativo (Silva, 2020, p. 42).

Sendo assim, tanto o governo de Chávez quanto o de Maduro, ao pregarem um regime democrático e de estabilidade econômica, foram amplamente apoiados pela população devido às receitas elevadas do petróleo entre 2004 e 2012.

Entretanto, a partir de 2014, com a diminuição das rendas do petróleo, o modelo econômico entrou em colapso, sendo incapaz de sustentar e subsidiar os programas sociais do Estado, gerando descontentamento populacional e repressão das manifestações populares por parte do governo passou por meio da força, violando, dessa forma, os direitos humanos (Silva, 2020).

Além disso, há o embargo econômico imposto pelo governo de Donald Trump, que impede a Venezuela de usar seus ativos de governo que estejam nos Estados Unidos, e a proibição de comércio com empresas americanas, bem como ameaças de sanções contra qualquer empresa transnacional que fizer negócios com a Venezuela.

O bloqueio econômico dos Estados Unidos contra a Venezuela já vem de muitos anos com o intuito de destruir a economia venezuelana, que é dependente do petróleo. Desde 2014, os Estados Unidos manipulam o preço internacional do barril do petróleo na tentativa de prejudicar as exportações da Rússia, Venezuela e Irã (DCO, 2019).

Soma-se a esse fato também os bancos internacionais que passaram a impedir transações financeiras relacionadas ao pagamento da dívida venezuelana e ainda o impedimento da compra de produtos básicos, como remédios e alimentos.

Como consequência, desde 2013, a Venezuela vive uma guerra econômica causada pela burguesia e pelo imperialismo (DCO, 2019), que boicotam e impedem a compra de produtos básicos, levando à escassez de comida e medicamentos. Assim, compactuamos que a crise econômica que assola a Venezuela foi orquestrada pelos Estados Unidos, pois o país detém a maior reserva de petróleo do mundo e sempre foi visado pelos Estados Unidos e sua busca constante por monopolizar o petróleo.

Segundo os estudos de Vitto e Almeida (2020, p. 70):

O petróleo é a fonte de energia que movimenta quase a totalidade do setor de transporte nos Estados Unidos. Segundo dados da US Energy Administration, o petróleo respondeu por 89% da demanda de energia para o setor de transporte em 2018. [...] Apesar de ser um país produtor sólido, para satisfazer a demanda local, historicamente, dependeu das importações de petróleo de diversas províncias localizadas em regiões estáveis e não tão estáveis.

Por esse motivo, o petróleo ocupa um lugar preponderante na agenda de política energética, de segurança nacional e de política exterior daquele país. E a busca pelo controle das reservas de extração e de vantagens econômicas fez com que os Estados Unidos decretassem bloqueios e sanções contra a Venezuela.

Como numa guerra, procurando alternativas para fechar as portas e todas as possibilidades que a Venezuela pudesse encontrar para amenizar a crise e os embargos, quem com isso sofre diretamente as consequências é a população, sobretudo as camadas mais pobres por conta da disparada da inflação e da falta de recursos para serviços públicos e programas sociais.

Diante disso, surgiram várias manifestações e o crescente descontentamento contra o governo querendo mudança. As manifestações foram reprimidas violentamente, deixando evidente a destruição dos direitos civis por meio de ações arbitrárias.

O resultado da medida abalou diretamente a principal fonte de receitas em dólares do país, o petróleo, fundamental para uma economia que importa 85% do que consome (Rodrigues, 2019).

Essas sanções impossibilitaram a compra, por parte do governo, de diversos itens básicos, como remédios e alimentos, fazendo com que houvesse uma corrida aos supermercados, saques e o sumiço dos itens da cesta básica das prateleiras dos supermercados. A burguesia local, se aproveitando da corrida das pessoas aos supermercados, aumentaram os preços e não abasteceram as prateleiras, ocasionando revolta por parte da população.

O embargo estadunidense e o apoio da burguesia local venezuelana nos fazem refletir que a crise venezuelana foi orquestrada e financiada pelos Estados Unidos, que têm interesse em estabelecer um governo que seja favorável à política imperialista americana e condizente com a exploração petrolífera para a América do Norte.

A análise da atual crise política e democrática vivenciada pela Venezuela, portanto, torna-se oportuna, pois as manifestações populares denotam a insatisfação da população com relação à violação de seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, à fragilização das instituições com mandato fiscalizatório, aos mecanismos de freios e contrapesos e à forma com a qual Maduro tem conduzido o governo e repreendido seus opositores e manifestantes (Silva, 2020, p. 46).

De acordo com os estudos de Silva (2020, p. 47), corrigir a análise da atual crise política e democrática vivenciada pela Venezuela torna-se, portanto, oportuna, pois as manifestações populares denotam a insatisfação da população em relação à violação de seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais; à fragilização das instituições, com mandato fiscalizatório; aos mecanismos de freios e contrapesos; e à forma com a qual Maduro tem conduzido o governo e repreendido seus opositores e manifestantes.

De acordo com os estudos de Silva (2020, p. 48, 52):

Maduro tenta se manter no poder da Venezuela através do uso do último recurso do poder contra os seus opositores políticos e manifestantes, ou seja, a violência implementada pelas forças de segurança e armadas. [...] Além disso, a partir do momento em que Maduro se vale de instrumentos coercitivos e da persuasão de forma

desmedida para tentar assegurar a sua permanência no poder da Venezuela, sob as diretrizes de uma ordem constitucional, ele acaba por abandonar a violência a seu próprio caminho, a qual estilhaça o agir coletivo e, conseqüentemente, destrói o poder.

Por sua vez, Maduro ignora o fato de a ação violenta colocar a sua manutenção no poder em risco, e, mediante esse fato, surge a polarização política em 2015, na qual a maioria opositora da coalização Mesa de Unidade Democrática (MDU) saiu vitoriosa ao obter a maioria de dois terços dos membros do Congresso após 16 anos.

O TSJ declarou os atos e as decisões da Assembleia Nacional nulas. Com isso, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE), dominado por membros do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), suspendeu, por prazo indeterminado, um referendo revogatório convocado pela oposição para retirar o presidente Maduro do poder. Houve ainda um controle direto entre o governo e a Assembleia Nacional sobre a nomeação de alguns juízes, o qual se findou com a cooptação do Poder Judiciário pelo Poder Executivo (Silva, 2020, p. 48).

Diante do cenário de instabilidade política e das declarações inconstitucionais provocadas pela Assembleia Nacional e da declaração de estado de exceção e emergência econômica, somado à escassez de alimentos e serviços básicos de saúde, o Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luiz Almagro, apresentou, em 30 de maio de 2016, invocando o artigo 20³⁶ da Carta Democrática Interamericana de 2001, a intenção da convocação do Conselho Permanente para poder coletivamente fazer uma avaliação da situação na Venezuela.

³⁶ Artigo 20 da Carta Democrática Interamericana de 2001: Caso num Estado membro ocorra uma alteração da ordem constitucional que afete gravemente sua ordem democrática, qualquer Estado membro ou o Secretário-Geral poderá solicitar a convocação imediata do Conselho Permanente para realizar uma avaliação coletiva da situação e adotar as decisões que julgar convenientes. O Conselho Permanente, segundo a situação, poderá determinar a realização das gestões diplomáticas necessárias, incluindo os bons ofícios, para promover a normalização da institucionalidade democrática. Se as gestões diplomáticas se revelarem infrutíferas ou a urgência da situação aconselhar, o Conselho Permanente convocará imediatamente um período extraordinário de sessões da Assembleia Geral para que esta adote as decisões que julgar apropriadas, incluindo gestões diplomáticas, em conformidade com a Carta da Organização, o Direito Internacional e as disposições desta Carta Democrática. No processo, serão realizadas as gestões diplomáticas necessárias, incluindo os bons ofícios, para promover a normalização da institucionalidade democrática (OEA, 2001).

Em relação ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), no ano de 2016, existia uma discussão sobre a situação econômica e política venezuelana, pois a Venezuela deveria assumir a presidência do MERCOSUL após o Uruguai, pois a sucessão é feita por ordem alfabética. No entanto, a Argentina, o Brasil e o Paraguai se opuseram e a Venezuela foi suspensa como membro permanente pelo não cumprimento de requisitos para a adesão.

O TSJ venezuelano, em 2017, assumiu poderes legislativos, eclodindo vários protestos que foram duramente reprimidos e tiveram um balanço negativo, com a morte de cento e vinte pessoas e várias prisões arbitrárias. Em maio de 2017, foram convocadas novas eleições por Maduro para compor a nova Assembleia Nacional Constituinte, a fim de revogar a Constituição de 1999 e promulgar uma nova Constituição.

Em 31 de julho de 2017, num pleito rechaçado pela oposição, houve a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte formada unicamente por membros do PSUV, que, com suprapoderes, assumiu as funções do Poder Legislativo, retirando a importância da Assembleia Nacional liderada por partidos de oposição (ACNUDH, 2018, p. 4). Desse modo, a Venezuela passou a contar com sistema legislativo dúplice.

Em 08 de agosto de 2017, se reuniram em Lima, no Peru, os chanceleres e representantes da Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Peru para tratar da situação crítica da Venezuela e buscar formas de contribuir para a restauração de sua ordem democrática por meio de uma solução pacífica e negociada que não atente contra os direitos humanos (Silva, 2020, p. 49).

Essa reunião representou a criação do Grupo de Lima e, ao final do evento, a edição da Declaração de Lima, na qual existem dispositivos que condenam a ruptura da ordem democrática venezuelana; não reconhecem a Assembleia Nacional Constituinte e seus atos em função de sua ilegitimidade; e declaram a total solidariedade a Assembleia Nacional venezuelana eleita democraticamente (Grupo de Lima, 2017).

Posteriormente, em 20 de maio de 2018, ocorreu uma eleição antecipada ao pleito presidencial, resultando na reeleição de Nicolás Maduro

para um novo mandato de seis anos, isto é, para o período de 2019 a 2025, em detrimento do segundo candidato Henri Falcón.

Essa eleição foi caracterizada pela abstenção de 53,98% dos eleitores, por denúncias de fraudes, tida como não livre e injusta e não foi reconhecida pela União Europeia (UE), pelos Estados Unidos e pelos Estados que compõem o Grupo de Lima, com exceção do México. Esse resultado corroborou para desestabilizar ainda mais a sociedade venezuelana devido ao aumento dos protestos e mobilizações populares contra a continuidade do governo de Maduro (Agência Brasil, 2018; Giraldi, 2018; Moleiro, 2018).

Apenas os representantes da Bolívia, Cuba, El Salvador, Nicarágua, China e Turquia estiveram presentes na cerimônia de posse de Maduro, denotando reconhecer a sua legitimidade como presidente da Venezuela (Agência Brasil, 2018).

Porém, a Assembleia Nacional, composta majoritariamente por opositores, não reconheceu as eleições de 20 de maio de 2018 como democráticas e nem a suposição de que Maduro exerceria seu mandato de forma legítima, motivo pelo qual, em 15 de janeiro de 2019, declarou vaga a presidência da República Bolivariana da Venezuela e Maduro um usurpador. Diante dessa situação, a citada Assembleia aplicou três artigos da Constituição venezuelana de 1999, os quais são: 333, 350 e 233 (Zilla, 2019).

O artigo 333 resguarda o direito dos cidadãos, com ou sem mandato presidencial, fazerem cumprir a Constituição venezuelana caso ela seja violada ou desconsiderada, enquanto o artigo 350 confere ao povo o direito de se rebelar contra os regimes, as leis e as autoridades que minem os valores e os princípios democráticos e violem os direitos humanos.

Por seu turno, o artigo 233 regula qualquer uma das formas de ausência de presidente. No rol dos casos descritos, constam morte, renúncia, demissão decretada por sentença do Tribunal Supremo de Justiça, deficiência física ou mental permanente, demissão por referendo e abandono do cargo (Venezuela, 1999).

Como inexistir disposição constitucional que regule a atual situação da Venezuela, a Assembleia Nacional poderia aplicar, por analogia, o artigo 233 (Zilla, 2019). Caso o chefe de Estado se ausente antes de tomar

posse, novas eleições presidenciais devem ser realizadas dentro do prazo de trinta dias, período no qual o chefe da Assembleia Nacional ficará responsável pelos assuntos do governo, conforme as disposições do primeiro parágrafo do citado artigo 233 (Venezuela, 1999).

Além disso, a Assembleia Nacional elegeu Juan Guaidó como seu presidente, o qual durante uma manifestação ocorrida em Caracas, em 23 de janeiro de 2019, se autoneomou presidente interino. Desde então, Guaidó, membro do partido desconhecido Voluntad Popular, que pertence ao Internacional Socialista, passou a receber o apoio dos partidos opositores ao governo, de uma grande parte da população venezuelana (39%) e de 65 Estados, incluindo os Estados Unidos, países da Europa ocidental e os países membros do Grupo de Lima, que o reconhecem oficialmente em seu papel de transição, de facilitação ao recebimento de ajuda humanitária e por demandar novas eleições presidenciais (Silva, 2020; G1 mundo, 2019).

No dia 21 de fevereiro de 2019, caminhões carregados com alimentos e medicamentos saíram do Brasil, do estado de Roraima, em direção à Venezuela, mas foram impedidos de ingressar naquele país devido ao fechamento da fronteira entre Pacaraima e Santa Helena de Uairén. Dois dias depois, em 23 de fevereiro de 2019, houve um conflito entre oposição e governo relacionado à aceitação de ajuda humanitária após Guaidó ter assumido a liderança de um comboio de caminhões vindo de Cúcuta, na Colômbia, para a Venezuela, que traziam alimentos e itens de primeiros socorros.

Contudo, o que havia começado como uma operação de ajuda humanitária internacional, seguida dos discursos de Guaidó e dos presidentes do Chile, da Colômbia, do Paraguai e do Secretário Geral da OEA em Cúcuta, acabou em um confronto entre o comboio colombiano e militares e policiais venezuelanos (Zilla, 2019).

Diante dessa situação, os Estados Unidos não descartaram o uso de efetivo militar para derrubar o governo de Maduro na tentativa de estabilizar a crise venezuelana.

Como se fosse uma alternativa paliativa de fácil solução, assim determinaria que o único responsável pela crise venezuelana fosse o atual

presidente, apagando, desse modo, o histórico de exploração de petróleo por parte de empresas americanas em território venezuelano e toda a pressão que essas empresas fizeram para aumentar o seu poder sobre os governos venezuelanos e a lógica geopolítica americana de dominar a cadeia de produção petrolífera (DCO, 2019).

E somado a isso, houve as sanções econômicas que o governo estadunidense impusera à Venezuela, ou seja, um dos grandes responsáveis pela crise na venezuelana são os Estados Unidos com suas sanções econômicas, seu poderio bélico e sua influência política (DCO, 2019).

Caso a invasão tivesse ocorrido, o que se assistiria era o domínio, por parte dos Estados Unidos, das refinarias de petróleo e o aumento da influência americana no Cone Sul da América do Sul.

Felizmente, essa ideia foi descartada pela Europa e pelos Estados latino-americanos que apoiavam Guaidó e defendiam o diálogo para se chegar a um consenso com o governo de Maduro que pudesse permitir a ajuda humanitária internacional e a organização de novas eleições ou a sua renúncia.

Maduro recusou a ajuda humanitária internacional, e os Estados Unidos impuseram novas sanções à Venezuela a partir de 1º de maio de 2019. Com base nisso, recordamos que, desde 2015, os Estados Unidos, o maior comprador de petróleo venezuelano, vêm impondo sanções cada vez mais severas ao seu parceiro comercial, dentre as quais se destacam as restrições de concessão de vistos norte-americanos, o congelamento de propriedades e ativos do governo venezuelano e uma proibição a cidadãos e a empresas norte-americanas de conduzirem transações monetárias e comerciais com pessoas cujos nomes estejam na Lista de Nacionais Especialmente Designados e Pessoas Bloqueadas.

As mesmas sanções foram impostas pelo Canadá contra a Venezuela em setembro de 2017, as quais se tornaram mais severas em maio de 2018 (ACNUDH, 2019). Na **subseção 3.7.1** será discutindo o papel que a ONU deveria representar.

3.7.1 Pseudoneutralidade da ONU

Na teoria, a ONU³⁷ deveria ser neutra, ajudar os que mais precisam, promover a paz e a convivência harmoniosa entre os povos, mas não é isso que assistimos e sim a representação dos interesses das principais potências mundiais encabeçadas pelos Estados Unidos, um dos criadores da organização. Ou seja, tudo que for favorável aos interesses estadunidense, a ONU será favorável enquanto a União Europeia atua no papel de oposição, sendo, porém, na prática, favorável aos interesses liberais norte-americanos.

Não foi diferente em relação aos embargos à Venezuela. A União Europeia (UE), desde novembro de 2017, impôs um embargo à venda de armas à Venezuela, bem como o congelamento dos ativos de pessoas tidas como atores-chave no regime de repressão de Maduro e sua proibição de ingresso em qualquer Estado-membro do referido bloco econômico. Outros Estados europeus, como a Suécia e a Noruega, também impuseram sanções semelhantes às da UE (ACNUDH, 2019).

A Venezuela recebeu a visita da Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, entre os dias 19 e 21 de junho de 2019. A visita tinha por objetivo a obtenção de informações *in loco* sobre a situação da crise e as denúncias sobre violação de direitos humanos da população. A visita fazia parte de investigações e denúncias iniciadas em setembro de 2018 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

Ao final das investigações, Bachelet redigiu um relatório destinado ao Secretário Geral das Nações Unidas, Antônio Guterres, descrevendo as violações que afetam direta ou indiretamente todos os direitos humanos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais da população venezuelana (ACNUDH, 2019).

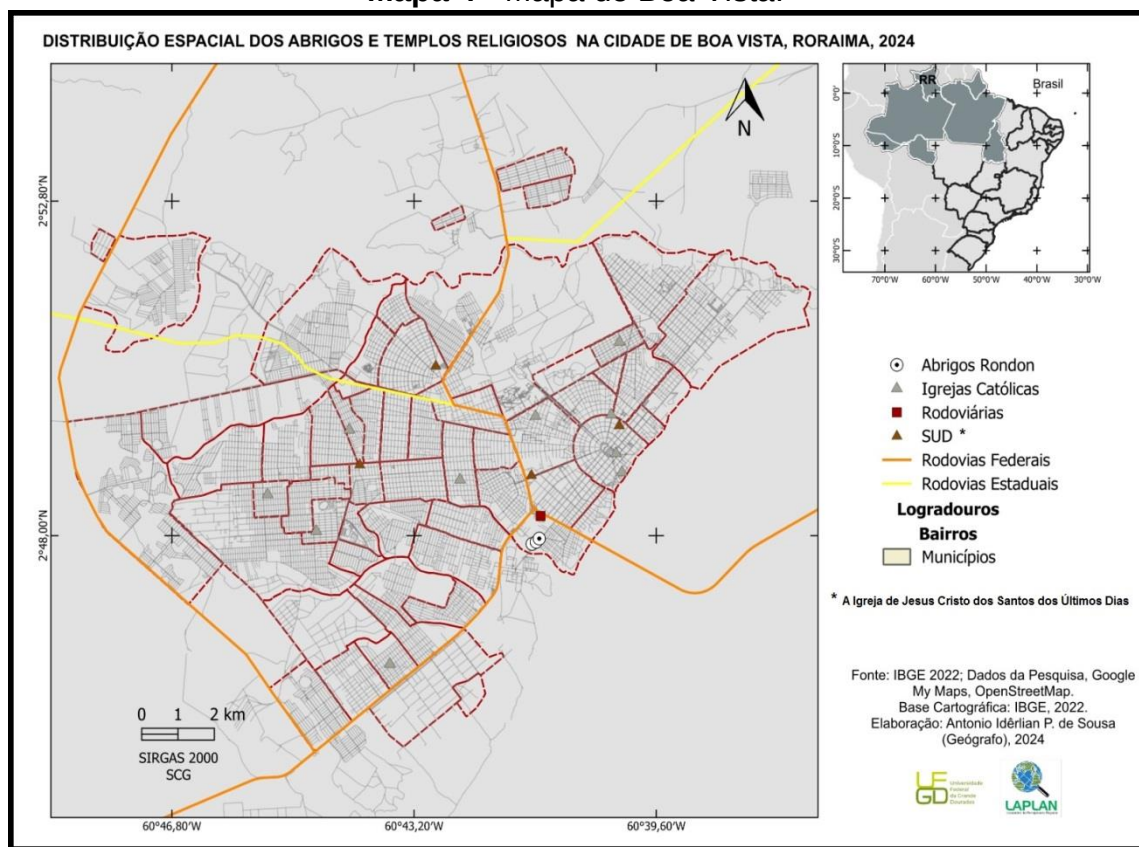
³⁷ A Organização das Nações Unidas foi criada oficialmente a 24 de outubro de 1945, quando sua carta fundadora foi ratificada pela China, pela França, pela Rússia, pelo Reino Unido, pelos Estados Unidos e por países signatários. O principal objetivo da organização é unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento com base nos princípios de justiça, dignidade humana e no bem-estar (História da ONU [...], [2024]).

Observamos que todo esse cenário de problemas econômicos, políticos e sociais resultou na instauração de uma crise humanitária na Venezuela, reconhecida internacionalmente (Moreira, 2018, p. 394).

Assim, com o agravamento da crise social e política, muitos venezuelanos migraram para o Brasil, saindo de Santa Elena de Uairén entrando por Pacaraima.

Por essas serem cidades fronteiriças, sempre foi constante a presença de venezuelanos(as) em Pacaraima e de brasileiros(as) em Santa Elena de Uairén, mas esse contexto sofreu mudança a partir de 2015, quando a entrada e permanência de venezuelanos(as) passaram a ser expressivas. Em situação de extrema vulnerabilidade, os venezuelanos buscaram usufruir da prestação de serviços públicos do setor de saúde e educação no Brasil, sobrecarregando um sistema já deficitário tanto em Pacaraima, quanto em Boa Vista (**mapa 04**), capital do estado de Roraima (RR).

Mapa 4 - Mapa de Boa Vista.



Fonte: IBGE, 2022, adaptado pelo autor.

No **mapa 04** vemos a distribuição espacial dos abrigos de Boa Vista (RR) e os templos religiosos que serviram de refúgio para os venezuelanos(as), até a retirada dos documentos, para continuar o processo de interiorização.

No entanto, a quantidade de venezuelanos(as) saltou entre janeiro de 2017 e abril de 2018: entraram, pela fronteira de Pacaraima, 262.307 venezuelanos (Brasil, 2019a).

Também se observa um grande crescimento do número de venezuelanos(as) solicitantes de refúgio, os quais, em 2015, eram 280, passando, em 2016, para 2.233 e, até junho de 2017, perfaziam um total de 6.438 solicitantes de refúgio na cidade de Boa Vista (Simões, 2017, p. 21).

Em relação ao âmbito nacional, as solicitações de refúgio eram 822 em 2015, passaram para 3.375 em 2016, subiram para 17.865 em 2017, aumentaram para 61.861 em 2018, e perfizeram um total de 104.224 solicitações até abril de 2019, das quais 99.858 estão ativas (Brasil, 2019a; 2019b).

Em 2017, foi realizada uma pesquisa para saber o perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil na cidade de Boa Vista. De acordo com a pesquisa, 66,9% dos nacionais venezuelanos chegaram a Roraima em 2017, enquanto outros 24% ingressaram no Brasil em 2016 e outros 6,5% chegaram antes de 2016, sendo que, desses, menos de 3% haviam migrado para a região antes de 2015 (Simões, 2017).

Desse modo, podemos afirmar que esse fluxo migratório recente é sem precedentes históricos (Simões, 2017, p. 25), bem como os dados e o cenário da crise humanitária e a situação de extrema vulnerabilidade dos imigrantes, a sobrecarga dos serviços públicos de educação e saúde de Pacaraima e Boa Vista, a associação xenofóbica de imigrantes venezuelanos ao aumento da violência, da prostituição, do tráfico de drogas e da precarização do trabalho por parte de moradores locais. Dessa forma, surgiram mobilizações entre civis e órgãos públicos para buscarem soluções e auxiliar os imigrantes.

De acordo com Kafruni (2018, p. 02):

Em busca de uma vida melhor, os venezuelanos pedem refúgio no Brasil. A maioria entra no país pela fronteira dos estados de Roraima

e do Amazonas. De acordo com a Polícia Federal de Roraima, somente em 2017, mais de 30 mil venezuelanos se deslocaram para Boa Vista. Hoje, a estimativa é de que 40 mil habitantes da capital, quase 10% da população, sejam refugiados da Venezuela. A principal porta de entrada é a cidade de Pacaraima, município com 12 mil habitantes.

Em relação ao crescente contingente de imigrantes venezuelanos para o estado de Roraima, é possível inferir que a mobilização mais incisiva entre os civis e os órgãos públicos em prol da cobrança de medidas governamentais para lidar com esses imigrantes só ocorreu mediante ao fato de que não era possível fazê-los regressar ao seu Estado de origem, bem como em função dos impactos gerados pela chegada de tais pessoas aos municípios de Pacaraima e de Boa Vista, atrelados à sua necessidade de regularização migratória para obter acesso aos seus direitos humanos (Silva, 2020, p. 124).

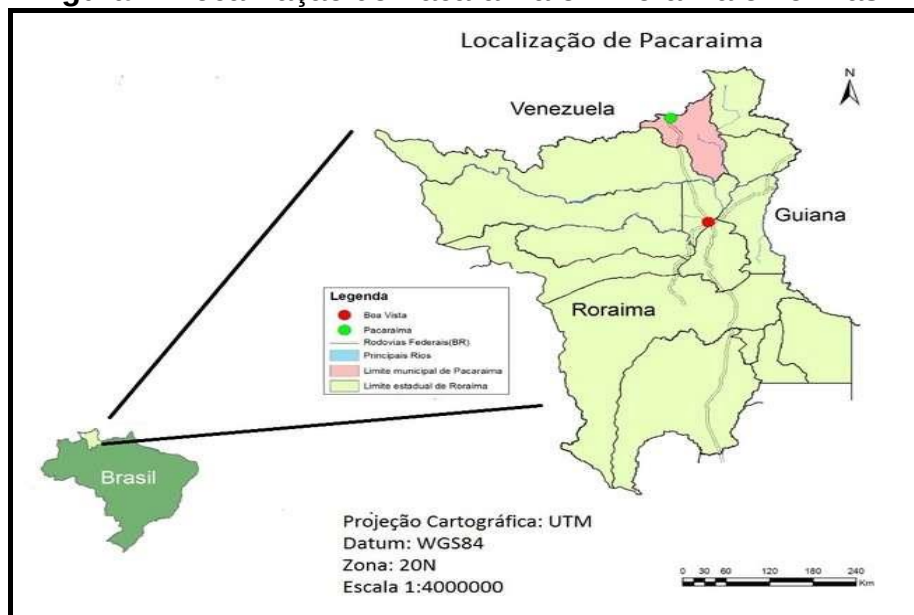
Para reduzir a entrada de venezuelanos em Roraima, o governo estadual, por meio da governadora Suely Campos — filiada ao Progressistas (PP) —, entrou com uma ação no Supremo Federal (STF) pedindo que a União fechasse temporariamente a fronteira entre Brasil e Venezuela (Rodrigues, 2018) alegando que “para resolver os impactos da migração e proteger o povo de Roraima [era] preciso que a fronteira [fosse] fechada temporariamente”. O discurso da governadora ainda foi além.

Ela atribuiu aos imigrantes o aumento da violência, da criminalidade, do tráfico de drogas, de armas, da prostituição e de doenças como o sarampo, além de dizer que venezuelanos estavam “tirando os empregos de roraimenses. Os venezuelanos vêm para cá e são obrigados a trabalhar. Temos que agir para preservar os empregos dos brasileiros e também o território” (Kafruni, 2018).

Registrou-se também a visita *in loco* do então presidente da república Michael Temer em fevereiro de 2018, junto ao senador Romero Jucá, para acompanhar as questões relacionadas ao grande fluxo migratório de venezuelanos e as queixas da governadora do estado de Roraima (**figuras 04 e 05**) relativas à superlotação do sistema público de saúde e de educação, já

deficitário e ineficiente. Após a visita de Temer, foi criada a Força-Tarefa Logística Humanitária³⁸, federalizando a questão do fluxo venezuelano.

Figura 4 - Localização de Pacaraima em Roraima e no Brasil.



Fonte: Base cartográfica IBGE, 2010. Adaptado pelo autor.

Figura 5 - Divisa entre Brasil e Venezuela.



Fonte: Notilogía, 2019.

³⁸ Formada por interações em virtude da interação das Forças Armadas com uma série de agências governamentais, internacionais, religiosas e humanitárias que participam da operação (Oliveira, 2019, p. 99). Uma operação de caráter humanitário, mas o seu intuito é de ordenamento da fronteira e gestão de abrigos feitos pelo exército.

Também se destacam os discursos não ortodoxos de Temer em 13 de fevereiro de 2018 ao afirmar que seria necessário ordenar a entrada dos venezuelanos, cogitando a distribuição de senhas. Assim ordenaria a entrada de 100, 150 a 200 imigrantes por dia, pois era preciso “proteger a integridade territorial e os habitantes de Roraima”. Em 20 de março de 2018, durante visita, o presidente colombiano Juan Manuel Santos ao Brasil declarou que o “êxodo venezuelano para o Brasil e para a Colômbia perturba os países da América Latina” (Kafruni, 2018).

As medidas impetradas pelo governo Temer e pela governadora Suely eram puramente populistas e eleitoreiras visando ao pleito a ser realizado em outubro de 2018, pois a popularidade de ambos estava baixa e eles pretendiam concorrer à reeleição. Por essa razão, delegavam aos migrantes a falência do estado por não poder suportar o grande contingente de migrantes e não às más gestões anteriores e ao governo federal o dever de defender a soberania nacional (Silva, 2020).

Vale ressaltar ainda o papel de destaque que a mídia teve ao tornar público o fluxo diário de venezuelanos em território nacional e as declarações da governadora Suely ao atribuir a responsabilidade pela quebra da estabilidade da população roraimense e pelo colapso do sistema público de educação, segurança e saúde ao ingresso e à permanência de migrantes vindos da Venezuela para Roraima, endossadas pelo discurso do então presidente Temer sobre o dever do Estado de zelar pela soberania nacional (Silva, 2020).

Com o aumento crescente do fluxo migratório de venezuelanos(as) para o Brasil, surgiu o Projeto Acolhida em meio a diversas tentativas judiciais de fechamento da fronteira.

Após a criação do Projeto Acolhida, muitos venezuelanos tiveram a sua situação regularizada e, por iniciativas de religiosos e ONGs, passaram a ser interiorizados.

Nesse sentido, no **capítulo quatro** apresentamos uma discussão acerca do movimento migratório internacional.

4. MOVIMENTO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL VENEZUELA X BRASIL

No presente capítulo, buscaremos compreender a migração internacional venezuelana. A discussão proporcionará um melhor entendimento sobre a crise social, política e econômica que foi o principal fator de expulsão de muitos indivíduos, fazendo com que buscassem melhores/outras condições de sobrevivência em outros países.

Assim, num primeiro momento, faremos uma sucinta discussão sobre as migrações e os deslocamentos humanos em um contexto de migração atual, depois faremos breves comentários descritivos sobre a situação crítica venezuelana, também discutindo sobre a violência que é um dos fatores que causam a fuga.

Posteriormente, versaremos sobre política de interiorização dos venezuelanos(as) no Brasil e também tomaremos como exemplo a cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul, nosso objeto de pesquisa fazendo um recorte com os venezuelanos que entrevistamos.

Na sequência, discutiremos sobre os migrantes venezuelanos no Brasil e as dificuldades linguísticas enfrentadas, somando a isso, traremos relatos dos entrevistados e algumas fotos.

4.1 Síntese sobre migrações

Não objetivamos apresentar todas as discussões teóricas referentes à globalização e as migrações, mas trazer alguns apontamentos que podem dialogar com o fenômeno sob os reflexos da diáspora venezuelana.

Buscamos, dessa forma, entender como o sistema global influencia/modela/altera o gerenciamento, a intensificação política econômica oferecendo soluções paliativas e agravando as disparidades, bem como a mobilidade humana. Nesse sentido, destaca-se que somente respostas locais muitas vezes são insuficientes para resolver questões globais, como é o caso da crise venezuelana e consequentemente a migração forçada.

A mundialização dos mercados globais, por sua vez, gera a migração forçada daqueles que não participam do jogo promovido pelas flexibilizações

de leis de direitos, criando/gerando tensões, vulnerabilidade econômica e violência.

Acresça-se a isso o fato de que as migrações atuais podem ser compreendidas como um movimento de redes, mudanças, transformações, ressignificação, desterritorialidade e reterritorialização e acultramento que, segundo Milton Santos (2007, p. 145), pode causar, em um primeiro momento, a hostilidade cultural aos indivíduos em trânsito migratório, sendo que sua adaptação cultural forçada é a “Desterritorialização” da pessoa, sua alienação como nacional de outro país que deverá enfrentar muitas vezes sua hibridização para que seja integrado socialmente.

Há várias causas que levam as migrações atuais, com as pessoas que se deslocam por razões sociais, econômicas, políticas, climáticas e religiosas. O que assistimos é a criação, cada vez mais, de barreiras maiores e a disseminação de ideologias nacionalistas para restringir cada vez mais a circulação das pessoas.

A restrição das políticas migratórias incentivou também a formação de organizações destinadas a favorecer o ingresso, legal ou ilegal, de migrantes nos países (Barros, 2012). Ou seja, a migração é um processo social complexo, repleto de transformações e condicionantes, como fatores históricos, sociais, políticos, sentimentais e outros elementos.

A migração causa dor e sofrimento e segundo Weissmann (2018, p. 22):

O imigrante estará sujeito a enfrentar a sua própria adaptação, que ocasionará mudanças de perspectiva cultural e social [...]. É o momento de sua imigração e adaptação que o indivíduo terá que superar a perda e o luto, que é a fase inicial do périplo individual.

Dessa forma, o migrante passará a compreender a hibridização da sua cultura ao reformular a cultura local onde está vivendo, adaptando pontos e elementos que achar importantes, adequando-os para si. Há ainda a reafirmação de elementos culturais da sua terra natal.

Com isso, a interação cultural é uma possibilidade que o migrante tem de compreender/apreender e adquirir novas habilidades que permitam

conhecer o outro, enriquecendo a sua cultura, como podemos perceber na fala de Josias:

Quando a situação econômica da Venezuela melhorar, as pessoas que migraram irão voltar e a Venezuela vai ser o país mais desenvolvido do mundo, pois nós tivemos contato e passamos a conhecer outras culturas, como a brasileira, e os conhecimentos que apreendemos aqui vamos implementar na Venezuela. Talvez nós não, pois estamos velhos, mas nossos filhos com certeza sim (Entrevista Josias, 14/05/2023).

Na fala de Josias, fica nítido que existe uma interação cultural entre venezuelanos e brasileiros, o que, segundo seu discurso, é um fator que poderá beneficiar a Venezuela futuramente, pois, em seu entendimento, a crise é passageira e as pessoas voltarão para a Venezuela e poderão colocar em prática o que apreenderam em outro país.

Como o relatado por Francia: “você passar um tempo em outro país, você vai se acostumar com a nova cultura”. Também fala da interação alimentar que teve com seus colegas de trabalho no supermercado, por meio do intercâmbio de pratos brasileiros e venezuelanos:

No mercado onde eu estava trabalhando, algumas pessoas tentaram comer, aí eu tinha que fazer o café da manhã aos domingos. Aí quando era a minha vez, eu levava pratos típicos da Venezuela e eu também comia pratos brasileiros. Então nós estamos interagindo nossa cultura, nossa gastronomia com o povo brasileiro, onde a gente passa levar uma jaca, que é outra comida tradicional. Compartilha essa parte da nossa cultura e na verdade, até agora, não experimentei dobradinha. Falam que é ruim. A feijoada, para mim, pelo menos, eu gosto de comer meu feijão preto com açúcar, eu acho que nunca vou perder isso. É gostoso. Nessa parte, tipo, eu vou ao restaurante eu vou comer feijoada, mas vou pedir açúcar e eu vou colocar açúcar, eu vou tirar as carnes e vou colocar açúcar. Então, para mim, comer feijoada vai ser sempre assim, aí todo mundo vai achar meio estranho (Entrevista Francia Arzuaga, 23/02/2023).

E continua quando fala das experiências e da maturidade que adquiriu ao imigrar:

E também para poder ter novas experiências, [...] nós não somos os mesmos que saímos de lá. Se nós voltarmos, teremos muita experiência, e muitas coisas estão melhorando, não só que a gente pegou outra língua, não só outra cultura, [também] ter mais maturidade. Seria outra visão da vida. Melhorou somos mais humildes, temos mais compaixão pelos outros, somos mais tolerantes, melhoramos muitas coisas. Então, foi uma experiência que a gente mesmo que saiu por uma oportunidade econômica, é uma oportunidade para crescer como pessoa (Entrevista Francia Arzuaga, 23/02/2023).

Assim, os movimentos migratórios passam a ser um meio de adaptação/aprendizagem e de criação de uma cultura híbrida por meio da convivência e do relacionamento com o outro. Os imigrantes passam a estabelecer uma releitura, criando conexões culturais por meio do trânsito intercultural (Canclini, 1998).

Dessa forma, segundo os estudos de Weissmann (2018, p. 30, 33):

[...] intercultural, pois dessa forma é possível visualizar o imigrante como um indivíduo coautor, juntamente com a sociedade civil, de sua adaptação cultural e integração social, afastando os ideais de serem excluídos e afastados dos processos.
[...] Só desta forma, o imigrante poderá sentir-se acolhido e respeitado como um ser cultural.

As ondas migratórias são uma realidade da sociedade contemporânea, sejam sul-norte ou sul-sul, sendo muito complexos e vários os fatores levados em consideração pelo indivíduo ao migrar.

Portanto, a migração sul-norte ocorre quando os indivíduos de países em desenvolvimento vão para países já desenvolvidos, por exemplo, os mexicanos que vão para os Estados Unidos, os brasileiros que vão para a Europa ou Japão. Esse fluxo é caracterizado pela busca de melhores condições de vida, trabalho, moeda forte, melhores tecnologias e estudo (McAuliffe; Triandafyllidou, 2021).

Já a migração sul-sul ocorre quando os indivíduos de países em desenvolvimento migram para países também em desenvolvimento, que apresentam similaridade de condições econômicas e de produção, muitas vezes buscando fugir de repressão/perseguição. Destacamos que esse fluxo é sazonal e circular, pois ocorre entre países em desenvolvimento (Baeninger *et al.*, 2018).

Partindo da explanação acima, as migrações que ocorreram nas últimas décadas sempre estiveram relacionadas de forma direta ou indireta pela atração ou expulsão. E, de acordo com apontamentos da ONU (2019), o número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões.

É o século das migrações. Estudos apontam que as migrações estão ligadas à instabilidade, a crises econômicas ou conflitos, além de outras

tendências de longo prazo, como mudanças demográficas, desenvolvimento econômico, avanços na tecnologia de comunicação, acesso a transportes e eventos climáticos extremos, todos os fatores tidos impulsionadores/causadores do processo de migração (McAuliffe; Triandafyllidou, 2021).

A migração é motivada/causada por repressão política, perseguição religiosa, violência urbana, ditadura, instabilidade socioeconômicas e éticas, conflitos civis ou militares e catástrofes naturais, levando um sem-número de pessoas a se deslocarem para o país mais próximo (Parlamento Europeu, 2020).

Segundo Folle (2021, p. 24-25):

Esse contexto tem recebido mais atenção recentemente, por ser quase um reflexo do aumento do número de refugiados, que migram em sua maior parte para países próximos aos seus de origem, sem se importar diretamente com a condição econômica do país receptor.

O escopo migratório ocasiona um complexo impacto de transição demográfica, e a recente crise econômica e financeira venezuelana ressignificaram as rotas migratórias na América do Sul.

Batarce (2016, p. 50) afirma que “os deslocamentos de populações acontecem ao longo do tempo em escalas espaciais variadas, diferenciando-se no espaço de acordo com o tempo histórico”, ou seja, as populações se deslocam ao longo do tempo em múltiplas escalas espaciais que variam de acordo com o tempo e os acontecimentos mundiais, articulados na escala local, regional, nacional e internacional.

Os fluxos são relacionados e interligados simbioticamente com a espacialidade e o tempo histórico ganhando múltiplas denominações, tais como, fluxos (e/i)migratórios, (e/i)migração, movimentos (e/i)migratórios e, por fim, diáspora. O que os assemelham é que seguem um sentido de maior ou menor grau de complexidade e mobilidade espacial, implicando no deslocamento de pessoas de um lugar para outro, podendo ser dentro da mesma nação ou de um país para outro. Segundo Batarce e Batista (2020, p. 149).

[...] os lugares receptores dos fluxos migratórios chamam a atenção dos migrantes porque normalmente são lugares cuja presença do capital é intensa, nessa fase do capitalismo. Desta maneira, no modo de produção capitalista, cada lugar possui sua especificidade e se insere neste modelo diferentemente um do outro. Ressaltamos, assim, a importância dos acontecimentos mundiais, articulados às escalas local, regional e nacional, que aparecerão no contexto histórico, econômico, político, social, cultural de cada lugar.

O que se tem que pensar é que no epicentro do fenômeno estão seres humanos que têm sonhos, família, profissão e estão “fugindo” de seu país em busca de trabalho e uma vida melhor. Como relatado em entrevista pela senhora Francia Arzuaga, 25 anos, residente no Jardim Água Boa (venezuelana de EL Tigre, interiorizada em Dourados em julho de 2019, atendente de supermercado e cursando administração em EAD): “é muita diferença, aqui a gente se sente mais seguro”. Na fala da entrevista do pastor Asdrubal Hernandez, 62 anos, residente no Jardim Flórida I (venezuelano de Bolívar, interiorizado em Dourados em novembro de 2019, pastor evangélico da Igreja Assembleia de Deus Missão Belém): “sou muito grato ao Brasil por me dar a oportunidade de reconstruir minha vida”.

O processo migratório é, muitas vezes, traumático e difícil, pois o migrante passa a viver em outro país, a conviver com outros costumes e outra língua, tendo que se adaptar a outro estilo de vida, a outros costumes. Se o migrante não tiver o apoio de outros migrantes, de parentes e até mesmo da igreja, ou ONGs, vai sofrer muito, como relatado pelo pastor Emilio:

Muitas vezes, atendo ligações de irmãos venezuelanos de outras igrejas, falando que as coisas estão difíceis, que a vida aqui no Brasil não é fácil, que têm saudades da Venezuela. Outros ligam para pedir conselhos. Percebo que me procuram por não ter com quem conversar e por se sentirem sozinhos. Aqui na Igreja também, os irmãos me ligam quase todos os dias para pedir conselhos, e essa semana estou fazendo jejum e oração para um casal não se separar (Entrevista Pastor Jesus Emilio Perez, 02/03/2023).

Contudo, existe, nesse sentido, outro fator de sofrimento, que é a discriminação e os preconceitos vivenciados pelos migrantes ao buscarem postos de trabalho. Muitas vezes, sua habilitação profissional é colocada em questionamento, sendo obrigados a ouvirem palavras de cunho pejorativo.

Para 2018, o número de pessoas fugindo de guerras, perseguições e conflitos superou a marca de 70 milhões — e, no ano de 2022, a soma passou de 108,4 milhões. Em três anos, houve um aumento aproximado de 38 milhões de pessoas que foram obrigadas a migrar (ONU, 2023). Este é o maior nível de deslocamento forçado registrado pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) em seus quase 70 anos de atuação (ACNUR, 2019).

Folle (2021, p. 26) aponta em seus estudos que o número de migrantes internacionais atingiu um novo patamar no ano de 2019, quando chegou a 272 milhões de pessoas em deslocamento. Apesar de estar em constante crescimento, a proporção é ainda estável, representando aproximadamente 3,5% da população global (OIM, 2019).

Em seus estudos, Folle (2021, p. 26) mostra que a maior parte dos migrantes está em idade laboral, 74% para ser mais preciso, que é da casa dos 20 aos 64 anos. Portanto, a migração pode ser vista como um fenômeno que envolve as populações jovens com objetivos de melhores condições de vida e de trabalho. É visualizado que 64% dos 272 milhões de migrantes, 164 milhões, migraram por questões laborais e econômicas.

No ano de 2023, existiam 281 milhões de migrantes internacionais no mundo, de acordo com a OIM (OIM, 2023), e, de acordo com a informação compilada no Relatório Mundial das Migrações de 2022, da Organização Internacional para as Migrações das Nações Unidas (OIM), desde 2020, as migrações internacionais aumentaram 3,5% em comparação com o ano anterior, 135 milhões são mulheres e 146 milhões são homens (TRT Português, 2022).

Diante da recessão econômica, da fome, do desemprego e da violência, muitos venezuelanos decidiram migrar, e o Brasil, por fazer fronteira terrestre com a Venezuela, passou a ser porta de entrada de venezuelanos que buscam melhores condições de vida e uma oportunidade de uma ascensão social. Chegando ao Brasil, são interiorizados em vários estados, entre eles, Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados, nosso objeto de estudo.

Na **subseção 4.2** discutiremos sobre os deslocamentos humanos.

4.2 Os deslocamentos humanos

A globalização não é um fenômeno que se expande de forma única. Trata-se de uma realidade na qual se ampliam os conflitos entre diferentes grupos sociais. Há uma necessidade de um campo hegemônico que é imposto por países com grande poder de ingerência e persuasão (Gabatz, 2020, p. 31).

O fenômeno da globalização enseja repercussões nos diferentes âmbitos das relações sociais, contribuindo de forma incisiva para as desigualdades e a precarização das condições de vida dos segmentos, historicamente, excluídos. Nesta perspectiva, os princípios da democracia, cidadania e os direitos humanos, são colocados em questão, principalmente, pela incidência de mecanismos penais. (Gabatz, 2020, p. 29).

O mundo que hoje amplia o conhecimento técnico e científico e as estratégias pautadas na consolidação do lucro também se encontra imerso em uma potencial capacidade de destruição da vida e de exclusão (Gabatz, 2020, p. 29) resultante de múltiplos fatores e situações sociais e individuais, tais como, políticas, sociais, econômicas, históricos-geográficas e territoriais, tendo o migrante em mente que, ao migrar, terá melhores condições laborais e de vida e poderá enviar recursos financeiros os que não migraram.

E também por entender que os descolamentos sociais existem, pois há uma diminuição das oportunidades e reproduções de perspectiva de vida. Nesse sentido, se faz necessário refletir sobre fatores culturais, sociais e políticos que levam o sujeito à tomada de decisão sobre a migração, ou o contexto social onde ele está inserido e os fatores que ocasionaram a expulsão/fuga em busca por melhores oportunidades laborais.

Desse modo, podemos entender que a dinâmica da vida humana se estabelece em múltiplos processos, denominados de rupturas, descontinuidade e continuidade, ou seja, a vida humana é uma constante metamorfose, passa por mudanças constantemente.

Em contrapartida, há compreensão de que os deslocamentos humanos estão interligados às relações sociais, pois a migração sempre fez parte do nomadismo humano, da busca por um melhor local de subsistência, como um melhor local para a caça e a pesca desde a antiguidade.

Os deslocamentos sempre fizeram parte da vida humana. Com o sedentarismo, os deslocamentos humanos ganharam outras características relacionadas à agricultura e, atualmente, ao acirramento das contradições capitalistas.

Os padrões da migração internacional passaram a refletir tanto as desigualdades entre os países como as mudanças econômicas e sociais que ocorrem em diferentes locais. No atual momento histórico, exceto no caso dos conflitos armados e dos desastres naturais, a globalização é o principal fator que ativa os movimentos migratórios entre países e determina seus contornos (Martine, 2005, p. 8).

Corroborando com os estudos de Martins (2002, p. 126-127), a migração é normal na sociedade moderna. O que não é normal é a não migração. Normal é quem migra, ou seja, o autor discute que o ato do deslocamento é natural do ser humano, mas o que se tem que discutir é, em primeiro lugar, pensar criticamente por quais motivos vimos problemas na migração, pois não há.

E o que é preocupante é com o problema social das migrações e o grande fluxo de pessoas indo de um lugar para outro podem ocasionar problemas estruturais aonde chegam. Ou seja, nem todos os migrantes são problema social, mas, nas migrações, há, sem dúvida, um problema social, a busca por melhor perspectiva de vida.

Há que se considerar outros fatores que levam à migração, não somente as expulsões causadas pela fome, guerras, epidemias, desemprego e repressão política, mas também a atração de mão de obra, pois, com a concentração de capital e a circulação de capital financeiro, há uma maior geração de empregos e demanda de profissionais altamente qualificados, além de uma crescente demanda por profissionais para exercer funções com baixa remuneração que os nacionais não querem fazer, o que se torna uns dos fatores de atração para migrantes.

Entre os motivos que impulsionam e servem de combustível para a situação está uma das maiores crises humanitárias da Venezuela, com dados alarmantes de violência e desrespeito generalizado aos direitos humanos, além de uma forte crise na área da saúde, alimentação, perseguição, repressão,

controle social, violência generalizada, colapso de fornecimento de serviços públicos básicos como água, luz e gás, bem como a desestrutura econômica do país de uma forma geral (OEA, 2019).

Quando o migrante é forçado a migrar da sua terra natal devido à necessidade de ter melhores condições de vida e de trabalho, a saída do seu território gera nos migrantes a perda do referencial de pertencimento, ou seja, há a desterritorialização, e aquele território de vivência passa a ser ressignificado, passando a ter outro sentido, outro significado, passando a ser um território de lembranças, ou seja, um território imagético.

O território de vivência imaterial não pode ser mais mensurado, assim será reterritorializado nas memórias ao se recordarem de suas vivências, que passaram a ser a sua história de vida e são contadas cheias de sentimentalidades em outro território que compõem outro tempo espaço.

Essas representações podem ocorrer em datas comemorativas quando procuram usar vestimentas típicas, comer pratos tradicionais e se comunicar na língua nativa. Essas representações constituem um tempo histórico e territorial que não existe mais, só existe nas memórias, e estas são ativadas em reuniões e comemorações familiares e também quando estão na igreja e fazem o uso da palavra relatando, durante a pregação, o tempo que viviam no país de origem, as dificuldades enfrentadas durante o processo migratório, e exaltando esse processo como uma provação de vida.

Por meio dessa reflexão, surgem questionamentos como: se existe somente em suas memórias esse território, como se pode afirmar que não existe mais?

Para responder a essas reflexões, partimos da interpretação que um mesmo corpo não pode ocupar dois espaços ao mesmo tempo, ou seja, somente um. Por isso, o território que existia, que era constituído por relações de múltiplas vivências, deixa de existir quando a pessoa emigra.

Portanto, a pessoa irá ocupar e se relacionar em outro território, ocupando outro tempo espaço físico. Porém, os territórios de vivência anteriores à emigração fazem parte da sua história de vida e, por estarem em suas memórias, podem, de forma imagética, ser ativados e lembrados a

qualquer momento, ao se recordar ou ao se ouvir elementos que ativam suas memórias.

Com isso, as suas representações são reconstruídas em outro tempo espaço, sendo representações imagéticas daquele território, assim as reproduções imagéticas são recriadas no novo local em que estão vivendo, podendo ser uma representatividade nostálgica e histórica anterior à migração ou de dor e sofrimento se a expulsão³⁹ for traumática e repentina, como numa guerra, perseguição política, religiosa, crise econômica ou catástrofe natural.

Essas reconstruções imagéticas fazem parte do processo de reterritorialização, pois é o momento em que o migrante se territorializa no novo local procura representar elementos da sua cultura, como em reuniões familiares, comemorações religiosas e datas comemorativas.

A desterritorialização, por sua vez, gera dor, ansiedade, angústia e sofrimento, visto que o homem é um ser social que necessita de identificação com um local de pertencimento⁴⁰, ou de referenciais que remetam ao pertencimento para se sentir protegido e seguro, o que ocorre por meio de relações de reprodução social e do convívio familiar (Jerônimo; Gonçalves, 2008, p. 195-196).

Como exemplo, citamos Sassen (2016b) sobre a expulsão de sua terra natal e o processo até se reterritorializar no novo local. Essa nova territorialização é, por vezes, traumática, leva tempo, não acontece de uma hora para outra, pois vários fatores influenciam, como adaptação física ao novo local, domínio da nova língua e condições laborais confortáveis para a sua reprodução social.

E, enquanto não se completam esses elementos, o imigrante perde as suas referências de cotidianidade e de espacialidade, tendo que se adaptar a

³⁹ Partimos da perspectiva estudada por Sassen (2016b) que a migração é uma expulsão, devido à situação socioeconômica venezuelana, mas entendemos que não é uma generalização, pois existem outras formas de migração, como a estudada por Batarce (2016) na sua tese *Imigração brasileira para o Reino Unido: o trabalho das mulheres em Londres e o processo de identificação/diferenciação*, que relata que muitas mulheres brasileiras migraram para Londres porque era um sonho e se prepararam para isso, pois tinham condições financeiras para migrarem, porém esse caso é muito diferente das mulheres venezuelanas que vieram para o Brasil a partir de 2018.

⁴⁰ Para um aprofundamento sobre a temática de pertencimento, consulte Ribeiro-de-Sousa (2021).

uma nova lógica de vida e de comportamentos sociais. Essa nova espacialidade gera problemas emotivos, tristeza, angústia, frustração, insônia e até mesmo alcoolismo, pois os migrantes são vítimas de choques culturais resultantes do processo migratório.

De acordo com os estudos Haesbaert (2023, p. 3), “o território é construído por múltiplos sujeitos envolvidos nas dinâmicas de des-re-territorialização [...] entre classe ou grupos hegemônicos e classe ou grupos subalternizados”.

Com isso, relações são estabelecidas entre os migrantes e os não migrantes e geram elos contraditórios, de competição e de solidariedade. Esse processo também produz ideias, discursos e representações sobre os migrantes, ressignificando seu modo de pensar e de viver o mundo.

Não obstante, corroborando com os estudos de Rodrigues, Strey e Pereira (2007), a migração repercute de forma positiva ou negativa na emotividade do migrante. Isso implica dizer que o indivíduo que migra fisicamente nem sempre migra emocionalmente, uma vez que ultrapassar as fronteiras geográficas não se constitui a tarefa primordial da migração, mas, sim, transpor as barreiras sociais, econômicas, culturais e linguísticas (Rodrigues; Strey; Pereira, 2007), sendo elas difíceis de serem transpostas e, muitas vezes, levando meses ou até mesmo anos para serem superadas.

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas a partir da diáspora⁴¹ venezuelana, indo ao encontro dos estudos de Dias (2005), o processo migratório é a soma de múltiplas rupturas, tanto subjetivas quanto objetivas, que reverberam no sujeito situações de estresse em função da necessidade de adaptação.

⁴¹ Conceitualmente, diáspora está relacionada ao espaço, ao lugar, à mobilidade e ao deslocamento de massas populacionais que podem ser forçadas ou incentivadas a irem para áreas de acolhida por motivos políticos, religiosos e/ou econômicos, estabelecendo relações em um determinado lugar que irão provocar a mobilidade espacial do sujeito para outro território. Em nosso estudo, esse conceito corrobora por ser representado por um grande número de venezuelanos que, “fugindo” da crise econômica, [i/e]migraram para o Brasil e, consequentemente, foram interiorizados já na primeira oferta de trabalho e posterior reunificação familiar em Dourados, MS. Alguns estudos apontam essa imigração venezuelana para o Brasil e para outros países da América Latina como uma diáspora, como os estudos de Andre (2020), que aborda a imigração venezuelana para o Brasil com uma diáspora a partir da Lei n. 13.44/2007, e os estudos de Farias (2020), que aborda a imigração venezuelana como uma diáspora relacionada a interesses imperialistas e de dependência econômica.

Trata-se de uma constante busca que talvez nunca se concretize, pois o território que procuram não existe, uma vez que foram forçados a sair dele. O que existe são representações imagéticas em suas memórias, capazes de reproduzir no “novo” local onde edificaram suas moradias.

Hall (2005, p. 43) destaca a migração e a pluralidade da identidade cultural, a diáspora venezuelana (dispersão) começa no momento da desterritorialização, quando as pessoas são forçadas a fugirem da crise econômica e perdurará até reterritorialização. Dessa forma, a reterritorialização venezuelana se completa quando o migrante se estabelece no território e passa a reproduzir elementos culturais e a trazer seus familiares para o novo local, dando início a territorialidade.

Os migrantes enfrentam muitas barreiras, que se somam à dificuldade de inserção social e laboral. O migrante, ao chegar ao novo local, se vê totalmente desamparado de todos os seus referenciais socioespaciais, podendo ser facilmente julgado como incapaz.

Ele se vê obrigado a se inserir no mercado de trabalho sujeitando-se a jornadas de trabalho exaustivas e a serviço exploratório e análogo à escravidão, além de sofrerem assédio moral. Também se veem desamparados e necessitados de acolhimento.

Passam ainda a ter que lidar com *fake news*, notícias que circulam em grupos de WhatsApp dizendo para não contratarem venezuelanos por, supostamente, estarem envolvidos com tráfico de drogas e serem membros de facção criminosa (Digital, 2020).

Os migrantes são caracterizados como pessoas “não boas”, “pessoas em quem não se deve confiar”, que “não entendem nada do que se pede”⁴².

A reterritorialização venezuelana é uma constante, uma permanente construção, dinâmica, cheia de simbologias e de referências, difícil de ser interpretada tamanha é a sua velocidade de hibridização⁴³.

⁴² Relato sobre *fake news* feito por comerciantes de Dourados, MS, quando conversamos com dois deles informalmente sobre a contratação de venezuelanos. Ambos os comerciantes nos falaram que, num grupo de WhastApp ligado a uma empresa de segurança privada, foi divulgada uma notícia para não contratar venezuelanos, pois eles estão envolvidos com o tráfico e não são pessoas de confiança.

E segundo Young (2005, p. 32):

O hibridismo transforma [...] a diferença em igualdade, e a igualdade em diferença, mas de forma tal que a igualdade não seja mais o mesmo, e o diferente não mais simplesmente o diferente. [...] quebrar e reunir ao mesmo tempo e no mesmo lugar: diferença e igualdade numa aparentemente impossível simultaneidade.

Tal característica denota, entre outras coisas, a existência de enormes tensões no seu interior.

Desse modo, surgem alguns questionamentos, sobre a relação entre hibridização e reterritorialização: elas são complementares ou conflitantes? São positivas ou negativas?

Esses questionamentos são pertinentes e o que se pode responder é que existem relações entre hibridização e reterritorialidade, pois a hibridização é a composição de elementos culturais que se somam à cultura do novo local; a reterritorialização é a adaptação do sujeito ao novo local. Por essa razão, hibridização e reterritorialização se complementam, sendo positivas para o sujeito.

Essas disputas acontecem no território e segundo Dallabrida (2016, p.15),

O território é espaço de relações que se mesclam entre formas de disputa de poder, logo conflituosas, ou de cooperação, pois é onde se expressam as diferentes formas de pensar e agir das pessoas, não só daquelas que habitam o território, também daquelas que, mesmo de fora, têm interesses projetados naquele recorte espacial.

Por conseguinte, em se tratando de pessoas, há um ponto importante a ser considerado: os traumas, as emoções abaladas que geram medo, angústias, receios, pré-conceitos, conceitos e pós-conceitos, assim como inverdades. E de acordo com o estudo de Ferreira, Lodetti e Borges (2021, p. 150-151):

É possível observar como cada contexto, de forma diferente, provocou uma interrupção na projeção de vida dessas pessoas. Ao que se refere às funções sociais exercidas antes da imigração [...].

⁴³ É a mistura de duas ou mais culturas, gerando uma nova com elementos das antigas. Com isso, hábitos, atitudes e costumes antigos são transformados e dão origem a novas formas de viver (Cardoso, 2008). Salientamos que a nossa perspectiva é apenas cultural, e sabemos que há várias discussões epistemológicas a respeito.

O imigrante, ao ser discriminado e invisibilizado em relação à sua história, cultura, habilidades técnicas e intelectualidade, está sujeito ao questionamento da própria identidade, diminuindo assim a sua autoestima.

A vida de um migrante é uma vida de conflitos, saudade e medo que passam a fazer parte do seu cotidiano e das suas emoções. Com isso, e se somam aos/a sentimentos de medo, insegurança, dificuldade de falar a língua, fracasso, solidão, saudade, medo de não poder mais voltar à terra natal, medo do Brasil, medo do outro e medo de ter medo. Na **subseção 4.3** discutiremos sobre o cenário atual das migrações.

4.3 Cenário atual da migração

[...] o deslocamento de migrantes e refugiados pelo mundo como um “fato social total” em sua complexidade, ou seja, o simples ato de deslocamento de pessoas produz implicações em diferentes esferas e instituições das sociedades envolvidas nos fenômenos das mobilidades. E isso é resultado da complexidade de procedimentos metodológicos, da diversidade de ciências abordadas a partir de diferentes teorias e de pontos de vista empíricos, mediante o campo de estudos migratórios. (Sayad, 1998, p. 12-15).

Muitos processos num só processo, nesse caso, ou seja, a imigração e o imigrante são partes únicas de uma realidade múltipla, o próprio processo migratório deve ser visto, como diz a tradição sociológica francesa de Durkheim e Mauss (2003), como um fato social total [...]. (Salles; Araújo, 2020, p. 215).

O cenário migratório mundial está cada vez mais restrito, pois os Estados que são destinos de migrantes internacionais estão dificultando a entrada e adotando medidas para restringir o ingresso de estrangeiros⁴⁴ (Nascimento *et al.*, 2023).

Como aponta Rocha (2019, p. 560) em seus estudos:

O Brasil, de modo geral, possui leis avançadas e altos padrões no que diz respeito à proteção a migrantes e refugiados [...]. Entretanto há de outro lado, dificuldades em relação à clareza e ao compartilhamento de dados atualizados, burocracia e morosidade nos processos, articulação em diferentes níveis de governo e falta de recursos humanos. Grande parte desses obstáculos está também

⁴⁴ E a realidade presenciada pelos imigrantes é caracterizada pela resistência e a luta constante contra o preconceito. (Nascimento *et al.*, 2023).

sendo trabalhados no âmbito das ações para acolhida dos migrantes venezuelanos [...].

Porto (2021, p. 3) também aponta que:

Em 2015 as solicitações de refúgio venezuelanas se intensificam no Brasil, em razão do profundo colapso na Venezuela, além da morosidade na política migratória brasileira, tendo em vista que o reconhecimento deles só se deu em junho de 2019. Decisões como esta influenciam diretamente a vida de seres humanos, que mais uma vez tiveram sua dignidade violada, ficando à mercê do Estado e revela o quanto ainda precisa ser feito nas instituições públicas [...] sobre a imigração.

Os dois estudos trazem uma abordagem sobre o grande fluxo migratório venezuelano para o Brasil e a morosidade, por parte do Estado, na política migratória brasileira e a dificuldade no compartilhamento de dados.

Com isso, o que fica explícito é a grande dificuldade enfrentada pelos migrantes durante o período de interiorização e que, se existisse uma articulação política e um amplo compartilhamento de informações, com certeza o processo seria mais dinâmico e menos traumático para o migrante.

O que se define como imigrante é o limite que separa o de dentro e o de fora, o que passa no interior de onde sai e se transforma no imigrante do outro. Dada a situação, isso implica em uma radical mudança na sua condição de vida como um ato biológico de nascimento, como pontua Bauman (2017).

No entanto, não se pode sugerir que tudo e todos vivenciaram o mesmo processo, da mesma maneira, ou seja, nem todos os migrantes vivem a sua condição relativa em igualdade a todos os outros migrantes. O que se assemelha, nesse caso, é o nascimento do migrante quando migrou.

A cada migrante, portanto, está associada uma identidade diferente, uma qualificação de sua posição de fora, que se distingue das outras de acordo com a valoração simbólica territorial e social. Ou seja, o migrante busca se estabelecer, criando novas formas para reconstruir sua vida.

Como pontua Rosso e Bervian (2013, p. 230), a imigração se constitui como um fenômeno social, o qual é protagonizado por indivíduos que, por distintos motivos, inserem-se em outros Estados e “permitem” que suas histórias sejam modificadas a partir de tal experiência.

Com isso, o que assemelha o [i]migrante independente da sua posição social é o seu nascimento quando [e/i]migra, pois o [i]migrante nasce no ato da [i]migração. Fora isso, o que se assiste é uma diferenciação nas [i]migrações internacionais, pois pessoas com melhores condições econômicas podem escolher para onde querem ir, ou para onde podem pagar para ir, e não passam por grandes dificuldades, algo totalmente diferente das migrações forçadas aos menos abastados economicamente.

E, de acordo com os estudos de Batarce (2016, p. 83-84),

Normalmente as pessoas tornam-se migrantes devido à caótica situação política, econômica, social, cultural apresentada no país de origem, desta forma são compelidas a migrar, não planejando a priori realizar esta ação. Trata-se assim de uma migração forçada consciente, pois estes sujeitos entram no movimento migratório por vontade própria, mas entram violentamente, são forçados, pois a intenção é preservar a própria vida e de seus familiares. Muitos destes anseiam e acreditam que se trata de um momento transitório, pois é latente a perspectiva do retorno à terra natal, outros já não querem voltar mais ao país de origem.

Ainda, segundo com os apontamentos de Batarce (2016, p. 85):

Outra forma de migração forçada, representada pelos refugiados. Estes deixam seus países de origem devido o acontecimento de uma guerra, assim como migram devido divergências políticas. Os refugiados de guerra são percebidos devido a movimentação populacional em massa que realizam, já os refugiados políticos, também reconhecidos como exilados políticos, migram individualmente ou em pequenos grupos.

Assim, dialogando com os estudos de Batarce (2016), os venezuelanos(as), podem ser caracterizados como uma migração forçada, mesmo a Venezuela não passando por uma guerra, mas a crise econômica e as divergências político-partidárias levaram um sem-número de venezuelanos(as) a buscar a migração como única forma de fugir da crise e, portanto, se desterritorializando e se reterritorializando em outro território.

Há os que juntam os recursos e se aventuram na migração, como é o caso de vários migrantes venezuelanos que decidiram vender o que tinham e se aventuraram “nascer” como migrantes no Brasil e se interiorizar em Dourados, por exemplo, o Jonathan Ruiz, trabalhador autônomo na Venezuela, que vendeu a sua máquina de cortar grama, suas ferramentas de trabalho e se aventurou na migração, ficando no abrigo em Pacaraima até ser interiorizado

pela igreja Jesus Cristo Santos dos Últimos Dias em Dourados, recebendo auxílio do bispo Maykon e que, por meio de contatos, conseguiu uma vaga de emprego para lavar ônibus.

E de acordo com Ramos (2022), Dourados concentra quase 70% dos venezuelanos(as) interiorizados em Mato Grosso do Sul, e o trabalho mais desempenhado é na construção civil, seguido por cozinha, vendas, motorista, trabalho em usinas, segurança e domésticas. Fato esse também apontado nos estudos de Silva (2023).

Como também relatado pelo senhor Antony Ribas, que vendeu tudo o que tinha e fez a migração para o Brasil andando:

Fui andando, andei por 28 dias, comendo manga verde com sal. Não tinha como tomar banho. Dormia onde conseguia abrigo. No outro dia, saía andando novamente até atravessar a fronteira. Chegando no Brasil, o exército brasileiro deu comida, roupa e transporte até Manaus. Em Manaus, a OMI pagou minhas passagens de avião até Dourados (Entrevista Antony Ribas, 04/04/2021).

Também relatado pelo mototaxista Naiber, que cruzou a Venezuela em uma moto. “Eu queria que meus filhos fossem alguém na vida, por isso me disseram para vim pra cá”⁴⁵.

Não obstante, o contexto migratório venezuelano trata, primeiramente, de uma migração majoritariamente terrestre, o que demonstra o caráter precário e emergencial, como relatados por Jonathan Ruiz, mas outros venezuelanos, com mais recursos financeiros, venderam o que tinham e vieram de ônibus até a fronteira, como é o caso do Gabriel Davier e sua família. Chegando a Pacaraima, alugaram uma casa até conseguirem os documentos para a interiorização.

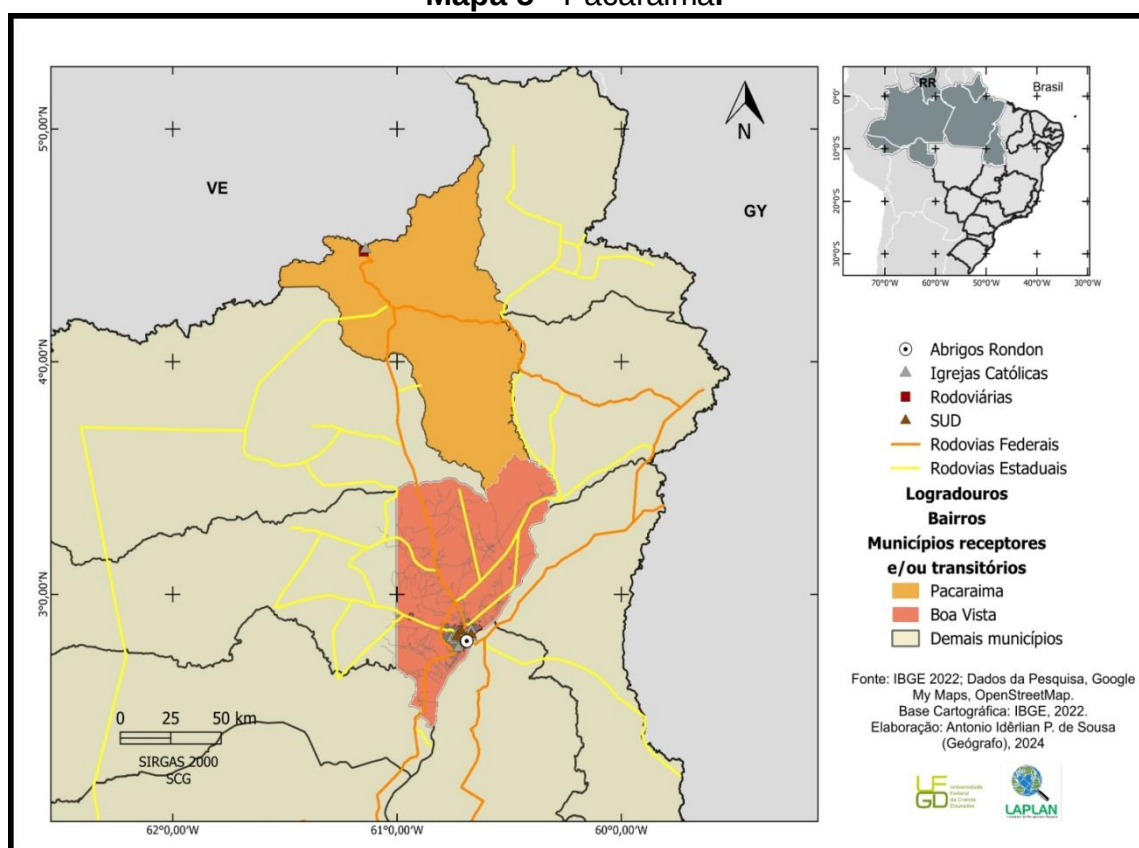
Após a travessia da fronteira, vão para os abrigos e posteriormente, até Boa Vista, levando poucos mantimentos e, muitas vezes, documentação insuficiente. Uma migração com baixo nível de segurança e elevando grau de vulnerabilidades, se tornando, assim, alvos fáceis para coiotes e agenciadores.

⁴⁵ Os venezuelanos no Brasil, TV Brasil, reportagem de 01 maio 2022. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2022/04/vida-dos-venezuelanos-no-brasil>. Acesso em: 1 fev. 2024.

Sendo assim, a migração é plural. Embora o grande fluxo seja constituído por jovens e homens, o contingente de mulheres, idosos e crianças é considerável, não podendo ser invisibilizados, visto que são indivíduos que demandam cuidados específicos.

Acresça-se a isso o alto grau de vulnerabilidade por terem se concentrado em Roraima, o que ocasionou uma série de dificuldades, pois Roraima⁴⁶ vivenciou uma migração plural em um estado sem grande infraestrutura e experiência em fluxos migratórios, e isso, consequentemente, dificulta e impacta diretamente na qualidade dos serviços públicos em função do aumento da demanda.

Mapa 5 - Pacaraima.



Fonte: Imagem do Google e LAPLAN, 2024. Adaptado pelo autor.

No **mapa 05**, Cidade de Pacaraima, por onde os migrantes venezuelanos(as), entraram no Brasil.

⁴⁶ Criação do Estado de Roraima pela Constituição de 1988. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=14>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Além disso, Roraima já apresentava um atendimento precário e deficitário ao público, com escassez de postos de saúde, medicamentos, creches e escolas públicas, e com o grande fluxo migratório, os problemas estruturais já existentes se potencializaram. Na **subseção 4.4** discutiremos sobre a violência na Venezuela.

4.4 Dados gerais sobre a violência na Venezuela

Iremos discutir questões relacionadas à violência na Venezuela, traremos alguns comparativos com outros países e também com o Brasil e também traremos dados relacionados à questão da violência urbana em Dourados, pois é objeto de estudo nosso desse trabalho, para que possamos fazer uma comparação e entender que a violência é comum nos grandes centros urbanos e com o descontentamento social e formas de governos questionais os índices de violência e de depredação e prisões arbitrárias tendem aumentar.

Segundo o Observatório Venezuelano de Violência⁴⁷ (OVV), houve um total de 11.081 homicídios em território nacional no ano de 2021, correspondendo a uma taxa de 40,9 para cada 100 mil habitantes, fazendo com que a Venezuela, ao lado de Honduras (com uma taxa de homicídios prevista de 40/100 mil habitantes) e El Salvador (provavelmente abaixo de 60/100 mil habitantes), figurem como um dos países mais violentos da América Latina em 2021 (OVV, 2021).

Em Mato Grosso do Sul, o estudo do Atlas da Violência apresenta uma taxa de homicídio de indígenas 44,8 por 100 mil 2019, sendo a terceira maior do país (SEJUSP, 2020). O estudo também aponta que o estado está entre os cinco em que a taxa de homicídios de indígenas supera a de assassinatos da população como um todo (17,7 por 100 mil habitantes) em 2019 (Mata, 2021).

Por sua vez, os dados informados pela Coordenação de Estatística e Análise Criminal (CEAC), da Secretaria de Estado de Segurança Pública, no

⁴⁷ O Observatório Venezuelano de Violencia trabalha por meio de uma rede de 15 equipes em dez universidades do país que monitoram dados e informações, além de produzir, analisar e divulgar conhecimentos sobre a magnitude, o risco e o impacto social da violência na Venezuela, pois o governo não publica dados oficiais sobre o tema (Agência EFE, 2021).

ano de 2019, registraram a menor taxa de homicídios dos últimos 10 anos no estado de MS. No ano de 2019, foram contabilizados 842 assassinatos, número 8,1% menor do que os 961 registrados em 2018. Entre as vítimas, 90% são homens e 10% são mulheres (Siqueira, 2020).

Fazendo um recorte para Dourados, segundo o Atlas da Violência – Retrato dos Municípios Brasileiros 2019, 75 pessoas foram assassinadas na cidade (Ferreira, 2019). No entanto, a média local é de 34,4/100 mil, ficando abaixo da média nacional, de 37,6. Esse levantamento só foi realizado considerando municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes (Bento, 2019).

Fazendo uma interpretação dos dados apresentados em relação aos casos de violência no Brasil, em Mato Grosso do Sul e em Dourados, os números são próximos, ou seja, a violência causada por homicídios na Venezuela, conforme o Observatório Venezuelano de Violência (OVV), está próxima à violência no Brasil de acordo com os dados trazidos pelo Atlas da Violência.

Isso mostra que os venezuelanos interiorizados em Dourados, irão viver e se reproduzir em uma sociedade e construir sua territorialidade, sabendo que a insegurança e os cuidados que tinham na Venezuela, terão que ser reproduzidos no novo local e a convivência próxima com outros venezuelanos pode criar uma rede de comunicação, ajuda e até mesmo de proteção.

O Observatório Venezuelano de Violência (OVV), em conjunto com a organização Centros Comunitários de Aprendizagem (CECODAP), apresentou um relatório detalhando: do total de mortes, 917 (24,5%) foram de meninos e meninas, e 2.821 (75,5%) eram adolescentes (Agência EFE, 2021).

Ainda de acordo com os dados, houve uma diminuição em relação ao ano anterior, quando os números foram de 26.616 mortes violentas e uma taxa de 89 homicídios por 100 mil habitantes. Comparando com o Brasil, no ano de 2016, foram registradas 62.517 mortes, o que equivale a 30,3 homicídios a cada 100 mil habitantes (BBC News Brasil, 2019).

A ONG avalia que a redução se justifica em parte pela migração causada pela recessão econômica, escassez de bens e alimentos (OVV, 2021).

Ainda, conforme informa a Anistia Internacional em relatório lançado em setembro de 2018, cerca de 90% dos crimes cometidos não são processados, destacando inclusive o alto nível de impunidade por violações de direitos humanos, e estima que afete 92% dos casos.

Nenhum funcionário do governo foi preso ou levado à justiça. No caso das Operações de Libertação do Povo (OLP), operações de segurança em que foram utilizadas táticas repressivas e violentas para conter a população, houve denúncias contra 1.074 policiais e/ou militares, 112 dos quais foram formalmente investigados, 43 foram indiciados e 14 não tiveram o andamento dos processos confirmados desde 2017, impossibilitando saber se esses responsáveis foram levados à justiça (Amnesty International, 2018, p. 7).

De forma complementar, a Anistia Internacional e duas organizações de direitos humanos de Caracas, o Foro Penal e o Centro para los Defensores y la Justicia (CDJ), divulgaram em fevereiro de 2022 uma pesquisa que aponta que prisões arbitrárias na Venezuela estão sendo baseadas em ataques coordenados e campanhas de estigmatização pública veiculadas pela mídia apoiadora de Nicolás Maduro.

O estudo abrangeu registros entre janeiro de 2019 e junho de 2021. A pesquisa revelou que 29% das pessoas vítimas de ataques na mídia pró-Maduro foram presas arbitrariamente por questões políticas em 2019, índice que, em 2020, aumentou para 42% e, no primeiro semestre de 2021, atingiu 77%. Essa correlação chegou a 94% entre janeiro de 2019 e junho de 2021 (Gazeta do Povo, 2022). Esse estudo aponta uma repressão por parte do governo para conter a população e a oposição. A forma arbitrária do governo e a crise econômica impulsionam a migração.

Trouxemos os dados acima, sobre a violência e os problemas estruturais venezuelanos, para mostrar que a crise política/social que assola a Venezuela não é causada por um governo, mas sim por um descaso político de vários governos que perduram por anos e se somou ao embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, fazendo com que a violência, a recessão

econômica e o desemprego aumentassem. Consequentemente, trata-se de uma crise socioeconômica que serve como um impulsionador para a migração/fuga/expulsão das pessoas.

Assim, a recessão econômica, a inflação e a desvalorização monetária fazem com que as pessoas procurem a migração como uma alternativa de melhora de vida, como relatado durante as entrevistas com venezuelanos que buscaram o Brasil por ser mais perto e por ter uma economia forte, na esperança de reconstruir suas vidas em outro local.

Essas pessoas atribuem ao governo Maduro a responsabilidade pela crise generalizada e dizem que, no governo de Chávez, era bom, mas Maduro estragou a economia.

Falam que a Venezuela tem tudo para ser o país mais rico do mundo, pois tem muitas riquezas minerais, como petróleo e ouro. Como relatado pela senhora Isa Morroy:

[...] mas o governo Maduro acabou com tudo, mas não foi no governo de Maduro que acabou tudo, começou no final do governo Chaves. Aí veio o Maduro e acabou com tudo. Na Venezuela, nos recebíamos um monte de gente, vinha árabes, colombianos, brasileiros para trabalhar na Venezuela. Lá era um país rico, tinha de tudo e era barato o custo de vida. Aí veio o governo Maduro e acabou com tudo. Eu tinha duas casas na Venezuela. Tive que deixar a casa lá e vim para cá. Vendi tudo que tinha na casa. Tinha geladeira, ar-condicionado, tinha de tudo. Aqui é diferente, tenho que pagar aluguel e ainda tenho que mandar dinheiro para os meus parentes que estão passando fome na Venezuela. Essa semana eles não tinham o que comer, pois não trabalharam. Eles vendem água e como está chovendo muito ficaram em casa e em casa estavam passando fome. Mande um pouco de dinheiro para eles (Entrevista Isa Morroy, 30/03/2021).

Tanto o cenário político quanto o econômico contemporâneo, sobre violência, evidencia que o país atravessa uma grave crise econômica e política, além de altos índices de violência. Assim, as pessoas acabam em subempregos e marginalizadas, o que, por sua vez, acaba corroborando com a migração e gerando um ciclo de expulsões.

A população enfrenta índices de violência urbana generalizada, tendo sido registrado o crescimento das taxas de homicídio, de crimes em geral e de impunidade em todo território nacional (OEA, 2019).

E esses casos de violência permanecem, como relatado na entrevista da senhora Mayte Ojeda e do senhor Jonathan Ruiz, que tiveram sua casa invadida por “policiais” e que mataram a tiros o irmão mais novo, segundo o senhor Jonathan, por ele ter falado mal do governo: “meu irmão foi morto pela polícia. Invadiram a casa da minha mãe. Tenho que mandar dinheiro para minha mãe” (**Figura 06**).

Figura 6 - Casal venezuelano Mayte Ojeda e Jonathan Ruiz.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Na **figura 06** temos o registro fotográfico do dia da realização da entrevista na residência da senhora Mayte e senhor Jonathan, em que puderam contar às dificuldades que enfrentaram em Pacaraima, quando foram interiorizados em Dourados e sobre a ajuda que tiveram do Bispo Maykon da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A senhora Mayte relatou:

Na Venezuela, tinha muita violência, muito roubo por causa da crise. Não é culpa das pessoas que estão roubando, mas sim da crise. A Venezuela era um país mais rico do mundo, tinha de tudo, mas com a crise as pessoas ficam sem trabalho e passando fome e acabam indo roubar mesmo (Entrevista Mayte Ojeda, 11/02/2023).

Na **subseção 4.5** discutiremos sobre a saída dos venezuelanos da Venezuela.

4.5 Saída dos migrantes da Venezuela

A Venezuela, durante parte do século XX, era atrativa e recebia migrantes, pois tinha uma indústria petrolífera em expansão, recebendo investidores e gerando empregos. Já na segunda década do século XXI, o perfil migratório se reverteu: antes era de atração, mas passou a ser de expulsão por conta da crise econômica causada pela falência da política venezuelana e pelo embargo econômico imposto pelos Estados Unidos (Baklini, 2022).

A título de exemplo, empresas dos EUA precisam de uma licença especial para investir na Venezuela, há proibição de empresas venezuelanas de operarem no mercado de capitais estadunidense, assim como sanções específicas contra mais de mil cidadãos venezuelanos, por outro lado o império proíbe a venda de material bélico, impedindo também a comercialização de componentes patenteados pelos Estados Unidos, como por exemplo, os aviônicos (grupo de equipamentos eletrônicos a bordo dos aviões de sistemas de navegação e comunicação) e tecnologia embarcada em aeronaves da Embraer (Baklini, 2022).

A guerra contra a economia da Venezuela, independente das necessárias críticas ao governo Maduro, é um ato permanente de agressão imperialista e como tal deve ser combatida (Baklini, 2022).

Assim o que fica evidente que o embargo econômico imperialista norte americano contra a economia venezuelana é um *modus operandi* de impor a sua vontade contra um país soberano para destruir a economia e dominar suas riquezas minerais.

Segundo Folle (2021, p. 111), em meados da década de 1990, os migrantes eram pessoas que estavam descontentes com a economia e a gestão política. Desse modo, a migração da forma que ela está ocorrendo é recente, não há histórico no país. Na verdade, nas décadas de 1980 e 1990, a Venezuela era o destino de migrantes de vários países da América do Sul, Ásia e Europa, muito embora essa migração foi impulsionada pela indústria

petrolífera, por incentivos do governo e por investimentos em infraestrutura, além da geração de empregos.

O pastor Asdrubal Hernandez nos relatou durante a entrevista que:

A situação estava muito difícil, a moeda não tem valor. Um dólar valia 22 bolívar venezuelano, o salário era cinco dólares. Chegou um momento em que as pessoas jogam o dinheiro fora. Não tinha valor, não servia para nada. As pessoas querem trabalhar, mas não vale a pena, o salário não compensa.

As pessoas *obreras* (serviços geral, autônomos) ganham mais que os profissionais. Assim vão embora para outro país. Médico, engenheiro, advogado, arquiteto esses são os primeiros a ir embora, pois têm mais dinheiro e facilidades, vendem a casa, carro, imóveis, colocam à venda tudo para pagar a viagem da imigração (Entrevista Asdrubal Hernandez, 10/02/2023) .

Podemos perceber que um dos principais motivos da migração é a questão econômica, e os primeiros a migrarem são as pessoas que têm mais recursos financeiros e maior qualificação educacional e profissional, as quais, por ter melhores condições financeiras, migram para a Europa ou para os Estados Unidos.

Atualmente, o que se assiste é a fuga de pessoas (e de mão de obra) e de capital, fazendo com que a Venezuela, segundo projeções mais recentes do Escritório de População da ONU (UNPOP), no ano de 2020, contabilizasse 28.436.000 habitantes, cerca de quatro milhões de pessoas a menos do que o esperado pela UNPOP, um nível populacional semelhante ao registrado em 2010⁴⁸.

Em 2015, o Instituto Nacional de Estatística da Venezuela (INE) fez uma estimativa que, em 2020, a Venezuela teria 32.605.423 habitantes, mas devido à supracitada crise econômica, social e política que assola o país nos últimos anos, houve uma grande transformação demográfica (Bermúdez, 2021).

De acordo com a ONU, a Venezuela é o país do mundo que mais perdeu população nos últimos cinco anos, mais do que a Síria, que está imersa

⁴⁸ Para um melhor entendimento sobre projeção populacional, o estudo continua com as projeções do INE. Esperava-se que, em 2039, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais atingisse 12%, 13% da população, mas esse quadro foi antecipado para 2020 de acordo com as atualizações das projeções populacionais para a Venezuela realizadas pelas Nações Unidas (Bermúdez, 2021).

em uma guerra civil. Segundo dados a ENCOVI, mais de um milhão de venezuelanos deixaram o país por ano, entre 2017 e 2019.

Segundo a ACNUR – Global Trends (2018, p. 3, tradução nossa), a Venezuela e a Síria, desde o ano de 2015, são os países que mais tiveram pessoas que migraram, buscando países da Europa e na América Latina. O estudo ainda continua:

Os refugiados e requerentes de asilo venezuelanos cresceram em número. O movimento mais amplo de venezuelanos em toda a região e além assumiu cada vez mais as características de uma situação de refugiados, com cerca de 5,4 milhões de pessoas em 2018 (Where [...], 2018)⁴⁹.

Esses dados mostram um novo panorama demográfico quanto à população na Venezuela, que está diminuindo devido à emigração⁵⁰, e o país se tornando um país de velhos e crianças, pois, como os pais emigraram, acabou ficando a responsabilidade para os avós de educar e cuidar dos netos (BBC, 2021).

E o resultado disso tudo, grosso modo, por um viés econômico, é que quem perde é a maioria das pessoas mais pobres e o Estado. Os governos ficam mais pobres como resultado da evasão fiscal e porque um número maior de cidadãos está mais pobre e, portanto, menos capazes de cumprir com suas obrigações sociais (Sassen, 2016a p. 26).

É preciso ser crítico, pois as contradições capitalistas só se fortalecem, servindo como discurso das elites para a implantação de políticas cada vez mais liberais para que as pessoas percam cada vez mais direitos conquistados⁵¹.

Em um relatório divulgado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2019, a falta de trabalhadores chegou a 44%, 3% da população

⁴⁹ Os dados são de 2018, mas foram publicados em 2019. Venezuelan refugees and asylum seekers grew in number. The broader movement of Venezuelans across the region and beyond increasingly took on the characteristics of a refugee situation, with some 3.4 million outside the country by the end of 2018.

⁵⁰ Na Venezuela, há mais domicílios habitados por apenas uma pessoa e o aumento de mais de 50% no número de domicílios chefiados por mulheres devido à emigração ser uma característica masculina. Não há outro país na América Latina que tenha um nível tão elevado.

⁵¹ E para uma melhor discussão sobre perda de direitos, consultar Souza (2017).

economicamente ativa, naquele ano e perto de 50% em 2020. Em comparação com o mesmo período no Brasil, segundo o IBGE, a taxa de desemprego atingiu 13,5% em 2020, enquanto em 2019 era de 11,9%, ou seja, houve um aumento de mais de dois pontos percentuais de desempregados.

Outro dado nos mostra que mais de 60% dos emigrantes venezuelanos são pessoas entre 15 e 60 anos, o que implica uma diminuição significativa da força de trabalho naquele país, ou seja, uma diáspora venezuelana (G1 Mundo, 2018).

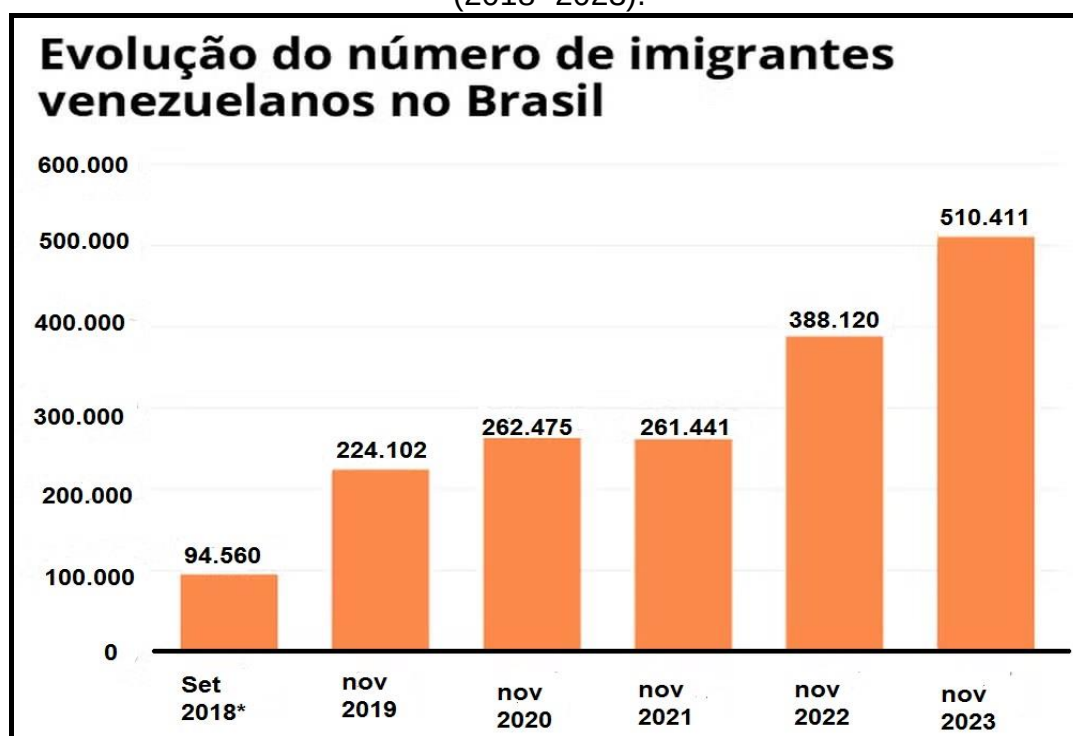
Dados compilados pela Plataforma R4V (ONU, 2023) apontam que mais de 7,7 milhões de refugiados e migrantes deixaram a Venezuela até agosto de 2023 e mais de 6,5 milhões estão vivendo em 17 países da América Latina e do Caribe, fazendo com que esse seja o maior deslocamento na história recente da América Latina (Venezuela, [202-]).

A Colômbia (O Globo, 2023) é o país da América do Sul que tem o maior número de refugiados venezuelanos. O grande fluxo migratório venezuelano se concentrou em direção à Colômbia, Peru e ao Brasil devido à proximidade fronteiriça e também às facilidades na obtenção da documentação, conforme relatos dos primeiros grupos migrantes de venezuelanos interiorizados no Brasil.

O estado de Mato Grosso do Sul (MS) conta com aproximadamente 16.925 imigrantes, a maioria deles é paraguaia, boliviana, haitiana, venezuelana, entre outros, (Folle, 2021, p. 29). Em 2023, Dourados contava com aproximadamente 4280 imigrantes venezuelanos (Sismigra, 2023).

Desse modo, Mato Grosso do Sul tem se destacado por atrair migrantes venezuelanos e também pelo quantitativo de mão de obra que as empresas frigoríficas necessitam, vagas que os douradenses e moradores das cidades do entorno de Dourados não querem preencher devido aos baixos salários e à insalubridade. Esse fato gera uma oferta de trabalho que serve de fator de atração para os migrantes interiorizados.

Quadro 4 - Evolução do número de imigrantes venezuelanos no Brasil (2018 -2023).

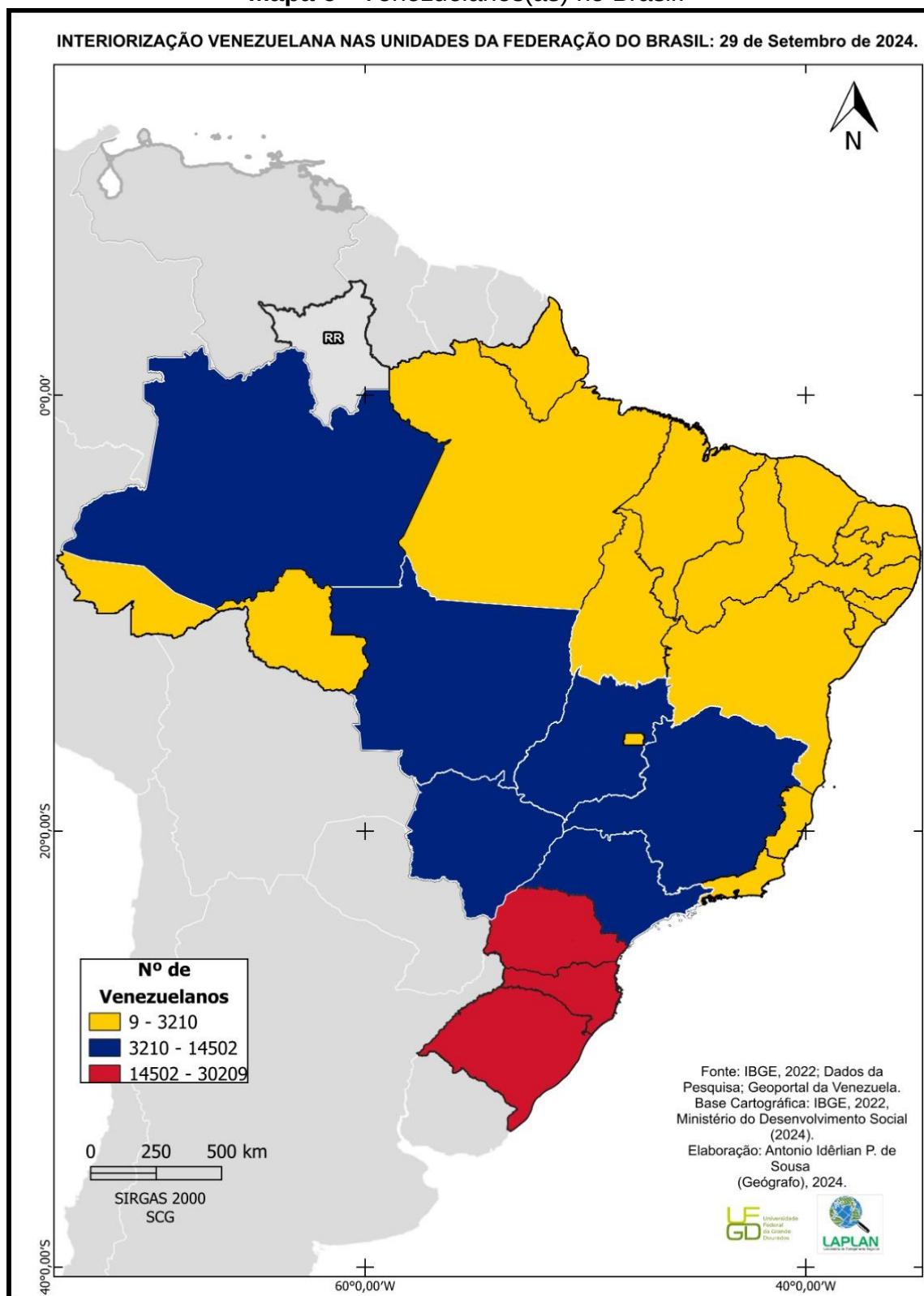


Fonte: O Globo, 2023. Adaptado pelo autor.

O **quadro 04** traz a evolução em números dos migrantes venezuelanos no Brasil de setembro de 2018 (último dado disponível) a novembro de 2023, é possível perceber que, de novembro de 2019 a novembro de 2021, os números estiveram relativamente estáveis, isso é devido ao período da pandemia da Covid-19 e, assim que passou a fase mais crítica, o número de migrantes voltou a crescer sendo possível perceber a evolução de entrada de venezuelanos(as) no Brasil. De 2020 a 2023, ou seja, em três anos o Brasil saiu da posição sete para a posição três de entrada e procura de venezuelanos, fato impulsionado pela Lei de Migração Brasileira de 2017.

A distribuição espacial dos migrantes venezuelanos no Brasil, principalmente a partir dos projetos de interiorização, podem ser observados no **mapa 06**, a seguir.

Mapa 6 - Venezuelanos(as) no Brasil.

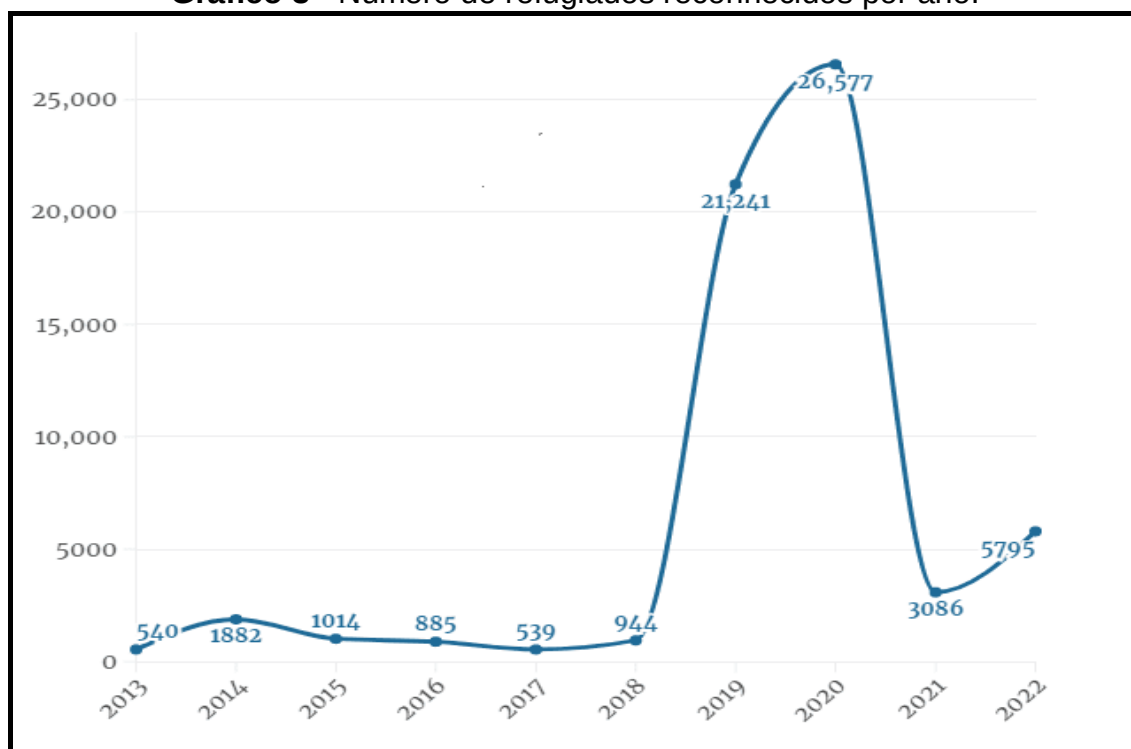


Fonte: IBGE, 2022. Adaptado pelo autor.

O **mapa 06** apresenta os venezuelanos(as) espacializados no Brasil, destacando Roraima⁵² de onde a grande quantidade de venezuelanos partiram por meio do projeto acolhida para serem interiorizados em cidades brasileiras.

Apresentamos, a seguir, alguns gráficos que mostram a entrada de venezuelanos no Brasil. Os gráficos trabalham com refugiados, mas, para os nosso objeto de pesquisa, servem como exemplificação.

Gráfico 3 - Número de refugiados reconhecidos por ano.



Fonte: Cardoso; Castro, 2023.

Podemos analisar o **Gráfico 03**, que traz o aumento do número de refugiados reconhecidos no Brasil de 2013 a 2022. Entre os anos de 2018 e 2021, o número era de 944. Houve, portanto, um salto considerável no ano de 2020 para 26.577 refugiados reconhecidos no Brasil, fato ocasionado pela massiva migração de venezuelanos.

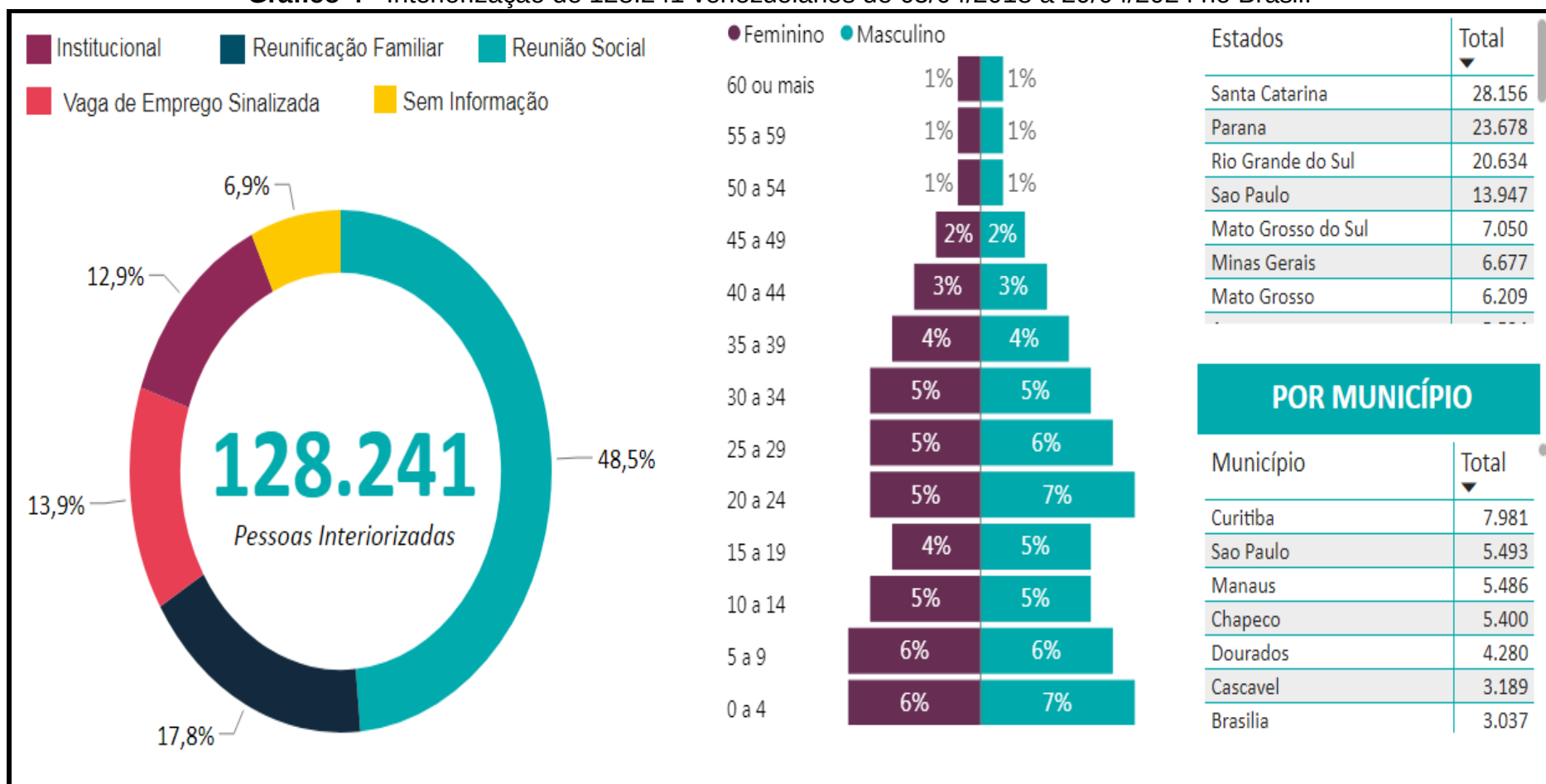
⁵² De acordo com dados da OPA, em 2024, o fluxo de entrada da população venezuelana em Roraima registrou a média de 10 mil por mês. Uma queda, quando comparado a 2023. No ano passado, a média estava em 11 mil, após um aumento significativo no final de 2022, quando se atingiu, conforme dados da Polícia Federal (PF), a entrada de 12.649 migrantes em Pacaraima, cidade fronteira com a Venezuela. (Lima, 2024).

Adicionalmente, a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, institui a Lei de Migração no Brasil e considera refugiado todo indivíduo que deixou seu país por perseguição ou fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas (Brasil, 2017).

A lei também estende o direito ao refúgio ao cônjuge, aos ascendentes e descendentes, assim como aos demais membros do grupo familiar que dependerem economicamente do refugiado, desde que se encontrem em território nacional.

Com a promulgação dessa lei e a crescente solicitação de refúgios por parte dos venezuelanos, é possível ver no gráfico seguinte um grande aumento de pessoas que foram interiorizadas nesse processo.

Gráfico 4 - Interiorização de 128.241 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/04/2024 no Brasil.



Fonte: Estratégia [...], 2018-2024. Adaptado pelo autor.

No **Gráfico 04** temos o quantitativo de interiorizados⁵³ venezuelanos no Brasil, um total de 128.241 entre os anos de 2018 e 2023. Podemos perceber que houve um aumento de solicitação de refúgio por parte dos venezuelanos, destacando-se os meses de outubro de 2019, com 3.069 solicitações, e fevereiro de 2020, com 3.110 solicitações. Consequentemente, em abril de 2020, houve um decréscimo para 1.004 solicitações e, em agosto de 2021, um aumento para 2.443 e novembro de 2023 com 3.256 e fevereiro de 2024 com 2.734. Vemos, portanto, que os números se mantiveram elevados.

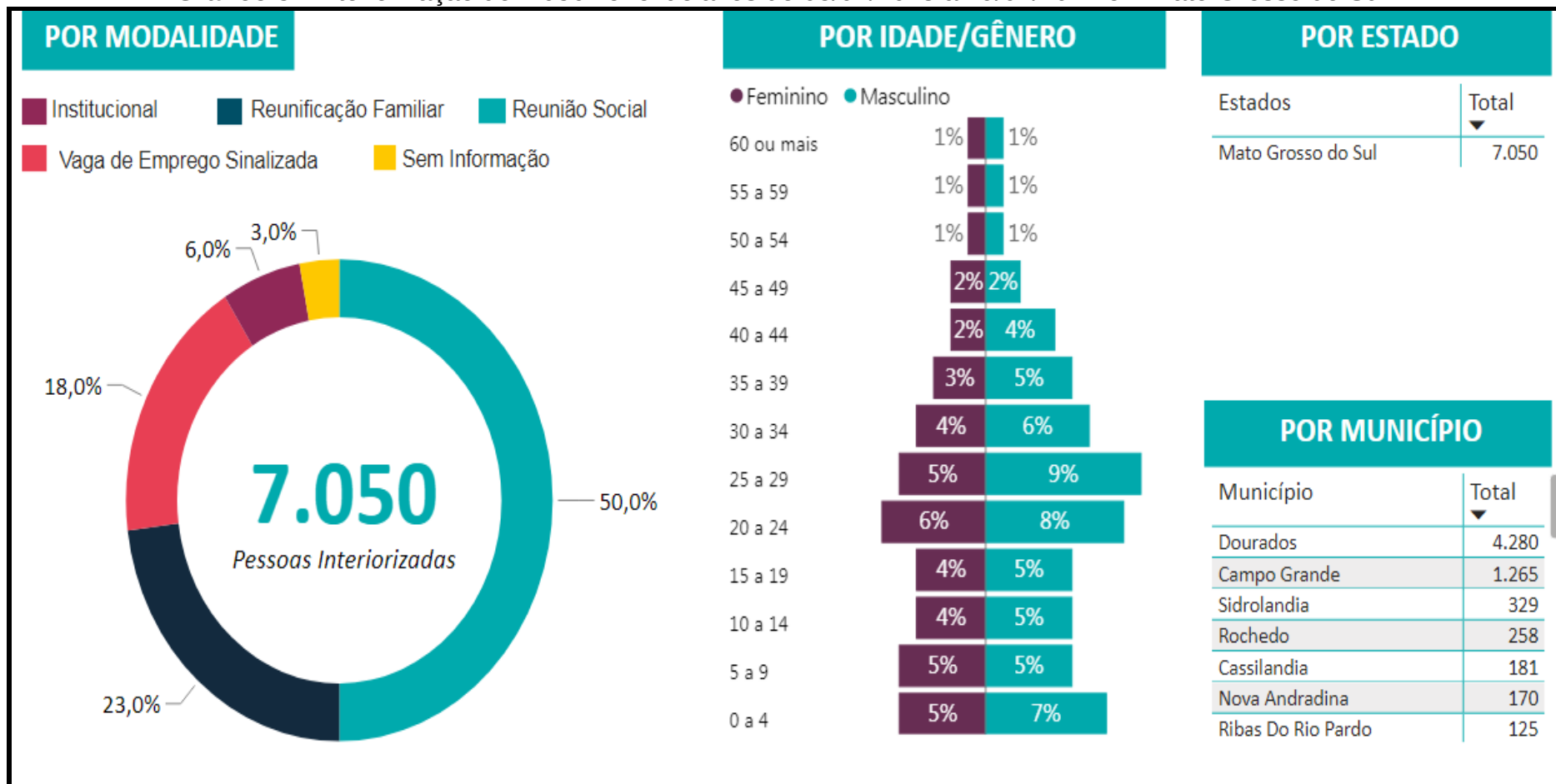
Assim, podemos destacar outubro de 2022 com 3.119, março de 2023 com 3.377, e novembro de 2023 com 3.256 como os meses de maior entrada. O que podemos perceber é que a entrada de venezuelanos no Brasil não diminui, ao contrário, mantém-se elevada.

Das solicitações de refúgio, a modalidade que se destaca, com 48,5%, é a Reunião Social, seguida de 17,8% para Reunificação Familiar, 12,9% institucional e 13,9% por Vaga de Emprego Sinalizada, assim mostra que a Reunião Social e Reunificação Familiar são as modalidades mais procuradas por causa das menores exigências, mas a motivação segue a busca por alternativas de sobrevivência, ou seja, “fugir da crise”.

Dos estados, os que mais se destacam são Santa Catarina, com 28.156, Paraná, com 23.678, Rio Grande do Sul, com 20.634, São Paulo, com 13.947, e Mato Grosso do Sul, com 7.050. Os municípios com maior concentração interiorizados são Curitiba, com 7.981, São Paulo, com 5.493, Manaus, com 5.486, Chapecó, com 5.400, e Dourados, com 4.280.

⁵³ O Painel de interiorização está disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em: 30 maio 2024.

Gráfico 5 - Interiorização de 7.050 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/02/2024 em Mato Grosso do Sul.



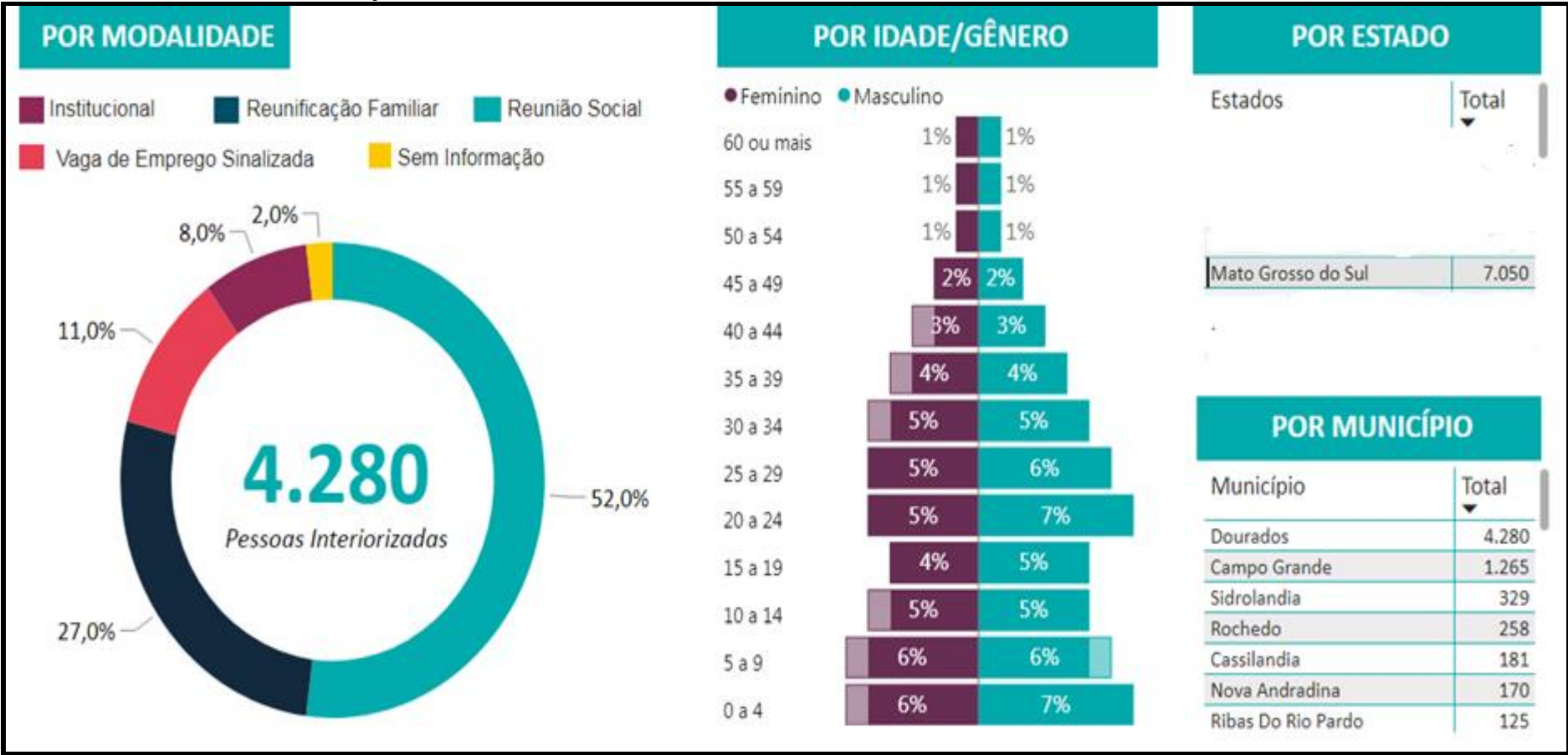
Fonte: Estratégia [...], 2018-2024. Adaptado pelo autor.

No **gráfico 05**, trazemos o quantitativo de interiorizados em Mato Grosso do Sul. Podemos perceber que o gráfico apresenta alguns picos, como em junho de 2019, com 282; agosto de 2019, com 267; e dezembro de 2019, com 250. Após esse período, houve um decréscimo, tendo destaque para dezembro de 2020, com 161; janeiro de 2022, com 157; e março de 2022, com 152. Também se destaca agosto de 2023, com 245, e novembro de 2023, com 197.

O que pode ser percebido é que a modalidade mais procurada para a interiorização em Dourados, representando 50%, é a de Reunião Social, os outros 23% para Reunificação Familiar e 18% para Vaga de Emprego Sinalizada, mostrando que a principal estratégia para interiorizar em Mato Grosso do Sul é a reunião social e não por vagas de emprego sinalizadas. Assim mudou o modo de procura para a interiorização, mas a causa que é fugir da crise permanece a mesma.

No estado de Mato Grosso do Sul, as cidades que mais receberam migrantes venezuelanos foram Dourados, 4.280, Campo Grande, 1.265, Sidrolândia, 329, e Rochedo, 258.

Gráfico 6 - Interiorização de 4.280 venezuelanos de 05/04/2018 a 29/02/2024 em Dourados, Mato Grosso do Sul.



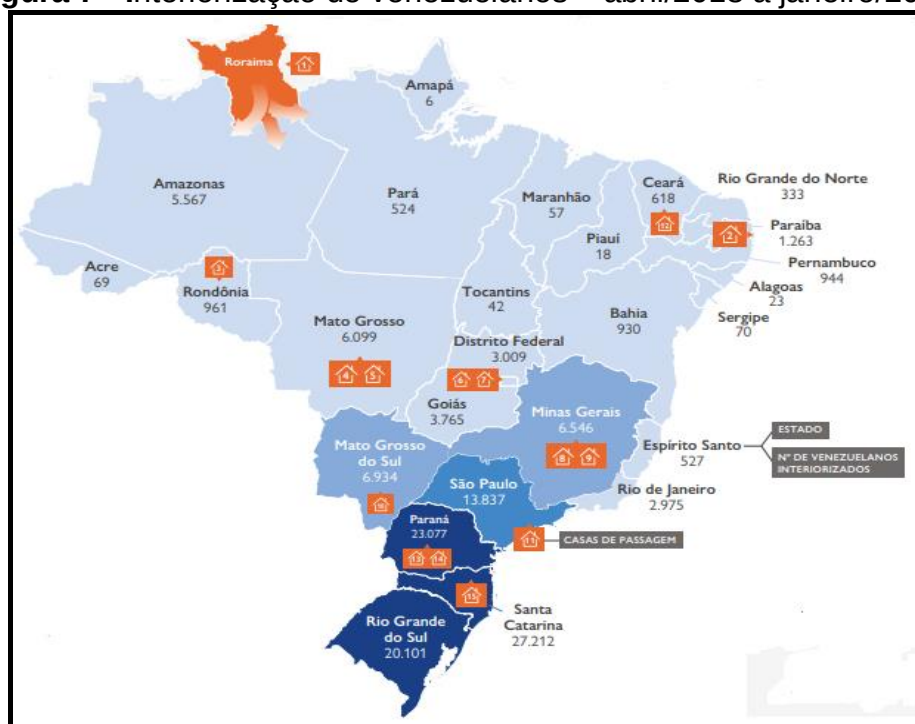
Fonte: Estratégia [...], 2018-2024. Adaptado pelo autor.

No **gráfico 06** observamos em junho de 2019, um pico de 269 interiorizados em Dourados, seguido por agosto de 2019, com 198, e dezembro de 2019, com 188. Após esse período, é perceptível um decréscimo, tendo destaque para julho de 2021, com 100, janeiro de 2022, com 111, e agosto de 2023, com 107. Manteve-se um índice de interiorizados abaixo de 100, e segue assim até novembro de 2023, com 82 interiorizados em Dourados.

A modalidade que mais se destaca, com 52%, é a Reunião Social, seguida de 27% para Reunificação Familiar, 11% para Vagas de Emprego Sinalizadas e 8% para Institucional.

Analizando os três gráficos sobre a interiorização (**figura 07**) dos venezuelanos no Brasil, a modalidade que se destaca, com mais de 50%, é a Reunião Social, seguida pela Reunificação Familiar, mostrando que os venezuelanos(as) que estão migrando e se reterritorializando no Brasil já têm algum contato, ou seja uma rede de contatos, seja amigo ou parente, e um local para ficar, tornando, assim, o processo migratório menos traumático, como foi no início, quando os primeiro venezuelanos chegaram e não conheciam nada e não tinham onde ficar.

Figura 7 - Interiorização de venezuelanos – abril/2018 a janeiro/2024.



Fonte: Subcomitê [...], 2023.

A **figura 07** apresenta os(as) venezuelanos(as) interiorizados no Brasil no período de 2018 a 2024 e a maior concentração na região sudeste e sul, do Brasil, tendo com destaque, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, respectivamente.

Quadro 5 - Municípios: que mais receberam venezuelanos(as).

Curitiba	Paraná	7.981
São Paulo	São Paulo	5.483
Manaus	Amazonas	5.486
Chapecó	Santa Catarina	5.400
Dourados	Mato Grosso do Sul	4.280
Total de Municípios		1.026

Fonte: Subcomitê [...], 2023. Adaptado pelo autor.

O **quadro 05** apresenta os municípios brasileiros que mais interiorizaram venezuelanos(as) no Brasil, tendo destaque para Curitiba em primeiro, seguido por São Paulo e em quinto aparece Dourados. O destaque dessas cidades é pela oferta de Vaga de Emprego Sinalizada na área frigorífica e São Paulo, por ser uma metrópole.

De acordo com Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade, de abril de 2018 a janeiro de 2024, foram beneficiados mais de 125.507 venezuelanos. O informe também mostra que 1.026 municípios brasileiros receberam migrantes venezuelanos.

Importante nesse processo são as Casas de Passagem (**figura 08**), que fazem parte da Estratégia de Interiorização do governo federal e são gerenciadas pela sociedade civil, e que recebem, por alguns dias, migrantes venezuelanos e servem como ponto de apoio.

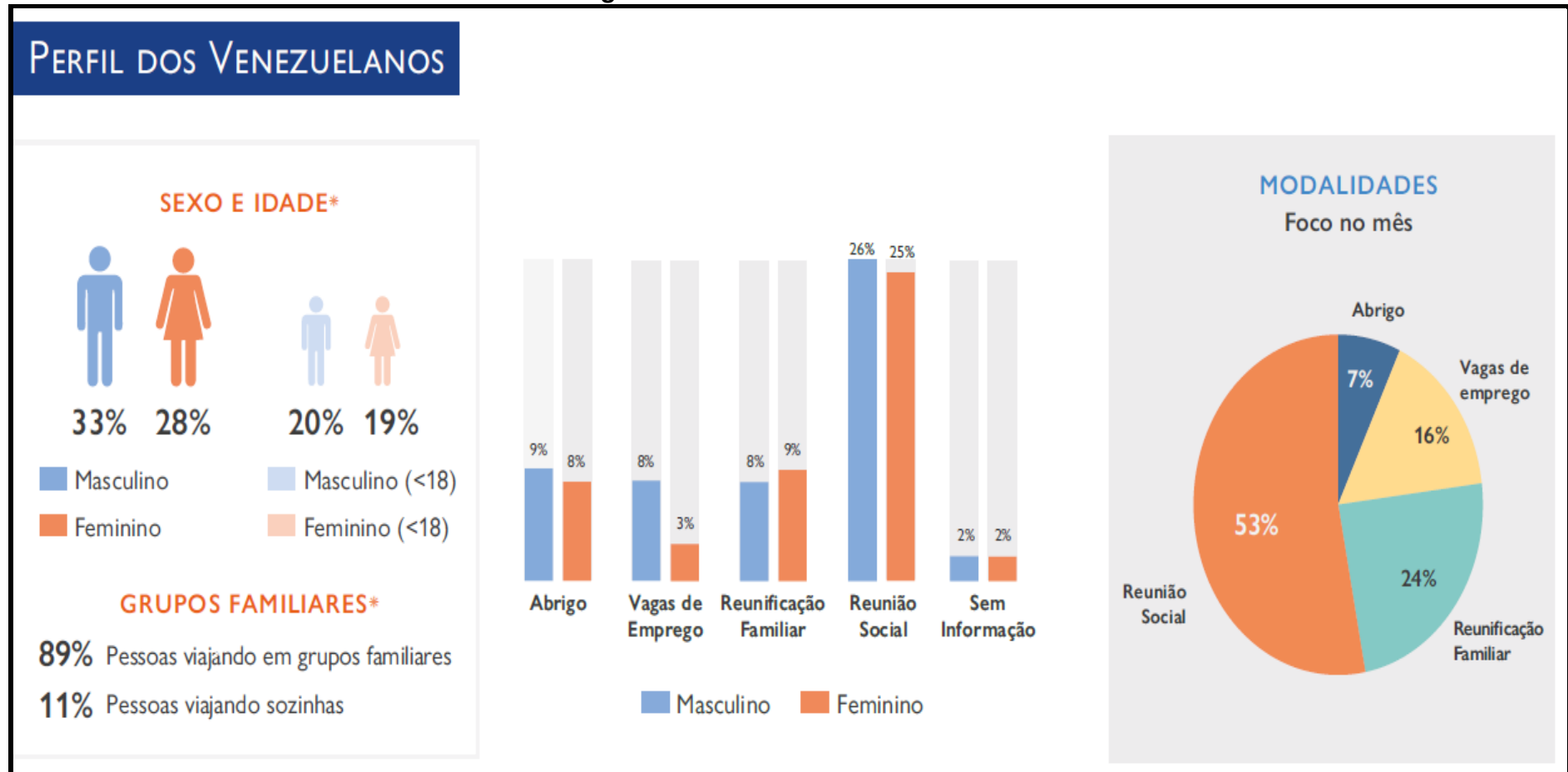
Figura 8 - Casa de passagens.

 1 Boa Vista / RR Pastoral do Migrante	 6 Brasília / DF Casa Bom Samaritano	 11 São Paulo / SP Casa Minha Pátria
 2 Conde / PB Casa do Migrante do Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste	 7 Brasília / DF Cáritas Arquidiocesana de Brasília	 12 Fortaleza/ CE Casa do Migrante do Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste
 3 Porto Velho / RO Casa de Direito	 8 Belo Horizonte / MG Cruz Vermelha	 13 Curitiba / PR Casa de Passagem Capão da Imbuia
 4 Cuiabá / MT Centro de Pastoral para Migrantes	 9 Belo Horizonte / MG Casa do Chico Valle	 14 Curitiba / PR Cáritas
 5 Cuiabá / MT Fazenda Experimental UFMT	 10 Campo Grande / MS Casa de Passagem Resgate	 15 Florianópolis/ SC Casa do Migrante Scalabrini

Fonte: Subcomitê [...], 2023.

A **figura 08** mostra as Casas de Passagens que ficam em vários estados brasileiros que servem de apoio e estadia para os migrantes venezuelanos.

Figura 9 - Perfil dos venezuelanos.



Fonte: Subcomitê [...], 2023.

A **figura 09** apresenta o perfil, tanto sexo e idade, dos venezuelanos(as) interiorizados no Brasil entre o ano de 2018 a 2024. Na **figura 10** apresentamos um gráfico para melhor ilustração, entre porcentagem de idade, sexo e famílias.

Figura 10 - Venezuelanos(as) – Idade, sexo e famílias.



Fonte: O Globo, 2023. Adaptado pelo autor.

É possível verificar que, entre os adultos, 33% são homens e 28% são mulheres. Entre os menores de idade, 20% são do sexo masculino e os outros 19% do sexo feminino.

O intuito de Reunião social foi o principal motivo do processo de interiorização, representando 26% para os homens e 25% para as mulheres.

Interessante destacar um caso que detectamos durante as entrevistas no trabalho de campo que foi um casal que migrou por motivos de estudo. O intuito do casal era migrar para a Espanha, mas não conseguiram e decidiram vir para o Brasil por já terem conhecidos em Dourados. Vieram de avião com recursos próprios.

Segundo os estudos de Sassen (2016, p. 10):

Os imigrantes não são os mais pobres em seus países de origem⁵⁴. Tampouco emigram devido aos fatores de pressão extrema que fomentam a economia global, ainda que ter saído dos seus países de origem os tenha deixado sem recursos. Muitos deles têm altos níveis de escolaridade e começaram com recursos.

Esse fato pode ser observado em algumas entrevistas por nós realizadas, nas quais nos foi relatado que, antes da migração, o entrevistado tinha uma boa situação econômica, não pagava aluguel, tinha ar-condicionado na residência e carro na garagem.

Isso também pode ser constatado durante a entrevista com ex-secretário do Projeto Acolhida, senhor João Lucas, que nos relatou que os primeiros venezuelanos interiorizados em Dourados, que vieram para trabalhar na JBS, quase que em sua totalidade, tinham o ensino superior completo em diversas áreas de formação; fala também endossada pelo ex-presidente da Cáritas Diocesana de Dourados, o senhor Odair de Lima.

Ao mesmo tempo, havia os migrantes que não tinham tantos recursos financeiros, mas, por estarem relativamente próximos à fronteira brasileira, migraram andando e pedindo carona. Chegando a Roraima, pediram ajuda para a OIM (Organização Internacional para as Migrações) e para igrejas.

Para os entrevistados que relataram que foram ajudados por igrejas, pedimos os contatos das pessoas ligadas à igreja que os ajudaram, e a resposta foi que tinham perdido o contato. Não se sabe, ao certo, se realmente tinham perdido o contato ou não quiseram passar o contato por medo ou se foram os coiotes⁵⁵ que os trouxeram que os instruíram a contar essa história⁵⁶.

⁵⁴ A reflexão de Sassen aponta que as pessoas que emigram tinham condições financeiras e, se não tinha, possuíam meios de juntar os recursos necessários para a emigração.

⁵⁵ Presenciamos, no nosso trabalho no lava-rápido, venezuelanos falando de um grupo de pessoas que estavam transportando imigrantes de Pacaraima a Dourados por dois mil reais e a pessoa não precisa pagar nada no embarque, só iria começar a pagar depois de ter chegado ao destino.

⁵⁶ Os contatos que tivemos com as igrejas em Dourados, MS, são de assistência à interiorização, como a promoção de oficinas e o apoio e ensino da língua portuguesa. Também tivemos contato com os membros que integraram o Projeto Acolhida em Dourados e com lideranças religiosas que auxiliaram no processo de interiorização.

Na **subseção 4.6** discutiremos sobre Políticas de Interiorização.

4.6 Política de interiorização

A política de interiorização consiste na

[...] principal estratégia do Governo Federal para diminuir a pressão sobre os serviços públicos de Roraima e, também ampliar as possibilidades de inclusão socioeconômicas de imigrantes na sociedade brasileira que se encontram em situação de vulnerabilidade acolhidos nas cidades de Pacaraima - RR, Boa Vista - RR ou em Manaus – AM. (Júnior, 2022, p. 63).

A estratégia de interiorização:

Consiste no deslocamento voluntário, seguro, ordenado de refugiados e migrantes oriundos da Venezuela, em situação de vulnerabilidade, localizados nos estados de Roraima e do Amazonas para outras cidades do Brasil. Seu objetivo é permitir que as pessoas beneficiadas tenham melhores opções de inserção no mercado de trabalho, acesso a serviços públicos e inclusão em redes de acolhimento nos estados e municípios de destino, ampliando assim suas possibilidades de integração social, econômica e cultural. (Brasil, 2022, p. 10).

Assim, a política elaborada pelo Brasil visa atender os migrantes venezuelanos que se encontrem em Roraima ou no Amazonas que:

[...] desejem se deslocar para outros municípios do Brasil, mas não possuam condições de realizar esse procedimento por meios próprios. Dentro desse grupo específico, pessoas em situação de maior vulnerabilidade social têm prioridade no acesso à estratégia [...] famílias com crianças, pessoas idosas, pessoas com deficiência, mulheres e pessoas LGBTI, também recebem atenção prioritária ou específica no processo de seleção para estratégia. (Brasil, 2022, p. 11).

Com isso, as atividades desenvolvidas como parte da estratégia de interiorização são pautadas:

[...] pelos princípios orientadores de toda ação humanitária: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade e Independência, assim como pelo princípio de “não causar dano” (*do no harm*), ou seja, a necessidade de prevenção e mitigação de qualquer impacto

negativo que as ações humanitárias possam ter sobre a população beneficiária.

Além disso, todas as etapas do processo são conduzidas com respeito integral aos tratados, acordos e convenções internacionais dos quais o Brasil é signatário, além das disposições constitucionais e legislativas pertinentes do ordenamento jurídico brasileiro. (Brasil, 2022, p. 16).

Com a existência da diversidade de migrantes venezuelanos surgiu a necessidade de desenvolver uma política pública para acolher os migrantes venezuelanos, assim foram criadas, pelo Subcomitê Federal para Interiorização, quatro modalidades de interiorização aprovadas pelo Comitê Federal de Assistência Emergencial, com requisitos, procedimentos e fluxos operacionais próprios, que devem ser seguidos para que os beneficiários possam ser deslocados (Brasil, 2022, p. 16).

As modalidades da estratégia de interiorização⁵⁷ são:

- Institucional: Saída de abrigos em Roraima para abrigos em uma das cidades de destino (Governamental ou sociedade civil parceira).
- Reunificação Familiar: Migrantes que desejam reunir-se com seus familiares que residem regularmente em outras regiões do Brasil.
- Reunião Social: Migrantes que desejam reunir-se com indivíduos que possuam vínculo de amizade, afetividade ou familiar.
- Vaga de Emprego Sinalizada (VES): Deslocamento de migrantes e refugiados que receberam sinalização de oportunidade de trabalho por empresas brasileiras de todas as regiões do país. (Brasil, 2018).

⁵⁷ Para melhor compreensão sobre interiorização e os eixos da Operação Acolhida, consulte: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2021/09/GUIA-DE-INTERIORIZA%C3%87%C3%83Oed2.pdf>.

Cada uma possui etapas e responsáveis por sua implementação, que são definidas pelo Subcomitê Federal. Esses procedimentos visam à segurança dos processos cadastrados e à dignidade dos beneficiários (Brasil, 2022, p. 16).

Além disso, o município de Dourados localizado no estado de Mato Grosso do Sul participou do processo de interiorização, sendo a cidade do interior do Brasil que mais recebeu imigrantes venezuelanos 4.280 (R4V, 2024), dos quais 623 foram recepcionados com o auxílio de um projeto humanitário, denominado de Projeto Acolhida, criado pela Caritas Diocesana de Dourados, pela Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) e pela Igreja Metodista (Silva, 2020).

Inicialmente, essas pessoas migravam para a Colômbia ou/e Peru, que hoje é um dos maiores destinos da diáspora venezuelana. Porém, alguns tiveram que buscar uma rota para o Brasil pela proximidade fronteira e devido a informações de que poderiam conseguir trabalho com mais facilidade, adentrando, assim, o território brasileiro pelo estado de Roraima quando ocorreu o primeiro “fechamento” das fronteiras por parte da Venezuela, estratégia do governo venezuelano para “mascarar” a real situação do país (Nunes, 2018).

Na **subseção 4.6**, será discutida a chegada dos venezuelanos no Brasil.

4.6 Imigrantes venezuelanos no Brasil

Como delimitações da presente pesquisa, não serão discutidas questões relacionadas à solicitação de refúgio⁵⁸ ou a morosidade das instituições públicas brasileiras, mas, sim, uma caracterização geral, onde o contexto de solicitantes de refúgio, migrações e expulsões/fuga estão

⁵⁸ Considera-se refugiada a pessoa que se encontra fora do seu próprio território nacional (Migrante [...], 2019).

interligadas, pois estamos diante de um processo de [i/e]migração forçada, já que não houve deliberação, por parte desses sujeitos, sobre a mudança de país, mas uma migração forçada por questões estruturais de desemprego, inflação, segurança e busca por uma perspectiva de melhora de vida ou até mesmo perseguição política.

O Brasil tem histórico de migrações há muito tempo. Desde o século XVI, o país recebe muitos migrantes, tendo iniciado com os colonizadores europeus e os africanos. Já no século XIX, houve um novo fluxo migratório com a chegada de alemães, italianos, japoneses, húngaros e muitas outras nacionalidades. No século XX, grande parte dos migrantes se constituiu de fugitivos da Segunda Guerra Mundial, que devastou grande parte da Europa (Arquivo Nacional, 2023).

Já no século XXI, houve uma reorientação do fluxo migratório para o Brasil, que passou a receber migrantes de países latino-americanos devido à proximidade geográfica e ao fato de o desenvolvimento econômico ser maior em comparação com os outros países latino-americanos, apesar de muito aquém das necessidades brasileiras, fato apontado pelo Observatório das Migrações Internacionais, do Ministério da Justiça brasileiro, em 2020.

O Brasil, entre 2011 e 2020, recebeu mais de 1,3 milhões de migrantes, dos quais mais de 60% residiram por mais de um ano no país. A principal origem dos novos migrantes é venezuelana, seguida da haitiana. Também houve migrações de sírios, libaneses, angolanos, senegaleses, entre outros. De acordo com o relatório da ONU (2022), os refugiados no Brasil somam, atualmente, 363.676 pessoas.

Em 2015, com o agravamento da crise econômica, muitos venezuelanos migraram para o Brasil, entrando pelo estado de Roraima pela cidade de Pacaraima, ocasionando uma superlotação na cidade. Esses migrantes eram caracterizados por serem de famílias inteiras, ou seja, homens, mulheres, jovens e crianças que buscavam “fugir” da crise da fome,

da falta de remédios e da crescente onda de violência e pela falta de proteção do seu Estado (Milesi; Carlet, 2012, p. 77; UNICEF, 2019; Silva, 2020).

Na **subseção 4.7**, trataremos sobre uma discussão sobre as dificuldades linguísticas.

4.7 Dificuldades linguísticas no Brasil

A língua, na maioria das vezes, é utilizada pelos estados nacionais como um instrumento com o propósito de sufocar e de construir identidades previamente estabelecidas. Logo, institucionaliza-se a ideia de vínculo identitário a uma determinada nação enquanto característica já intrínseca ao indivíduo de um determinado lugar. Entretanto, como afirma Hall (2006, p. 47-48):

[...] não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

Nas entrevistas, o relato mais comum estava relacionado às dificuldades de comunicação dos venezuelanos quando migraram, ou seja, a dificuldade linguística, seguidas da dificuldade de inserção profissional e alimentar. O não domínio da língua portuguesa é um fator que dificultou a adaptação dos entrevistados ao novo local.

Um levantamento realizado pelo IPEA (2015) identificou dificuldades enfrentadas pelos migrantes que vão além da questão linguística. O levantamento identificou outras dificuldades, como o acesso ao trabalho, à documentação de permanência e aos direitos sociais, os problemas em relação à discriminação, cujo índice é de 50% de reclamações por parte dos venezuelanos, e ao racismo, que fica vinculado às práticas discriminatórias.

Quanto às diretrizes de atendimento no âmbito das políticas públicas brasileiras, considerou-se que há uma carência de mais de 50% de pessoas

treinadas quando se trata das instituições. Em relação às pessoas advindas dos órgãos reguladores, esse número fica próximo de 70% (IPEA, 2015, p. 92-93).

Outro ponto a ser considerado, além da inserção social, é a dificuldade de encontrar trabalho, haja vista que em um contexto capitalista o emprego é um dos elementos principais para a manutenção da subsistência das pessoas e, conseqüentemente, com o migrante não seria diferente.

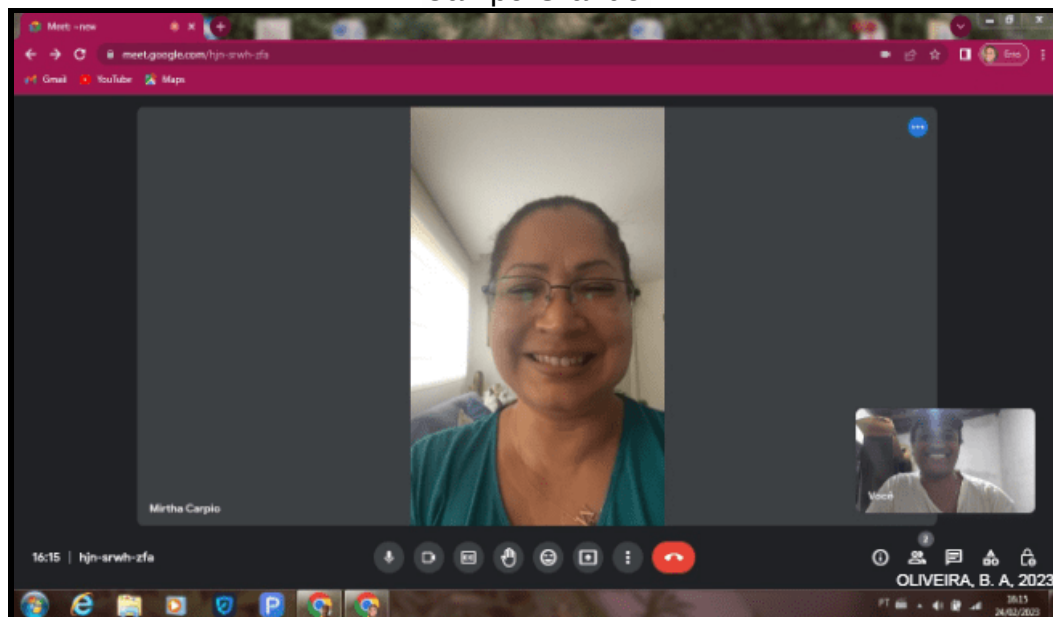
Assim, o migrante que não domina a língua, não se faz ser entendido e, por essa razão, uma das primeiras coisas que o migrante faz é estudar o português.

A questão linguística, apontada como um fator de dificuldade para a inserção social foi um dos elementos mais recorrentes nas falas dos entrevistados, que pontuaram que depois que aprenderam à língua a comunicação ficou mais fácil, pois passaram a ser compreendidos e a compreender.

Como exemplificou o senhor Gabriel Davier, poder se fazer entendido e poder falar em outra língua é algo muito bom, e, segundo ele, sempre que precisa fazer a pregação na Igreja Aprisco para a conscientização dos féis na doação do dízimo, prepara o discurso com antecedência e fica treinando para poder falar corretamente.

A senhora Francia Arzuaga, por sua vez, relatou que o domínio da língua proporciona melhores condições de trabalho e que o sotaque é um diferencial para conseguir os melhores postos de trabalho assim como também foi relatado pela senhora Mirtha Capio (**Figura 11**), presidenta da Associação de Venezuelanos de Campo Grande, que o domínio da língua e o sotaque são um diferencial e um modo de manter a sua cultura e que as pessoas que conversam com ela gostam do seu sotaque. O senhor Jonathan Ruiz relatou que o domínio da língua portuguesa hoje lhe proporciona segurança.

Figura 11 - Mirtha Capio, presidenta da Associação de Venezuelanos de Campo Grande.



Fonte: Banco de dados do autor.

Na **figura 11** vemos o registro da entrevista feita pela plataforma digital *Google Meet* com a presidenta da Associação dos Venezuelanos de Campo Grande, na qual pôde contar a sua atuação com a Irmã Rosane e a igreja católica para auxiliar venezuelanos(as).

Desse modo, compreender e poder se expressar em português passam a ser um facilitador para o acesso ao atendimento de saúde, a postos de trabalho e à educação e, principalmente, à convivência diária e ao acesso a seus direitos, pois a língua é um elemento que processa uma função mediadora entre o indivíduo e a realidade social na qual ele está inserido, implicando o acesso à vida e às relações sociais no “novo” local de pertencimento.

Um estudo feito pelo IPEA (2015, p. 151), em pesquisa realizada junto aos estados brasileiros, identificou, entre os obstáculos institucionais à inserção dos migrantes, a questão do idioma como uma barreira primária. A pesquisa apontou ainda a falta de recursos humanos e de capacitação dos

profissionais relacionados à questão migratória considerando particularidades como a legislação e os direitos humanos.

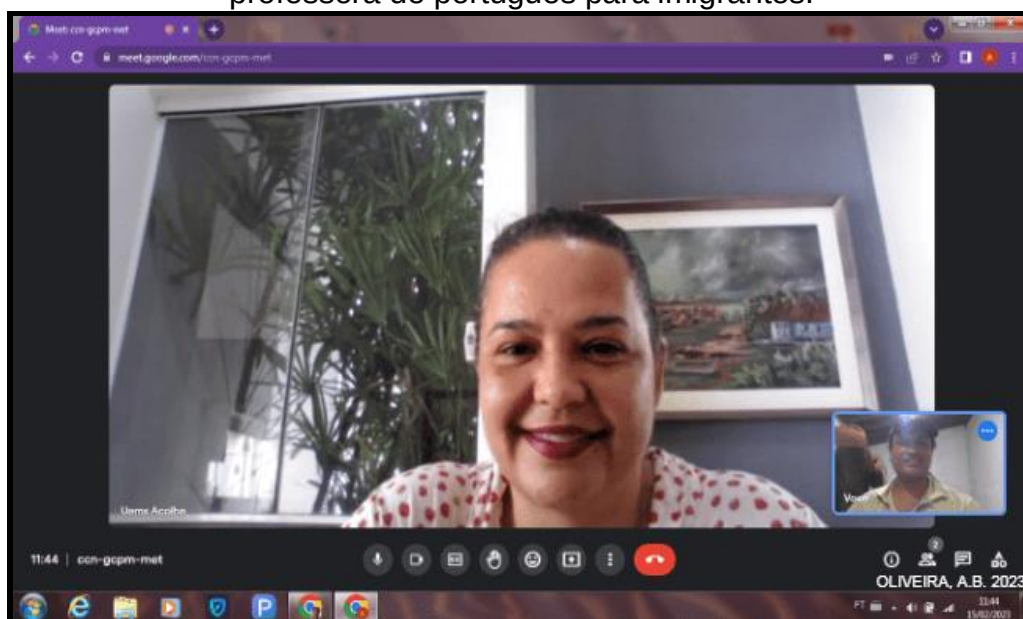
Tal fato tornou-se um fator recorrente para a migração em geral, pois o Brasil não estava preparado para receber migrantes. Desse modo, há a falta de profissionais qualificados para o atendimento aos migrantes combinada com a barreira linguística, aumentando os obstáculos. Seriam necessárias políticas públicas migratórias para amenizar esse problema.

Cientes das necessidades e das vulnerabilidades dos migrantes, a Pastoral do Imigrante e outras iniciativas religiosas, como o Projeto Acolhimento⁵⁹, somadas com a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFGD, a Associação de Venezuelanos e a Pastoral dos Migrantes – MS, coordenada pela irmã Rosane⁶⁰, promovem ações e eventos, como o ensino da língua portuguesa, conforme relatado pela senhora Vanessa Maciel Franco Magalhães, da UEMS Acolhe, e pelo Pastor Mário Sérgio, da CTV, para o acolhimento e a instrução dos migrantes a fim de que possam ter uma melhor inserção (**figuras 12 e 13**).

⁵⁹ O Projeto Acolhimento foi desenvolvido pela Cáritas Diocesana de Dourados, sendo a irmã Gema e irmã Nilsira as professoras que ensinam língua portuguesa para imigrantes. O projeto conta com mais de 30 alunos e acontece aos domingos na parte da manhã na Paróquia São José Operário em Dourados, MS, tendo o frei Silvio como coordenador e o Frei Ivan como presidente. Outros projetos desenvolvidos pela paróquia junto aos imigrantes são relacionados à horta comunitária, artesanato, fabricação e venda de sabão.

⁶⁰ Encontro Estadual de Rede de Parcerias Migração, que ocorreu de 14 a 18 de junho de 2021 via YouTube (Pastoral dos Migrantes – MS, 2021).

Figura 12 - Vanessa, assistente social, representante da UEMS Acolhe e professora de português para imigrantes.



Fonte: Banco de dados do autor.

Na **figura 12** vemos o registro da entrevista feita pela plataforma digital *Google Meet* com a Vanessa Maciel Franco Magalhães, assistente social e representante da UEMS Acolhe e professora de português para imigrantes, que relatou a sua atuação enquanto professora.

Figura 13 - Pastor Mário Sérgio, da Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV).



Fonte: Banco de dados do autor.

Na **figura 13** temos o registro do Pastor Mário Sérgio que falou da atuação da igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV) cedendo suas dependências para ministrar aulas de português para migrantes venezuelanos e que também ajudou diretamente mais de 30 famílias venezuelanas com utensílios domésticos e alimentação.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) promove ações para os migrantes, relacionadas à cultura e à culinária, para que possam ter uma melhor socialização e divulgação da sua cultura.

Entre os migrantes que participaram da pesquisa do IPEA (2015), 75% disseram que se sentiram discriminados com relação ao acesso a serviços públicos pelo fato de serem imigrantes e 18% afirmaram ter sofrido violações de seus direitos.

Diante disso, o domínio da língua é de fundamental importância porque só assim o migrante passa a se sentir inserido na sociedade, visto que as pessoas precisam se comunicar, e as relações sociais se estabelecem

por meio da comunicação. Dessa maneira, o não domínio da língua é um dos fatores que dificulta a comunicação, sendo um obstáculo e tornando o migrante refém do tradutor e, muitas vezes, no ambiente de trabalho, passando por questões de discriminação e de assédio moral.

Durante as entrevistas, pudemos perceber que a língua é um fator determinante para a inserção social do migrante, e que a língua materna passa a ser um elemento cultural, por exemplo, os venezuelanos que procuram frequentar cultos religiosos ministrados na sua língua nativa, como as celebrações na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados (**figuras 14 e 15**).

Figura 14 - Fiéis reunidos para a foto.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 14** vemos alguns fiéis que frequentam a igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados em pose para tirar foto para ser postada no grupo do *WhatsApp* da igreja.

Figura 15 - Confraternização após o culto.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 15** vemos o jantar servido após o culto celebrado na casa da tesoureira da igreja a senhora Militza Ramirez, 51 anos.

Quando do trabalho no lava-rápido, a dificuldade na comunicação entre os venezuelanos e o proprietário era comum e, muitas vezes, cabia a nós, funcionários brasileiros, o intermédio e a tradução do que haviam falado um para o outro.

Por um lado, a língua é um fator importante para a reterritorialização porque, dominando a “nova” língua, o migrante passa a pertencer ao novo local e a se identificar com ele. Por outro lado, o não domínio se torna um fator de exclusão social. Segundo Barbosa e São Bernardo (2017, p. 58):

O aprendizado da língua e da cultura do país [...] favorece a inclusão social e profissional dos imigrantes e das imigrantes. Esse conhecimento propicia maior igualdade de oportunidades para todos, facilita o exercício da cidadania e potencializa qualificações enriquecedoras para quem chega e quem acolhe.

E os autores continuam dizendo ser “necessário que o acesso ao aprendizado da língua de acolhimento seja facilitado ao/à imigrante e que

este se dê de forma holística e crítica, em um ambiente de acolhimento e hospitalidade” (Barbosa; São Bernardo, 2017, p. 58). Assim, compactuamos com os estudos de Pellizari e Roque-Faria (2017, p. 176), que dizem que a identidade, a cultura e as formas linguística estão imbricadas, e que não se constrói uma língua imune, mas que o sujeito se constrói por meio dela.

Nesse sentido corroboramos com Silva (2002, p. 2), que diz que:

[...] cultura material, formas linguísticas, rituais, tradições, festas, entre outros ganham relevância, evocando muitas vezes, vários significados, dependendo da conjuntura em que são veiculados. Nessa, perspectiva, linguagem e símbolos podem estar evocando ao mesmo tempo várias coisas, entre elas uma nova forma de pertencimento, como é o caso da língua portuguesa no espaço público entre os imigrantes.

Compreender e se fazer ser compreendido em outra língua não significa, para o migrante, perder a sua cultura, mas ganhar a possibilidade de ampliar seus sentidos culturais, uma forma de garantir e de ter autonomia, e, conseqüentemente, a língua se torna um canal de possibilidades culturais e sociais, permitindo o outro de ressignificar sua identidade, embora reconheçamos que este é um processo em constante construção.

O migrante enfrenta dificuldades para estabelecer relações sociais e ter a possibilidade de expressar sua cultura. O não domínio da língua o impede de compreender signos e significados e expressões da “nova” cultura, tornando mais difícil contextualizar os sentidos das novas relações sociais que passou a vivenciar e expressar seus sentimentos⁶¹, verbalizar as ausências familiares e as amizades que ficaram no país de origem.

Contudo, como afirma Pratt (2014, p. 243, tradução nossa), “nada pode mais parecer mais evidente e natural do que o fato de que, quando as pessoas se movem [imigram], a sua língua se move com elas”. E o ato de ir à igreja é uma maneira de manter a língua viva, “ativa”.

⁶¹ O imigrante pode até ficar deprimido, passando a ter insônia e tristeza. Por essa razão, muitos utilizam o subterfúgio do alcoolismo para “fugir da dor” da saudade ou fazem uso de remédios antidepressivos, analgésicos ou calmantes para dormir.

A imigração também se caracteriza como um sofrimento e gera insegurança (Sawaia, 2014), pois, ao mesmo tempo em que o país recebe o migrante para que seja protegido, ele se sente excluído por não conseguir se inserir integralmente na sociedade. Com o aprendizado e o domínio da língua, o processo de inserção social é facilitado, pois o migrante se adapta e há uma melhor comunicação, como relatado durante a entrevista pela senhora Francia Arzuaga:

Ter amizades é bom porque têm mais oportunidades no emprego. Eu senti isso no começo, sabe? Que, tipo, é... Mesmo que eu seja estudada, que eu possa mexer no computador, ser uma boa vendedora, chegar no horário ter o domínio da língua, por isso não me limitei a ficar fazendo somente faxina. Quero demonstrar algum talento ou alguma outra coisa, digamos capacidade, depois que eu sair do mercado. Poder [se] expressar. Essa [é a] melhor parte quando você passa um tempo em outro país. Você vai [se] acostumar com a nova cultura. (Entrevista Francia Arzuaga, 23/02/2023).

De tal modo, para que haja a inserção social, é necessária uma somatória de esforços, incluindo o ensino da língua, e também que se promova a participação do migrante na sociedade por meio de integração cultural e ações afirmativas, por exemplo, oficinas e acolhimento para tirar dúvidas, como as ações promovidas pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello, as oficinas de artesanato promovidas pela Paróquia São José Operário e as reuniões feitas pela Pastoral do Imigrante com as Cáritas, buscando mecanismos de inclusão para que os migrantes se socializem, participem ativamente da sociedade que o acolheu, se sintam pertencentes e integrem à sociedade.

E assim, de acordo com Bajwa (2018), essas ações irão permitir que a população de migrantes e refugiados superem lacunas sociais e as desigualdades.

Faz-se também necessário deixar registrados outros problemas de difícil diagnóstico enfrentados pelos migrantes venezuelanos, mas passíveis de interpretação a partir de comportamentos e expressões corporais como:

tosse, nervosismo, inquietação, momentos de silêncio apresentados durante as entrevistas, que podem ser reflexos de que sofreram discriminação, crise de identidade, doenças psíquicas, alcoolismo, podendo ser, supostamente, relacionados à saudade e à distância do lugar de origem, da família e dos amigos ou de adaptação ao novo local.

Para melhor compreensão de tal situação inquietante, uma breve alusão às experiências de Marcos (2006, p. 125, 130):

[...] Por outras tantas, perguntava algumas coisas e ouvia outras como resposta, uma outra forma de praticar o silêncio [...]. Mas como havia aprendido a ter paciência, não desanimei e aos poucos fui driblando a situação. [...] Quando não, respondia ora com um silêncio acompanhado de olhar distante, de quem olha o futuro para ver o passado, ora mudava de assunto, paciente e certo de que o “meu tempo” de descoberta também chegaria.

Os breves momentos de inquietação trouxeram a suas memórias o processo migratório e a adaptação ao novo local. A comunicação entre os entrevistados foi feita em português e espanhol.

Durante a entrevista, houve vários momentos de tensão relatados por parte dos migrantes. Por exemplo, quando falaram sobre as experiências da migração e as dificuldades ao chegarem ao Brasil ou sobre a adaptação quando alguém vinha conversar com eles e falava que não entendia o que falavam.

Ou seja, não estavam sendo compreendidos quando iam ao supermercado ou a algum outro comércio ou ao perguntar o preço de algum produto ou ao pedir alguma informação, relatando um grande esforço para encontrar as palavras certas e, muitas vezes, alternavam entre o espanhol e o português, somando gestos manuais e gesticulações corporais à comunicação.

Esse fato mostra a importância da língua como um elemento de comunicação e o seu não entendimento como uma situação de conflito, dificuldade, podendo ser percebido na entrevista com a senhora Judith quando relatou:

Tive muita dificuldade com a língua portuguesa no abrigo quando eu falava que estava com fome (hambre) as pessoas entendiam que eu estava com dor de barriga e traziam fraldas e purgante. Quando eu pedia escova para escovar os dentes (cepillo de dientes) traziam vassoura, aí eu falava não era isso que queria e mostrava os dentes aí demorava um pouco e traziam a escova para os dentes (Entrevista Judith Velásquez, 10/02/2023).

Também relatado em entrevista em sua residência pelo pastor Asdrubal da dificuldade de não entender a língua, a dificuldades de comprar chinelo, pois chinelo na Venezuela é conhecido com o “Chola” e em Boa Vista Chola é utilizado para se referir a peito de mulher.

O Brasil é muito grande tem muitos dialetos, por exemplo, “Chola” na Venezuela é chinelo em Boa Vista “Chola” é peito de mulher, é uma vulgaridade é um palavrão. Então quando ia a uma loja comprar chinelo não entendia direito o português e acaba falando “Chola” e as pessoas ficavam barbarizadas, pois para o brasileiro em Pacaraima estava falando que queria comprar um peito de mulher, mas era chinelo que queria comprar. (Entrevista Pastor Asdrubal Hernandez, 10/02/2023).

Como o relatado em conversa pela pastora Loira Balbas (**figura 16**), que ganhou uma máquina de lavar roupas de sua vizinha, a qual foi à sua residência para conversar e fazer a doação, mas nenhuma delas entendia o que a outra falava. Assim, a Loira falou para esperar o Osmar, seu marido, chegar do serviço que ele iria conversar com ela, pois ele entendia melhor a língua portuguesa.

Figura 16 - Pastora Loira Balbas falando que ganhou uma máquina de lavar roupa.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 16** vemos a Pastora Loira Balbas relatando as dificuldades que enfrenta por não compreender a língua portuguesa⁶².

Quando o senhor Osmar chegou, foi conversar com a vizinha pensando que era para consertar a máquina, mas a vizinha falou que era doação e que a máquina de lavar estava em boas condições de uso, e assim foi feita a doação da máquina de lavar roupas.

Esse fato mostra uma situação de baixa autoestima em não dominar a língua portuguesa, se restringindo a ficar em casa, a maior parte do tempo e ir aos cultos da igreja, ou as visitas nas casas dos fiéis para fazer oração, mas

⁶² Pudemos perceber que a estrutura familiar dos entrevistados venezuelanos é patriarcal, tendo o homem como o responsável pelas finanças da casa e a mulher sendo submissa ao marido. Também foi relatado, durante entrevista nas Cáritas, pelo senhor Odair que, muitas vezes, presenciou mulheres estarem trabalhando e terem que entregar o dinheiro para o homem que seria o responsável pela manutenção da casa. Outro fato relatado foi quando a mulher engravida (*embarazada*), o pai da criança a abandona, ela passa todo o período da gestação sozinha e, após o nascimento da criança, passados alguns meses, o pai da criança volta para a casa.

nesses lugares de encontros se sente confortável, pois a comunicação é feita em espanhol.

Também exemplificamos a fala do Pastor Asdrubal Hernandez ao se referir ao seu neto, que não quer mais falar em espanhol, agora só fala em português e se veste e se comporta como um brasileiro. Como também nas falas do Pastor Jesus Emílio Perez, que sente dificuldade ao conversar com os filhos e netos, pois, ao frequentarem a escola, passaram a trazer para casa os costumes que aprendem com outros alunos. Outro exemplo é a senhora Francia Arzuaga, que diz que vai à igreja para ter contato com a língua espanhola e lembrar-se da Venezuela.

Assistimos discursos de nostalgia entre os entrevistados. Não raro, ouvimos “é que na Venezuela não era assim” ou “hoje aqui tudo é diferente”. Ou seja, há uma necessidade de esconder/camuflar/escamotear os costumes originários no novo território (pertencimento), que entra em colisão/coalizão com os territórios imagéticos já criados e que fazem parte da história de vida da pessoa.

Outros momentos presenciados na igreja foram a fala de Najari Osório, 48 anos, residente no Jardim Santo André (venezuelana de El Tigre, interiorizada em Dourados em maio de 2020), ao explicitar que está “no Brasil por obra de Deus, pregando a palavra do senhor e, se Deus permitir, o regresso à Venezuela”, ela será “uma pregadora internacional”, pois aprendeu a cultura do Brasil e irá levá-la para a Venezuela (**figura 17**).

Figura 17 - Leitura da Bíblia.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 17** vemos o registro do culto religioso em que foi lido um trecho da Bíblia, na passagem de Êxodo 15: 22-18, 27, e após a leitura foi feita uma fala comparando o que os venezuelanos sofreram durante a migração e a imigração do povo judeu.

A fala da Irmã Najari Osório foi complementada pela fala do Pastor Osmar Benites, saudando os venezuelanos que estão sofrendo na Venezuela e no Brasil, os políticos e que o Brasil nunca passe pelo que a Venezuela está passando. Assim prosseguiu em sua fala:

Vamos todos levantar nossas mãos para o alto orar por todos nossos irmãos que estão aqui presentes, pelos irmãos venezuelanos que estão na Venezuela, orar pelo Brasil pelos governantes da Venezuela e do Brasil, que nunca deixe a fome chegar aqui, por todos os países da América do Sul. Pai nosso que estais no seu [...] (Entrevista Pastor Osmar Benites, 26/03/2023).

Também foi narrados relatos traumáticos, como mencionados durante a entrevista na casa do Pastor Asdrubal Hernandez, da Igreja Assembleia de

Deus, o qual relatou o período que ficou no abrigo em Pacaraima, no Centro de Acolhida Rondon I.

Falando das dificuldades que enfrentou com a alimentação, as dificuldades linguísticas, os furtos de pertences, como roupas, chinelo, malas e celulares, e a má higiene dos usuários do banheiro, fazendo com que o banheiro não pudesse ser mais usado, a menos que fosse totalmente desinfetado e lavado.

Dificuldades também relatadas em entrevista com o senhor José Manuel:

Minha família passou a ter problemas, passamos a passar fome, o dinheiro que estávamos ganhando não estava mais dando para sobreviver a inflação era muito alta. Como eram uma família de classe média, foi mais fácil. Vendemos o carro, a casa e pegamos o dinheiro que tínhamos no banco e juntamos o dinheiro das vendas e migramos para o Brasil. A situação econômica do país é muito ruim, a inflação é muito grande, o salário não tem valor, as coisas são muito caras. Muitos profissionais qualificados de classe média, como médicos, engenheiros, enfermeiros, saem do país em busca de novas oportunidades. Quem tem condições de sair do país, sai, e quem não tem, acaba ficando e, se não recebe ajuda de parentes que estão fora, acabam passando fome. (Entrevista José Manuel, 20/03/2021).

4.8 Questão Cultural e Integração ao Local

Acrescenta-se a isso o fato de a importância da integração local do migrante que mantém sua própria identidade, mas passa a conviver com a população local de modo “aceitável”, tornando-se parte da sociedade. No entanto, não significa que o migrante irá abandonar sua cultura. Pelo contrário, significa que ambas as culturas podem conviver, tanto a cultura do migrante quanto a cultura local, entendendo suas diferenças e o direito para preservar seu acervo cultural de origem (Crisp, 2004; Kuhlman, 1991).

Essas considerações teóricas são relacionadas à multiplicidade cultural, sejam elas religiosas, linguísticas, étnicas, social e alimentar, das quais se reconhecem e convivem/coabitam simbioticamente no mesmo tempo-espço, e o migrante “[...] se apoia sobre a existência e, portanto,

sobre o direito de existir [...] da legitimidade da existência da outra cultura, da outra comunidade ou do outro povo”, aduz Yves-Charles Zarka (2013, p. 212). Esses indivíduos, então, não se sentem ligados por este ambiente, mas sim pela diferença que os une (Arendt, H 2016).

Sendo assim, o que fica implícito é que cada indivíduo tem as suas próprias temporalidades e interage com o território de acordo com o tempo de adaptação, como apontado nos estudos de Moreira (2014, p. 89-90), ao dialogar com a hibridez cultural por meio do enfoque social, cultural, étnico, religioso, econômico, político, psicológico e espacial.

O autor sugere que a integração tem que ser abrangente, pois é complexa e em múltiplas esferas, uma vez que cada um tem a sua própria forma de operação/expressão e significado/sentido, desenvolvendo-se em temporalidades e trajetórias que lhes são individuais e produzindo resultados variáveis e diferentes de indivíduo para indivíduo. Adaptar-se socialmente a uma nova cultura é um processo que pode ser doloroso, pois apresenta uma dinâmica única para cada grupo de migrantes.

Acresça-se a isso que a integração é complexa e permeada por múltiplos fatores, dos quais podemos destacar os políticos, os socioeconômicos e os culturais. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de proporcionar, no acolhimento, o ensino e o aprendizado da língua, moradia e emprego e a utilização dos serviços públicos de saúde e educação. Assim serão construídas as relações sociais com a comunidade local.

Nas **figuras 18, 19 e 20** mostram a interação ao “novo local” com a edificação de uma residência, cultura religiosa representada pelo culto em espanhol e o batismo na Igreja Metodista em Dourados.

Figura 18 - “Pastores” Luzia e Áureo, da Igreja Metodista Central de Dourados com um casal de venezuelanos construindo sua casa em mutirão.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Na **figura 18** vemos o casal Luzia e Áureo⁶³, membros da Igreja Metodista Central de Dourados junto aos venezuelanos(as) construindo em mutirão uma residência no Bairro Monte Sião em Dourados - MS.

⁶³ Eles são leigos, não possuem o título pastoral, mas eram chamados carinhosamente de “pastores” pelos venezuelanos acolhidos pelo casal. Além do cuidado religioso, a Luzia e seu esposo Áureo recebiam os novos migrantes em sua casa e também os auxiliavam com a documentação, procurar emprego, entre outras assistências.

Figura 19 - Culto em espanhol para os(as) venezuelanos(as) na congregação da Igreja Metodista, Vila Seac,.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 19** vemos o registro do culto para os(as) venezuelanos(as) em espanhol, após o batismo na congregação da Igreja Metodista Central de Dourados, localizada na Vila Seac.

Figura 20 - Oração em espanhol com adultos e crianças antes da recreação.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na **figura 20** temos o registro da recreação na congregação Vila Seac, da Igreja Metodista Central de Dourados. As famílias venezuelanas participaram das brincadeiras e também foram distribuídos brinquedos e lanche para comemorar o Dia das Crianças.

Dessa maneira, é possível afirmar que, para uma integração social, é necessária a criação de políticas públicas e a qualificação de pessoas, como citado nas entrevistas pelo diácono Carlão, algo que as Cáritas Diocesana de Dourados estão oferecendo, por exemplo, aulas de espanhol para voluntários que irão trabalhar com migrantes venezuelanos, fato também mencionado

pelo senhor Lucas quando relatou sobre o treinamento e as oficinas com voluntários para o atendimento e auxílio ao migrante.

Logo, essas iniciativas podem assistir os grupos de migrantes na superação das suas diferenças culturais existentes, passando a dialogar com o outro, ensinando e apreendendo sobre o que é ser migrante ao mesmo tempo em que o integram na sociedade.

Assim sendo, quando a pessoa migra, as carências de aspectos culturais, sociais e afetivos são mais perceptíveis, como comidas típicas, comemorar datas festivas. Como relatado por Carla Caraballo, 20 anos, atendente de supermercado, reside no Jardim São Pedro (venezuelana de Maturim interiorizada em fevereiro de 2019) “Sinto saudade da Venezuela” e da “comida sinto muita falta”.

Assim sendo, surgem dois elementos importantes: identidade e memória. É pela memória que o sujeito se constitui (Bleichmar, 2005) e o fato de lembrar-se das comidas e festas já celebradas antes da migração e reproduzir no “novo” local alimenta a narrativa de construção da territorialidade.

Como exemplo, citamos as comemorações em feriados festivos ou datas comemorativas, como o Dia dos Pais, que, na Venezuela, é comemorado no terceiro domingo de julho, ao passo que, no Brasil, a comemoração acontece no segundo domingo de agosto.

Desse modo, houve duas celebrações de culto para o Dia dos Pais na igreja: a primeira foi no dia 16 de julho de 2023 em alusão ao Dia dos Pais que é comemorado na Venezuela, e o culto foi totalmente relacionado aos pais, após o culto, foi servida uma torta, arepa e uma bebida típica venezuelana, a chicha (**figuras 21, 22 e 23**).

Figura 21 - Torta de quesillo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 22 - Arepa de Frango⁶⁴



Fonte: Acervo pessoal do autor.

⁶⁴ Arepa venezuelana é um prato feito com farinha de milho pré-cozido. Em forma de bolinho, é colocada na chapa e depois pode ser recheada de diversas formas. É um dos pratos típicos da Venezuela.

Figura 23 - Bebida típica venezuelana, chicha (farinha de trigo, farinha de arroz, canela, açúcar, leite condensado, manteiga).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vemos nas figuras **21**, **22** e **23** algumas comidas e bebidas típicas venezuelanas.

A segunda celebração foi no dia 13 de agosto de 2023, data em que foi comemorado o Dia dos Pais no Brasil. Houve somente a celebração normal e a parabenização dos pais tendo em vista que no dia 20 de agosto de 2023 foi comemorado o aniversário de três anos da fundação da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 em Dourados Mato Grosso do Sul (**figuras 24 e 25**), havendo uma celebração totalmente voltada para comemorar essa data junto a uma celebração especial voltada aos pais, com distribuição de lembranças e, após o culto, uma confraternização com pratos tipos venezuelanos (**figuras 26, 27 e 28**).

Figura 24 - Pastor Osmar Benites fazendo a pregação e contando a história da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão I Dourados Mato Grosso do Sul.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 25 - Pastor Jesus Emilio Perez, com o bolo ao centro em comemoração aos três anos de fundação da igreja, fazendo oração em agradecimento.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A **figura 24** mostra o Pastor Osmar Benites falando sobre os três anos da Igreja Luz do Mundo Missão 1 Dourados, como ela foi fundada, as dificuldades que a igreja passou e a missão dela em Dourados. Já na **figura 25**, vemos o Pastor Emilio com o bolo ao centro, ele fez um agradecimento aos presentes e cantou a música parabéns em língua espanhola.

Figura 26 - Pastor Jesus Emilio Perez, com sua esposa pastora Ivone Ximenes, emocionados, e os pais venezuelanos sendo homenageados pelo Dia dos Pais.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A **figura 26** mostra que os pais presentes no culto foram chamados à frente para serem homenageados; na **figura 27** vemos lembrança que os pais receberam, após a distribuição das lembranças foi feita uma oração com hinos. Após a distribuição das lembranças e orações, vemos na **figura 28** que foi servido o jantar com comidas típicas venezuelanas: pastelito, arroz con pollo (arroz com frango) e panqueca de farinha.

Por meio dessa situação, podemos perceber uma dupla comemoração e um conflito de identidades, pois, na Venezuela, a comemoração do Dia dos Pais é em uma data e, no Brasil, é em outra. Sendo assim, passaram a comemorar as duas datas e, com o tempo de vivência no Brasil, possivelmente haverá somente a comemoração de uma data, ou seja, a data que se comemora no Brasil, pois é uma data próxima à data em que se celebra a fundação da igreja em Dourados e também estarão mais adaptados à cultura brasileira e também pelo fato de outros integrantes brasileiros passarem a fazer parte da igreja. Provavelmente passarão, assim, a comemorar datas festivas do local onde estão.

No caso do Dia das Mães, a data é celebrada no segundo domingo de maio tanto no Brasil quanto na Venezuela e, em 2023, foi comemorado no dia 14 de maio de 2023. Assim, houve uma celebração ministrada por mulheres (**figura 29 e 30**) e, após, distribuição de flores para as mães e uma confraternização com comidas típicas venezuelanas (**figura 31 e 32**).

Figura 29 - Irmã Najari Osório oração e leitura da Bíblia.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 30 - Pastora Ivone Ximenes cantando em espanhol.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 31 - Jantar após celebração em comemoração ao Dia das Mães.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 32 - Arroz con pollo (arroz com frango) e guasacaca.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nas **figuras 29** e **30** vemos a comemoração especial do Dia das Mães celebrada pelas mulheres, as **figuras 31** e **32** vemos o jantar servido após o culto em confraternização da data.

Com o tempo, suas memórias entrarão em “disputa”, pois os elementos da nova cultura já fazem parte de suas vidas, como a língua “nova”, a alimentação e as datas festivas. Dessa forma, há a necessidade de adaptação, à primeira vista, à língua; em segundo lugar, ao tipo de alimentação; em terceiro lugar, da religião⁶⁵; e, em quarto, ao contexto social⁶⁶.

Ao mesmo tempo, o migrante traz consigo toda uma informação identitária e social, e encontra uma cultura com valores totalmente diferentes daqueles de sua formação pessoal. A adaptação do migrante é uma hibridização entre o passado e o presente (de certa forma, todos nós somos híbridos), uma disputa entre os fatos sociais que, na nova localidade, perdem o valor ou ganham proporções e significados diferenciados, pois o lugar é outro e as relações estabelecidas e de convívio também são outras.

De acordo com Thomson (2002, p. 342-343), a história da migração começa antes, no local de origem, ou seja, na migração ou até mesmo antes, quando ele cria suas histórias como um evento de experiências que continua por toda a sua vida de migrante e pelas gerações subsequentes.

Assim, a identidade do migrante é uma construção social em constante transformação, acentuando no momento em que o indivíduo migra, dando o encontro com as diferenças.

Essa identidade é formada por diversos fatores de um indivíduo já inserido em um contexto histórico-social que o precede, estando ainda sempre em transformação (Hall, 2000). Por outro lado, Woodward (2000)

⁶⁵ As celebrações não são em língua espanhola, mas sim em português, fato presenciado durante a entrevista com a Irmã Rosane quando ela fala da dificuldade de frequentarem celebrações religiosas por causa da barreira linguística e por estar acostumando-se a outro modo de celebração, o que também foi mencionado pelo Pastor Jesus Emilio Perez, que relatou que muitos venezuelanos o procuram falando que querem ir à igreja, mas, por não dominarem o português, ficam receosos. O pastor respondia que poderiam ir à Igreja Luz do Mundo, porque a celebração é em língua espanhola.

⁶⁶ Pensamos que esses quatro elementos são essenciais para a adaptação do imigrante, mas não funcionam como regra geral. Pensamos em colocar nessa ordem como exercício de reflexão e recurso didático para a explanação de ideias.

afirma que a identidade é relacional uma vez que uma identidade depende da outra identidade que é diferente para existir, ou seja, de algo fora dela, que fornece as condições para que ela exista.

Entende-se que a identidade não é fechada e sim construída ao longo do tempo, tal como Jacques (2006, p. 155) refere, é um “constante estar sendo”, que se hibridiza no contato e na diferença em relação aos outros. Desse modo o sujeito passa a ter uma identidade híbrida, pois é influenciada pelo contato e influência causada pela diferença e do contato com a outra cultura.

A título de exemplo, a educação dos filhos, o convívio familiar e o hábito religioso passaram a ter representatividades diferentes, pois estão em outro local, assim, estabelecem outras relações de pertencimento e entram em choque com a nova cultura, já que os valores são outros, tal qual a representatividade social.

Pois a religião, etnia, a língua e a cultura são diferentes, além das diferenças de conhecimento social e educação, acredita-se que esses fatores precisam ser vistos e respeitados em organizações multiculturais, pois entende-se que “falar em imigração implica automaticamente em falar sobre cultura” (Sarriera; Pizzinato; Meneses, 2005, p. 6).

As experiências adquiridas durante a migração são sempre faladas, lembradas e recontadas para os descendentes, mantendo no seu imaginário o medo de uma possível deportação caso façam algo errado. E, desse modo, é pertinente quando o entrevistado faz questão de mostrar que tem todos os documentos em ordem e que, quando está trabalhando, questão de enfatizar que trabalha.

Como relatado por Jose Villela, caminhoneiro desempregado devido a idade, 60 anos, residente no Jardim Santo André (venezuelano de El Tigre, interiorizado em Dourados em maio de 2020), que reforça que, na sua casa, “todos trabalham, a esposa, o filho a filha e o marido brasileiro da filha”, e que ele fica em casa com o neto de três anos, mas gostaria de trabalhar, se

possível, em sua profissão de caminhoneiro “para ajudar nas despesas da casa e juntar dinheiro para ir a passeio à Venezuela rever os amigos”.

Como também relatado nas pregações do Pastor Osmar Benites, da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão I Dourados, no período que esteve no Peru, enfrentou dificuldades com documentação e trabalho, sentia saudade dos filhos e da esposa, que veio com o filho mais novo do casal para o Brasil e foi interiorizada em Dourados.

O senhor Osmar Benites migrou para o Peru, pois tinha ouvido relatos que lá seria melhor para trabalhar, mas, ao chegar, viu que não era do modo como lhe fora relatado, não conseguiu a documentação e só arrumava serviço pago por diárias (**foto 33**).

Figura 33 - Pastor Osmar Benites relatando as dificuldades que enfrentou no Peru.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

De acordo com Hall (2005), a pessoa (sujeito) precisa se sentir parte de um lugar (país) para criar e ter sua identidade [memória]. Do contrário, ele experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva. Essas memórias são lembradas quando são questionados como foi o processo de migração

e o que passaram, sendo ativadas nas memórias e, assim, passam a constituir a sua identidade.

Logo, gera uma narrativa compartilhada por palavras, imagens, expressões, gestos (sorriso, tristeza e alegria) tanto nas entrevistas como nas pregações⁶⁷.

Na narrativa, os migrantes utilizam a linguagem corporal, usam expressões faciais, sinais, gestos, reagem com tristeza ou alegria e fazem referência a seus ambientes e objetos deixados para trás, por exemplo, casa, carros, trabalho, estilo de vida, mas que fazem parte do seu imaginário, pois outrora estavam em suas relações sociais de vida. E por outro lado, a possibilidade de captar essas expressões corporais e orais é um fator importante e ressaltado por Bauer e Gaskell (2003).

Os migrantes são culpabilizados pelo senso comum e carregados de estereótipos e preconceitos, que os fazem de “reféns do próprio passado”, pelos problemas sociais, por possuírem manifestações culturais distintas, por serem responsáveis pela sua miséria, além de serem vistos como incapazes de contribuir à economia local.

Assim, há uma ruptura/quebra com o passado e, ao mesmo tempo, um retorno a esse passado no presente. Tanto a ruptura quanto o retorno são construídos discursivamente numa narrativa carregada de emoções, dramas e tramas, de expressões faciais e gestos corporais, colocando presente e passado como objetos de uma disputa na resignificação territorial imagética. Em continuidade, no **capítulo cinco**, iremos abordar sobre as vagas de emprego ocupadas pelos venezuelanos em Dourados.

⁶⁷ As pregações são uma performance teatral, uma representação acalorada e emotiva, somadas a gritos e leituras de trechos da Bíblia, mas, fora a performance teatral, as narrativas emotivas, as dificuldades, são similares e muitas vezes complementares aos relatos das entrevistas feitas com outros venezuelanos(as) e também aos relatos falados pelos venezuelanos no ambiente de trabalho.

5. AS VAGAS DE EMPREGO OCUPADAS PELOS VENEZUELANOS EM DOURADOS, MATO GROSSO DO SUL

Neste capítulo será discutida a interiorização, o acolhimento e as vagas de emprego ocupadas pelos venezuelanos(as), com alguns relatos das entrevistas que ajudaram a subsidiar a discussão. Também iremos discutir as rotas e as redes migratórias que muito ajudaram os venezuelanos no processo de interiorização na adaptação a Dourados e no auxílio para arrumar emprego.

O primeiro venezuelano a chegar a Dourados veio por intermédio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias⁶⁸, em meados de setembro de 2018, ficando hospedado com a sua família na casa do bispo Maykon, pois todos os bispos da igreja (Elder⁶⁹) receberam uma carta para hospedarem irmãos da igreja venezuelana em suas casas e os auxiliarem com a adaptação, buscando por residência, ajudando no pagamento do aluguel, a emitir documentos e a procurar emprego.

Assim, veio para Dourados a primeira família de venezuelanos, ficando hospedada na casa do bispo Maykon, que, no início, foi pego de surpresa pela chegada da família de venezuelanos, não dando tempo para poder alugar uma casa. Por esse motivo, ficaram hospedados em sua residência por quase dois meses.

⁶⁸ É uma religião conhecida mundialmente, com mais de 16 milhões de membros, centralizada na crença de que todas as pessoas na Terra são filhas de um Deus amoroso e de que seu filho, Jesus Cristo, salvou o mundo do pecado e da morte. Jesus Cristo convida todos os filhos de Deus a segui-lo. O profeta Joseph Smith Junior orou a Deus e teve visões para restaurar a fé, e assim traduziu um antigo registro escrito por profetas que passou a ser chamado de *O livro de Mórmon*. Smith Junior tornou-se o primeiro presidente dessa religião, fundamentada no testamento de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Salvador da humanidade. Assim surgiu o nome Mórmons, e os fiéis da igreja passaram a serem (re)conhecidos dessa forma (A Igreja [...], 2021).

⁶⁹ Elder significa o mais velho e na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias um Elder é um ministro de Cristo que administra os assuntos espirituais da igreja. É também um título usado por missionários do sexo masculino e autoridades gerais da igreja. Já no caso da mulher o título é Sister.

Nesse ínterim, junto aos membros da igreja, puderam alugar uma casa, mobiliar, providenciar documentos e o bispo pôde sair com o venezuelano para procurar trabalho. Por meio da rede de contatos do bispo, o migrante venezuelano conseguiu emprego na JBS S.A.

Após a sua efetivação no trabalho, o venezuelano relatou para o setor de recursos humanos da empresa que, de onde ele vinha, havia muito outros venezuelanos desempregados e passando por problemas econômicos. Logo, a empresa JBS S.A entrou em contato com o bispo Maykon, que, por sua vez, entrou em contato com membros da Igreja em Roraima, a fim de trazerem migrantes venezuelanos para Dourados.

Dessa forma foi iniciada a interiorização para Dourados, por sinalização de oferta de emprego, e o bispo Maykon entrou em contato com outras lideranças religiosas para poder receber e auxiliar os migrantes, surgindo em Dourados o Projeto Acolhida.

Como sinalização de emprego, a Empresa Seara Alimentos Ltda., empregadora local, do ramo de frigorífico, pertencente ao Grupo JBS S.A., tinha disponíveis mais de 400 vagas de empregos ociosas, pois os douradenses não queriam ocupar essas vagas de emprego devido aos salários baixos, ao excesso de trabalho e ao turno noturno.

Segundo o Projeto Acolhida (*apud* Silva, 2020, p. 156):

A contratação ocorreu da seguinte forma: primeiramente os venezuelanos interessados na interiorização deveriam se candidatar a uma das vagas disponíveis. Logo após passavam por uma triagem dividida em três etapas: a primeira consistia na entrevista com os militares do exército, a segunda com o Departamento de Recursos Humanos da empresa através de vídeo chamadas realizadas com o apoio do ACNUR e da OIM, em especial a OIM e a terceira se daria com a realização de exames médicos, que foram custeados pela empresa.

As vagas ociosas que a empresa tinha acabaram sendo ofertadas aos venezuelanos que vieram para Dourados entre os anos de 2019 e 2020, a princípio vieram pelas vagas de emprego sinalizadas e, assim que

conseguiram se estabelecer, começaram a trazer seus familiares, iniciando, desse modo, a segunda etapa da interiorização.

Temos que levar em consideração, com base nos apontamentos de Fontes (2010, p. 42), que fica visível que, diante das pressões do mercado de trabalho, os migrantes ficam sujeitos a trabalharem em condições precárias e a receberem salários inferiores, sendo submetidos a conjunturas laborais desumanas.

Isso é muitas vezes ocasionado pela necessidade financeira e pelo desejo de retomar o curso de suas vidas, passando, assim, os migrantes a serem os alvos preferenciais de empregadores ou agenciadores de má índole. Isso foi evidenciado durante o nosso trabalho de campo e também pelo convívio em nosso último emprego no lava-rápido, quando foi relatado a exploração da força de trabalho.

E de acordo com Silva (2020, p. 195):

[...] para o combate de tais situações seria necessária a atuação dos Poderes Públicos municipal e estadual. O contexto de informalidade enfrentado por alguns venezuelanos poderia ser combatido com a prestação de informações à coletividade desses imigrantes sobre os direitos e deveres do trabalhador no Estado brasileiro, de forma a mitigar o desconhecimento sobre a legislação trabalhista e a propiciar maior protagonismo aos migrantes.

Contudo, essa situação não funciona na prática, pois o que presenciamos foi a forma autoritária com que o empregador do lava-rápido tratava seus funcionários. Quando o senhor Cristian Arevalo (venezuelano, ou algum outro) ia reclamar sobre o excesso de horas trabalhadas, que estávamos trabalhando muito e que, por lei, deveríamos trabalhar oito horas diárias e que na Venezuela era diferente, o empregador dava risada e “falava que aqui era Brasil” e ele era quem fazia as leis, pois ali dentro ele mandava e desmandava e mostrava a arma na cintura da calça. Esse relato é um exemplo claro de xenofobia e de violência.

Às vezes era falado “na Venezuela é na Venezuela”, “aqui é Brasil e dentro do meu estabelecimento eu faço as minhas leis” e “caso algum de

vocês forem me denunciar na justiça e vier algum oficial aqui eu derrubo na bala, eu sei onde cada um de vocês mora”. Assim, tanto nós, quanto os outros venezuelanos éramos forçados a trabalhar.

O abuso também pode ser percebido na entrevista do senhor Francisco Rafael, ao relatar que o empregador se aproveitou que ele estava em uma situação irregular, ou seja, sem documento, o contratou para trabalhar em uma construção e não pagou o salário:

Fui contratado para trabalhar em uma construção, e trabalhei o mês todo levando comida de casa, trabalhei o mês todo e quando fui cobrar o pagamento o patrão disse que não tinha que me pagar que estava fazendo um favor para eu por ser Venezuelano que tinha que trabalhar sem reclamar e caso eu achasse ruim que fosse denunciar.

Eu larguei o serviço não recebi nada. Não denuncie, pois estava com a situação irregular aqui no Brasil, tive medo de ser expulso do Brasil e ter que voltar a passar fome na Venezuela. Foi por isso que não denunciei, mas Deus irá me dar em dobro tudo que me foi tirado. (Entrevista Francisco Rafael, 03/04/2021).

A ânsia de voltar ao mercado de trabalho faz com que acabem se sujeitando a ter que desenvolver uma atividade profissional e receber um salário totalmente diferente da sua formação profissional. Foi possível perceber que, como a maior parte dos entrevistados tem apenas o ensino médio completo e não exerce atividades profissionais de alta complexidade, acaba exercendo atividades que outros brasileiros faziam ou deixaram de fazer por não terem salários atrativos.

O migrante faz um grande esforço para demonstrar sua capacidade intelectual, expressando, assim, dedicação e empenho para provar ao contratante que é capaz. Mesmo assim, discursos de que os venezuelanos estão roubando postos de trabalho acabam surgindo, pois, com um crescente número de venezuelanos empregados, os discursos discriminatórios surgem.

Desse modo, o processo de inclusão e exclusão social são dialéticos, sendo as duas facetas contraditórias do capitalismo e do processo migratório. De um lado o capitalismo força a [e/i]migração/expulsa as pessoas de seu

país/local de origem, por não oferecer condições mínimas para a sua subsistência, e, por outro lado, o país/local de destino nega a possibilidade de (co)existência e (re)construção da sua vida, destinando o [e/i]migrante aos piores postos de trabalho e condições de trabalho informal análogas à escravidão. Desse modo, há uma dialética entre inclusão e exclusão e o [e/i]migrante sendo duplamente excluído.

Dialogando com José de Sousa Martins (2002, p. 19), refletir sobre exclusão e capitalismo é refletir a respeito do que é capitalismo nos dias de hoje a partir da intuição política e social, do homem comum, de que vivemos numa sociedade que visivelmente descarta e secundariza pessoas.

Segundo Martins (2002, p. 30-31):

“Excluído” é apenas um rótulo abstrato, que corresponde a nenhum sujeito de destino: não há possibilidade histórica nem destino histórico nas pessoas e nos grupos sociais submetidos e essa rotulação. “Excluído” e “exclusão” são construções, projeções de um modo de ver próprio de quem se sente e se julga participante dos benefícios da sociedade em que vive e que, por isso, julga que os diferentes não estão tendo acesso aos meios e recursos a que ele tem acesso. O discurso sobre a exclusão é o discurso dos integrados, dos que aderiram ao sistema, tanto à economia quanto aos valores que lhe correspondem. Dificilmente se pode ver nele um discurso antcapitalista, embora ele certamente seja um discurso socialmente crítico.

Não concordamos com o autor ao falar que excluído seria um rótulo abstrato, ou seja, não podemos dar rótulos à situação de vida que a pessoa tem ou está passando devido ao sistema capitalista, por ela ser [i/e]migrante ou por estar em situação de vulnerabilidade social. Pensamos que os excluídos são todos aqueles que não participam e têm seus direitos básicos negados em uma sociedade capitalista na qual impera a sobrevivência do mais forte, e aqueles que não são os mais fortes, ou seja, não se enquadram no mercado de trabalho, são excluídos.

E corroborando com Martins (2008), foi possível, em nosso trabalho de campo, perceber uma grande aproximação, quando os venezuelanos alegam que “fugiram” da crise econômica venezuelana para ter uma situação

econômica melhor no Brasil, muito embora engajados com um discurso crítico e social contrário ao governo venezuelano.

Mas o discurso não é anticapitalista, é sim de reprodução do sistema, de trabalhar, ganhar dinheiro, ter uma melhoria de vida, mandar dinheiro para os familiares, ou seja, mesmo críticos ao sistema, corroboram para a sua reprodução.

Por isso, do ponto de vista social e imediato, entre as pessoas que vivenciam o processo de exclusão, difunde-se o sofrimento, a pobreza e a humilhação, difunde-se um certo sentimento de privação, de perda, de expropriação, ou seja, um componente ilógico na noção de exclusão (Martins, 2002).

A pessoa que é forçada a migrar do seu país de origem, ao migrar, sofre com a adaptação e, se não conseguir se inserir no mercado de trabalho, passa a desenvolver trabalho braçal e de baixa remuneração; essa situação a leva a viver na periferia, sendo mão de obra barata para se sustentar. Portanto, ela não participa ativamente, mas sim informalmente do sistema capitalista, revelando, dessa forma, a maior perversidade do sistema, que é contraditório ao incluir e excluir ao mesmo tempo.

Assim, cria-se uma dupla exclusão e, em aproximação aos estudos de Martins (2002, p. 35-36), o sujeito é excluído e rejeitado pela sociedade, mas é capturado como consumidor, como mão de obra barata e também como influenciador do aumento dos preços dos aluguéis mesmo sendo um consumidor marginal, pois suas necessidades são limitadas e são ditadas pela sociedade de consumo, seus valores e costumes. Segundo Sawaia (2014, p. 109, grifo do autor):

A manutenção da miséria e a servidão são de interesse do capital, visto que assim o mantém [...] constitui a ideia central da dialética da inclusão/exclusão, sendo que “nessa concepção, a exclusão perde a ingenuidade e se insere nas estratégias históricas de manutenção da ordem social, isto é, no movimento de reconstituição sem cessar de formas de desigualdade [...]”.

Nesse universo, as pessoas são vistas como desiguais, significando que cada indivíduo só pode participar de acordo com sua competência, ou seja, apenas exercendo o papel que lhe cabe (Costa, 2011, p. 315), como se fossem programadas para reproduzir o sistema capitalista independentemente dos seus anseios.

Fica evidente, portanto, que a contradição é o *modus operandi* do sistema capitalista, que se alimenta dessa contradição para a sua perpetuação.

Na **subseção 5.1**, será discutida a busca por postos de trabalho pelos migrantes e a interiorização em Dourados, Mato Grosso do Sul.

5.1 A interiorização em Dourados, Mato Grosso do Sul, e a busca pelo trabalho

Após os venezuelanos(as) migrantes, entrarem em Pacaraima, se inicia outro processo, a interiorização, composta por duas etapas. A primeira é a regularização da documentação (os venezuelanos são regularizados no Brasil na condição de migrante ou refugiando), avaliação médica e imunização (vacinação) e assinatura do termo de voluntariedade em participar da Estratégia de Interiorização.

A segunda etapa é o deslocamento até o local de destino e a integração, a depender da modalidade de escolha.

Sendo apoiadas com ações e atividades para facilitar sua inclusão socioeconômica, as pessoas permanecem em abrigos por alguns dias ou até mesmo meses. O pastor Asdrubal Hernandez relatou que ficou três meses no abrigo.

[...] muito sofrimento, padecimento, padecemos por três meses no abrigo. Saí de Bolívar, vim para o Brasil, pois era mais perto, não quis ir para a Colômbia, era muito longe. Em Pacaraima, era um martírio, dormia mal, só tinha duas refeições, café da manhã (leite com café, bolacha ou pão) e a janta (marmitex). Não podia ficar durante o dia no abrigo, tinha que sair para a rua, e ia pedir nas casas das pessoas. Recebemos muita ajuda, Deus abriu as porta de uma senhora que recebeu eu minha mulher e minha neta em sua

casa para almoçar. Quase todos os dias essa senhora nos dava almoço, somos muito gratos a ela, pois não é fácil dar comida para uma família, é muita despesa, arroz, feijão, carne, é muita despesa (Entrevista Asdrubal Hernandez, 10/02/2023).

Nas falas do Pastor Asdrubal Hernandez, durante a entrevista relatou que, pela quantidade crescente de pessoas que chegam ao abrigo, a comida se tornava escassa e muitas vezes tiveram que limitar um pão por pessoa, frequentemente a pessoa que pegava primeiro “furava” fila e comia duas vezes, no final acabava faltando comida para as pessoas que ficavam no final da fila, por isso as brigas e discussões entre as pessoas eram constantes.

O mesmo acontecia com a marmitex, quem comia primeiro, comia rápido e já voltava para a fila alegando que não tinha comido, como havia muitas pessoas, o exército não dava conta de administrar essa situação.

Outras pessoas, por motivos de segurança, preferem alugar uma casa enquanto esperam o processo de interiorização, como foi o caso da senhora Francia Arzuaga, que relatou que o sogro preferiu alugar uma casa a ficar no abrigo:

[...] tinha muita gente em Boa Vista, tinha um refúgio só. Preferimos ficar todos na mesma casa, todos nós apertados. Aí a gente saía todos os dias de manhã para procurar uma diária, alguma coisa para gente trabalhar [...]. (Entrevista Francia Arzuaga, 23/02/2023).

O pastor Asdrubal também relatou:

Aqui em Dourados, sou pastor, sempre estou com o pastor Matias Baldo, e pela minha idade, não consigo mais arrumar trabalho e agora vivo pela graça de Deus e para a obra de Deus, servindo na Igreja Assembleia de Deus (Entrevista Asdrubal Hernandez, 10/02/2023).

Os primeiros grupos interiorizados em Dourados, vieram para ocupar vagas de emprego ociosos na Empresa Seara Alimentos Ltda.

Sobre a articulação entre o Exército Brasileiro e a empresa Seara Alimentos Ltda para a contratação, segundo os estudos de Silva (2020, p. 156):

[...] ocorreram entre o Exército brasileiro e a Empresa Seara Alimentos Ltda, empregadora local, do ramo de frigorífico, pertencente ao Grupo JBS S.A., começaram no mês de janeiro de 2019, por meio da iniciativa de um venezuelano, que chegou por conta própria no município de Dourados e, ao buscar uma vaga de trabalho na referida empresa, relatou a existência de compatriotas, em Roraima, que careciam de empregos para recomeçarem a vida fora de seu Estado de origem.

Em seus estudos, ainda aponta que a empresa tinha:

[...] quatrocentas vagas de trabalho ociosas, pois a população douradense e dos municípios próximos não desejava ocupá-las, seja pelo tipo de posto de trabalho ou pelos turnos nos quais a atividade laboral é desenvolvida, a referida empresa contatou a liderança do Exército na Operação Acolhida para verificar se alguns imigrantes venezuelanos desejavam ser interiorizados, voluntariamente, para Dourados. Simultaneamente, os membros da Caritas Diocesana de Dourados, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) e da Igreja Metodista se uniram e criaram o “Projeto Acolhida”, objetivando gerir e auxiliar o fluxo de venezuelanos a ser interiorizado. (Silva, 2020, p. 156).

Assim, nesse período, “a maior parte do processo de interiorização desses migrantes para Dourados, [...] ocorreu na modalidade de oferta de emprego sinalizada” (Silva, 2020, p. 157), fato, atualmente, que não condiz com a realidade apresentada, pois, como demonstrado no **Gráfico 05**, atualmente a procura pela interiorização em Dourados é na modalidade Reunião Social e Reunificação Familiar.

Insta salientar que as vaga de emprego, ofertadas pela empresa Seara Alimentos Ltda., são as não preenchidas pelos douradenses e por moradores de cidades próximas devido à baixa remuneração e ao turno de trabalho noturno. Assim, a empresa, para não ter que diminuir a sua produção ou ter que aumentar o salário, recorreu aos migrantes para a manutenção da sua linha de produção.

Sob essa perspectiva, a empresa Seara Alimentos Ltda. só participou do Projeto Acolhida empregando migrantes, pois necessitava dessa mão de obra devido ao aumento do consumo. A produção aumenta e, para que não aumente o salário ou para que não tenha que migrar para outras localidades

carentes de empregos, a empresa recorreu aos migrantes venezuelanos para suprir suas necessidades mercadológicas.

Em um contexto de globalização e de vulnerabilidade econômica, já elucidados ao longo deste texto, a busca por trabalho é um dos principais motivos para a diáspora venezuelana para o Brasil. Os migrantes saem em busca de novas perspectivas de vida, no ensejo de alcançar primeiramente a sobrevivência e, sucessivamente, a estabilidade financeira e um futuro melhor para si e para seus familiares por meio da oferta de emprego., Isso se traduz nos discursos dos entrevistados, ao falarem sobre o que já conquistaram no Brasil e que nunca teriam condições de conquistar na Venezuela, e que o trabalho é um elemento primordial para a integração na sociedade acolhedora, um discurso de gratidão ao Brasil pela acolhida e por proporcionar chances de emprego e de conquistar bens materiais e a sonhada estabilidade financeira (Silva, 2020).

Sabemos que, em uma sociedade capitalista, o trabalho condiciona a existência humana, colocando o indivíduo em posição de carência econômica e impondo o sentimento de pertencimento a grupos sociais a partir do seu consumo ou suas realizações materiais. Isso aliena a concepção humana que, para ganhar dinheiro e se sentir útil, o indivíduo vende a sua força de trabalho na esperança da tão sonhada estabilidade econômica que nunca virá, pois ela é um fetiche, uma vez que mais necessidades econômicas serão criadas e novos fetiches são (re)criados, (re)conduzindo, assim, à total alienação dos indivíduos ao trabalho para sustentar o capitalismo e a lógica de exploração por meio do sonho da estabilidade financeira e do consumo (Ribeiro, 2019; Antunes, 2019).

Por derradeiro, para que o migrante venezuelano tenha a sua autonomia, possa garantir o seu próprio sustento e recomece a sua vida é necessário que esteja trabalhando e desenvolvendo uma atividade profissional condizente com a sua qualificação.

No entanto, não foi isso que aconteceu em Dourados, já que o trabalho destinado ao migrante, que condicionou a sua existência enquanto migrante, não é um trabalho qualquer, pois se trata daquele que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui (Sayad, 1998, p. 55).

Pelo exposto, as vagas de empregos ofertadas são as que não foram preenchidas pelos moradores locais devido à baixa remuneração, ao tipo de trabalho e aos turnos. As vagas ofertadas, muitas vezes, não eram condizentes com o nível de qualificação profissional dos migrantes, pois no primeiro grupo de interiorizados que vieram exclusivamente para trabalhar na Seara, a grande maioria tinha nível superior, mas passaram a exercer uma função inferior à sua qualificação profissional. Entretanto, para os migrantes, o que resta são essas vagas de emprego, pois somente estando empregados são aceitos na sociedade.

Os migrantes passaram a ocupar postos de trabalho que os brasileiros não querem ocupar, por exemplo, em empresas como a Sadia S/A, devido à remuneração baixa e às condições de trabalho insalubres, na construção civil como diaristas, entregadores de plataformas digitais (utensílios gerais, medicamento, bebidas e alimentos), jardineiros, lavadores de carro, ajudante de cozinha, ou em casas de família como domésticas. Ou seja, trabalhos que não exigem muita qualificação e sim muito esforço físico.

Desse modo, ao se verificar que o trabalho consiste na própria justificativa do migrante, e que essa justificativa consequentemente desaparece quando desaparece o trabalho que a cria (Sayad, 1998, p. 55), ou seja, migrante existe por causa do trabalho e, se não há o trabalho, o migrante não existe, deixa de existir por não atender as exigências do mercado de trabalho que proporcionou a sua condição de existência.

Com isso, os migrantes passam a ser invisíveis sociais, não encontrado condições de representação. Segundo Tomás, (2012, p. 3):

[...] a invisibilidade social visa depender da percepção que os outros têm de mim. Se o outro não me vê é certamente porque eu não existo para o outro, no entanto existo fisicamente, logo sou visível. A

não percepção do outro é o resultado da sua vida da qual eu não faço parte.

Em outras palavras, eles são vistos e aceitos enquanto são mão de obra e estão ocupando vagas de empregos ociosas. Assim que essa condição muda, passam a não mais serem vistos e perdem a sua representatividade, pois se não estão trabalhando, passam a ser marginalizados.

Corroborando com essa discussão, são obrigados a migrarem para outras localidades, reiniciando o círculo [e/i]migratório, ou a procurarem novos postos de trabalho, ficando expostos à situação de exploração de sua mão de obra ou a condições de subempregos. Assim, o que se destaca atualmente em Dourados é o trabalho por demanda, ou seja, a uberização⁷⁰ do trabalho, atualmente os entregadores de aplicativos de *fast food* e de motoristas de aplicativo são postos de trabalho ocupados por migrantes haitianos e venezuelanos.

A mão de obra imigrante é utilizada como meio de exploração abusiva, pois existe uma forte dependência laboral desse tipo de trabalhador em relação à empresa empregadora, o que leva muitos empregadores a submeterem os imigrantes a condições insalubres e desiguais (Fontes, 2010, p. 54).

De acordo com os estudos de Silva (2020, p. 196), para o combate de tais situações, seria necessária a atuação dos poderes públicos, municipal e estadual. O contexto de informalidade enfrentado por alguns venezuelanos poderia ser combatido com a prestação de informações à coletividade desses migrantes sobre os direitos e deveres do trabalhador no Estado brasileiro de forma a mitigar o desconhecimento sobre a legislação trabalhista e a propiciar maior protagonismo aos migrantes.

⁷⁰ Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processo e formas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZW9Bcy5GkYGzngPxwB/>. Acesso em: 12 maio 2024.

Ainda de acordo com os apontamentos de Silva (2020, p. 196), outros problemas também ocorrem na integração laboral dos imigrantes no mercado de trabalho formal, como a inserção em vagas não condizentes com a sua qualificação educacional e, posteriormente, em vagas com remuneração baixa.

Assim, segundo Silva (2020, p. 196):

Isso inclusive se aplica à contratação dos venezuelanos pela Seara Ltda., haja vista que cerca de 10% dos imigrantes, advindos da primeira à quarta etapa de interiorização, tinham nível superior completo, mas foram contratados para laborar como operadores gerais, com remuneração de R\$ 998,00 (novecentos e noventa e oito reais).

A precariedade na inserção no mercado de trabalho é relacionada à falta de documentação necessária, pois muitos migraram e chegaram a Dourados somente com a roupa do corpo, pois passaram de um abrigo ao outro e, durante as mudanças, documentos foram perdidos ou muitos migrantes simplesmente não trouxeram a documentação.

Outra situação de dificuldade é o processo de revalidação de diploma. Em conversa com a Mirtha Capio, presidente da Associação Venezuelana de Campo Grande (AVCG), soubemos que muitos venezuelanos a procuram pedindo auxílio para a revalidação de diploma, e ela relatou que tem conhecimento de médicos, advogados e engenheiros que vivem em Campo Grande e estão estudando para fazerem a prova de revalidação de diploma.

Essa realidade também foi relatada pelo senhor Odair Laércio de Lima, atual tesoureiro das Cáritas Diocesana de Dourados Mato Grosso do Sul, que tem conhecimento de médicos e advogados que estão em Dourados e exercem outras funções. Ele citou o caso de um venezuelano formado em engenharia que trabalha em uma mecânica de automóveis, e também tivemos contato, na Igreja Metodista Central de Dourados, com um engenheiro mecânico que trabalha na construção civil como ajudante.

Diante disso, a falta de documentação e a revalidação de diplomas é um obstáculo na busca por empregos condizentes com a formação acadêmica dos migrantes. Cientes dessa grande dificuldade e dos altos custos para a revalidação de diplomas, a UEMS criou um convênio com a ONG Compassiva⁷¹, de São Paulo, para subsidiar a revalidação de diplomas de migrantes venezuelanos.

Segundo Silva (2020, p. 196):

A discussão sobre a precariedade do trabalho, do subemprego e da necessidade de revalidação de diplomas de nível médio e superior teve relevância entre os membros do Projeto Acolhida, os quais buscam coibir o trabalho precário e o subemprego mediante a participação em reuniões com os membros do MPT, DPU, MPF e MPE e a fortalecer as ações direcionadas à revalidação de diplomas de Ensino Médio e de Ensino Superior [...].

Silva (2020, p. 197) também pontua:

[...] destaca-se que os desafios e as dificuldades relacionadas à integração laboral dos venezuelanos em âmbito local – comprovação de escolaridade, demandas como a revalidação de diplomas de nível superior, informalidade, exploração da mão de obra, etc. – devem ser constatadas e trabalhadas também pelos atores das demais esferas federativas de governo, por ONGs, pela sociedade civil organizada e pelo empresariado, a fim de corroborar para que, a longo prazo, a integração laboral dos imigrantes venezuelanos, no Brasil, considere a qualificação profissional de tais indivíduos e ofereça melhores oportunidades de trabalho e inserção formal, respeitando seus direitos e a legislação trabalhista. [...] observou-se outra relativa à revalidação da escolaridade para o exercício profissional, tornando-a uma questão importante.

Com relação à revalidação dos diplomas de ensino médio cursado no exterior, é preciso o preenchimento de um formulário do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul e a realização de uma prova ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em relação à revalidação de diplomas de nível superior, a dificuldade é quanto à documentação exigida,

⁷¹ ONG Compassiva Compaixão que transforma. Disponível em: <https://compassiva.org.br/>. 08 mar. 2023.

aos custos do processo, ao prazo da tramitação e à comparação da grade curricular.

O mercado de trabalho é fundamental para o indivíduo ser integrado e aceito socialmente, e também imprescindível para a sua subsistência. Com isso, os migrantes geralmente aceitam trabalhos com condições precárias e com salários baixos, como foi o caso do Cristian Arevalo, presenciado por nós no lava-rápido, que se sujeitou a um trabalho humilhante e constantemente sofria assédio moral e xenofobia por parte do empregador no ambiente de trabalho, o qual se aproveitou da situação de vulnerabilidade do venezuelano e passou a ignorar leis trabalhistas e de segurança do trabalho, submetendo-o a uma jornada de trabalho desumana e a uma atividade insalubre.

Após o Cristian Arevalo sair do lava-rápido, ele conseguiu emprego em uma distribuidora de bebidas com a ajuda do pastor da Igreja Batista, e o pastor o auxiliava com uma cesta básica.

Em contrapartida, há migrantes venezuelanos em Dourados que se destacaram, aproveitaram a experiência de vida adquirida durante o processo migratório e as oportunidades de emprego que tiveram em Dourados para poderem investir, comprando casa, moto, carro, como é o caso da senhora Francia, que está pagando as prestações de um terreno e logo sairá do aluguel.

De acordo com a senhora Francia Arzuaga, o fato de ser migrante venezuelana e dominar a língua portuguesa, que antes era um “desafio, por ser tudo novo, tudo era diferente”, é um fator de diferenciação e de qualidade/qualificação/destaque para ajudar em conseguir os melhores postos de trabalho.

Nesse contexto, o que fica evidente é a condição básica humana para a reprodução socioeconômica por meio do trabalho, por isso a importância da integração laboral dos venezuelanos em Dourados, que chegam com a promessa de trabalho e de se reproduzirem economicamente, passando a

ocupar as vagas ociosas que os brasileiros não querem ocupar. Na **subseção 5.2** será discutida a inserção no mercado de trabalho.

5.2 Inserção no mercado de trabalho

Inserir-se no mercado de trabalho é um processo de emancipação e de inserção social que os migrantes venezuelanos procuram como forma de fugir da miséria e do desemprego. Além disso, o trabalho é condição para a sobrevivência e a aceitação.

Os indivíduos são expostos a condições de dependência econômica, são marginalizados e, por meio do dinheiro, é possível satisfazer suas necessidades individuais e a realização de sonhos fetichizados.

Com isso, o indivíduo é estimulado a vender sua força de trabalho e alienar-se ao mundo capitalista de produção, pois, para suprir suas necessidades básicas, é preciso vender sua mão de obra, e, para realizar seus sonhos, tem que trabalhar cada vez mais, criando um ciclo vicioso onde, uma vez inserido, não há como sair; como relatado pelo pastor Asdrubal Hernandez ao contar que o seu neto de 18 anos não quer mais estudar, que gosta de dinheiro, então tem que trabalhar para comprar roupas e se vestir igual a um brasileiro.

Com isso, os imigrantes são mais um grupo de desempregados que procuram a sua inserção no mercado de trabalho e, por estarem vulneráveis, acabam sendo obrigados a se sujeitarem ao subtrabalho, a longas jornadas de trabalho e a salários baixos, muitas vezes passando a fazer os trabalhos que os nacionais não querem fazer.

E de acordo com o Painel de Interiorização do Governo Federal, a base do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), os postos de trabalho que se destacam são ocupados por migrantes venezuelanos(as) em Mato Grosso do Sul; são trabalhos da construção civil, cozinheiros, secretários administrativos, ajudante geral, padeiros e vendedores.

Em serviços como na construção civil e em lava-rápido, há sempre a demanda de trabalhadores, mas por questões de insalubridade, longas jornadas de trabalho e baixíssima remuneração, esse tipo de trabalho acaba sendo ocupado por migrantes e por pessoas que passam por extrema pobreza.

O grande deslocamento de pessoas para trabalhar aumenta a chance daquelas que estão inseridas no mercado de trabalho passem a ser alvo da precarização do trabalho, com remuneração injusta e sujeitas a organizações ilícitas, como no contrabando de imigrantes e no tráfico internacional de pessoas, ou culminando com condições análogas à escravidão (Souza Júnior, 2022, p. 54).

Conforme os apontamentos de Antunes (2009, p. 12), “[...] se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social”. Isso, na prática, não funciona, pois trabalhávamos juntos com venezuelanos e constantemente éramos assediados a cumprir longas jornadas de trabalho sem sermos remunerados, sob a alegação do empregador de que, “se não fizer o trabalho, não tem problema, amanhã contrato um venezuelano que irá fazer esse seu trabalho”.

O trabalho é a condição básica para a manutenção da vida, garantido, assim, a sobrevivência do indivíduo. No caso dos venezuelanos, a sociedade os reconhece como sujeitos de direitos e de deveres quando eles estão trabalhando. Por essa razão, são reconhecidos como úteis e não mais como necessitados de assistencialismos.

Nesse sentido, a senhora Judith Velásquez, esposa do pastor Asdrubal Hernandez, nos relatou: “a vida de um imigrante é trabalhar, não tem outra coisa a não ser trabalhar”.

Nesse aspecto, a vida de um imigrante é viver em uma constante superação discursiva, cultural e identitária caracterizada por especificidades. A partir dos contatos com eles, entendemos que os discursos construídos

pelos migrantes é o trabalho, pois vieram para o Brasil e que neste país há a obrigação de trabalhar.

A esse respeito, a vida do sujeito ganha uma outra significação: a luta pela adaptação e a diferença em relação à comunidade. Então, a memória opera nesse contexto como um constante trânsito de sua cultura para a cultura do outro, reproduzido em seus discursos, por exemplo, “nessa terra estrangeira só nos resta o trabalho” ou “viemos para cá somente para trabalhar”.

Refletindo sobre as falas da senhora Judith Velásquez e considerando os apontamentos de Sayad (1998, p. 16), o migrante só existe, de fato, na sociedade que assim o denomina a partir do instante que atravessa suas fronteiras e pisa no seu território; o migrante “nasce” nesse dia para a sociedade, que assim o intitula como “migrante”. Portanto o sujeito se desterritorializa de sua terra natal e se reterritorializa como migrante nascido no novo local. No caso dos venezuelanos, eles nascem como migrantes ou refugiados no Brasil.

Destarte, nas falas de Judith Velásquez, o que fica evidente é que o migrante, depois que “nasceu”, está inserido quando está trabalhando e indo para a igreja, pois assim podem suprir suas necessidades básicas, ajudar os parentes e agradecer a Deus.

Assim, os venezuelanos(as) em Dourados nasceram no momento que foram interiorizados, pois, perante a sociedade, passaram a ser reconhecidos como migrantes e passaram a ser aceitos, pois estavam vindo para trabalhar, se esquecendo de que estavam sendo expulsos de sua localidade.

De acordo com os apontamentos de Sayad (1998, p. 55), o trabalho condiciona a existência do migrante, ou seja, ele só existe em virtude do trabalho e, caso esteja desempregado, deixa de existir, pois ele só existe por causa do trabalho.

E de acordo com os estudos de Wacquant (2002):

O imigrante é alguém sem colocação: a instabilidade da sua vida é interpretada como uma anomalia e correlacionada com uma

potencial psicopatologia. Concorre à criação desta imagem do imigrante como "clandestino", "irregular", "ilegal", "criminoso", "delinquente" e "insano" o endurecimento atual das políticas migratórias, que não favorecem em nada a integração, mas antes pelo contrário contribuem para alimentar estereótipos promotores de um clima hostil e de recusa em relação aos estrangeiros. A sua "não colocação social" torna o imigrante num ser simultaneamente invisível e opaco, porque incomodamente presente, intimidativo enquanto símbolo das margens, do que a sociedade tenta excluir e pretende não ver; é o criminoso, o ilícito, o irregular e, portanto, o bode expiatório de qualquer problema social.

Uma pesquisa feita pela ONG Visão Mundial (2024) aponta que 67,4% dos migrantes não estão inseridos no mercado de trabalho. Essa pesquisa foi feita com 264 venezuelanos(as) residentes em Boa Vista (RR), Manaus (AM) e São Paulo (SP), indicando que as mulheres são as mais impactadas, com apenas 42% com emprego e as desempregadas são mães (Folha de Dourados, 2024). Esse fato pode ser comprovado em relatos das entrevistas com Loira Balbas, Judith Velásquez, Ivone Ximenes, Najari Osório, Elaine Del Valle, que são venezuelanas donas do lar.

A pesquisa aponta que o principal problema enfrentado pelos venezuelanos(as) são os processos burocráticos para regularizar os documentos, as dificuldades em apreender a língua portuguesa, também os altos custos para revalidação dos diplomas e o acesso à informação (Folha de Dourados, 2024).

Esse fato também podemos comprovar, pois a entrevistada Loira Balbas, não sabe falar bem o português e quase não sai de casa, exceto para ir à igreja e aos cultos itinerantes. Ela também nos relatou as dificuldades de comunicação com a vizinha que a presenteou com uma máquina de lavar-roupas, pois ela não entendia o que a vizinha falava, atualmente se comunica com a vizinha por gestos e delega ao marido a tarefa de fazer compras no supermercado e pagar contas.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (2023), as mulheres sofrem com a

informalidade, sendo que 37,3% das mulheres interiorizadas estão na informalidade, enquanto 29,4% dos homens.

Os dados também mostram que quando as mulheres conseguem um trabalho formal, seus salários são menores: entre os homens interiorizados, o salário mensal é de R\$ 1.612, enquanto as mulheres recebem apenas R\$ 1.177 (quase metade do salário médio pago às brasileiras, de R\$ 2.215 mensais).

A pesquisa também aponta que 85,3% dos migrantes não estão exercendo a mesma função que exercia na Venezuela e que 62% trabalham na informalidade como diaristas, 20% em trabalhos formais e 16% como empreendedor; os postos de trabalho que se destacam são: hotelaria, supermercado e indústria (Folha de Dourados, 2024); isso não é muito diferente da realidade vivenciada pelos venezuelanos(as) em Dourados e observada por nós durante a realização das entrevistas.

A pesquisa aponta que 27% dos inseridos no mercado de trabalho, ocuparam vagas de emprego sinalizadas por empresas que acolheram esses migrantes (Folha de Dourados, 2024), ou seja, os venezuelanos não trocaram de emprego e sim permaneceram no mesmo local desde a interiorização.

Com o passar do tempo e com o domínio da língua, o local passa a ser o elemento principal das suas experiências de vida, pois é onde se inicia a integração por meio do trabalho, e onde o migrante passa a construir sua autonomia e a se reproduzir social e economicamente.

A integração não se constitui como um processo de assimilação ou de substituição, mas sim de conhecer e poder interpretar a nova cultura de forma a respeitar suas identidades para que possam conviver em harmonia. Além disso, os migrantes devem ser considerados como sujeitos ativos, protagonistas e autônomos do seu processo, capazes de corroborar, compartilhar e interagir por meio de suas experiências com a nova sociedade e, assim, serem respeitados por meio das suas diferenças culturais e sociais (Simi, 2020, p. 135-137).

O outro fator que é muito comum é desenvolver uma atividade profissional diferente de sua qualificação profissional.

Por meio das entrevistas com os venezuelanos, foram encontradas poucas diferenças quanto aos motivos que levaram os indivíduos a deixarem o seu país de origem. As causas alegadas são a busca por melhores condições de vida, a perda de trabalho e a migração como oportunidade de melhores condições de vida e laborais, como já citado.

Fazendo um paralelo com os estudos de Batarce (2016, p. 88), os motivos da migração têm a perspectiva econômica como principal fator. O migrante entra nesse movimento com a expectativa de poder se reproduzir socialmente, fato este verificado nas falas dos entrevistados venezuelanos(as) no nosso estudo

Percebemos, a partir de alguns relatos, atos de exploração em vários sentidos, como a laboral e a sexual. Igualmente, se mostra preocupante o tráfico ilegal de migrantes que se apresenta de modo análogo ao caso da migração de latinos aos Estados Unidos, pois já existem redes ilegais de coites que transportam venezuelanos de Cúcuta até o Equador (La W, 2017) ou até Pacaraima desde o interior da Venezuela (D24am Amazonas, 2017; G1 Roraima, 2021).

Por outro lado, aparecem relatos de xenofobia sofrida pelos venezuelanos(as) e, de acordo com os estudos de Cortina (2020, p. 37), o discurso de ódio consiste “em qualquer forma de expressão cuja finalidade seja propagar, incitar, promover ou justificar o ódio a determinados grupos sociais, a partir de uma posição de intolerância”.

E em seus estudos, Cortina ainda segue relatando que a aversão que se concretiza a partir do discurso de ódio não se dirige, por exemplo, a “este venezuelano”, indivíduo que porventura tenha cometido algum delito, mas a “um venezuelano”, ou seja, a qualquer um dos cidadãos que compõe esse coletivo (Cortina, 2020, p. 37).

Observa-se que a xenofobia aos venezuelanos(as) não é pelo fato de serem estrangeiros e sim por serem pobres, pois iram “roubar o emprego dos brasileiros”, sobrecarregar o sistema público de saúde, o que traz um sentimento de insegurança e medo do outro. Na **subseção 5.3** será discutida as Parcerias e Políticas Públicas.

5.3 Parcerias e Políticas Públicas

Os migrantes no Brasil vão se juntar aos sem-número de desempregados que estão procurando emprego, e o que precisa ser pensado é que eles nunca deixaram seu país antes e se encontram em um estado de fragilidade emocional e em desvantagem em comparação aos nacionais ao procurarem emprego e por desconhecerem as leis trabalhistas, civis e previdenciárias. Assim, se faz necessário que sejam acolhidos⁷² e instruídos, que sejam criados convênios, parcerias e políticas públicas com empresas para a contratação de mão de obra migrante.

Temos que destacar que conflitos entre os migrantes e não migrantes acontecem na sociedade que é o palco das múltiplas relações, que, de início, é uma nova localidade com uma realidade social, política, cultural e econômica totalmente desconhecida para o migrante.

Sendo assim, a ONU Brasil firmou uma parceria desde 2022 com a OIM, Agência da ONU para as Migrações e a ONG Casa Venezuela para apoiar venezuelanos(as) a conseguir uma colocação profissional; o projeto conhecido como “Oportunidade para Recomeçar” tem o objetivo de diminuir barreiras entre empregadores e desempregados venezuelanos(as), assim suprimindo a necessidade do mercado.

⁷² Aqui vale destacar as oficinas ministradas pelos integrantes do Projeto Acolhida para o atendimento aos imigrantes e as oficinas para os imigrantes sobre noções básicas de direito, deveres e sobre leis brasileiras. Para um melhor entendimento, ver entrevista com o secretário do Projeto Acolhida em Dourados, João Lucas, disponível nos anexos a esta tese.

O projeto visa completar a análise dos currículos dos candidatos, reuniões com executivos e profissionais de diferentes setores, feiras de emprego e workshops para orientar os candidatos em relação à apresentação e elaboração de currículos e dinâmicas de entrevista de emprego.

Uma equipe de voluntários cuida da operação de recrutamento e seleção dos candidatos, através do website da Casa Venezuela⁷³, assim os venezuelanos(as) podem consultar as vagas disponíveis e se candidatar para a vaga pretendida.

Em Dourados, foram criados acordos com empregadores, por meio de contatos de membros do Projeto Acolhida, para a contratação de migrantes, ficando a cargo do presidente da Cáritas, senhor Odair, e dos pastores Matias Beldo e Márcio Vieira distribuir currículos e levar migrantes venezuelanos para as entrevistas nas empresas de Dourados.

Segundo Folle (2021, p. 51):

Também são promovidos festivais de arte com amostras de cinema e teatro, produções de livros, saraus e eventos culinários com o objetivo de combater e diminuir a xenofobia e os preconceitos da sociedade brasileira a respeito desse fluxo migratório que desperta curiosidade por conta do imaginário popular de serem povos exóticos e excêntricos.

Nesse sentido, vale ressaltar o Sarau da Semana Acadêmica de Relações Internacionais, que ocorreu em 2019 com apoio da Cátedra Sérgio Vieira de Mello e das associações de venezuelanos e haitianos de Dourados, permitindo que pudessem conhecer a universidade UFGD e também contar suas histórias de vida relacionadas ao período de migração.

Essa iniciativa propôs a formação de um diálogo intercultural entre os migrantes e a sociedade, integrando o grupo e fazendo com que a sociedade pudesse conhecer um pouco mais sobre suas histórias de vida.

⁷³ Casa Venezuela. Disponível em: <https://casavenezuela.myfront.cl/>. Acesso em: 02 maio 2024.

Também vale destacar a Festa Junina municipal que ocorreu em 2019, onde venezuelanos montaram uma barraca e comercializaram comidas típicas, permitindo que as pessoas pudessem conhecer um pouco da culinária e sobre os migrantes, sua cultura e suas representações.

A Cátedra Sérgio Vieira de Mello, da UFGD, possui um grupo de estudantes e docentes que, em parceria com a ACNUR e a UFGD, atuam no auxílio humanitário aos migrantes que chegam a Dourados. Esse grupo trabalha com pesquisas para monitorar e avaliar o processo de interiorização de migrantes venezuelanos.

E ciente dessa problemática, a Prefeitura de Dourados, por meio do CEI (Coordenadoria Especial da Imigração), realizou o 1º “Imigra Ação” em 2023, que aconteceu no Dia do Imigrante, realizado no Complexo Esportivo Jorge Antônio Salomão, o “Jorjão”. O evento atendeu aproximadamente duas mil pessoas, sendo ofertados serviços de saúde, assistência social, entrevistas de emprego, orientação, entre outros voltados para os imigrantes (Dourados, 2023).

A prefeitura, por meio da SEMAS (Secretaria Municipal de Assistência Social), também criou o projeto socioassistencial para migrantes venezuelanos, conhecido como “Projeto Bienvenido”. O projeto é dividido em quatro equipes e realizado no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) dos bairros Jóquei Clube, Guaicurus, Canaã I, Parque do Lago, Cachoerinha, na Casa da Acolhida e no Núcleo do Projeto, no centro de Dourados.

O CRAS do Jóquei Clube abrange uma região com cerca de 45 bairros e atende em média duas mil famílias de venezuelanos (Dourados, 2023).

O objetivo do projeto é o acolhimento, a qualificação profissional e o encaminhamento ao mercado de trabalho, tem previsão de duração de um ano e possibilidade de renovação por seis meses de acordo com a demanda.

Dentre as atividades desenvolvidas estão: a regularização de documentos; o atendimento técnico com psicólogo e assistente social; o acompanhamento familiar; as oficinas com diversas temáticas; o acolhimento institucional em abrigo (Casa da Acolhida) ou a hospedagem em hotel (em casa de famílias de passagem) para pessoas em situação de rua; a integração sociocultural (cidade para todos); os cursos de qualificação profissional e o acesso ao mercado de trabalho (Dourados, 2023).

O projeto também conta com repasse federal para a realização dos atendimentos e parcerias com instituições como a UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), que atua na validação de diplomas e a UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), que oferta cursos universitários para venezuelanos com ensino médio completo (Dourados, 2023).

A UFGD, desde 2017 desenvolve projetos com migrantes haitianos e venezuelanos que migraram por situação de vulnerabilidade causadas por graves crises econômica e ambientais. Assim, professores de diversas faculdades criaram projetos de acolhimento, como o de ensino da língua portuguesa para estrangeiros e de atendimento jurídico.

Em 2013 a UFGD abriu o primeiro Processo Seletivo de Acolhida Humanitária (PSAH-2023/UFGD), que atualmente oferta 270 vagas em 29 cursos para refugiados, asilados políticos, apátridas, portadores de visto temporário de acolhida humanitária e portadores de autorização de residência para fins de acolhida humanitária ou para reunião familiar.

Sabemos que são ações simples, de certo modo até mesmo paliativas, mas é o início de uma iniciativa de acolhimento, pois se essas ações não fossem feitas a inclusão do migrante se tornaria muito mais difícil.

Geralmente as organizações não governamentais, as instituições e os próprios migrantes que já se encontram estabelecidos no Brasil assumem o papel do Estado no auxílio e inserção social dos recém-chegados. Observam-se algumas tímidas ações de inclusão, mas é necessário que o Estado se aproprie das políticas de inserção migratória em todos os âmbitos sociais para que se tenha um

sucesso maior e abrangência em todo o país (Simon; Lauxen, 2017).

5.4 Redes migratórias venezuelanas

Por meio das redes de contatos e relação com as igrejas, governo e ONGs antes, durante e após a interiorização, a possibilidade de interiorizar pela modalidade de Vaga de Emprego Sinalizada e a consequente “fixação” (estabelecimento) e a adaptação do migrante no novo local, a migração por Reunião Social e Reunificação Familiar tornam-se possíveis.

Constroem, assim, uma rede de relações sociais: “O migrante, portanto, sob essa perspectiva eminentemente reticular, pode construir uma trama através das redes de relações sociais” (Saquet; Mondardo, 2012, p. 121).

Desse modo, passou-se a estruturar uma rede de comunicação social venezuelana por meio de grupos do *WhatsApp* e *Facebook*⁷⁴, que servem de apoio e de meio de interação onde são divulgadas informações sobre aspectos da cidade e sobre postos de trabalho (Dourados [...], 2022). É nesses grupos que as pessoas postam que estão precisando de emprego e/ou vendendo utensílios diversos, como celular, aparelhos eletrodomésticos, entre outros.

Durante a entrevista com o pastor Márcio Vieira (**figura 34**) foi relatado que, no período em que esteve atuando no Projeto Acolhida, recebia ligações de venezuelanos quase todos dos dias procurando ajuda.

Ajudei uma família de venezuelanos que eu nem conhecia. Me ligaram da Venezuela eu não sei como, mas acham a gente, acham o nosso número de telefone. Acho que um passa para o outro e outro passa para um. Assim meu número de telefone está espalhado pelo Brasil e Venezuela. Esse venezuelano ligou pedindo ajuda, disse que vendeu duas casas, carro e moto para comprar a passagem de avião para poder vim embora para o Brasil e queria vim para Dourados. Aí ele me ligava chorando falando que eu tinha

⁷⁴ Para conhecer o grupo do Facebook, acesse: <https://www.facebook.com/groups/1216126495213468>.

que ajudar ele, que eu tinha que ajudar, mais eu nunca tinha visto ele não o conhecia (Entrevista Pastor Marcio Vieira, 13/02/2023).

Figura 34 - Visita do Consul norte-americano e do pastor Márcio Vieira a um casal de venezuelanos.



Fonte: Foto cedida pelo Pastor Márcio com autorização para uso didático.

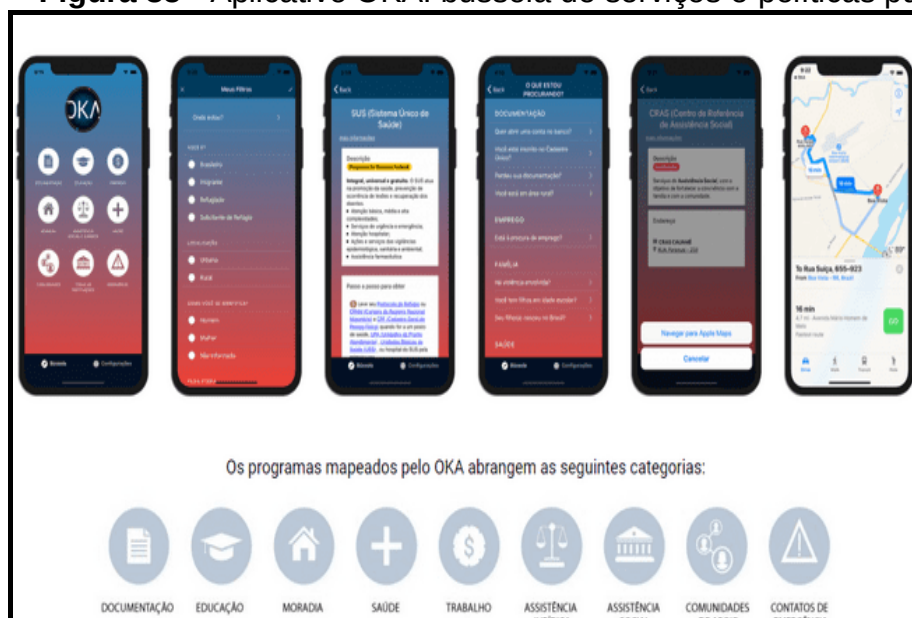
Na **figura 34** temos a foto cedida pelo Pastor Márcio, ao lado do Consul norte-americano em sua visita a Dourados, em que o pastor o levou nas residências de venezuelanos interiorizados em Dourados.

O senhor João Lucas (**Figura 35**), ex-secretário do Projeto Acolhida, nos relatou que as Cáritas, em parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e o Instituto Igarapé, do Rio de Janeiro, desenvolveram uma plataforma digital georreferenciada, com locais e rotas para que migrantes pudessem se locomover facilmente em Dourados (**Figura 36**).

[...] você pode baixar hoje no seu celular, ele vai fazer a busca na sua localização e vai trazer os referenciais de locais que você pode buscar por emprego. Você pode buscar localidades que estão empregando, locais onde pode deixar um currículo, fazer cadastro, por exemplo, a Casa do Trabalhador, de Dourados, serviço de saúde, onde que você pode tirar documentos. O imigrante, ele quer

ir a Polícia Federal, chegou à cidade não sabe, esse aplicativo⁷⁵ salva a localidade e mostra para onde fica a polícia federal, onde ele quer ir. Esse aplicativo já foi convertido para os idiomas inglês, francês e espanhol. (Entrevista João Lucas, 25/02/2023).

Figura 35 - Aplicativo OKA: bússola de serviços e políticas públicas.



Fonte: Banco de dados do autor.

Na **figura 35** temos a imagem do Aplicativo OKA, que foi desenvolvido para auxiliar na geolocalização de locais que pudessem facilitar o deslocamento de migrantes interiorizados em Dourados.

⁷⁵ Instituto Igarapé, *a think and do tank*. O aplicativo foi retirado das plataformas para download (Instituto Igarapé, 2023).

Figura 36 - João Lucas, ex-secretário do Projeto Acolhida.



Fonte: Banco de dados do autor.

Na **figura 36** temos o registro da entrevista feita pela plataforma digital *Google Meet* com o senhor João Lucas ex-secretário do Projeto Acolhida, que contou sobre a sua atuação na interiorização de famílias venezuelanas em Dourados.

Segundo os estudos de Fazito (2002, p. 14), é preciso diferenciar rede migratória e rede migratória em rede social. Na primeira, “[...] especifica-se um tipo de rede social que tem como elementos fundamentais os fluxos populacionais trocados por regiões ou territórios que compõem um sistema social”; já na segunda, “[...] salienta-se o conteúdo diversas dimensões das relações sociais que participam no processo social da migração”.

Com isso, segundo Truzzi (2008, p. 207), é necessário distinguir redes migratórias de redes sociais. As redes existem e, por vezes, alimentam umas às outras. Sendo assim, a opção por migrar passou pela necessidade de trabalhar e pela atração da oferta de trabalho, pelo vínculo afetivo-emocional, gerando uma relação híbrida, uma retroalimentando a outra, o que pode ser evidenciado a partir da chegada de pessoas influenciadas pelo vínculo familiar afetivo, como relatado pelo senhor Luiz Valle Coa, 28 anos,

venezuelano, em uma visita que fizemos à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que migrou para Maringá em 2022 e resolveu vir para Dourados pois tinha primos que moravam aqui e, atualmente, está trabalhando na construção civil.

Como também relatado pelo pastor Asdrubal Hernandez, que está esperando familiares de sua esposa que virão da Venezuela para Dourados e ficarão hospedados temporariamente em sua quitinete, e que o pastor Matias Baldo está ajudando no processo migratório, na compra das passagens de avião.

O pastor Asdrubal também relatou que:

Agora está muito mais difícil a interiorização, estão investigando muito mais a família do imigrante, o êxodo da Venezuela para o Brasil ficou pior. Agora, que não tem mais o Projeto Acolhida, os venezuelanos que querem vim para cá, o governo faz muita pergunta para onde vai, onde vai ficar, quem vai receber. Quando vim foi mais fácil. (Entrevista Asdrubal Hernandez, 10/02/2023).

Assim, podemos destacar que o migrante, após ser interiorizado e se adaptar à cidade, procura atrair mais pessoas, seja por reunião social ou reunificação familiar, aumentando o fluxo de migrantes vindos para Dourados por outras rotas e de maneira independente, ou seja, custeados por si mesmos ou com o auxílio dos parentes e de ajuda esporádica de membros de igrejas. Essa constante atração e chegada são os reflexos do efeito dos laços afetivos e de promessas de empregos que os primeiros venezuelanos ocasionaram.

Os laços afetivos são um grande impulsionador do fluxo migratório para Dourados. Após os primeiros migrantes virem por oferta de emprego e se estabelecerem, começaram a trazer os seus parentes, como aconteceu com o senhor Cristian Arevalo, que veio para Dourados porque o irmão falou que aqui iria conseguir emprego. O senhor Francisco Malgarejo, 34 anos, trabalhador da construção civil, relata que sua cunhada havia chegado há pouco tempo (dias), vindo de ônibus da Colômbia, e que agora iria juntar

dinheiro para trazer a sua namorada e sua mãe que também estão na Colômbia.

Com isso, o deslocamento por atração de emprego e reunificação familiar são híbridos e um é o resultante do outro. A rede se apresenta por múltiplas relações, não se limitando somente a aspectos econômicos, mas também levando em consideração redes de contatos. Portanto, o papel das redes sociais para a migração foi crucial para a decisão e a partida (Goettert, 2008, p. 119).

E segundo Goettert (2008, p. 208):

Os imigrantes desenvolvem estratégias para se deslocarem para localidades onde há a oferta de trabalho e uma rede de informações já estabelecida, facilitando assim a sua chegada e adaptação ao novo local. Isso dependerá das informações e dos contatos que ali se estabelecem com gentes do lugar de destino. Informações e contatos preliminares assumem uma centralidade nem um pouco desprezível.

Em síntese, a busca por um emprego é a oportunidade de libertar-se da condição de vulnerabilidade e de se sentir integrado à sociedade. Consequente à adaptação, segue-se a reunificação familiar ou social, fazendo com que a rede de informações se retroalimente constantemente e a chegada e a partida de venezuelanos passem a ser uma constante, sendo essa uma realidade de Dourados, assim como de outras cidades do Brasil e até mesmo de outros países, como relatado pelo Bispo Maykon, o qual possui contato com venezuelanos que migraram para Dourados, trabalharam, juntaram dinheiro, foram para o México, ficaram um tempo e migraram para os EUA.

Outro exemplo são os filhos da senhora Mayte Ojeda, que migraram para o Peru, para onde ela quer ir para acompanhar o nascimento do seu primeiro neto.

Por outro lado, as redes de contatos são de fundamental importância para o sujeito migrante, fazendo com que o migrante não sofra e tenha uma adaptação mais rápida, pois existem grupos de pessoas que formam redes para dar apoio, seja na hora que decide migrar, pois já terá um lugar para

ficar, e assim que chegar ao novo local de destino terá apoio de outros venezuelanos(as) que o irá auxiliar.

Assim, estabelecendo uma rede de solidariedade, de apoio entre os migrantes, que serviu como uma forma de articulação estratégica econômica e social relacionada à ajuda e à adaptação ao novo local e a oportunidades de empregos, um modo de amenizar os conflitos decorrentes das dificuldades do processo de migração.

Pastorais da igreja, a Cáritas, a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a Associação de Venezuelanos e outras iniciativas da sociedade civil, motivadas por laços de parentesco, amizade, vizinhança e até mesmo políticos⁷⁶, são articulações de ajuda estratégica e de rede de sustentabilidade para o acolhimento.

Essas ações desenvolvidas para os migrantes contam com ensino da língua portuguesa, instruções de modo geral e esclarecimentos de dúvidas referentes ao currículo, retirada de documentos e oportunidades de emprego, por exemplo.

Entre as várias pastorais de igrejas evangélicas e católicas, se destacam a Pastoral do Imigrante e a Cáritas, coordenadas por religiosos cristãos, que dialogam com os migrantes de modo a orientá-los, tirar dúvidas, auxiliar e ministrar oficinas e aulas de português.

Assim, por meio dessas redes de solidariedade, criam laços independentes de parentesco ou de interesse político e econômico, pois a ação religiosa é de caráter voluntário, uma vez que há a crença de uma missão, designada por Deus, em favor dos mais necessitados e dos oprimidos e, nesse contexto, o pobre e o migrante estão inseridos.

Também vale destacar que a Pastoral do Imigrante e a Cáritas não incentivam a migração e também não resolvem a questão do desemprego para os migrantes, mas complementam a produção econômica dessas

⁷⁶ O estado de Mato Grosso do Sul possui rede de apoio a migrantes na busca por emprego, emissão de documentos e alojamento (Rocha, 2021).

pessoas por meio de oficinas, como as desenvolvidas pela Paróquia São José Operário, de produção de sabão, artesanato e horta comunitária.

Assim, corroborando com a espiritualidade, a evangelização e ensinando um ofício para que o migrante possa ter uma fonte de renda, contribuem, em parte, para a permanência no novo local e sua reterritorialização.

Ao mesmo tempo, pode haver uma multiplicidade de redes de solidariedade que nem sempre possuem as mesmas características, mas envolvem os sentimentos de solidariedade, fraternidade e humanismo.

Outra característica é o fato de serem constituídas por e para migrantes, como a Dunamis Multicultural (2020)⁷⁷ em Dourados e a Associação de Venezuelanos de Campo Grande, MS (Rodrigues, 2021).

A experiência analisada constitui-se em uma rede econômica e de solidariedade aos migrantes que reforça as especificidades encontradas relativas ao modo como essa ajuda mútua vai ser desenvolvida e formalizada. Outras iniciativas são aquelas de convivência social entre migrantes, agrupamentos informais que promovem festas e encontros em residências particulares, como já citado anteriormente na casa da Carla Caraballo, e grupos de oração itinerários, promovidos pelos pastores Osmar Benites e Jesus Emilio nas casas de fiéis venezuelanos, sendo a celebração em língua espanhola.

As celebrações em língua espanhola passam a ser um elo cultural, político e social de união dos venezuelanos residentes em Dourados. De acordo com Weedwood (2002, p. 24), a língua tem algum vínculo direto e essencial com a realidade, espiritual ou física.

As celebrações também criam redes de solidariedade entre os migrantes e estão inseridas em uma cooperação da economia, da existência

⁷⁷ Entre outras atividades que a Dunamis Multicultural desenvolve, estão serviços de tradução, interpretação e similares de documentos para os imigrantes e oferecimento de aulas de português (Pet Letras UFGD, 2021).

social e de reterritorialização. Essas redes de solidariedade podem ser numericamente insignificantes, tendo em vista o volume total de migrantes em Dourados, mas apontam para soluções e situações pontuais geradas no seio da sociedade, o que têm implicações sociais importantes.

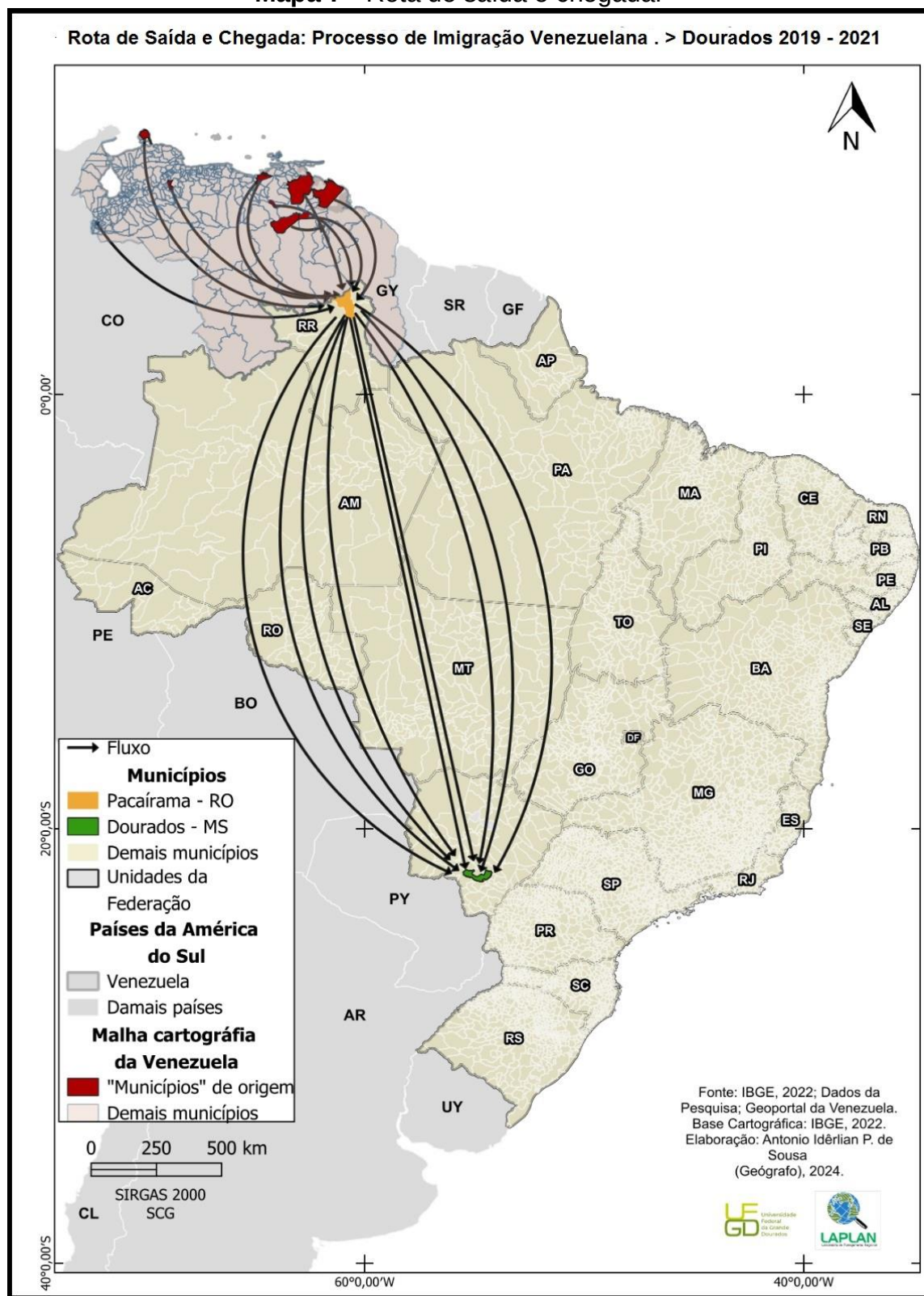
Também é possível perceber que alguns vieram com recursos próprios, venderam o que tinham e juntaram o dinheiro para migrar. Outros vieram com o auxílio de denominações religiosas, como os entrevistados senhor Francisco Rafael, senhor Jonathan Ruiz e a senhora Maythe Ojeda, já citados. Na **subseção 5.4.1** iremos discutir sobre a criação das Rotas migratórias.

5.4.1 Rotas migratórias

Por meio dos relatos transcritos, é possível destacar as rotas migratórias, para alguns foi tranquila, passaram com facilidade pela fronteira e foram se alojar nos abrigos em Pacaraima, mas para outras encontraram a fronteira fechada, assim ficaram vulneráveis e acabaram utilizando os serviços de coites para fazerem a travessia, colocando suas vidas em perigo. Como relatado pela senhora Guabrielly Agirlli e pelo senhor Joaquim Manuel, que pagou R\$ 200,00 para fazer a travessia.

Por meio das entrevistas foi possível traçar as rotas migratória até a interiorização em Dourados (**mapa 07**).

Mapa 7 - Rota de saída e chegada.



Fonte: IBGE, 2022, adaptado pelo autor.

No **mapa 07** apresentamos a cidades de onde os migrantes venezuelanos(as) partiram de seu país, chegando em Pacaraima, para serem interiorizados em Dourados. No **capítulo seis** iremos discutir os relatos das entrevistas dos venezuelanos interiorizados em Dourados.

6. RELATOS E AS VIVÊNCIAS DOS VENEZUELANOS EM DOURADOS

Neste capítulo iremos discutir alguns relatos feitos pelos venezuelanos(as) durante as entrevistas e também pelo tempo de convivência, apresentaremos algumas fotos e logo em seguida traremos os trechos das entrevistas semiestruturadas.

Durante a entrevista, os(as) venezuelanos(as) relataram que enfrentaram problemas de usurpação de seus direitos e de xenofobia, e quando arrumavam um trabalho eram ofendidos e não recebiam o combinado pelo dia de serviço, como relatado pelo senhor Ramon Cláudio: “nos chamavam de burros, falavam que tínhamos que trabalhar sem receber, pois já que tínhamos vindo da Venezuela tínhamos que trabalhar de graça, que eramos escravos”. O senhor Carlos Cortez relata:

[...] fui trabalhar no Paraná, quando mandou embora não pagou nada, não assinou carteira, não pagou as horas extras. O combinado era um salário de R\$ 1.200,00, passou mais de um mês e nada de pagamento. Quando fui cobrar o pagamento, fui mandado embora e o patrão falou que não tinha nada para pagar. Aí, depois de muito custo, me deu R\$ 900,00 e falou que era o meu pagamento, mas o combinado era R\$ 1.200,00 e não R\$ 900,00. Falou [que] se eu achasse ruim, que fosse denunciar, mas era para ter cuidado que ele sabia onde minha família morava em Dourados. Aí fiquei com medo de acontecer alguma coisa com minha família e não fiz nada.

Também tivemos algumas vivências com venezuelanos(as)⁷⁸ que tivemos contatos na Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV) (**foto 37**) durante as refeições servidas no horário do almoço (**foto 38**).

⁷⁸ Na Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV), diariamente de segunda-feira a sexta-feira, exceto nos feriados, são servidas mais de 300 refeições e, desse total, aproximadamente trinta famílias de venezuelanos almoçam no local e levam refeição para suas residências para o jantar. Segundo informações do Pastor Mário Sérgio durante a entrevista no dia 03/03/2023.

Figura 37 - Refeição na Igreja Comunidade Tempo de Vida.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A **Figura 37** mostra o almoço na Igreja Comunidade Tempo de Vida com o venezuelano Deiker Azocar Santander, 52 anos. Começamos a conversar na fila para retirar a refeição, ele disse que estava de passagem por Dourados com destino a Brasília e durante a sua estadia em Dourados estava sendo assistido pelo Pastor Mário Sérgio.

Figura 38 - Fila para a refeição.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A **figura 38** mostra a fila para a refeição na igreja e ao fundo vemos um músico da igreja fazendo pregação da palavra e cantando hinos de louvor ao Senhor.

Na Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV) tentamos por diversas vezes aproximação para entrevistar venezuelanos(as) que almoçavam no local, mas não tivemos êxito, somente respostas simples que no “Brasil é muito melhor que na Venezuela”.

Assim, nosso campo na Igreja Comunidade Tempo de Vida (CTV) foi de observação, com algumas conversas informais para colher informações e almoçar e tirar algumas fotos.

Durante o trabalho de campo surgiram outros relatos de venezuelanos(a) que responderam desejavam voltar ao seu país, mas, no final da entrevista, quando perguntados sobre os planos para o futuro, alguns falaram que preferiam ficar no Brasil, outros relataram que voltariam se fosse da vontade de Deus, porém dizendo: “por ora ficaremos aqui”.

Nesse ponto, podemos perceber o início de uma identificação com o novo local, ainda que por questões religiosas, pois o tempo de permanência

no Brasil já está sendo levado em consideração à criação de um vínculo sentimental com o local. Com isso, o retorno, que era uma constante na chegada, com o tempo, passa a ser uma possibilidade e, muitas vezes, pode tornar-se um sonho que não será concretizado.

Os relatos mais comuns que apareceram nas falas durante as entrevistas foram: a saudade da terra natal, as belas paisagens, a riqueza mineral, uma crítica ao atual governo e a intenção de estabelecimento no novo lugar a fim de poder dar condições de vida melhores para os filhos, para que não sofram o que os pais estão sofrendo.

Pensam em ter filhos no Brasil e constituir família para não precisarem voltar e para que os filhos, sendo brasileiros, sejam aceitos e não sofram discriminação. E os que já têm filhos pensam em estabilidade econômica e social.

Aqui, podemos destacar que a intenção é de retomar suas rotinas de vida, se inserir no mercado de trabalho constituir família, ampliar ou reunir a família e, conseqüentemente, o retorno à terra natal passaria a ser um sonho não conquistado, algo somente imaginado que dependeria de vários fatores como, por exemplo, a crítica que faziam ao governo venezuelano e a sua troca, para que se tenha o retorno.

Por outro lado, para retornarem, vários fatores precisam ser levados em consideração, entre eles o tempo de permanência no Brasil, que poderá ser maior do que o de vivência na Venezuela; a morte de familiares; a perda de contato com amigos e familiares. Além disso, a mudança de dinâmica de vida social e de relações, a idade, a saúde e os familiares adaptados ao Brasil também são relevantes. Por essa razão, a Venezuela do sonho do retorno não existe mais, exceto em seu imaginário e em suas memórias.

Durante as entrevistas, foram constatadas perguntas que causavam desconforto, como quando perguntados se passaram por algum ato de discriminação, como foi o processo de migração e as dificuldades em aprender a língua portuguesa.

Percebemos como foi muito difícil para eles o relato por meio do constante nervosismo durante a fala, somado à voz trêmula e aos olhos lacrimejantes. Também questionaram se iríamos ajudá-los, pois precisavam de ajuda.

Foi possível finalizar o trabalho de campo em maio de 2023⁷⁹, e percebemos o quanto sofrem os venezuelanos em Dourados, onde disputam os postos de trabalho menos qualificados e estão vulneráveis.

Outros relatos de xenofobia, preconceito e assédio que apareceram nas entrevistas dizem respeito às entrevistas de emprego. Segundo eles, quando perguntavam se eram venezuelanos, ao responder que sim, na mesma hora a entrevista acabava e o entrevistador, mudando de assunto, logo falava que não estavam mais precisando ou que entrariam em contato.

Alguns empregadores falavam ainda que não contratavam venezuelanos e quando tinha um trabalho eram insultados como: “escravos”; “burros”, que não “gostavam de trabalhar, por isso vieram para o Brasil”, que “o Brasil estava fazendo um favor de ter deixado entrar aqui”, entre outros insultos.

As mulheres também relataram que sofreram assédio, sendo mais pejorativos. Quando buscam uma vaga de trabalho são insultadas com frases racistas, preconceituosas e de cunho sexual.

As mulheres enfrentam exploração, abusos e outras violações dos direitos humanos, como relatado pela entrevista com o pastor Márcio Vieira, 52 anos (Douradense, advogado e Pastor evangélico na Igreja Aprisco em Dourados), que recebeu uma família de venezuelanos em que uma das mulheres tinha sido estuprada por um “policia venezuelano” e acabou engravidando.

Também foi relatado em entrevista pelo senhor Odair Laércio de Lima, 50 anos (Douradense, empresário e voluntário nas Caritas Diocesana

⁷⁹ O trabalho de campo não chegou ao fim, mas tivemos que fazer um recorte para a finalização dessa pesquisa e a elaboração do texto.

de Dourados, exercendo atualmente a função de tesoureiro), que contou sobre uma família que foi interiorizada em Dourados, Mato Grosso do Sul: primeiramente o homem veio para trabalhar na empresa JBS e, posteriormente, sua mulher, que chegou grávida, relatou que tinha sido estuprada no abrigo por outro venezuelano.

Esses são dois exemplos que evidenciam a violência contra a mulher no movimento migratório. Segundo Góes e Borges (2021), a violência contra as mulheres migrantes é uma forma cruel de desigualdade de gênero nas migrações não voluntárias. São vítimas de múltiplas violências, como a violência física, financeira, sexual, psicológica, social e cultural, devido à condição de vulnerabilidade, as consequências desse processo estão nos âmbitos social, cultural e psicológico.

6.1 Bairros de Dourados com moradores Venezuelanos

Por meio das entrevistas, foi possível perceber que não há uma concentração de venezuelanos em determinados bairros, eles estão espalhados por todos os bairros periféricos de Dourados, possivelmente por estarem se adaptando à cidade por meio de relações de amizades, trabalho ou pelo preço do aluguel⁸⁰. Contudo, notamos uma pequena concentração de venezuelanos em bairros próximos à empresa JBS, tornando a vivência urbana esporádica devido o preço do transporte público.

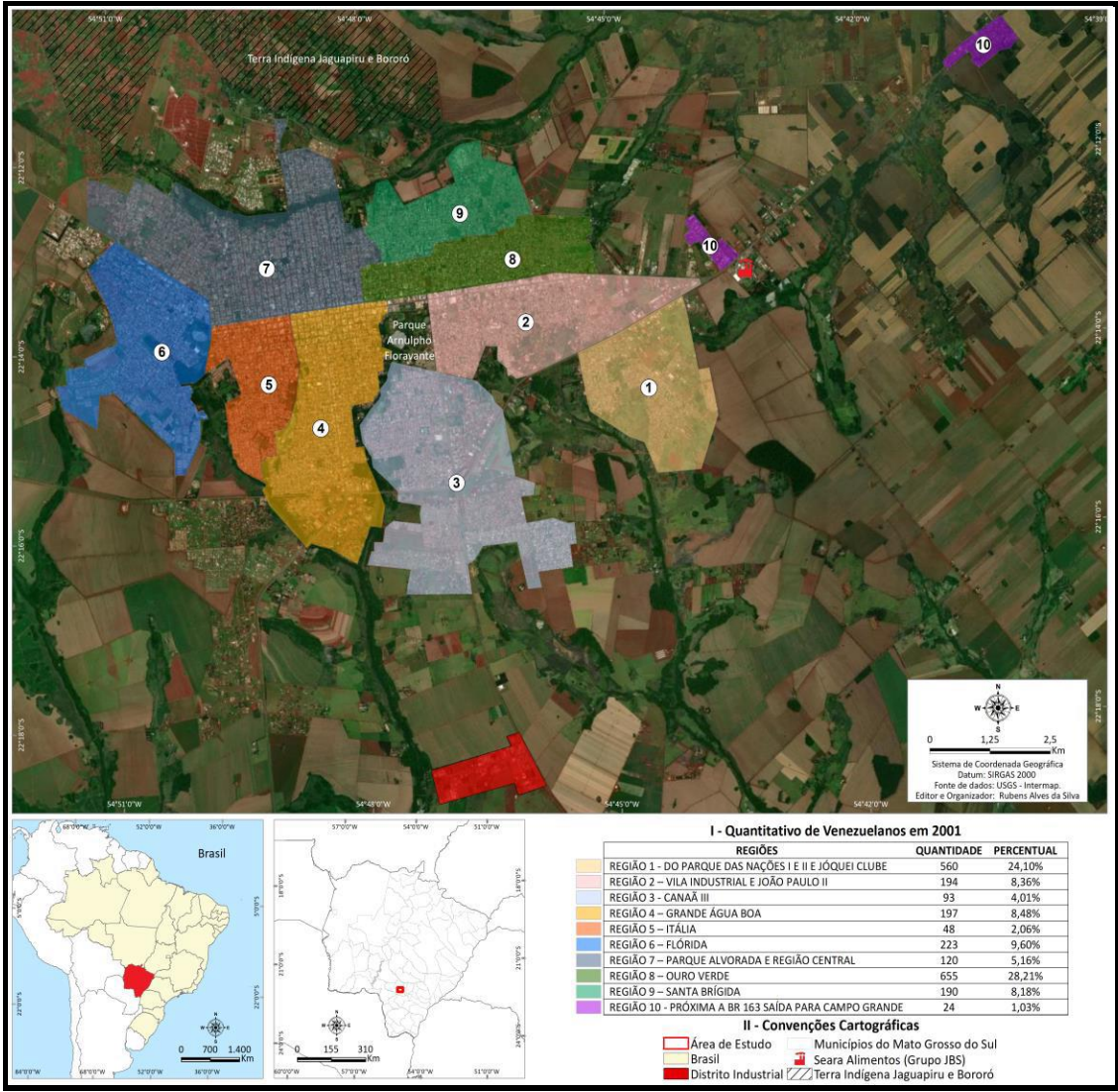
E em entrevista com o senhor Odair Laércio de Lima, relatou que nos bairros periféricos de Dourados existem uma maior concentração de venezuelanos, como no bairro Santa Felicidade, que fica próximo ao Jardim Jôquei Clube, na Vila São Braz, no Santa Maria e no Monte Sião.

⁸⁰ Durante as entrevistas, pudemos constatar essa situação, a mudança constante de residência, muito possivelmente pelo preço do aluguel e também pela mudança de emprego e de cidade, pois muitos venezuelanos ficaram pouco tempo em Dourados e migraram para outras cidades, em outros estados, em busca de melhores perspectivas de trabalho.

E também pode ser percebido que o padrão residencial são casas com muitos moradores, muitas vezes duas, três ou mais famílias em uma casa, como por exemplo, a casa do Pastor Osmar Benites, uma casa de dois cômodos com seis moradores, a casa do Pastor Jesus Emilio, com quatro cômodos e com dez moradores, ou a casa da Carla Caraballo, com cinco cômodos e onze moradores.

Os estudos de Silva (2023) apontam os bairros de Dourados, MS, com maior concentração de migrantes venezuelanos (**figura 39**):

Figura 39 - Localização das residências dos imigrantes venezuelanos(as):



Fonte: Silva, 2023.

A **figura 39**, segundo os estudos de Silva (2023, p. 106), traz os bairros com maior concentração de residências ocupadas por migrantes venezuelanos(as). Foi constatada a presença de migrantes venezuelanos(as) em 150 dos 171 bairros alocados em nove regiões da cidade de Dourados, MS.

Silva (2023, p. 107) aponta que

[...] é possível constatar os imigrantes [...] espalhados no território urbano do município, com casos pontuais em alguma localidade rural. A distribuição não é proporcional, concentrando consideravelmente a presença venezuelana em algumas regiões administrativas. É o caso da região Ouro Verde, por exemplo, região formada por quatorze bairros. Quanto à densidade, os destaques de presença dos imigrantes vão para os bairros Jardim Guanabara, na Vila São Francisco, no Jardim Santa Maria, no Jardim Maracanã e no próprio Jardim Ouro Verde. Somados, estes totalizam 28,21% de todos os imigrantes inseridos neste município.

O autor segue explicando em seus estudos:

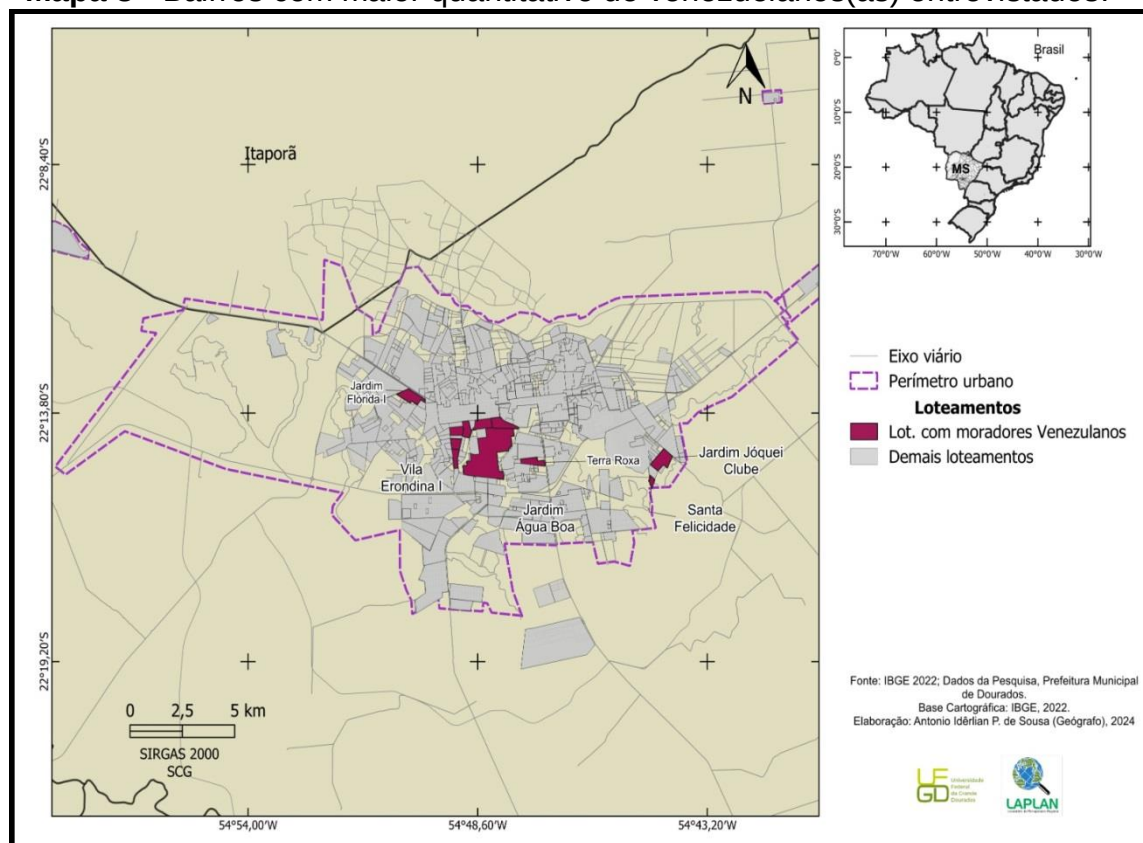
[...] há presença significativa nas regiões Parque das Nações I e II e Jôquei Clube. Os onze bairros reunidos concentram a presença deles, especialmente nos bairros Parques das Nações I e II, no próprio Jôquei Clube, na Vila São Brás, em Santa Felicidade e outros próximos, computando 24,19% dos imigrantes venezuelanos em Dourados. A terceira região com maior presença dos imigrantes é a região administrativa do Flórida, embora, com percentual abaixo das duas regiões anteriores, totalizando 9,6% dos imigrantes. Agregando onze bairros, se destacam nesta região os Flóridas I e II, os bairros Jardim Novo Horizonte e os Parques do Lago I e II. (Silva, 2023, p.107).

Silva (2023) aponta, ainda, que há pouca presença na região central e inexistência dos migrantes em bairros de classe média, como por exemplo, Jardim Europa, Vila Progresso e Portal de Dourados.

No **mapa 08** trataremos os bairros com a maior concentração de venezuelanos(as) que foram entrevistados(as). Mas são mapas que não se sobrepõem, os dados destoam, pois Silva (2023) utilizou informações disponíveis no banco de dados da prefeitura para sua fonte de pesquisa, já a nossa pesquisa foi utilizada a metodologia “bola de neve”. Assim, foi

detectada uma concentração de venezuelanos(as) entrevistados(as) nos seguintes bairros:

Mapa 8 - Bairros com maior quantitativo de venezuelanos(as) entrevistados.



No **mapa 08**, apresentamos os bairros de residência dos venezuelanos(as) entrevistados(as), tendo uma pequena concentração no Santa Felicidade, no Jardim Jôquei Clube, no Florida I, no Terra Roxa, na Vila Erondina I e no Jardim Água Boa. E essa concentração de residências ocupadas por migrantes venezuelanos estão localizadas em bairros da periferia, devido ao custo baixo do preço do aluguel.

Na **subseção 6.2**, serão discutidas as narrativas e as entrevistas semiestruturadas.

6.2 Narrativas e diálogo com os Venezuelanos

Apresentamos a seguir os relatos das entrevistas semiestruturadas, com trechos e falas.

A senhora Guabrielly Agirlli, 58 anos, residente no Jardim São Pedro (venezuelana de Bolívar, entrevistada em 16/02/2021), formada em Enfermagem, reside em uma casa alugada com a nora, o filho e os netos. Todos trabalham, menos os netos que estão na escola. Ela relatou que: “Já trabalhei muito em hospital na Venezuela. Vim para o Brasil para cuidar dos netos enquanto minha nora e meu filho trabalham. Uso remédios controlados. Não penso em voltar a trabalhar em hospital”.

Ao conversar com a senhora Guabrielly Agirlli, ela relatou o motivo que a fez vir para o Brasil e para Dourados; respondeu que veio para cuidar dos netos e que, embora sinta saudade, não quer mais voltar para a Venezuela. Por fazer uso de remédios controlados, não vai mais exercer a profissão, pretendendo apenas cuidar dos netos. Também relatou que não tem problemas em adquirir os remédios na Unidade Básica de Saúde e que sempre recebe a visita da agente de saúde.

Disse que o processo de migração foi bastante “difícil”. Ela veio de ônibus até a fronteira e, quando chegou, a fronteira entre Brasil e Venezuela estava fechada. Então, pegou uma carona em uma moto por R\$ 30,00 (trinta reais) e teve que deixar a bagagem para trás.

A moto entrou no Brasil por trilhas na mata, chegando até uma aldeia indígena, onde teve que pagar mais R\$ 50,00 (cinquenta reais) para ter a passagem liberada pela aldeia. Depois de atravessar a aldeia, teve que pagar mais R\$ 100,00 (cem reais) para os coiotes a levarem até a rodoviária de Pacaraima, onde ela pegou um ônibus até Boa Vista, RR. Em Boa Vista, seu filho já estava esperando por ela e, juntos, embarcaram para Dourados.

A senhora Guabrielly Agirlli relata: “Nunca senti tanto medo na minha vida, pensei que ia morrer. Tive que deixar minhas malas para trás, cheguei

aqui praticamente com a roupa do corpo. Mas, graças a Deus, deu tudo certo”.

Perguntamos sobre quais dificuldades teve, e nos respondeu que não teve muita dificuldade, pois estava na casa do filho com a nora. Só enfrentou problemas para apreender o português, mas fez um curso e a nora, o filho e os netos a ajudaram. Ela disse que mantém contato com os parentes que ficaram na Venezuela pelo *WhatsApp*.

Atualmente, não pensa mais em voltar ao seu país. Ela quer ficar no Brasil, cuidar dos netos e descansar, pois alega que já trabalhou muito. Assim, expressando identificação com o novo local, relacionado à família, aos filhos e netos, ela alega que da Venezuela só tem lembranças.

Entrevista com o senhor Antony Ribas, 26 anos, residente no Bairro Vila Hilda (venezuelano de Bolívar, não possui documentos, entrevistado em 04/04/2021), formado em Ciências Sociais, residente em uma quitinete com a sogra que trabalha como diarista, a esposa, que está desempregada, e um filho de dois anos. Ele nos relatou que nunca exerceu sua profissão.

Fez faculdade na Venezuela, pois tinha facilidade para estudar e recebeu incentivos do governo (não quis entrar em detalhes), mas trabalhava no comércio como vendedor. Aqui no Brasil, em Dourados, trabalha de ajudante em uma serralheria.

Não pensa em exercer a profissão, pois não gostou do curso, que, segundo ele, é “muito discurso para pouca prática”. Ele almeja juntar dinheiro, voltar para a Venezuela e abrir um comércio.

Dentre os entrevistados, o senhor Antony Ribas foi o mais ríspido durante a conversa. Como era da área de humanas, pensamos que teríamos

ter horas de conversa sobre questões políticas, sociais e a crise econômica, entretanto, isso não foi possível⁸¹.

Suas respostas sempre foram diretas, “sim” ou “não”, isso quando respondia, caso contrário não respondia e dizia que não ia falar sobre determinado assunto. Muitas vezes, quem respondia por ele era a esposa. Quando perguntado sobre o processo de migração para o Brasil, respondeu que fez o trajeto andando e pegando carona, e demorou 28 dias para conseguir chegar, durante os quais dormia em postos de gasolina e comia manga verde com sal ou ganhava alguma refeição dos caminhoneiros.

Perguntamos o que o levou à migração e o senhor Antony, complementado por falas da sua esposa, disse que ficaram sem emprego na Venezuela, pois a crise econômica era muito grande e o “preço das coisas subia a todo o momento”. Ele viu na migração uma oportunidade para melhorar de vida, e então veio para o Brasil “porque era mais perto”. Escolheu Dourados porque “tinha um cunhado aqui morando”, mas que não gostava muito do cunhado e nem conversava com ele.

Relatou que foi muito difícil a migração para o Brasil, que estava sem documentos e que não queria comentar mais sobre o assunto. Desse modo, a entrevista seguiu. Não quis falar sobre os familiares que ficaram na Venezuela, nem se mandava dinheiro para eles. Limitou-se a falar apenas que mantém contato com eles diariamente.

Atualmente, pensa em trabalhar e voltar para a Venezuela para trabalhar com comércio. Foi perguntado com que tipo de comércio gostaria de trabalhar, ao que respondeu que seria uma conveniência ou algo do tipo. Percebemos que, no início da entrevista, quando perguntado se iria voltar

⁸¹ Durante a entrevista com o senhor Antony Ribas, fomos por várias vezes questionados sobre o que estávamos fazendo, e respondíamos que era para a nosso doutoramento que estávamos pesquisando a territorialidade venezuelana, fomos indagados outras vezes até que mostramos o nosso registro acadêmico, assim parou de nos questionar. Ficou nítido, durante a entrevista, o seu desconforto em se lembrar do processo de migração. E pensamos que a estratégia adotada para se livrar logo da entrevista, foram respostas rápidas e quando era questionado, respondia que não ia comentar sobre o assunto.

para a Venezuela, sua resposta foi categórica, “não”, mas depois, no decorrer da conversa, voltamos a fazer a mesma pergunta e a sua resposta foi diferente.

Também percebemos uma tensão na conversa, pois muito do que perguntávamos era a sua esposa quem respondia, e quando perguntamos sobre regressar ao país de origem, sua esposa primeiramente respondeu que não queria mais voltar se não fosse somente a passeio. O senhor Antony, na segunda vez que perguntamos, respondeu que queria voltar, e percebemos então que existe uma questão de permanência por parte de sua esposa e inicialmente do senhor Antony, pois o tempo de convivência está fazendo com que tenha uma relação mais próxima com o novo local e, futuramente, talvez não volte ao seu país, uma vez que suas relações sociais estarão estabelecidas e seu filho e esposa não quererão mais esse retorno.

Entrevista com a senhora Mariah Bissaro, 30 anos, residente no Jardim Itália (venezuelana de Apata interiorizada em dezembro de 2019, entrevistada em 02/04/2021), que cursou o curso técnico de enfermagem, está atualmente desempregada e reside em uma quitinete com os filhos, estudantes, e o marido, diarista. Em suas palavras:

Não arrumei trabalho ainda. Já deixei currículo nos hospitais, mas até agora não fui chamada, e atualmente estou fazendo diária de faxina. Pagamos aluguel, moramos em sete pessoas.

A senhora relatou que teve dificuldade com a língua portuguesa, que fala pouco, mas entende bem, e que os motivos da migração foram relacionados à crise econômica em seu país. Ao ser questionada se mantém contato com os parentes que ficaram na Venezuela, disse que sim, e que não tem “amizade com brasileiros, pois não gosta de brasileiros”.

Perguntamos se enfrentou dificuldade para a imigração, ao que ela respondeu que teve que pagar coioite, mas não quis entrar em mais detalhes e falou que não lembrava mais quanto que tinha pagado, mas que os coioites

a deixaram em Boa Vista-RR e, de lá, veio de avião. Esse fato mostra o movimento espacial do migrante.

Atualmente, pensa em trabalhar e, quando a situação econômica melhorar, regressar para a Venezuela, duas vezes que fizemos a mesma pergunta sobre a intenção de voltar para a Venezuela, nos respondeu a mesma coisa.

Entrevista com o senhor Cristian Arevalo, 31 anos, residente no Jardim Santo André (venezuelano de Puerto Ordaz interiorizado em abril de 2018), casado, mora em uma quitinete, com um casal de filhos, ambos estudantes do ensino fundamental, e a esposa, de nacionalidade dominicana, formada em contabilidade, mas que atualmente é atendente de lanchonete.

O senhor Cristian Arevalo tem formação técnica em manutenção automotiva e era proprietário de uma oficina mecânica que já chegou a ter até vinte funcionários em Puerto Ordaz. Segundo nos relatou: “Com a crise, perdi tudo, tive que fechar a oficina, vender tudo o que tinha e vim para o Brasil”.

Perguntamos quais os motivos que o levou a escolher Dourados, e ele respondeu que seu irmão já tinha vindo para cá e estava trabalhando na JBS ⁸² e falou que aqui iria conseguir emprego com facilidade.

Em meio à crise, viu na migração uma possibilidade de melhoria de vida. Veio para Dourados com a família, um casal de filhos e a esposa.

Chegando a Dourados, ficou hospedado em uma casa com mais quatorze venezuelanos e assim percebeu que a realidade era totalmente diferente. Mesmo com a formação técnica e já tendo sido proprietário de uma oficina mecânica, não encontrava emprego.

O senhor Cristian Arevalo nos relatou que saía todos os dias para procurar emprego, mas não encontrava, e que, quando as economias estavam acabando, por sorte arrumou trabalho no lava-rápido.

⁸² Empresa Seara Alimentos Ltda., empregadora local, do ramo de frigorífico, pertencente ao Grupo JBS S.A.

Assim, pôde desenvolver suas atividades laborais, mesmo exercendo uma atividade totalmente diferente de sua área de formação. Em dois meses, pôde alugar uma quitinete ao lado do trabalho e se mudou com a família. O proprietário do lava-rápido foi o seu fiador e descontava do seu salário o aluguel e a mobília da quitinete, pois tinha ajudado o senhor Cristian Arevalo a comprar a mobília.

O senhor Cristian Arevalo relatava que sentia muita saudade de sua família, principalmente de sua filha mais velha, de 19 anos, fruto do seu primeiro relacionamento, que tinha ficado na Venezuela com os avós. Sua intenção era juntar dinheiro para trazê-la para Dourados. Também relatou que mandava dinheiro para os seus familiares que estavam na Venezuela por meio de um intermediário que morava em Pacaraima. Assim, depositava na conta desse intermediário o dinheiro e, em Pacaraima, retirava dez por cento e remetia para os seus parentes na Venezuela.

Conversamos com outros venezuelanos que nos relataram essa mesma situação de remessa de dinheiro para a Venezuela, mas não quiseram falar o nome do receptor do dinheiro. Diziam apenas que era um amigo e faziam isso porque os parentes não tinham conta em banco e, mesmo que tivessem, o governo pegaria metade do dinheiro se utilizassem transações bancárias e então, viram nessa forma uma alternativa de subverter o sistema.

O embargo econômico imposto pelos Estados Unidos da América é um dos grandes causadores da crise venezuelana, fazendo com que as pessoas sejam expulsas de seu país e vão morar em outras localidades. Tendo uma situação de vida um pouco melhor, remetem dinheiro para os seus familiares por meios não oficiais, criando, assim, um mercado paralelo que é alimentado pelo fluxo financeiro.

O senhor Cristian Arevalo sempre nos relatava que sentia falta da Venezuela, de seus familiares e principalmente da filha, e que se sentia triste em não poder fazer nada. Por estar muito longe, acabava bebendo.

Foi possível perceber que o hábito de tomar bebida alcoólica, justificado pela tristeza e saudade da terra natal, é comum entre os migrantes. Trabalhando e convivendo com cubanos⁸³, dominicanos e venezuelanos foi possível perceber que o processo migratório é traumático e a bebida pode ser um subterfúgio para o “esquecimento” das mazelas e para amenizar a dor da saudade.

Esse relato foi confirmado pelo senhor Odair, ex-presidente e atual tesoureiro das Cáritas Diocesana de Dourados, afirmando o alcoolismo é uma constante na vida do migrante venezuelano devido à saudade e por estarem longe dos familiares.

Atualmente, o senhor Cristian Arevalo pensa em trazer a filha do primeiro casamento, que reside na Venezuela, para o Brasil, sair do aluguel, ter uma residência própria e voltar à Venezuela somente a passeio. Também almeja investir e incentivar ao máximo o filho pré-adolescente a ser jogador de futebol, pois, segundo ele, os professores das escolas em que o filho estudou relataram que ele tem talento.

Entrevista com o senhor Manuel Chiriscos, 25 anos, residente no Jôquei Clube (venezuelano de Puerto Ordaz, interiorizado em março de 2019), entrevista realizada em 20/03/2021. Técnico industrial formado mora em uma quitinete com um amigo venezuelano. Atualmente, ele faz diária na área de construção civil e relatou que entregou muitos currículos em Dourados, mas que nunca foi chamado. A construção civil foi a única oportunidade que conseguiu.

Ele relatou que teve dificuldade com o aprendizado da língua portuguesa e que não pensa em voltar para a Venezuela tão logo.

⁸³ Com o fim do Programa Mais Médicos, que durou de 2013 a 2019, alguns cubanos ficaram no Brasil e, em Dourados, não foi diferente. Com isso passaram a ter que trabalhar em outros postos de trabalho. Assim, no lava-rápido, trabalhamos/convivemos com cubanos, médicos formados, que estavam exercendo uma atividade profissional totalmente diferente da sua.

O que o motivou a migrar foi a busca por melhores condições de vida. O entrevistado mantém contato, por telefonia móvel, com seus familiares que ficaram na Venezuela.

Ao ser questionado sobre como foi o processo migratório, o senhor Manuel Chiriscos nos respondeu: “Andei por mais de sete horas de Santa Elena de Uairén, Bolívar, até Pacaraima, RR. E tive que pagar duzentos reais para os coiotes para poder fazer a travessia”.

Ele pretende ficar no Brasil por um bom tempo e trazer os familiares, mas não nos deu mais informações sobre quanto tempo pretende ficar. As duas vezes que fizemos a mesma pergunta, a resposta foi igual: “ficar e trazer os familiares, mãe, pai e irmão”.

Entrevista com a senhora Carla Caraballo, 20 anos, residente no Jardim São Pedro (venezuelana interiorizada em fevereiro de 2019, entrevista realizada em 16/03/2021). Ela cursava engenharia civil na Venezuela. Hoje, paga aluguel e reside em uma casa com onze pessoas: o filho de três anos, o marido, o cunhado, a mulher do cunhado, a sogra, a mãe e os irmãos. Todos trabalham, exceto os irmãos adolescentes, que são estudantes do ensino médio e o filho de três anos.

Segundo a senhora Carla Caraballo, ela teve que abandonar a faculdade no terceiro ano, pois não pôde mais pagar as mensalidades, e, devido à crise econômica, escolheu mudar-se para o Brasil por ser mais perto e por ter melhor custo de vida, além de benefícios como assistência social e sistema público de saúde. Atualmente, ela trabalha de caixa de supermercado.

Residiu por dois anos em Roraima, onde trabalhava em um parque aquático, e relatou que esse período foi muito ruim, pois estava aprendendo a língua. No trabalho, quando ia atender algum cliente, se apresentava e as pessoas perguntavam se era venezuelana e diziam que não queriam ser atendidos por venezuelanos.

Relatou que foi uma situação muito constrangedora, e que acabou sendo demitida e não recebeu pelo tempo de trabalho, somente o salário do mês. Acrescentou que, em Roraima, há muitos venezuelanos e, conseqüentemente, o mercado de trabalho está saturado. Nesse relato, percebemos a dificuldade com a língua, a xenofobia e a humilhação de não receber seus direitos trabalhistas.

Ao ser perguntada por que veio para Dourados, respondeu:

Como em Roraima não tínhamos trabalho, morávamos em uma peça com um banheiro, eu e meu esposo desempregados e pagando aluguel. Falei com meu irmão, que já estava aqui em Dourados, se ele poderia nos receber. Assim viemos. Agora estamos aqui nessa casa com mais 10 pessoas. Primeiro meu irmão já estava aqui, depois veio eu e meu esposo, depois minha mãe, minha sogra e meus irmãos e sobrinhos.

Durante as entrevistas pudemos, entender como as redes de contatos eram estabelecidas, pois, ao migrarem para Pacaraima, começaram a se relacionar com outras pessoas por meio de contatos e, com a interiorização em outras cidades do Brasil devido à oferta de emprego, migraram, estabelecerem-se no novo local e passaram a trazer seus familiares e amigos.

Perguntamos se ela pretende voltar para a Venezuela, e nos respondeu que não, pois toda a sua família estava aqui. Veio para ficar e pretende juntar dinheiro para comprar uma casa.

Carla Caraballo acrescentou que, na sua casa, sempre aparece algum venezuelano pedindo algum tipo de ajuda, como dinheiro para pagar uma conta, indicação de algum posto de trabalho ou mantimentos. “Sempre passa alguém aqui pedindo alguma coisa”. Também falou que, aos fins de semana, sua casa fica cheia, pois sempre recebe os amigos para conversar e, assim, “mata” a saudade da Venezuela.

Por meio dessa fala podemos perceber uma relação entre os venezuelanos(as) de solidariedade e o início de uma identificação com o local, tendo a casa da Carla Caraballo como ponto de encontro, onde podem

conversar em espanhol, ouvir música, comer comidas típicas, lembrar e revivenciar⁸⁴, mesmo sendo por um curto período de tempo, a Venezuela.

Atualmente pensa em não voltar mais para a Venezuela também por causa da dificuldade de conseguir empregos, assim pensa que no Brasil a situação é melhor, quando ao fim da entrevista refizemos a pergunta, nos respondeu “viver o imediato”, “dia a pós dia”, “melhorar a minha estrutura de vida para família e filho, e sair do aluguel”.

É possível perceber nas falas da senhora Carla Caraballo que o seu intuito é de permanecer no Brasil, e se voltar a Venezuela será somente a passeio.

Entrevista com a senhora Mirian Coromoto Uspin Acosta, 29 anos, residente no Jardim Londrina (venezuelana de Anzoategui, interiorizada em dezembro de 2019, entrevistada em 04/03/2021), possui ensino médio completo, fez curso de técnico de enfermagem na Venezuela, mas não concluiu, trabalha como ajudante em uma clínica e de diarista, paga aluguel, reside em uma casa com a filha e os dois netos e o marido, que trabalha na JBS.

Perguntamos se teve dificuldades em aprender a língua e nos relatou que sim. Residiu em Roraima por três anos vendendo pão caseiro nas ruas e no semáforo, onde, segundo nos relatou, por haver muitos venezuelanos, presenciou ofensas caracterizando xenofobia por parte de brasileiros. Posteriormente, entrou em contato com pessoas ligadas a OIM (Organização Internacional para as Migrações) e, por meio desse contato, veio para Dourados, onde logo arrumou trabalho e pretende retomar o curso de técnico de enfermagem.

⁸⁴ E reviver será uma constante na vida do imigrante, pois sempre buscará elementos culturais, como comidas típicas, música e comemorações afetivas como lembranças da terra natal.

Atualmente, pensa em ficar morando em Dourados, comprar uma casa, sair do aluguel e voltar à Venezuela somente a passeio. Mantém contato com os parentes que não migraram por *WhatsApp*.

Foi possível perceber que da primeira vez que perguntamos sobre voltar à Venezuela, respondeu somente “não” e, no final da entrevista, quando retornamos a perguntar, acrescentou que não pensa em voltar, que quer ficar por causa da filha e dos netos.

Entrevista com senhora Luana Ramos, 21 anos, residente no Jardim Flórida II (venezuelana de El Tigre, entrevistada em 03/04/2021), possui o ensino médio completo, trabalha de diarista, mora em uma casa com oito pessoas, sendo o namorado e amigos venezuelanos que conheceu durante o processo migratório. Relatou não ter tido muitas dificuldades com a língua portuguesa.

Perguntamos como foi o processo de migração, e nos respondeu que foi tranquilo, que veio de ônibus, saindo de El Tigre, até Boa Vista e, de lá, veio de avião. Tinha contato com amigos que moravam em Dourados e, assim, veio para cá. Esse fato mostra as redes contato, estabelecidas pelos primeiros migrantes venezuelanos, agora tornando a migração mais tranquila e menos traumática.

Na fronteira, disse que, para ser liberada, teve que pagar cem reais para a polícia venezuelana. Disse que mantém contato com os pais, que estão na Venezuela, por ligação de telefonia móvel.

Atualmente, pensa em não mais voltar para a Venezuela para morar, “somente a passeio quando a situação melhorar”, e quer “construir uma casa e viver aqui”.

Percebemos que, das duas vezes que repetimos a pergunta, a resposta foi a mesma, ou seja, voltar somente a passeio para a Venezuela, construir uma casa para sair do aluguel e estabelecer moradia em Dourados.

Entrevista com a senhora Inês Guevara, 30 anos, residente no Jardim Flórida II (venezuelana de Pariaguán, entrevistada em 03/04/2021), com ensino médio completo, mora em uma casa com cinco pessoas. O marido é diarista da construção civil e os filhos são adolescentes e estudantes. Ela paga aluguel e trabalha como diarista.

Relatou que o processo de migração foi tranquilo, pois veio de ônibus saindo de Pariaguán até Boa Vista, RR. De Boa Vista para Dourados, veio de avião. Não teve que pagar propina para coitotes.

A vinda para Dourados se deu por redes de contatos, uma vez que tinha amigos morando aqui. Viu na migração uma oportunidade de melhoria de vida, porque, segundo ela, “estava sem trabalho e muito pobre” na Venezuela.

Quando questionada se pretendia voltar para a Venezuela, respondeu: “Não sei, por enquanto vivo aqui no Brasil”.

Relatou que mantém contato com os pais, que ficaram na Venezuela, e pensa em trabalhar, estudar e construir uma casa.

Entrevista com a senhora Vera Mendonça, 40 anos, residente no Jardim Água Boa (venezuelana de Puerto da La Cruz, entrevistada em 04/04/2021), possui o ensino médio completo e mora em uma quitinete com mais quatro pessoas: o marido, a filha, o neto e o genro.

Ao ser perguntada como foi o processo de migração, nos respondeu que foi difícil, andou por 28 dias saindo de Puerto la Cruz até Santa Elena de Uairén e, de lá, foi pegando carona até chegar em Porto Velho, RO, de onde veio de ônibus até Dourados, pois o genro já estava aqui e trabalhava na JBS.

Viu na migração uma oportunidade de ganhar dinheiro e pensa em “voltar para a Venezuela com dinheiro”.

Atualmente, quer trabalhar, ganhar dinheiro e regressar para a Venezuela. Nos deu a mesma resposta para as duas vezes que fizemos a pergunta. Assim, pensamos que, mesmo estando longe da terra natal, se

sente pertencente àquele meio e planeja seu regresso tão logo possua recursos financeiros.

Não foi possível mensurar o quanto de dinheiro é necessário juntar para voltar, mas que planeja seu retorno.

Entrevista com a senhora Isa Morroy, 49 anos, residente no Jardim Itália (venezuelana de Bolívar, entrevistada em 30/03/2021), que possui ensino fundamental completo e mora em uma quitinete com o esposo. Resolveu migrar porque, na Venezuela, estava passando fome.

Perguntamos como foi o processo de migração, e ela nos respondeu que foi muito difícil, que fizeram o percurso andando e pegando carona desde Bolívar até Pacaraima, RR, e de lá até Boa Vista. Ficaram também em um abrigo.

No abrigo, apareceu a possibilidade de trabalho para o esposo em Dourados e ele veio e ela ficou. Após algum tempo, o marido alugou uma quitinete e, assim, ela pôde vir ao encontro dele.

Perguntamos como foi o período que ficou no abrigo, e ela relatou que não foi bom, sofreu muito e não sabia a língua portuguesa. Quando saía na rua, era ofendida por brasileiros, sofreu humilhação por ser migrante.

Ela disse que não pensa mais em voltar para a Venezuela, veio para ficar. Deseja em ter uma casa, abrir um negócio, ter estabilidade financeira: “quero ter uma casa e um carro”. Atualmente, não trabalha fora, cuida da casa e o marido continua trabalhando na JBS.

Ela relatou que deseja ter um meio de transporte e uma casa para não mais pagar aluguel e também uma renda extra para ter estabilidade financeira.

Perguntamos duas vezes se pensavam em voltar para a Venezuela. Da primeira vez, respondeu que talvez, caso o governo mude, mas, ao mesmo tempo, disse que não tem esperança de que isso ocorra, então,

pretende ficar no Brasil. Da segunda vez, acrescentou que o futuro é aqui no Brasil.

Foi possível notar que a senhora Isa Morroy está se sentindo segura no novo local, pois já possui planos, espera possuir estabilidade econômica e também não considera voltar à Venezuela nem a passeio, ou seja, os planos são de residir no Brasil.

Entrevista com a senhora Elaine Del Valle, 22 anos, residente no Jardim Vila Hilda (venezuelana de Puerto da La Cruz, entrevista realizada em 30/03/2021), que possui ensino básico completo, mora em uma quitinete com quatro pessoas: o filho recém-nascido, o marido, que trabalha na JBS, a mãe, desempregada, e o marido da mãe, que é autônomo. Atualmente, está desempregada.

Perguntamos o motivo da migração e ela nos respondeu que “estava passando por uma situação muito difícil na Venezuela, não tinha comida, não tinha água”, e viu na migração uma oportunidade de melhoria de vida.

Disse que conversa sempre, por telefonia móvel, com o pai e os irmãos que ficaram na Venezuela, ou seja, mantém laços afetivos e emotivos no país de origem. Ela pensa em trazê-los e quer viver no Brasil com a sua família.

Perguntamos se teve dificuldade para aprender a língua portuguesa, e ela nos relatou que entende o português e que tem estudado.

Atualmente, pensa nos irmãos que ficaram na Venezuela, mas quer ficar aqui no Brasil, não pensa mais em retornar. Nos deu a mesma resposta nas duas vezes que perguntamos, disse que veio para ficar e pensa em trazer os irmãos e o pai. Também não falou se pensa em voltar a passeio para a Venezuela.

Entrevista com o senhor Lucas Henrique Lopes Malave, 18 anos, residente no Jardim Independência (venezuelano de Barcelona, interiorizado

em março de 2020, entrevistado 02/04/2021) possui ensino médio completo e mora em uma casa com mais quatro pessoas: a esposa, desempregada, e amigos venezuelanos que conheceu durante o processo de migração. Trabalha na Casa dos Amortecedores e nos relatou que imigrou “por causa da crise na Venezuela”. Disse que teve muitas dificuldades em aprender a língua portuguesa e que tinha “dificuldade para fazer compra de produtos”. Pensa em voltar para a Venezuela se um dia a situação melhorar por lá.

Perguntamos como foi o processo de migração, e ele relatou que “não ocorreu nenhum problema”, acrescentando que veio ônibus.

Atualmente, pensa em comprar uma casa no Brasil e ir de visita à Venezuela. O senhor Lucas relatou que pretende voltar para a Venezuela, mas, já no final da entrevista, falou que quer ir à Venezuela somente para visitar. Mostrando a criação de uma identificação afetiva com o local, fazendo com que pense em ficar no Brasil e não mais voltar para a Venezuela.

Muito embora o discurso de alguns migrantes seja de vir para o Brasil, trabalhar, esperar que a situação econômica melhore ou, até mesmo, que haja a troca de governo para voltarem para a Venezuela, isso será uma possibilidade que possivelmente não acontecerá, uma vez que o fato de estarem empregados e terem constituído laços de afetividade com o novo local torna o seu regresso cada vez mais difícil de acontecer.

Vários outros elementos começam a surgir, tais como falecimento de familiares e de amigos, estabelecimento e adaptação à rotina do novo local, como moradia, trabalho e amizades, e constituição de família. Possivelmente, o cônjuge e os filhos não vão querer retornar. Por essa razão, regressar à terra natal passa a ser um pensamento cada vez mais distante de ser realizado/concretizado.

O senhor Lucas mencionou que, cotidianamente, mantém contato com os seus parentes que não migraram.

Atualmente, pensa em estabelecer moradia em Dourados, comprar uma casa para sair do aluguel e voltar à Venezuela a passeio. O senhor

Lucas deu duas respostas, quando perguntado, no início da entrevista, se pensava em regressar à Venezuela. Primeiramente, respondeu que sim, caso a situação econômica melhorasse. Já no final da entrevista, respondeu que quer ficar no Brasil e comprar uma casa.

Aqui foi possível identificar o pensamento de estabelecimento e o retorno em uma situação de melhora econômica, ainda que esta melhora seja relativa e dependa de vários fatores, tais como, troca de governo e melhora econômico do país.

Em contrapartida, o migrante territorializado dificilmente se desprenderá dessa territorialização para um regresso à terra natal, pois isso envolve uma complexidade de situações, como a idade das pessoas, dos filhos, do cônjuge, e as amizades e os familiares deixados no país de origem antes da migração, que podem ter se mudado ou morrido.

Entrevista com o senhor Jair André, 27 anos, residente no Canaã I (venezuelano de Pariaguan, entrevistado em 03/04/2021), possui ensino médio completo e mora em uma quitinete com o irmão, que também é diarista da construção civil. Ao ser questionado sobre quais os motivos para migrar, respondeu: “por causa da crise, medicamento, saúde e desemprego”.

Falou que não teve dificuldade para migrar, pois tinha um irmão que já residia em Dourados, ou seja, já tinha um contato, uma rede. Também relatou que teve pouca dificuldade com a língua portuguesa, mas que sofreu discriminação durante seu período de aprendizagem.

Por indicação de alguns conhecidos, comprou um carro numa negociação muito vantajosa e, quando foi fazer a transferência dos documentos, descobriu que o carro estava com as prestações atrasadas e que o banco já tinha pedido a busca e apreensão do veículo. Assim, perdeu o carro e o dinheiro que tinha investido.

Quando tentou reverter a venda, o vendedor alegou que não tinha mais responsabilidade com o carro que tinha vendido e que, se o senhor Jair

André quisesse, que fosse “correr atrás” por conta própria. Assim, acabou perdendo.

Atualmente, ele pensa em não mais em voltar para a Venezuela. Quer comprar uma casa e montar um comércio. Mantém contato com os seus parentes que não migraram pelo *WhatsApp*.

Durante a entrevista, respondeu da mesma forma nas duas vezes em que foi perguntado sobre o regresso, que não quer mais voltar, e também não mencionou se pensa em voltar a passeio.

Os planos são de ficar no Brasil, ter uma casa própria e abrir um comércio.

Entrevista com o senhor Romário Balsa, 21 anos, residente na Vila Industrial (venezuelano de Assoatigue, entrevistado em 03/04/2021), possui ensino médio completo, faz diárias e é auxiliar de pedreiro. Mora em uma casa com mais sete pessoas: a namorada e amigos venezuelanos que conheceu durante o processo migratório. Migrou por causa da situação de seu país e não pensa mais em voltar para a Venezuela.

Ao ser perguntado se teve dificuldade em apreender a língua portuguesa, relatou que “somente no início sofreu”.

Perguntamos como foi o processo de migração. Relatou que veio de ônibus, saindo de El Tigre até Boa Vista, RR, e depois veio de avião para Dourados. Escolheu Dourados porque tinha amigos aqui. Esse fato mostra uma rede de contatos, pois por meio de um contato prévio, foi possível se interiorizar em Dourados – MS.

Também falou que sempre fala com seus pais que ficaram na Venezuela.

Atualmente, pensa em se estabelecer no Brasil, “construir uma casa e viver aqui”. Pensa em voltar para a Venezuela, mas somente a passeio.

O senhor Romário Balsa nos relata que pensa em ter uma casa própria para sair do aluguel e que só pensa em voltar para a Venezuela a passeio quando a situação econômica melhorar.

Entrevista com o senhor Caio Cortez, 52 anos, residente na Vila Industrial (venezuelano de Tatira, entrevistado em 03/04/2021), que possui o ensino médio completo, mora em uma casa com mais oito pessoas: três filhas casadas e seus respectivos maridos e os netos. Todos trabalham, exceto os netos que são estudantes. O senhor Caio Cortez trabalha de pedreiro e relatou que migrou para o Brasil por causa das filhas dele que aqui estavam. Disse não ter tido problemas com a migração e que não pretende mais voltar para a Venezuela.

Perguntamos se teve problema em apreender a língua portuguesa, respondeu: “não tive, sei ler em português”. Percebemos, no entanto que há dificuldade de sua parte na comunicação e expressão. Por muitas vezes, repetíamos a pergunta falando mais devagar e gesticulando, e também tentamos falar em espanhol.

O senhor Francisco Rafael, que estava por perto, nos auxiliou e, dessa forma, seguimos com a entrevista e pudemos também combinar de entrevistar o senhor Francisco Rafael em outra ocasião.

O senhor Caio Cortez relatou que sofreu assédio moral no seu último trabalho. Estava prestando serviço para um construtor que pegou uma construção de condomínio residencial no Paraná. Saiu de Dourados com a promessa de um salário de R\$ 1.200,00 (um mil e duzentos reais) mais benefícios, porém, chegando ao Paraná, o que fora acordo verbalmente em Dourados não se cumpriu, e ele acabou por ficar alojado na construção, passando quase três meses sem receber.

Foi conversar com o empregador e este não queria pagar o que devia ao senhor Carlos. Após uma discussão, pagou R\$ 900,00 (novecentos reais),

o demitiu e falou que se ele procurasse a justiça, sabia onde suas filhas moravam em Dourados.

Podemos perceber a exploração da força de trabalho migrante, vista como trabalho semiescravo, e também o assédio moral por haver pressão psicológica e ameaça para deixar o migrante com medo e não ir em busca de seus direitos.

Desse modo, o senhor Caio Cortez não fez a denúncia no Ministério do Trabalho e Emprego, pois passou a temer pela integridade física de suas filhas.

Ele mantém contato com os seus parentes que não migram, por telefonia móvel e, atualmente, pensa em comprar uma casa, sair do aluguel e comprar um carro. Das duas vezes que perguntamos sobre retornar à Venezuela, no início e no fim da entrevista, nos respondeu que não quer voltar e pensa em trazer os irmãos que lá estão e ficar em Dourados. Também não mencionou se pensa em ir a passeio à Venezuela.

Entrevista com o senhor Hélio Ramirez, 44 anos, residente no Jardim Itália (venezuelano de Bolívar, interiorizado em dezembro de 2019, entrevistado em 30/03/2021), que possui ensino médio completo, trabalha na JBS e mora em uma quitinete com a esposa. Ao ser perguntado por que migrou, nos disse: “melhoria, mais trabalho”. Ele relatou que pretende “voltar daqui a uns cinco anos, quando Maduro sair do governo”, mas não ele não saiu e foi reeleito para mais um mandato de presidência. O entrevistado também disse que, “aqui em Dourados, tinha conhecidos”, por isso que veio para cá.

Podemos perceber nas falas do senhor Hélio Ramirez, e também dos demais entrevistados, que os venezuelanos se organizam em redes de contatos e, por meio dessas redes, obtêm informações sobre o local para onde almejam migrar, como condições climáticas, econômicas e principalmente possibilidades de trabalho, o que os motiva a migrar.

Perguntamos sobre dificuldades em apreender a língua portuguesa, ele relatou: “tive pouca dificuldade, para entender a língua; nunca tive problema”.

Com as mãos trêmulas e bastante nervoso, mal entendia o que perguntávamos em português e, a quase todo o momento, pedia para repetir a pergunta e solicitava ajuda de outro venezuelano, o senhor Israel.

Morava em um sobrado onde, na parte de cima, era quitinete e, na parte de baixo, dois salões comerciais, sendo um salão de cabelereiro e o outro alugado pelo senhor Israel. Assim, também pudemos entrevistar o senhor Israel.

Perguntamos ao senhor Hélio Ramirez, como foi o processo de imigração e se tinha sofrido discriminação. Respirou fundo, deu três tragadas no cigarro, ficou trêmulo, pegou o copo de café que estava ao lado, bebeu de uma vez e respondeu: “não”.

Também relatou que o movimento migratório foi muito sofrido, pois fez o percurso andando e pedindo carona a caminhoneiros, que lhe davam comida. Andou por 14 dias saindo de Bolívar até Boa Vista, RR, onde pegou um ônibus para Dourados. “Andei mais de 14 dias para atravessar a fronteira”. “Passei fome”. “Larguei tudo o que tinha e vim para cá”. “As coisas que ouvi muito me magoaram”. “Meus filhos não irão passar por isso.”

Percebemos, nitidamente, o seu desconforto com as perguntas e notamos que seus olhos ficaram lacrimejados.

Depois de uma longa pausa, disse: “quero ter filhos aqui no Brasil para não passarem o que passei”.

Sabemos que essa pergunta o incomodou, pois o processo migratório foi muito traumático para ele e tudo o que passou, ter que andar a pé, largar a vida que tinha, passar frio e fome, se sujeitando a essa situação para fugir da crise econômica e do desemprego, deixou marcas profundas.

A discriminação pareceu causar efeitos maléficos no psicológico do entrevistado, aquilo que ele vivenciou causou um trauma e, por isso, prefere

não comentar a respeito. Seu nervosismo era nítido e, por causa do desconforto com a entrevista, ele passou a responder de forma simples e rápida as perguntas, utilizando o sim e o não como respostas, sendo nossos questionamentos, intercalados por momentos de silêncio e tragadas no cigarro.

Portanto, foi possível perceber que a entrevista já estava se findando, pois, por mais que queríamos conversar, o senhor Hélio Ramirez não queria mais falar, passando a olhar para o relógio a todo instante e falando que teria que ir para o trabalho. Assim, fizemos mais duas perguntas sobre seus planos para o futuro e possível regresso.

Atualmente, ele pensa em abrir um comércio e vender comida, mas podemos perceber que nos deu duas respostas para a mesma pergunta. No início da entrevista, quando perguntamos se pretende regressar à Venezuela, nos relatou que sim, dentro de cinco anos, assim que Maduro sair do poder. Mas isso não irá acontecer, pois Maduro foi reeleito para mais um mandato presidencial.

No entanto, no final da entrevista, quando fizemos a mesma pergunta e estávamos pensando em fazer uma discussão sobre economia e questões sociais, sua resposta foi outra, passando a dizer que pretende ficar no Brasil e abrir um restaurante para vender comida típica venezuelana.

Após um breve momento de silêncio, intercalados a olhares para o relógio, falando que tinha que trabalhar. Desse modo, sabíamos que o entrevistado não iria nos contar mais nada, então, agradecemos e encerramos a entrevista.

Por termos tido dificuldades em conversar com venezuelanos e durante as entrevistas sermos questionados sobre nossos motivos, talvez devido ao processo de migração ter sido tão traumático, por terem abandonado as coisas que tinham, por estarem passando por uma crise econômica sem precedentes, serem forçados a migrarem e, durante a migração, passarem por muitas dificuldades, como frio e fome, pensamos que

esse seja um dos fatores de não se sentirem à vontade em responder as perguntas sem a certeza de receberem algo em troca, pensando que seriam prejudicados de alguma forma ou que sofreriam ao lembrarem dos momentos ruins que passaram durante a migração.

Assim, procuramos, por meio de seus gestos, interpretar a sua angústia, seu descontentamento ou sofrimento. Entendemos, então, que a desterritorialização é um processo de expulsão traumático, ou uma i/emigração forçada para os mais pobres, já que as elites, por sua vez, [e/i]migram podendo escolher o local para onde ir e não passam por grandes dificuldades, pois têm, ao seu favor, recursos financeiros.

O constante questionamento sobre os motivos das perguntas e as respostas rápidas pode ser visto como uma tática de proteção, pois já se encontram fragilizados pelo processo de migração e não possuem total confiança no entrevistador, e as perguntas lhes fazem lembrar de situações traumáticas que procuram esquecer.

Entrevista com o senhor Francisco Rafael, 46 anos, residente no Jardim Flórida I (venezuelano de Ansuatigue, entrevistado em 03/04/2021) que possui ensino médio completo, trabalha como pintor, mora em uma casa com mais cinco pessoas: sua esposa, dona do lar, e suas filhas, que trabalham como diaristas e também na JBS.

Perguntamos os motivos da migração, e ele relatou que foi “por causa da situação econômica muito ruim” e que suas filhas já estavam aqui em Dourados. Perguntamos se teve dificuldades com a língua portuguesa, e ele nos respondeu: “muita, não entendia muito bem”.

Perguntamos se pretende voltar para a Venezuela, e sua resposta foi que é um país sem leis e que não quer mais voltar.

Ao ser perguntado como foi o processo de migração, nos respondeu que não teve problemas, que veio para Dourados com a ajuda da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a qual pagou tudo para ele.

No caso do senhor Francisco Rafael, e também de outros entrevistados, podemos perceber o papel da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na ajuda com o financiamento de passagens e auxílio na interiorização e adaptação dos venezuelanos em Dourados, como relatado também pela senhora Mayte Ojeda e pelo senhor Jonathan Ruiz, ambos venezuelanos, e o bispo Maykon, que hospedou, em sua residência, uma família de venezuelanos.

Pedimos o contato dos membros da igreja que o ajudaram, mas ele falou que tinha perdido o contato. Não sabemos se essa informação era realmente verdadeira ou se simplesmente não quis nos passar o contato. Após entrevistar o bispo Maykon, percebermos que o senhor Francisco Rafael realmente não quis nos passar o contato.

Atualmente, o senhor Francisco Rafael deseja futuramente continuar a “trabalhar no Brasil” e “poder dar estudo para as filhas”. Também falou que mantém contato com os parentes que não migraram por aplicativo de telefonia móvel. Não relatou se pensa em voltar à Venezuela a passeio.

O senhor Francisco Rafael chegou a um novo território e estabeleceu sua vida junto de sua família, pois sua mulher e filhas já estão aqui e não pensam em ir nem a passeio à Venezuela, mas sim em trabalhar e ficar no Brasil.

Entrevista com o senhor Igor Ramos 38 anos residente no Jardim Itália, (venezuelano de Bolívar, interiorizado em dezembro de 2019, entrevista 30/03/2021), que possui ensino fundamental completo, mora em um salão com um amigo venezuelano, e o local serve de quarto, lavanderia, cozinha, sala e despensa.

Trabalha de diarista na construção civil, relatou que estava muito difícil de conseguir trabalho e que estava preocupado, pois precisa juntar dinheiro para pagar o aluguel. Relatou que, no dia anterior à entrevista, tinha feito um serviço e que o pagamento havia sido em alimento, mandioca, e que

essa seria a sua alimentação do dia e estava esperando uma cesta básica de alimentos da igreja.

Perguntamos quais foram os motivos da migração, e ele respondeu: “estávamos passando fome na Venezuela, ditadura de Maduro”.

Perguntamos se teve dificuldade em aprender a língua portuguesa, ao que respondeu: “pouca, fico escutando e tentando falar, faço curso e pergunto se não entendo”.

Também nos relatou ter sofrido discriminação, xenofobia:

Nos chamavam de escravos, animal, tem que trabalhar como “escravo” por ser venezuelano, “burro”. A empresa que trabalhava em Manaus não pagou o tempo de serviço, mandou embora. Está no Brasil, não tem direito a nada.

Relatou que pretende “voltar para a Venezuela quando Maduro sair da presidência”.

Perguntamos como foi o processo migratório, e ele relatou que foi tranquilo. Saiu de Tacupita e foi até Pacaraima, RR, de lá, até Boa Vista e de Boa Vista até Manaus, sempre de ônibus. Em Manaus, ficou por três anos e veio para Dourados porque tinha amigos aqui que relataram que poderia conseguir emprego com mais facilidade.

Também falou que conversa todos os dias com sua esposa e as duas filhas por aplicativo de telefonia móvel.

Atualmente, pensa em regressar à Venezuela, assim que Maduro sair do governo. Essa foi a primeira resposta que nos deu, porém, ao final da entrevista, quando repetimos a pergunta, nos relatou que quer ter uma casa para sair do aluguel. Por essa fala, percebemos a intenção de permanecer no Brasil⁸⁵.

⁸⁵ Depois da entrevista, acabamos fazendo amizade e sempre nos falamos pelo telefone. Recentemente, ele nos contou que se mudou e que agora está morando com a esposa, que está desempregada, e suas duas filhas, que estão estudando o ensino fundamental. Quando nós o entrevistamos, ele estava morando com um amigo, mas agora mora com a família e,

Entrevista com o senhor Ray Claudio, 39 anos, residente no Canaã I (venezuelano de Bolívar, interiorizado em dezembro de 2019, entrevistado em 30/03/2021), que possui ensino fundamental completo e mora em uma quitinete com mais dois amigos venezuelanos. Ele faz diária na construção civil.

Ao ser perguntado sobre quais foram os motivos da migração, nos respondeu: “ter melhora de vida”. O senhor Ray Claudio pretende voltar para a Venezuela quando Maduro sair do poder. Ele acrescentou que “Maduro tem que sair do poder, pois está estatizando tudo, crise econômica, água, eletricidade, não tem comida”.

Perguntamos se teve dificuldade com a língua portuguesa, ao que respondeu: “estou apreendendo aos poucos”.

Relatou que sofreu discriminação e que foi humilhado, foi chamado de “burro”, já ouviu que tinha que trabalhar sem reclamar e sem receber, já que o Brasil estava fazendo um favor para os venezuelanos. “Em Manaus, quando viam que eu era venezuelano, não me davam o emprego.”

Relatou que o processo migratório foi tranquilo, não passando por dificuldades, e que o trajeto foi feito de ônibus, saindo de Bolívar até Pacaraima, indo depois até Boa Vista, e seguindo até Manaus, onde o seu pai já estava e falou que poderia conseguir emprego com mais facilidade do que na Venezuela.

Veio para Dourados porque tinha um primo na cidade que falou que aqui teria melhores condições de trabalho, ou seja, tinha um contato que o ajudou na interiorização.

Perguntamos quais eram os planos para o futuro, ao que respondeu: “ficar no Brasil, ter uma casa e não pagar aluguel”.

consequentemente, o seu pensamento sobre regressar mudou. Agora pensa em ter uma casa para sair do aluguel e estabelecer residência no Brasil.

Atualmente, pensa em não mais voltar para a Venezuela, mas, durante a entrevista, nos deu duas respostas: na primeira, no início da entrevista, disse que pretendia regressar ao seu país de origem assim que Maduro saísse do poder; na segunda, ao final da entrevista, relatou que pretende ficar no Brasil e sair do aluguel. Assim, mostra uma identificação com o local, pois já tem planos para ficar em Dourados.

CONCLUSÃO

A crise econômica sem precedentes históricos levou milhares de venezuelanos(as) a buscar a migração como alternativa para fugirem daquela situação e, desse modo, muitos migraram e estabeleceram rotas migratórias se deslocando para o Peru, a Colômbia e o Brasil, por fazerem fronteira terrestre com a Venezuela e ser de fácil acesso. Aqueles(as) que vieram para o Brasil, consequentemente saíram de Santa Elena de Uairén adentrando no país por Pacaraima em Roraima.

Com o grande contingente de pessoas na cidade de Pacaraima, o governo federal interveio criando a Operação Acolhida, em 2018 (Silva, 2020), para a interiorização voluntária dos venezuelanos(as) que manifestaram interesse em permanecer no Brasil por algum tempo.

Assim, a interiorização teve início e, a primeira fase de interiorização, foi caracterizada por Vaga de Emprego Sinalizada, com isso Dourados se destacou em cenário nacional por ser a cidade do interior do Brasil a receber o maior contingente de migrantes venezuelanos(as), pois a Empresa Seara S.A tinha mais de 400 vagas de emprego ociosas e viu na interiorização venezuelana uma alternativa para suprir a sua demanda de produção.

Desse modo, Dourados se destacou pela interiorização por Vaga de Emprego Sinalizada, consequentemente passaram a se adaptar no novo local, criando redes de contatos e passaram a trazer seus parentes e amigos. Assim, atualmente, a modalidade que se destaca para a interiorização em Dourados é a Reunificação Familiar e Reunião Social, mas a causa da migração que é fugir da crise permanece a mesma.

O estudo sobre os venezuelanos interiorizados em Dourados foi realizado com o auxílio dos contatos do tempo de convivência, tanto no ambiente de trabalho como na Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados, e também por meio de uma imersão em literaturas e referências sobre o assunto, junto às entrevistas semiestruturadas.

Com o propósito de dialogar com os migrantes venezuelanos, foi possível conhecer um pouco sobre a sua cultura seus modos e práticas religiosas, experimentar sua culinária e também ver/assistir seus medos, anseios e expectativas de vida, além da construção da territorialidade e a identificação com o “novo” local.

Assim, o estudo tratou de um recorte da realidade presenciada e assistida de um grupo de venezuelanos entrevistados e de observação ao comungar o espaço do ambiente de trabalho e o religioso. Sabemos que um recorte não representa o todo, mas apenas uma parte, no entanto, pode representar as características vivenciadas por outros venezuelanos residentes em outras cidades, estados ou até mesmo outros países.

Destarte, o migrante não migrou porque quis, mas sim porque foi forçado. Por essa razão, atualmente procura ir para uma localidade que tenha mais facilidades e a existência de uma rede de apoio, pois o migrante, até a sua interiorização, depende de uma grande demanda de recursos financeiro e emocional, e a rede de apoio, seja de outros venezuelanos ou de iniciativas de igrejas, é de fundamental importância para assistir ao migrante.

Também podemos perceber a retomada de suas vidas, uma adaptação à cultura brasileira e douradense particular de indivíduo para indivíduo e a reprodução de costumes culturais, tanto alimentares como religiosos, pode ser percebido entre os fiéis venezuelanos que participam da Igreja Luz do Mundo Mundial Missão 1 Dourados.

Também identificamos uma manutenção da rede de apoio para que outros migrantes possam chegar, como relatado pelo pastor Emilio, que, no início de agosto de 2023, chegaram a Dourados sua filha, o marido dela e os três filhos do casal que estavam na Venezuela. Eles venderam a casa que tinham e vieram fugindo da crise, porque tinham um lugar para ficar.

A rede de apoio é de fundamental importância para a logística de chegada e adaptação ao novo local, pois terá um local para ficar e pessoas que já conhecem a localidade, assim auxiliando na adaptação. Muito diferente

de quando chegaram os primeiros migrantes venezuelanos por Vaga de Emprego Sinalizadas na Empresa Seara S.A, os quais tiveram que ser assistidos por iniciativas religiosas, assim precisaram se adaptar a uma localidade onde não conheciam nada e não tinham parentes ou conhecidos para os ajudarem.

Com a convivência na igreja, a questão das celebrações em língua espanhola passou a ser uma representação da memória e da identidade do migrante, sendo um local de partilha, ganhando uma representatividade política, cultural e espiritual que reivindica as memórias e os territórios imagéticos que os constituem enquanto sujeitos, por meio da reunião para a celebração religiosa em língua espanhola.

O local das reuniões para as celebrações do culto em espanhol também faz parte da representação da Venezuela, assim, podemos perceber, no ato da oração, dois pontos que se destacam: primeiro, a preocupação com a Venezuela e as pessoas que estão lá, sejam familiares ou não; e, segundo, a gratidão ao Brasil por tê-los acolhido.

Refletindo sobre esse aspecto, surgem questões culturais, sociais e de identidade que podem ser entendidas como um mosaico de infinitas possibilidades de interpretação que nunca se esgotam e nem se completam plenamente, muito menos precisam de *status* de plenitude para (co)existirem/ (sobre)viverem.

Assim sendo, há também que se ressaltar que as práticas linguísticas, culturais e sociais são transmitidas por memórias que podem auxiliar na compreensão do sujeito e de sua origem. Apesar de entendermos a língua como um espaço, ela transpassa limites geográficos, avançando para os extremos simbólico, cultural e linguístico, transformando em um território imagético.

Portando, o território proporciona também, em si, um valor cultural social, simbólico e efetivo no qual é possível (re)conhecer a forma como os sujeitos (re)constroem as suas múltiplas identidades. Não obstante, a

identidade não revela somente a história de vida do sujeito, ou lugar de nascimento e a sua nacionalidade. Pelo contrário, traz consigo (re)significados e memórias que são representadas por variadas manifestações culturais.

Assim, as manifestações culturais são formas de reconhecer o Outro e a si. Por meio da representatividade cultural do sujeito. A/na resistência e a/na reinvenção pessoal podem se expressar e transmitir representações de memórias coletivas e individuais ao recordarem do período de migração e serem complementados por outra pessoa, a qual diz ter passado pela mesma situação. Essas representações culturais fazem parte da construção de territórios imagéticos que são lembradas pelos venezuelanos.

Uma narrativa comum é criada por meio da memória coletiva, gerando tensões e concordância com características comuns. Podemos interpretar a memória coletiva e a individual como uma forma de resistência e de assimilação cultural, além de uma afirmação identitária, pois é através dos relatos de memórias que lembranças são evocadas, são (re)vividas/lembradas, podendo lembrar-se do passado ou simplesmente esquecê-lo, tornando possível de ser falado ou não.

E, assim, essas narrativas são elementos que com o tempo vão construir a territorialidade venezuelana em Dourados ou em outra localidade com grupos de migrantes que comungam dos mesmos ou similares sentimentos migratórios de desterritorialização e reterritorialização.

Por esse motivo, as escolhas de reviver lembranças ou esquecê-las, são estabelecidas por recordações e representações culturais. Com isso, as memórias passam a ser aquilo que se quer lembrar ou esquecer, ou aquilo que precisa ser esquecido/lembrado.

Todas as lembranças aqui discutidas corroboram com as memórias e a manutenção da língua espanhola nas celebrações da Igreja. No entanto, o que se pretende não é colocá-las em uma balança e nem as qualificar, mas

pensá-las juntas e com as múltiplas possibilidades de sentidos e imagens que evocam e resgatam suas memórias e as suas representações culturais.

Ao chegarmos ao final deste trabalho, consideramos que ele apresenta uma interpretação de um grupo de interiorizados venezuelanos(as) que precisam de trabalho, para poderem sobreviver assim como qualquer outra pessoa, mas tem que ser levado em consideração que migraram porque foi preciso fugir da crise, e aqui vão ter que (re)começar suas vidas, passando a pertencer a um novo local, distante do seu de nascimento, que irá passar a fazer parte de suas vidas, onde começarão a criar suas redes de contato e construirão a sua territorialidade.

Pois a construção da territorialidade é um processo e isso demanda tempo; o fluxo constante de chegada e a inserção laboral e social efetivam a reterritorialização, iniciando, assim, a territorialidade.

A territorialidade venezuelana em Dourados ainda está em construção, pois se trata de uma migração recente, então tudo ainda é muito novo e a territorialidade é um processo lento. Observamos os elementos do grupo pesquisado que nos mostram a busca pela adaptação ao local por meio da inserção no mercado de trabalho e a reprodução social, dificuldades com a língua e com a cultura local.

Também foi observada a convivência por meio dos contatos em rede, que a migração está se construindo/sustentando em uma rede de tramas de territórios imagéticos que são representados pelo hábito religioso e a convivência em redes de contatos, assim destaca-se três pontos.

Primeiro, os venezuelanos que participam da Igreja têm a sua vivência em redes de contatos e comungam da mesma religião.

Segundo, os outros venezuelanos entrevistados pela técnica da “bola de neve” — quando um entrevistado indicava outra pessoa para ser entrevistada — afirmaram que mantinham contato com parentes ou amigos que conheceram durante a interiorização, e que moravam relativamente

pertos um dos outros, ou seja, possuíam uma rede de contatos e de proximidade.

Terceiro, os venezuelanos se comunicam por plataformas digitais, tais com *Whatsapp* e *Facebook*.

Portanto, os elementos observados do processo inicial da construção da territorialidade venezuelana são: por meio de contatos, por relações religiosas e por morar perto uns dos outros.

Por conseguinte, chegamos ao final deste trabalho e concluimos que há uma reterritorialização venezuelana em Dourados e que ainda não há uma territorialidade, pois a migração, e a inserção laboral e social venezuelana em Dourados são muito recentes, já que esse processo é vagaroso. E, conseqüentemente, com o passar do tempo, poderá ocorrer uma territorialidade venezuelana em Dourados.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, [s. l.], v. 23, n. 57, p. 26-56, maio 2021.

ACHOTEGUI, J. Migración y crisis: Il síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). **Advances in Relational Mental Health**, [s. l.], v. 7, n. 1, 2008.

ACNUDH – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS. **Violaciones de los derechos en la República Bolivariana de Venezuela**: una espiral descendente que no parece tener fin. Genebra: ACNUDH, 2018. Disponível em: https://www.ohchr.org/Documents/Countries/VE/VenezuelaReport2018_SP.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

ACNUDH – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS. **Violaciones y abusos de os derechos humanos en el contexto de las protestas en la República Bolivariana de Venezuela de 1 de abril al 31 de julio de 2019**. Genebra: ACNUDH, 2017. Disponível em: https://www.ohchr.org/Documents/Countries/VE/HCReportVenezuela_1April-31July2017_SP.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

ACNUR ativa operação humanitária e capta recursos para apoiar mais de 660 mil pessoas forçadas a se deslocar na Ucrânia e em países vizinhos. **ACNUR Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**, 1 mar. 2022a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/01/acnur-ativa-operacao-humanitaria-e-capta-recursos-para-apoiar-mais-de-660-mil-pessoas-forçadas-a-se-deslocar-na-ucrania-e-em-paises-vizinhos/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Emergência na Ucrânia**. Brasília, 2022b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/emergencias/ucrania/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. Global trends forced displacement in 2019. [S. l.]: **ACNUR 2019**. Disponível em: <https://www.unhcr.org/dach/wp-content/uploads/sites/27/2019/06/2019-06-07-Global-Trends-2018.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2023.

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Declaração de Cartagena de 1984**. [S. l.]: ACNUR, 1984.

Disponível em:
http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf?view=1. Acesso em: 04 fev. 2023.

ADUS INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DO REFUGIADO. **Instituto Adus**. São Paulo: Adus, [202-]. Disponível em: <https://adus.org.br>. Acesso em: 01 fev. 2023.

AGÊNCIA BRASIL. Com abstenção de 53,98%, Maduro é reeleito com 6,1 milhões de votos. **Agência Brasil**, Brasília, 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-05/comabstencao-de-5398-maduro-e-reeleito-com-61-milhoes-de-votos>. Acesso em: 20 fev. 2023.

AGÊNCIA EFE. Venezuela tem mais de 11 mil mortes por causas violentas em 2021, relata ONG. **Gazeta do Povo**, 29 dez. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/venezuela-tem-mais-de-11-mil-mortes-por-causas-violentas-em-2021-relata-ong/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

AGUNIAS, D. R. **Remittances and development**: trends, impacts, and policy options. Washington, D.C: Migration Policy Institute, 2006.

A IGREJA de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. **A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/learn/about-us?lang=por>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ALENCAR JUNIOR, C. G. **O conceito de território**: uma análise dos documentos nacionais de Geografia para o Ensino Médio. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALVES, J. E. D. Bônus demográfico no Brasil: do nascimento tardio à morte precoce pela Covid-19. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 37, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/1650>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ALTMAN, Max. **Venezuela**. Coleção Nossa América Nuestra. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. Apresentação. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 07-25. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4888128/mod_resource/content/3/Hist

o%CC%81ria%20de%20vida_Bourdieu_ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf. Acesso em: 22 abr. 2024.

AMNESTY INTERNATIONAL. **This is no way to live**: public security and right to live in Venezuela. London: Amnesty International, 2018. Disponível em: https://www.amnesty.ch/fr/pays/ameriques/venezuela/docs/2018/etre-un-jeune-homme-pauvre-c-est-signer-son-arret-de-mort/report-venezuela_this-is-no-way-to-live_public-security-and-right-to-life-in-venezuela.pdf. Acesso em: 03 mar. 2022.

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ANDRADE, S. B. de. RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa. Campinas " SP: Pontes, 2011. 194p. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 249–259, 2011. DOI: 10.26512/les.v12i2.11494. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11494>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009a.

ANTUNES, R. As configurações do trabalho na sociedade capitalista. **Revista Katálisis**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 131-132, jul. 2009b.

ANTONSICH, M. Repensando o território. **Progress in Human Geography**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 422–425, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132510385619>. Acesso em: 06 jun. 2023.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La frontera**: la nueva mestiza. Trad. Carmen Valle Simón. Madrid: Capitán Swing, 2016.

APD. Globalização: vantagens e desvantagens no mundo atual. **APD**, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.apd.pt/globalizacao-vantagens-e-desvantagens-no-mundo-atual/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ARAUJO, C. C.; CALDAS, A. S. Território, territorialização, territorialidade e a questão agrária: impasses sociespaciais, possibilidade analíticas. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 70, p. 358-384, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2019v34n70p358>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ARENDT, H. **A condição humana**. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. Edição de Bolso.

ASSMANN, A. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ASSOCIAÇÃO VENEZUELANA DE CAMPO GRANDE/MS. **Arepas**. Campo Grande, 28 out. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=421471819414231&set=ecnf.100076247409418>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ATTUATI, C. A atuação do estado brasileiro diante caso da fronteira Brasil x Venezuela. In: XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 28., 2020, Ijuí. **Anais** [...]. Ijuí: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18258/16992>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Migrações sul-sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo: Unicamp, 2018. Disponível em: <https://nempsic.paginas.ufsc.br/files/2015/02/LIVRO-MIGRA%C3%87%C3%95ES-SUL-SUL.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BAJWA, Jaswant Kaur *et al.* Examining the intersection of race, gender, class, and age on post-secondary education and career trajectories of refugees. **Refuge**, Toronto, v. 34, n. 2, p. 113-123, 2018.

BAKLINI, B. L. R. Bloqueio e sanções: o ataque contra a economia venezuelana. **Brasil de Fato**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/06/14/bloqueio-e-sancoes-o-ataque-contra-a-economia-venezuelana>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. Relatório de Desenvolvimento Mundial 2022: Finanças a Serviço de uma Recuperação Equitativa. **The World Bank**: Desenvolvimento Mundial 2022, [s. l.], Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BARBOSA, L. M. de A.; SÃO BERNARDO, M. A. de. A importância da língua na integração dos/as haitianos no Brasil. **Périplos**: Revista de Estudos sobre Migrações, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 58-67, 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5875. Acesso em: 29 jan. 2024.

BARROS, D. C. T. Migração e direitos humanos. **Uni7**, Fortaleza, 2012. Disponível em:

https://www.uni7.edu.br/recursos/imagens/File/direito/ic/v_encontro/migracaoe_direitoshumanos.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

BATARCE, A. P. A. A dinâmica do trabalho de brasileiras em Londres e o empirismo metodológico. **Revista Estudos Geográficos**: revista eletrônica de Geografia, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 210-230, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/12557>. Acesso em: 03 jun. 2022.

BATARCE, A. P. A. **Imigração brasileira para o Reino Unido**: o trabalho das mulheres em Londres e os processos de identificação/diferenciação. 2016. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144277>. Acesso em: 03 jun. 2022.

BATARCE, A. P. A.; BATISTA, E. H. de A. O paradoxo entre mobilidade espacial, migração e os direitos humanos nas sociedades contemporâneas. **Revista Geoaraguaia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 139-163, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/10327>. Acesso em: 03 jun. 2022.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BAUMAN, Z. **Estranhos a nossa porta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BBC News Brasil. **4 DADOS que mostram o tamanho da epidemia de homicídios na Venezuela**, 6 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46705985#:~:text=81%2C4%20homic%C3%ADdios%20para%20cada%20100.000%20habitantes&text=A%20ONG%20avalia%20que%20a,escassez%20de%20bens%20e%20alimentos>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BBC News Brasil. “País de velhos e crianças”: Migração em massa aprofunda crise na Venezuela. **G1 Mundo**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/10/pais-de-velhos-e-criancas-migracao-em-massa-aprofunda-crise-na-venezuela.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BEAUMONT, J.; NICHOLLS, W. Entre relacionalidade e territorialidade: investigando as geografias dos movimentos de justiça na Holanda e nos Estados Unidos. **Meio Ambiente e Planejamento**: a economia e espaço, São Paulo, v. 39, p. 2545-2548, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1068/a38344>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BEBLAWI, H. The rentier state in the Arab World. In: BEBLAWI, H.; LUCIANI, G. (ed.). **The rentier state**. Nova York: Croom Helm, 1987. p. 383-398.

BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10047>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BENTO, A. Dourados tem maior taxa de homicídio entre grandes cidades de MS. **Dourados News**, Dourados, 5 ago. 2019. Disponível em: <https://www.douradosnews.com.br/dourados/ipea-aponta-dourados-com-maior-taxa-de-homicidio-entre-maiores-de-ms/1109637/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BERMÚDEZ, A. “País de velhos e crianças”: migração em massa aprofunda a crise na Venezuela. **BBC News Brasil**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58151392>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLEICHMAR, Silvia. **La subjetividad en riesgo** 1. ed. Buenos Aires: Topía, 2005.

BOLIGIAN, L. **A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BOLIGIAN, L.; ALMEIDA, R. D. A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia. In: GERARDI, L. H. **Ambientes**: estudos de Geografia. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia teórica – AGETEO, 2003. p. 235-248.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132.

BONNEMAISON, J.; CAMBRÉZY, L. Vínculo territorial: entre fronteiras e identidades. *Geografias e culturas*. **O território**, Paris, n. 20, 1996. p.10.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Voo neste 8 de março interioriza 35 venezuelanas com vagas de emprego sinalizadas pela Operação Acolhida**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2023.

Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/voo-neste-8-de-marco-interioriza-35-venezuelanas-com-vagas-de-emprego-sinalizadas-pela-operacao-acolhida>. Acesso em: 02 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Casa Civil. **Operação Acolhida**. Brasília: Ministério da Casa Civil, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/acolhida/sobre-a-operacao-acolhida-2>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BRASIL. Em cinco anos, Brasil recebeu mais de 700 mil imigrantes venezuelanos. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, 31 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Organização Internacional para as Migrações – OIM. **Guia de deslocamento**: estratégia de interiorização. Brasília: OIM, 2021. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2021/09/GUIA-DEINTERIORIZA%C3%87%C3%83O-ed2.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BRASIL torna-se o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina. **Agência da ONU para Refugiados**, 31 jan. 2020a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020b]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Sistema de Tráfego Internacional – STI**: tráfego migratório. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019a. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/servicospf/imigracao/apresentacao-policia-federal-ate-abril-de-2019.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Nota Técnica n. 03, de 2019, Comitê Nacional para Refugiados (CONARE)**. Processo n. 08018.001832/2018-01. Estudo de país de origem Venezuela. Brasília: Conare, 2019b.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Operação Acolhida**. Brasília: Ministério do

Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 99, p. 1, 25 maio 2017. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/05/2017&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=304>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Assuntos Legislativos. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Brasília: IPEA, 2015. (Série pensando o direito, 57).

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira - PDFF**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/cartilha-pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRYAN, J. Repensando o território: justiça social e neoliberalismo na virada territorial da América Latina. **Geography Compass**, v. 6, n. 4, p. 215-226, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2012.00480.x>. Acesso em: 06 jun. 2023..

BURCHARDT, T. and Vizard, P. "Operationalizing" the Capability Approach as a Basis for Equality and Human Rights Monitoring in Twenty-first-century Britain. **Journal of Human Development and Capabilities**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 91-119, 2011.

BURCHARDT, T. Social exclusion: concepts na evidence. In: GORDON, D.; TOWNSEND, P. (ed.). **Breadline Europe**: the measure of poverty. Bristol, U.K.: The Policy Press, 2000. p. 385-406.

BURCHARDT, T.; HOLDER, H. Developing survey measures of inequality of autonomy in the UK. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 106, n. 1, p. 1-25, 2012.

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. **Painel de Informações do Novo CAGED**. Filtro: Dourados-MS, 2022. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoibWVhNTU0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUyY2UyYjIwMDE1YWV2IiwidCI6IjNIYzkyOTY5LTZhNTU0ODEtNGYxOC04YWM5LVVhNTU0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzOCJ9>. Acesso em: 18 out. 2024.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANO, Wilson. Venezuela: limites para uma nova política econômica. **Economia e sociedade**. Campinas, n. 18, p. 1-33, jan.-jul. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643089/10641>. Acesso em: 07 de abr. de 2024.

CARAVELA, Dados e Estatísticas. **Dourados-MS**. Acompanhamento econômico do estado, 2022. Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/dourados---ms>. Acesso em: 20 out. 2024.

CARDOSO, D.; CASTRO, A. F. Total de venezuelanos inscritos no Auxílio Brasil cresceu 142% de 2021 para 2022. **Metrópoles**, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/total-de-venezuelanos-inscritos-no-auxilio-brasil-cresceu-142-de-2021-para-2022>. Acesso em: 09 fev. 2023.

CARDOSO, J. B. Hibridismo Cultural na América Latina. **Revista de Literatura Itinerário**, São Paulo, n. 27, p. 79-90, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso em: 01 out. 2011.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. 1-14, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/ywYD8gCqRGg6RrNmsYn8WHv/?format=pdf&lang=pt>. Doi: 10.1590/0102-311X00101417. Acesso em: 26 jan. 2023.

CARTAXO, M. A. O impacto das remessas de valores dos migrantes brasileiros no desenvolvimento humano nacional. **Publica Direto**, 2014. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=bbc77a1cfac6902c>. Acesso em: 24 maio 2023.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. Tradução Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CASTRO I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (org.). “Território” da divergência (e da confusão): em torno de imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95 -125.

CAZARRÉ, M. Imigrantes enfrentam falta de informações no país, diz pesquisa. **Agência Brasil**, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/imigrantes-enfrentam-falta-de-informacao-no-pais-diz-pesquisa>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CERQUEIRA, D. (org.). **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

CIDADE BRASIL. **Município de Pacairama**. 2021. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pacaraima.html#foto>. Acesso em: 18 maio 2023.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Niterói, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

COELHO NETO, A. S. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **GEOgraphia**, Niterói, v. 15, p. 23-52, 2013.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CONARE – COMISSÃO NACIONAL PARA REFUGIADOS. Refúgio em números. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CONCEIÇÃO, A. L. Usos e abusos da categoria território. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 17, n. 32, p. 7-21, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/13582>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CORREIA, S. Fechamento de embaixadas, rompimento de relações diplomáticas e invasões territoriais: a complexa relação entre Colômbia, Equador e Venezuela – 02 de março de 2008. **Relações exteriores**, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/rompimento-venezuela-equador-colombia/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

COSTA, A. B. **Exclusões sociais**. Lisboa: Gradiva. 1998.

COSTA, A. L. M. C. da. Petróleo de Venezuela S.A. BOITEMPO. **Enciclopédia Latino-americana**. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/pdvsa>. Acesso em: 18 nov. 2021.

COSTA, B. P. da. Espaço urbano, cotidiano, cultura e espaços de proximidade: o caso das microterritorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. In: RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. da S. (org.). **Território, sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. p.147-166.

COSTA, B. P. da. As relações entre os conceitos de identidade, território e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 79-113.

COSTA, O. J. L. Os lugares sagrados e a imaginação geográfica. In: JÚNIOR VASCONCELOS, R. E. de P.; COSTA, O. J. L.; SILVA, J. F. da; HAIASHIDA, K. A.; OLIVEIRA, S. B. de (org.). **Multiterritorialidades e novas práticas culturais**. 1. ed. Fortaleza: RDS Gráfica e Editora Ltda., 2012. v. 1, p. 350-323. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf?jsessionid=6da19a09dcad255737e103fd9e07.eventoss1?id=56&diretorio=documentos&nomeArquivo=56-15112012-140039.pdf&contexto=sinecgeo2012>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COX, K. R. **Geografia política**: território, estado e sociedade. Oxford: Malden: Mass Blackwell, 2002.

CRISP, J. **The local integration and local settlement of refugees**: a conceptual and historical analysis. New Issues in Refugee Research. Geneva: UNHCR, 2004. Disponível em: <https://www.unhcr.org/en-us/research/working/407d3b762/local-integration-local-settlementrefugees-conceptual-historical-analysis.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CRUZ, C. R. da. **Percepção e territorialidade no Parque Itaimbé de Santa Maria/RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

DALLABRIDA, V. R. Governança territorial: do debate teórico à sua avaliação prática. **Análise Social**, [s. l.], v. 215, n. 50 (2º), p. 304-328, 2015.

DATOSMACRO.COM. Migrantes Venezuelanos no Mundo. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/venezuela>. Acesso em: 30 jan. 2024.

DIÁRIO CAUSA OPERÁRIA - DCO. Ser contra o embargo é defender a soberania do povo venezuelano. **DCO**, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://causaoperaria.org.br/2019/ser-contra-o-embargo-e-defender-a-soberania-do-povo-venezuelano/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

DIAS, M. I. S. Uma viagem psicológica pela migração. **Psilogos**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 6-12, 2005.

DEMO, P. **Charme da exclusão social**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DOURADOS recebeu mais de 3,5 mil imigrantes venezuelanos. **Dourados News**, Dourados, 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.douradosnews.com.br/dourados/dourados-recebeu-mais-de-35-mil-imigrantes-venezuelanos/1197593/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

DUNAMIS MULTICULTURAL. Ata n. 5. **Diário Oficial de Dourados**: outros atos, Dourados, MS, ano 22, n. 5176, p. 7, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://do.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/02-06-2020.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social**: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e terra, 2000.

D24AM AMAZONAS. Venezuelano diz que pagou R\$ 125 a “coiote” para entrar no Brasil. **El Espectador**, Roraima, 12 maio 2017. Disponível em: <https://d24am.com/amazonas/venezuelano-diz-que-pagou-r-125-coiote/>. Acesso em: 26 fev. 2024

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECONOMIA. Entenda a queda do preço do petróleo e seus efeitos. **G1 Economia**, [s. l.], 16. jan. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/entenda-queda-do-preco-do-petroleo-e-seus-efeitos.html>. Acesso em: 08. Abr. 2024.

EDWARDS, A. Deslocamento forçado quebra recorde em 2019. **ACNUR**: Agência da ONU para Refugiados, Genebra, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/18/deslocamento-forcado-quebra-recorde-em-2019/#:~:text=No%20final%20de%202019%2C%20um,8%20milh%C3%B5es%20no%20ano%20anterior>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ELDER, S. **The brith of territory**. London: University of Chicago Press, 2013.

ELDEN, S. **Terror and Territory**: the Spatial Extent of Sovereignty. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

ESCOBAR, A. **Território da diferença**: lugar movimentos, vida, redes. [S. l.]: Duke University Press, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1198wg2>. Acesso em: 06 jun. 2023.

ESTRATÉGIA de interiorização. **Portal de Interiorização**, [s. l.], 2018-2024. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

FARIAS, B. S. A “diáspora venezuelana” e o refúgio em Pernambuco. In: ENCONTRO INTERNACIONAL E NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 8., 2020, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/33283>. Acesso em: 18 maio 2022.

FAZITO, D. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS

POPULACIONAIS, 8., 2002, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: [s. n.], 2002. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1094>. Acesso em: 23 fev. 2023.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: STEDILE, J. P. (org.). **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. 7. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. v. 7, p. 173-238.

FERNANDES, B. M. Sobre tipologias de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

FERNANDES, B. Vinte anos de MST e a perspectiva da reforma agrária no Governo Lula. In: OLIVEIRA, A.; MARQUES, M. (org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela: Paz e Terra, 2004. p. 273-291.

FERNANDES, M. de O. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: a produção nas teses de pós-graduação em Geografia de 2001-2011**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9389/FERNANDES%20%2C%20MARIANE%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 ago. 2021.

FERREIRA, A. V. S.; LODETTI, M. B.; BORGES, L. M. Recomeço: O sofrimento psíquico na imigração involuntária e a política de inclusão nas universidades brasileiras. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [s. l.], v. 29, n. 63, p. 141-158, set. 2021.

FERREIRA, D. da S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. **Revista Campo-Território**, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 11-135, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/19883>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FERREIRA, M. Dourados lidera taxa de homicídios entre maiores cidades de MS. **Campo Grande News**, Campo Grande, 5 ago. 2019. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/dourados-lidera-taxa-de-homicidios-entre-maiores-cidades-de-ms>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FIALKOM, Jaime Carrion. Migração internacional contemporânea: principais processos. **Panorama Internacional FEE**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 8-11, mar. 2016. Disponível em: <http://panoramainternacional.fee.tche.br/article/migracao-internacional-contemporanea-principais-processos/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FMI prevê 44,3% de desemprego na Venezuela este ano. **Estado de Minas**, 10 abr. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/10/interna_internacional,1045310/fmi-preve-44-3-de-desemprego-na-venezuela-este-ano.shtml. Acesso em: 26 abr. 2022.

FOLHA DE DOURADOS. Quase 68% dos imigrantes não estão inseridos no mercado de trabalho, diz pesquisa, **Folha de Dourados**, Dourados, 22 abr. 2024. Disponível em: <https://www.folhadedourados.com.br/quase-68-dos-imigrantes-nao-estao-inseridos-no-mercado-de-trabalho-diz-pesquisa/>. Acesso em: 01 maio 2024.

FOLLE, F. V. **A interculturalidade como mecanismo de integração de imigrantes venezuelanos em Dourados – MS**. 2021. 179 f. Dissertação (Mestrado em Fronteiras e Direitos Humanos) – Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4569>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FONTES, I. E. M. T. **Imigração e integração social**: a integração social de imigrantes no distrito de Santarém. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

FRANCE PRESS. Oposição venezuelana elimina “governo interino” de Juan Guaidó. **G1 Mundo**, [s. l.], 30 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/12/30/oposicao-venezuelana-elimina-governo-interino-de-juan-guaido.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FUINI, L. L. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@ Plural**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 225-249, 11 dez. 2014.

GABATZ, C. Globalização, exclusão social e direitos humanos na sociedade contemporânea: alguns aportes para o debate. **Barbarói**, [s. l.], n. 57, p. 29-43, 05 jul. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/14472/9198>. Acesso em: 31 jan. 2024.

GALVÃO, T. G. **Parceria relutante**: as relações entre Brasil e Venezuela (1810-2010). 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22118>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GAZETA DO POVO Estudo relaciona ataques na mídia pró-Maduro a prisões políticas na Venezuela. **MUNDO**, [s. l.], 10 fev. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/estudo-relaciona-ataques-na-midia-pro-maduro-a-prisoos-politicas-na-venezuela/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

GIRALDI, R. Maduro é reeleito em eleição questionada pela oposição. **Agência Brasil**, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-05/maduro-e-reeleito-emeleicao-questionada-pela-oposicao>. Acesso em: 20 fev. 2024.

GÓES, E. D. A; BORGES, A. V. B. Entre a Cruz e a espada: múltiplas violências contra mulheres refugiados. **SER Social – Crise, Fluxos Migratórios e Políticas Sociais**, Brasília, v. 23, n. 49, p. 318-337, jul./dez. 2021. DOI: 10.26512/sersocial.v23i49.35871 Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/35871. Acesso em: 20 abr. 2024

GOETTERT, J. D. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados: Ed. UFGD, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2244/1/o-espaco-e-o-vento-olhares-da-migracao-gaucha-para-mato-grosso-de-quem-partiu-e-de-quem-ficou.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG: Cedeplar, 2004. Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

GOOGLE MAPS. **Pacaraima**, 2024. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Pacaraima,+RR,+69345-000/@4.4806118,-61.1509838,15z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x8d9557f55d8ccc65:0xe23211c93b113451!8m2!3d4.478433!4d-61.1483114!16s%2Fg%2F1yw0_q2q6?entry=tту&g_ep=EgoyMDI1MDIyMy4xIKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 25 fev. 2025.

GRUPO DE LIMA. **Declaração de Lima**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/17073-declaracao-de-lima>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GUIMÓN, P; MANETTO, F. EUA acusam Maduro de narcotráfico e oferecem 15 milhões de dólares por informações que o levem à prisão. **El país**, Washington, Cidade do México, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-26/eua-acusam-maduro-de-narcotrafico-e-oferecem-15-milhoes-de-dolares-por-informacoes-que-levem-a-detencao.html>. Acesso em: 30 jan. 2024.

G1 Mundo. Como os países vizinhos têm reagido à chegada de milhares de imigrantes da Venezuela. **G1 Mundo**, [s. l.], 20 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/20/como-os-paises-vizinhos-tem-reagido-a-chegada-de-milhares-de-imigrantes-da-venezuela.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2022.

HAESBAERT, R. Território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, p. 1-7, 18 dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/61073?fbclid=IwAR2fD0Mnb9lHBKi1LR3_8zTNjvjGaozwAYydNli3g5mhNdQvrsJhsHjVpMA. Acesso em: 24 jan. 2024.

HAESBAERT, R. Território e região no desafio dos conceitos para uma política de ordenamento territorial. *In*: COELHO NETO, A. S.; SANTOS, E. M. C.; SILVA, O. A. **(Geo)grafias dos movimentos sociais**. Feira de Santana, BA: UEFS, 2010. p. 07-27.

HAESBAERT, R. Dilemas dos conceitos espaço-território e contenção territorial. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano 9, n. 17, p.19-46, 2007b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2005.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **PetGea**, Porto Alegre, p. 1-20, set. 2004b. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: Contexto, 2002.

HAESBAERT, R. A desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In*: CASTRO, I. E. *et al.* **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999a. p. 165-206.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. O. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 169 - 190.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R.; RAMOS, M. T. O mito da desterritorialização econômica. **GEOgraphia**, Niterói, ano 6, n. 12, p. 25-48, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: SP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-33.

HISTÓRIA da ONU. **Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental**, [s. l.], [202-]. Disponível em: <https://unric.org/pt/historia-da-onu/#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20foi%20criada%20oficialmente%20a%2024,de%20outubro%20de%20cada%20ano>. Acesso em: 30 jan. 2024.

HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

HRW – HUMAN RIGHTS WATCH. **Crisis humanitaria en Venezuela**: la inadecuada y represiva respuesta del gobierno ante la grave escasez de medicinas, insumos y alimentos. Nova York: Human Rights Watch, 2016. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/venezuela-bolivarian-republic/crisis-humanitaria-en-venezuela-la-inadecuada-y-represiva>. Acesso em: 2 fev. 2023.

HRW – HUMAN RIGHTS WATCH. Venezuela em Eventos de 2023. Human Rights Watch, 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2024/country-chapters/venezuela>. Acesso em: 09 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base Cartográfica**, [s. l.], 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/pacaraima.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base Cartográfica**, [s. l.], 2022a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geoportal da Venezuela** – Venezuelanos(as) no Brasil, [s. l.], 2022b.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geoportal da Venezuela** – Rota de saída e chegada, [s. l.], 2022c.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Prefeitura Municipal de Dourados**, [s. l.], 2022d.

INSTITUTO BUTANTAN. **Como surgiu o novo coronavírus?** Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. São Paulo: Instituto Butantan, [202-]. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 23 set. 2021.

INSTITUTO DIÁSPORA BRASIL. **Remessas Monetárias 2022**. [s. l.], Disponível em: <https://institutodiasporabrasil.org/2023/01/29/remessas-monetarias/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

INSTITUTO IGARAPÉ. **Oka**: bússola de serviços e políticas públicas. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2023. Disponível em: <https://igarape.org.br/oka/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Ministério da Justiça. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Brasília: Ministério da Justiça: Secretaria de Assuntos Legislativos (SAL): IPEA, 2015. Coordenadora da pesquisa: Liliana Lyra Jubilut. Série pensando o direito, 57. Disponível em:

<https://somosmigrantessite.files.wordpress.com/2017/01/pesquisa-mj-servic3a7os-e-direitos.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.

IPEADATA. **Preço por barril do petróleo bruto**. [S. l.], 2024. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?module=m&serid=1650971490&per=view>. Acesso em: 22 jul. 2024.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade e trabalho. *In*: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

JERÔNIMO, R. N. T.; GONÇALVES, T. M. O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. **Psicologia: teoria e pesquisa** [online], [s. l.], v. 24, n. 2, p. 195-200, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200009>. Acesso em: 16 fev. 2022.

JESUS, A. D. de. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**. 2020. 313 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3901>. Acesso em: 04 mar. 2022.

JORNAL NACIONAL. Acesso à Internet foi o grande desafio na aprendizagem dos alunos de escolas públicas em 2020. **G1 Jornal Nacional**, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/10/acesso-a-internet-foi-o-grande-desafio-na-aprendizagem-dos-alunos-de-escolas-publicas-em-2020.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2024.

JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. **Refúgio em Números (7ª Edição)**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública; Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022a. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/REF%CC%9AGIO_EM_N%CC%9AMEROS/Refu%CC%81gio_em_Nu%CC%81meros_-_27-06.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024.

KAFRUNI, S. Venezuelanos: saiba como o governo irá disciplinar imigração no Brasil. **Correio Brasileiro**, Brasília, 2018. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2018/02/13/interna_politica,659537/venezuelanos-saiba-como-o-governo-ira-disciplinar-imigracao-no-brasil.shtml. Acesso em: 24 fev. 2023.

KARPESTAM, P. **Economics of migration**. [S. l.]: Department of Economics: Lund University, 2009. Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/search/publication/1368368>. Acesso em: 15 abr. 2022.

KELLY, P. F. Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration. *In*: PORTES, A. (org.). **The economic sociology of immigration**. Nova York: Russell Sage, 1995. p. 213-247.

KLAUSER, F. Pensando através da territorialidade: apresentando Claude Raffestin à teoria socioespacial anglófona. **Meio Ambiente e Planejamento D: Sociedade e Espaço**, v. 30, n. 1, p. 106-120, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1068/d20711>. Acesso em: 06 jun. 2023.

KOZLOFF, N. **Hugo Chávez, oil, politics, and the challenge to the US**. New York: Palgrave MacMillan, 2006.

KUHLMAN, T. The economic integration of refugees in developing countries: a research model. **Journal of Refugee Studies**, Oxford, v. 4, n. 1, p. 1-21, 1991. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31258421_The_Economic_Integration_of_Refugees_in_Developing_Countries_A_Research_Model. Acesso em: 20 jun. 2023.

LAPLAN – LABORATÓRIO DE PLANEJAMENTO REGIONAL. **Mapa de Pacaraima**. Dourados, UFGD, 2024.

LAVINAS, L. Pobreza e exclusão social: tradução regionais de duas categorias da prática. **Revista Econômica**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 25-59, 2002.

LA W. “Coyotes” transportan a venezolanos desde Cúcuta hasta frontera con Ecuador. *W Radio*. Bogotá, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.wradio.com.co/noticias/regionales/coyotes-transportan-a-venezolanos-desde-cucuta-hasta-frontera-con-ecuador/20170822/nota/3555907.aspx>. Acesso em: 19 mar. 2024

LEAL, G. F. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais**: análise crítica do debate contemporâneo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, A. Como está a migração? Entenda o atual fluxo de entrada de venezuelanos em RR. **Folha BV**, Boa Vista, 08 mar. 2024. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/como-esta-a-migracao-entenda-o-atual-fluxo-de-entrada-de-venezuelanos-em-rr/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LOPES, J. R. "Exclusão social" e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia & Sociedade** [online], [s. l.], v. 18, n. 2, p. 13-24, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000200003>. Acesso em: 08 mar. 2022.

LUBAMBU, K. M. K. **The impacts of remittances on developing countries**. [S. l.]: European Union, 2014. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2014/433786/EX-PO-DEVE_ET\(2014\)433786_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2014/433786/EX-PO-DEVE_ET(2014)433786_EN.pdf). Acesso em: 15 abr. 2022.

MACHADO, A. **Roteiro de entrevista semiestruturado na pesquisa qualitativa**: pesquisa na prática #93. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (11m46s). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wy1B3AmLsJE>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MACHADO, E. Migração, imigração e emigração. **Diferença**, [s. l.], [201-]. Disponível em: <https://www.diferenca.com/migracao-imigracao-e-emigracao/>. Acesso em: 07 mar. 2022.

MALAMUD, C; CASTELLANO, R, N. A crise na Venezuela e o quadro geopolítico internacional, **Real Instituto Elcano**, [s. l.], 25 fev. 2019. Disponível em: <https://www.realinstitutoelcano.org/analysis/la-crisis-de-venezuela-y-el-tablero-geopolitico-internacional/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

MANZINI, E. J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **E-disciplinas USP**, São Paulo, [202-]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7237618/mod_resource/content/1/Marina%20Marconi%2C%20Eva%20Lakatos_Fundamentos%20de%20metodologia%20cient%20C3%ADfca.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024.

MARCOS, V. de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Boletim paulista de geografia**. São Paulo: AGB, 2006. p. 105-136. Disponível em: http://www.uel.br/cce/geo/didatico/omar/pesquisa_geografia_fisica/BPG84_Pesquisa.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

MARINGONI, G. A. **Revolução Venezuelana**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. Introdução. *In*: MILESI, R. (org.). **Refugiados: realidades e perspectivas**. Brasília: CSEM/IMDH: Edições Loyola, 2003. p. 01-13. Série migrações, 8.

MARQUES, S. C. **Entrevista estruturada x semiestruturada x não estruturada**. [S.l.: s. n.], 2020. 1 vídeo. (9m47s). YouTube, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K1LeIST_AiY. Acesso em: 12 abr. 2022, às 21h 30 min.

MARTES, A. C. B.; WEBER, S. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 20, n. 57, p. 41-54, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10145>. Acesso em: 17 fev. 2002.

MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 3-22, jul. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/ddmq64Q3LR7dwYJYcNR4pQf/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

MARTINELLI, M. L. *et al.* (org.). **Cotidiano, cultura e sociabilidade: pesquisa em serviço social**. São Paulo: EDUC, 2021. Disponível em: https://www.pucsp.br/educ/downloads/Cotidiano_cultura.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

MARTÍNEZ DAZA, J. **La era Puntofijista**. Caracas: Editorial La Estrella Roja, 2013.

MARTÍNEZ, M. V. Fronteiras, Território e Identidades. **Textos e Debates**, [S. l.], v. 1, n. 27, 2015. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v1i27.2837. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/2837>. Acesso em: 26 fev. 2025.

MARTINS, Carlos Eduardo. Venezuela. **Enciclopédia Latino-Americana**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/v/venezuela>. Acesso: 07 jun. 2020.

MARTINS, Carlos Eduardo. Venezuela. SADER, Emir (org.) **Enciclopédia Latino-Americana**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, J. de S. **A sociedade do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MASSEY, D. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, [s. l.], n. 14, p. 383-413, 1988.

MATA, F. da. Atlas da Violência aponta que MS tem a 3ª maior taxa de assassinatos de indígenas do país. **G1 Mato Grosso do Sul**, [s. l.], 31 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/08/31/atlas-da-violencia-aponta-que-ms-tem-2a-maior-taxe-de-assassinatos-de-indigenas-do-pais.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2022.

MATOS, R. **Movimentos migratórios e difusão da pobreza nas microrregiões demográficas**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MCAULIFFE, M.; TRIANDAFYLLIDOU, A. (ed.). **Relatório mundial sobre migração 2020**. Genebra: International Organization for Migration, 2021. Disponível em: <https://publications.iom.int/es/system/files/pdf/wmr-2020-po-ch-2.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

MELLO, M. C. de O. Pesquisas sobre o conceito de território no ensino de geografia: interfaces com o currículo e a prática pedagógica. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 38, v. 2, p. 68-83, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/5501>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MIGRACIDADES: perfil de governança migratória local do município de Dourados. Porto Alegre: Organização Internacional para as Migrações (OIM); Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/migracidades/wp-content/uploads/2020/12/Relatorio_Dourados.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

MIGRANTE, imigrante, emigrante, refugiado, estrangeiro: qual palavra devo usar? **Blog do Museu da Imigração**, São Paulo, 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 07 mar. 2022.

MILESI, R.; CARLET, F. Refugiados e Políticas Públicas. In: SILVA, César Augusto Silva da (Org). **Direitos Humanos e Refugiados**. Dourados: UFGD, 2012. p. 77-97.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS. Entrada de Estrangeiros. **Arquivo Nacional**, [s. l.], 05 jan. 2023. Disponível em:

https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/acervos/copy_of_acervos-mais-consultados/entrada-de-estrangeiros. Acesso em: 13 abr. 2024.

MIRANDA, J. A. A. de. Populismo, democracia e a constituição na Venezuela. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, [S. l.], n. 45, 2015. Disponível em: <https://revistades.jur.puc-rio.br/index.php/revistades/article/view/429>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MOLEIRO, Alonso. Maduro é reeleito presidente da Venezuela com uma forte abstenção e em meio a denúncias de fraude. **El País**, Caracas, 21 maio 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/20/internacional/1526840397_319633.html. Acesso em: 02 fev. 2024.

MONDARDO, M. O território como ferramenta analítica no ensino de Geografia: dos dispositivos de controle à produção de multi/transterritorialidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 9, p. 122-139, jan./jun. 2015.

MOREIRA, G. B. **A política regional da Venezuela entre 1999 e 2012: petróleo, integração e relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018.

MOREIRA, J. B. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana (REMHU)**, Brasília, ano XXII, n. 43, p. 85-98, jul./dez. 2014.

MUNDO. Juan Guaidó se declara presidente interino da Venezuela e é reconhecido por Brasil e EUA. **G1 Mundo**, [s. l.], 23. jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/23/juan-guaido-presta-juramento-como-presidente-interino-da-venezuela.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2024.

NASCIMENTO, E. P. A exclusão social no Brasil: algumas hipóteses de trabalho e quatro sugestões práticas. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 152, p. 57-66, jul./ago. 2004.

NASCIMENTO, E. P. (org.). A difícil constituição da exclusão social no Brasil. **Temas Codeplan** (Políticas Públicas: Exclusão Social), Brasília, p. 31-57, 1998.

NASCIMENTO, E. P. A exclusão social na França e no Brasil: situações (aparentemente) invertidas, resultados (quase) similares? In: DINIZ, E.; LOPES, J. S. L; PRANDI, R. (org.). **O Brasil no rastro da crise: partidos, sindicatos, movimentos sociais. Estado e cidadania no curso dos anos 90**. São Paulo: Hucitec/Anpocs/Ipea, 1994a. p. 289-303.

NASCIMENTO, E. P. do. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. **Caderno CRH**, Salvador, v. 7, n. 21, p. 29-47, jul./dez. 1994b. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18772>. Acesso em: 13 jun. 2023.

NASCIMENTO, J. O governo de Nicolás Maduro resiste: um diálogo crítico com o modelo de quedas presidenciais proposto por Aníbal Pérez-Liñán. **Textos e Debates**, Boa Vista, v. 1, n. 34, p. 121-134, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/view/6966>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NASCIMENTO, M. *et al.* (org). **Migração, Refúgio e Direitos Humanos**: Reflexões de Pesquisas Contemporâneas. Belo Horizonte: Expert, 2023. Disponível em: https://direito.ufba.br/sites/direito.ufba.br/files/migracao_v4_1.pdf. Acesso em: 1 mar. 2023.

NEVES, G. R. Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas). In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território**: Globalização e fragmentação. 5. ed., São Paulo: Hucitec: Anpur, 2002. p. 270-283.

NEVES, R. F. **Cultura política e elementos de análise da política Venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010, p. 65-97. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/682-Cultura_politica_e_elementos_de_analise_da_politica_venezuelana.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

NOVAK, P. A Territorialidade flexível das fronteiras geopolítica. **Geopolítica**, [s. l.], v. 16, n. 4, p. 741-767, nov. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14650045.2010.494190>. Acesso em: 06 jun. 2023.

NOTILOGÍA. **Límites y Fronteras de Venezuela**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.notilogia.com/limites-y-fronteras-de-venezuela/>. Aceso em: 25 fev. 2025.

NUNES, Maria. Papel e ações das instituições brasileiras na faixa de fronteira. In: PÊGO, Bolívar (org.). **Fronteiras do Brasil**: uma avaliação de política pública. Brasília: Ipea, 2018. p. 73-111.

NUPSIM – NÚCLEO DE PSICOLOGIA E MIGRAÇÕES. **Atenção à população migrante no contexto da pandemia**. Curitiba: NUPSIM, [202-].

Disponível em: <https://crppr.org.br/atencao-a-populacao-migrante-no-contexto-da-pandemia/>. Acesso em: 17 maio 2022.

OBMIGRA – OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. **Relatório anual**. Brasília: OBMigra, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

OEA – ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS. **Informe del grupo de trabajo de la organización de los estados americanos para abordar la crisis de migrantes y refugiados venezolanos en la región**. [S. l.]: OEA, 2019. Disponível em: https://www.oas.org/es/centro_noticias/comunicado_prensa.asp?sCodigo=C-048/19. Acesso em: 02 mar. 2022.

OEA – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). **Resolução 2/18**. Migração forçada de pessoas venezuelanas. 167º período de sessões. Bogotá, 2018. Disponível em: <https://www.oas.org/pt/cidh/decisiones/pdf/Resolucao-2-18-pt.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OEA – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). **Institucionalidad democrática, Estado de derecho y derechos humanos en Venezuela**: informe de país. Washington, D. C., 2017. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/Venezuela2018-es.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

OEA – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Carta Democrática Interamericana de 2001**. Washington, D. C., 2001. Disponível em: <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/r.Carta.Democr%C3%A1tica.htm>. Acesso em: 23 mar. 2023.

O GLOBO. **Número de imigrantes venezuelanos no Brasil bate recorde em meio a disputa com Guiana e incerteza sobre futuro**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/12/14/numero-de-imigrantes-venezuelanos-no-brasil-bate-recorde-em-meio-a-disputa-com-guiana-e-incerteza-sobre-futuro.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2024.

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA A MIGRAÇÃO. Migrantes internacionais somam 272 milhões, 3,5% da população global, aponta

relatório da OIM. **Organização Internacional para Migração (OIM)**, [s. l.], 29 nov. 2019. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/migrantes-internacionais-somam-272-milhoes-35-da-populacao-global-aponta-relatorio-da-oim>. Acesso em: 23 fev. 2023.

OLIVEIRA, A. B. de. **Território urbano e identidade**: os paraguaios de/em Dourados-MS. 2015. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2015.

OLIVEIRA, A. P. de. **O Estado brasileiro e os fluxos migratórios internacionais e circulação de discursos, categorização jurídicas e economias morais**. 2020, 184 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

OLIVEIRA CRUZ, D. A. M. de. O espaço reticulado, a globalização e as migrações na contemporaneidade. *In*: CASTRO, F. R. de.; LOUREIRO, G. do A.; SALLES, D. L. (org.). **Mobilidade humana, migrações e refúgio**: entre o global e o local. 1. ed. Belo Horizonte: Lemos Mídia, 2020. p. 235-267.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Mais de quatro milhões de refugiados e migrantes da Venezuela lutam para acessar necessidades básicas nas Américas. **Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**, [s. l.], 12 set. 2023a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/09/12/mais-de-quatro-milhoes-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-lutam-para-acessar-necessidades-basicas-nas-americas/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20n%C3%BAmeros,Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20do%20Caribe>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Mundo atinge a maior quantidade de deslocados já registrada, alerta relatório. **ONU News**, [S. l.], 14 jun. 2023b. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/06/1815952>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Projeto facilita entrada de venezuelanos no mercado de trabalho brasileiro. **ONU BRASIL**. [S. l.], 31 mar. 2022a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/176470-projeto-facilita-entrada-de-venezuelanos-no-mercado-de-trabalho-brasileiro>. Acesso em: 02 maio 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Dados sobre refugiados no Brasil. **Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**, [S. l.], 2022b.

Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/dados-sobre-refugiados-no-brasil/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. **ONU News**: perspectiva Global Reportagens Humanas, [s. l.], 1 dez. 2021a. Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20lan%C3%A7aram%2C%20esta,%2C6%20%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20global>. Acesso em: 28 mar. 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Cinco milhões a mais de pessoas migraram em busca de trabalho, afirma OIT. **ONU Brasil**. [s. l.], 30 jun. 2021b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/133832-cinco-milh%C3%B5es-mais-de-pessoas-migraram-em-busca-de-trabalho-afirma-oit>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões. **ONU News**: perspectiva global reportagens humanas, [s. l.], 27 nov. 2019a. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031>. Acesso em: 06 abr. 2022.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Deslocamento global supera 70 milhões, e chefe da Agência da ONU para Refugiados pede maior solidariedade na resposta. **Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**, [S. l.], 19 jun. 2019b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/06/19/deslocamento-global-supera-70-milhoes/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Número de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo atinge 3,4 milhões. **Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**, [S. l.], 25 fev. 2019c. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/02/25/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Uma em cada cinco refugiadas são vítimas de violência sexual no mundo. **ONU Mulheres Brasil**. [S. l.], 23 jun. 2017. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/uma-em-cada-cinco-refugiadas-sao-vitimas-de-violencia-sexual-no-mundo/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. História da ONU. **Centro Regional de informação para a Europa Ocidental**. [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://unric.org/pt/historia-da-onu/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre Covid-19**. Buenos Aires: OPAS, [202-]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 23 set. 2021.

OSORIO, L. F. La nueva historia oficial en Venezuela: el discurso historiográfico em el libro de historia contemporánea de la Colección Bicentenario. **Revista Tiempo y Espacio**, [S. l.], v. 35, n. 66, p. 173-189, jul./dez. 2016. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S1315-94962016000200009&script=sci_abstract. Acesso em: 09 fev. 2021. OVV – OBSERVATÓRIO VENEZOLANO DE VIOLENCIA. **Informe OVV de Violência 2021**. [S. l.]: OVV, 2021. Disponível em: <https://observatoriodeviolencia.org.ve/news/informe-anual-de-violencia-2021/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PARLAMENTO EUROPEU. Explorar as razões da migração: por que é que as pessoas migram? **Temas**, Lisboa, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20200624STO81906/explorar-as-razoes-da-migracao-porque-e-que-as-pessoas-migram>. Acesso em: 29 mar. 2024.

PASTORAL DOS MIGRANTES – MS. **Encontro Estadual de Rede de Parcerias Migração**. Pastoral dos Migrantes – MS, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/@pastoraldosmigrantes-ms9986/videos>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PEDROSO, C. Petróleo e poder: a crise venezuelana e seus elementos históricos. **Textos e Debates**, Boa Vista, n. 34, p. 9-22, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/download/6415/pdf/26831>. Acesso em: 03 fev. 2023.

PELLIZARI, K.; ROQUE-FARIA, H. J. A língua portuguesa como instrumento de acesso ao mercado de trabalho: imigrantes no norte de mato grosso. **Revista Expectativa**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 167-189, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/18410>. Acesso em: 30 jan. 2024.

PET LETRAS UFGD. **Solidariedade linguística**. Dourados, 25 fev. 2021. Facebook: Pet Letras UFGD. Disponível em: <https://www.facebook.com/people/PET-Letras/100064101822545/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

PINHEIRO, T dos S. **Narrativas sobre infâncias**: memórias e identidades de professoras na educação infantil de Picos-Piauí. 2016. 62 f. Monografia

(Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2016. Disponível em: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PICOS/Not%C3%ADcias/PICOS_2022/Biblioteca/2016/Pedagogia_2016/TARCIANA_DOS_SANTOS_PINHEIRO.pdf. Acesso em: 24 abr. 2024.

PINTO, H.; GUERREIRO, J. A. Da revolução de abril aos tempos da austeridade em Portugal: um retrato da pobreza, exclusão social e desigualdades. **Praxis Sociológica**, [S. l.], n. 20, p. 169-198, 2016. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5381126.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2024.

PIRES, Julia Stefanello; SILVA, César Augusto Silva da. A rede de Acolhimento e de adaptação dos jovens imigrantes na cidade de Dourados em Mato Grosso do Sul. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 2, p. 696-711, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v46i2.67277>. Acesso em: 13 out. 2024.

PLATAFORMA DE COORDENAÇÃO INTERNACIONAL PARA REFUGIADOS E MIGRANTES DA VENEZUELA (R4V). **Refugiados e Migrantes da Venezuela**, 2023. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt#>. Acessado em 25 fev. 2024.

PLATAFORMA DE COORDENAÇÃO INTERAGENCIAL PARA REFUGIADOS E MIGRANTES DA VENEZUELA (R4V). **O que é a plataforma R4V?** [S. l.]: R4V, [202-]. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em: 13 out. 2024.

PODER 360. Assembleia Nacional da Venezuela vota para destituir Guaidó. **Poder 360**, [S. l.], 23 dez. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/assembleia-nacional-da-venezuela-vota-para-destituir-guaido/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, M. Memória esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letras e Voz, 2016.

PORTO, B. L. P. (org.). **O instituto jurídico do refúgio: análise da proteção concedida aos venezuelanos no Brasil**. Araçatuba: Unislesiano, 2021. Disponível em: <https://unisalesiano.com.br/aracatuba/wp->

content/uploads/2021/06/Artigo-O-instituto-juridico-do-refugio-analise-da-protecao-concedida-aos-venezuelanos-no-Brasil-Pronto.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

PRATT, M. L. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*. **Cuadernos de Literatura**, Bogotá, v. 28, n. 36, p. 238-253, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439843033017>. Acesso em: 19 set. 2023.

PREFEITURA DE DOURADOS. Prefeitura lança projeto socioassistencial para imigrantes venezuelanos. **Departamento de Tecnologia da Informação Secretária Municipal de Administração**. Dourados, 26 jul. 2023a. Disponível em: <https://portal.dourados.ms.gov.br/index.php/prefeitura-lanca-projeto-socioassistencial-para-imigrantes-venezuelanos/>. Acesso em: 01 maio 2024.

PREFEITURA DE DOURADOS. Em 1º Imigra Ação, Prefeitura realiza 2 mil atendimentos. **Departamento de Tecnologia da Informação Secretária Municipal de Administração**. Dourados, 26 jul. 2023b. Disponível em: <https://portal.dourados.ms.gov.br/index.php/em-1o-imigra-acao-prefeitura-realiza-2-mil-atendimentos/>. Acesso em: 01 maio 2024.

PUSSETTI, C. Identidades em crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 94-113, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/vmZZBr6ZLrhQfsmfQ4kkn9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. *In*: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 17-35.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, G. Fluxo de migrantes venezuelanos em Dourados cresceu 22% em um ano. **O Progresso Digital**, Dourados, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/cotidiano/fluxo-de-migrantes-venezuelanos-em-dourados-cresceu-22-em-um-ano/394882/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

REDAÇÃO O SUL. A Rússia abastece a Venezuela com armas de ponta. **O Sul**, Porto Alegre, 03 maio 2019. Disponível em: <https://www.osul.com.br/a-russia-abastece-a-venezuela-com-armas-de-ponta/>. Acesso em: 27 out. 2022.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço**

do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RESDAL. **Atlas comparativo de la defensa en América Latina y Caribe**. [S. l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.resdal.org/atlas-2016>. Acesso em: 02 fev. 2021.

REUTERS. Saques e violência aumentam por escassez de produtos na Venezuela. **G1 Mundo**, [s. l.], 6 ago. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/saques-e-violencia-aumentam-por-escassez-de-produtos-na-venezuela.html>. Acesso em: 30 jan. 2024.

REYNOLDS, J. Migração Forçada. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (org.), **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora da UnB, 2017. p. 461-468.

RIBEIRO-DE-SOUSA, C. “Pertencimento/não pertencimento” Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado. **Estudos avançados**, [s. l.], v. 35, n. 103, p. 63-80, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/grCFcy854YdKpL4PsXGmRzB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2022.

RIBEIRO, T. C. A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR NA SOCIEDADE CAPITALISTA. **Revista Trabalho Necessário**, [s. l.], v. 17, n. 32, p. 242-260, 28 mar. 2019.

RIBEIRO, W. C. Globalização e geografia em Milton Santos. El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v. 6, n. 124, p. 01-10, 30 set. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1344/sn2002.6.456>. Acesso em: 16 jul. 2023.

RIZZOTTO, M. L. F. Neoliberalismo e saúde. **Dicionário da educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/neosau.html>. Acesso em: 16 maio 2022.

ROCHA, L. MS possui rede de apoio a migrantes na busca por emprego, documento e alojamento. **Agência de notícias do Governo de Mato Grosso do Sul**, [s. l.], 21 fev. 2021. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ms.gov.br/ms-possui-rede-de-apoio-a-migrantes-na-busca-por-emprego-documento-e-alojamento/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ROCHA, G. do V.; RIBEIRO, N. V. P. Fluxo migratório venezuelano no Brasil: análise e estratégias. **Revista Jurídica da Presidência Brasília**, [s. l.], v. 20, n. 122, p. 541-563, out. 2018/jan. 2019. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/download/1820/1254>. Acesso em: 26 abr. 2022.

RODRIGUES, A. Roraima pede ao STF fechamento da fronteira com a Venezuela. **Agência Brasil**, Brasília, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/roraima-pede-ao-stf-que-determine-fechamento-da-fronteira-com-venezuela>. Acesso em: 04 fev. 2023.

RODRIGUES, F. Como o bloqueio imposto pelos Estados Unidos afeta a vida dos venezuelanos. **Brasil de fato**, Caracas, 3 jul. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/03/como-o-bloqueio-dos-estados-unidos-afeta-a-vida-dos-venezuelanos>. Acesso em: 30 jan. 2024.

RODRIGUES, N. Rede de acolhimento capacita imigrantes até com aulas de português: segundo a vice-prefeita Adriane Lopes, o objetivo é dar novas oportunidades para os imigrantes. **Campo Grande News**, Campo Grande, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/rede-de-acolhimento-capacita-imigrantes-ate-com-aulas-de-portugues>. Acesso em: 22 abr. 2022.

RODRIGUES, R. A.; STREY, M.N.; PEREIRA, J. Experiência migratória: Encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais. **Aletheia**, [s. l.], n. 26, p. 168-180, 2007.

ROMERO, Enrique Duarte *et al.* **Perfil Socioeconômico de Dourados - MS 2018**. Projeto de extensão do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2018. 132p. Disponível em: <https://www.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Perfil-Socioecon%C3%B4mico-de-Dourados-1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

RORAIMA. “Coiotos” são presos por cobrar por travessia ilegal de migrantes na fronteira do Brasil com a Venezuela. **G1 BOA VISTA**. Boa Vista, 11 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/12/11/coiotes-sao-presos-por-cobrar-por-travessia-ilegal-de-migrantes-na-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2024.

ROSA, R. C. Serviço Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Campo Grande – MS: desafios, conquistas e perspectivas. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 27, n. 55, p. 199-206, abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/ZwX8FBPmPG3Cr7n5nPjggwF/?lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2021.

ROSA, R. C.; AMARAL, A. P. M.; COSTA, L. R. **Migração, Carisma Scalabriniano e Pastoral dos Migrantes no Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

ROSO, A.; BERVIAN, L. Imigração e políticas públicas: um estudo com imigrantes argentinos e uruguaios. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 229-242, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/5684>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROTERMEL, A. T. *et al.* Como começou a crise na Venezuela? **Politize!** Florianópolis, 10 jan. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-na-venezuela/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ROUTLEDGE, P. Territorialising movement: the politics of land occupation in Bangladesh. **Transactions of the Institute for British Geographers**, [S. l.], v. 40, n. 4, p. 445-463, 2015. Disponível em: <http://eprints.whiterose.ac.uk/88773/1/Territorializing%20Movement%20Final.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SACK, R. **Human territoriality: its theory and history**. New York: Cambridge, 1986.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80186.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

SALCEDO-BASTARDO, J. L. **História fundamental de Venezuela**. 11. ed. Caracas: Universidad Central de Venezuela; Ediciones de la Biblioteca, 2006.

SALLES, M. R. R; ARAÚJO, J. R. C. Revisitando Abdelmalek Sayad: um escritor público. In: DIAS, G.; BÓRGUS, L; PEREIRA, J. C. A.; BAPTISTA, D. (org.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayed**. São Paulo: EDUC, 2020. p. 213 - 223. Disponível em: https://www.pucsp.br/educ/downloads/Abdelmalek_Sayad.pdf. Acesso em 09 mar. 2024.

SANDER, C. **Migrant remittances to developing countries - a scoping study**: overview and introduction to issues for pro-poor financial services. [S. l.]: UK Department of International Development, 2003. Disponível em: <https://www.findevgateway.org/sites/default/files/publications/files/mfg-en-paper-migrant-remittances-to-developing-countries-a-scoping-study-overview-and-introduction-to-issues-for-pro-poor-financial-services-2003.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SANTOS, C. O conceito de extenso. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de (org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 25-31.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 7-13, 9 set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SANTOS, M. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. São Paulo: Hucitec, 2007.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. 5. ed., São Paulo: Hucitec: Anpur, 2002. p. 11-14.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1998. p. 01-13.

SAQUET, M. Por uma abordagem territorial: continuando a reflexão. *In*: SAQUET, M. (org.). **Estudos territoriais na ciência geográfica**. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 47-74.

SAQUET, M. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A.; MONDARDO, M. L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista Nera**, [S. l.], n. 13, p. 118-127, 2012. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1392>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SARRIERA, Jorge Castellá; PIZZINATO, Adolfo; MENESES, María Piedad Rangel. Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 10, n. 1, p. 5-13, 2005.

SASSEN, S. Três migrações emergentes: uma mudança histórica. **Revista internacional de direitos humanos SUR 23**, [s. l.], v. 13, n. 23, 2016a. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/2-sur-23-portugues-saskia-sassen.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SASSEN, S. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

SAWAIA, B. B. Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social? **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 26, n. Especial. 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/artigo-transformacao-social-um-objeto.html>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, São Paulo, ano 13, p. 01- 03, jan. 2000.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHWINN, S. A.; COSTA, M. M. M. da. Mulheres refugiadas e vulnerabilidade: A dimensão da violência de gênero em situações de refúgio e as estratégias do ACNUR no combate a essa violência. **Revista Signos**, Lajeado, v. 37, n. 2, p. 216-234, 2016.

SEJUSP. Mato Grosso do Sul supera em 10 vezes média nacional de resolução de homicídios. **Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública**, Campo Grande, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.sejusp.ms.gov.br/mato-grosso-do-sul-supera-em-10-vezes-media-nacional-de-resolucao-de-homicidios/#:~:text=De%20acordo%20com%20levantamento%20feito,conjunto%20das%20for%C3%A7as%20de%20seguran%C3%A7a>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SELMAN, E.; FORNET, R. Venezuela: análisis económico de um país em crisis. **Cato Institute**, Washington, 2014. Disponível em: https://www.elcato.org/pdf_files/ens-2014-07-01.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

SILVA, C. R. da. Migrações de Venezuelanos para São Paulo: reflexões iniciais a partir de uma abordagem qualitativa. *In*: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Migrações sul-sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo: Unicamp, 2018. p. 356-367.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. Refúgio em números. 6. ed. Brasília, DF: **OBMigra**, 2021. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública; Comitê Nacional para os Refugiados. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorios_conjunturais/2020/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros_6%C2%AA_edi%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, J. L. Z. **A imigração venezuelana para o Brasil**: do ingresso em Pacaraima - RR ao início da interiorização em Dourados - MS. 2020. Dissertação (Mestrado em Fronteiras e Direitos Humanos) – Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

SILVA, Rubens Alves da. **Da Venezuela para Dourados-MS — a busca de um lugar e a produção de geografias**. 2023. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

SILVA, S. A. A linguagem dos símbolos no contexto da migração. **Travessia**: revista do migrante, [s. l.], ano 15, n. 42, p. 02- 03, jan./abr. 2002.

SILVEIRA, D. Brasil tem cerca de 30,8 mil imigrantes venezuelanos; somente em 2018 chegaram 10 mil. **G1 Economia**, [s. l.], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/29/brasil-tem-cerca-de-308-mil-imigrantes-venezuelanos-somente-em-2018-chegaram-10-mil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 04 mar.2022.

SIMI. G. A metafísica do estrangeiro: um ensaio sobre o conceito de estrangeiridade. *In*: REDIN, G. (org.). **Migrações internacionais**: experiências e desafios para a proteção de promoção de direitos humanos no Brasil. Santa Maria: Ed. UFSM, 2020. p. 127-143. Disponível em: https://editoraufsm.com.br/downloadable/download/linkSample/link_id/28/Acesso em: 31 jan. 2024.

SISMIGRA – SISTEMA DE REGISTRO NACIONAL MIGRATÓRIO. **Dados Abertos**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://dados.gov.br/dados/conjuntos-dados/sismigra---sistema-de-registro-nacional-migratorio>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SIMÕES, G. da F. Migrações venezuelanas para o Brasil e as ações desenvolvidas pela CSVN/UFRR em Roraima. *In*: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Migrações sul-sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo: Unicamp, 2018. p. 957-961.

SIMÕES, G. da F. **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, 2017.

SIMON, Maria Inês; LAUXEN, Sirlei Lourdes. Ao lado dos desenraizados do mundo: a inclusão social de senegaleses e haitianos no Brasil. **Tecnia**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 85-104, 2017.

SIQUEIRA, D. Taxa de homicídios de Mato Grosso em 2019 é a menor da década. **Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso**, Cuiabá, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://www.sesp.mt.gov.br/-/13648906-taxa-de-homicidios-de-mato-grosso-em-2019-e-a-menor-da-decada#:~:text=A%20taxa%20de%20homic%C3%ADdio%20ficou,homens%20e%2010%25%20s%C3%A3o%20mulheres>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SOARES, W. **Imigrantes e investidores**: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia Valderense. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SOUSA, M. A. F. T. R. **Impacto das remessas de emigrantes nos países de origem**: o caso português. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão Internacional) – Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/116547>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SOUZA, J. C. de. **A identidade do migrante paraguaio e de seus descendentes radicados em Dourados (1989 – 1999)**. 2001. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Mestrado em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2001.

SOUZA, J. J. F. de. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava-Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/sites/default/files/2018-12/Jesse%CC%81-Souza-A-Elite-do-Atraso.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SOUZA JÚNIOR, W. de. **Diáspora de venezuelanos para Dourados-MS**: análise da integração laboral local. 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado em Fronteiras e Direitos Humanos) – Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.77-116.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 367.

SPOSITO, M. E. B. Introdução. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11-16.

STARK, O. **The migration of labor**. Cambridge: Blackwell, 1991.

SUBCOMITÊ Federal para Acolhimento e Interiorização de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade. **Deslocamentos assistidos de venezuelanos**: abril 2018 – dezembro 2023. [S. l.]: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome: OIM, 2023. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/2024-01/informe_deslocamentos-assistidos-de-venezuelanos-dez23.pdf. Acesso: 31 jan. 2024.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, [s. l.], n. 5, p. 9-28, jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 22 abr. 2024.

THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

THOMSON, A. Aos Cinquenta anos: Uma perspectiva internacional da História Oral. *In*: FERREIRA, M. M; FERNANDES, T. M; ALBERTI, V (org.). **História oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 47-65. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 22 abr.2024.

TOMÁS, J. A invisibilidade social, uma construção teórica. CONGRESSO INTERNACIONAL A “CRISE DAS SOCIALIZAÇÕES”, 1., 2012, Braga. **Anais** [...]. Braga: Universidade do Minho, 2012.

TORRES, F. Territorio y lugar: potencialidades para el análisis de la constitución de sujetos políticos el caso de um movimiento de desocupados en

Argentina. **Geograficando**: Revista de Estudios Geográficos, Bueno Aires, v. 7, n. 7, p. 01-30, 2011. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/13995/Documento_completo_.pdf?sequence=1&i. Acesso em: 06 jun. 2023.

TRINDADE, A. A. C. **A proteção dos vulneráveis como legado da II Conferência Mundial de Direitos Humanos (1993-2013)**. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBDH), 2014.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?format=pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.

TRT PORTUGUÊS. O número de migrantes no mundo ultrapassou os 280 milhões. **TRT**, [s. l.], 19 dez. 2022. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/mundo/2022/12/16/mensagem-de-zelensky-a-russia-disparou-sobre-kherson-mais-de-16-vezes-num-dia-1919792>. Acesso em: 23 fev. 2023.

UFGD – UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. Diploma da UFGD pode colaborar para que imigrantes conquistem melhores vagas no mercado de trabalho. **Notícias UFGD**, Dourados, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/diploma-da-ufgd-pode-colaborar-para-que-imigrantes-conquistem-melhores-vagas-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 01 maio 2024.

UFGD – UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. Estudantes da UFGD recebem 16 venezuelanos que chegaram a Dourados. **Notícias UFGD**, Dourados, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://ufgd.edu.br/noticias/estudantes-da-ufgd-recebem-16-venezuelanos-que-chegaram-a-dourados>. Acesso em: 25 mar. 2022.

UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Crise migratória na venezuelana no Brasil: o trabalho do Unicef para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. **Unicef Brasil**, [202-]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 11 mar. 2019.

URBANEJA, Diego Bautista. La política venezolana desde 1958 hasta nuestros días. In: URBANEJA, Diego Bautista. **Temas de formación sociopolítica**. n. 7, Caracas: Fundación Centro Gumilla e UCAB, 2009. p. 157.

URRIBARRÍ, R. I. A. S. Venezuela (2015): um régimen híbrido em crises. **Revista de Ciência Política**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 365-381, 2016.

VENEZUELA elimina seis zeros de sua moeda. [S. l.]: **AFP Português**, 2021. 1 vídeo (71 min). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dTrlnnsGVGc>. Acesso em: 04 out. 2021.

VENEZUELA. **Agência da ONU para Refugiados – ACNUR**. Brasília, [202-]. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

VENEZUELA. República Bolivariana da Venezuela. **Decreto n. 2.184, de 14 de janeiro de 2016**. Decreta o Estado de Emergência Econômica em todo o território nacional. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <http://www.jolemanaduana.com.ve/enterate/noticias/articulo/gaceta-oficial-n-40828-decreto-n-2184-estado-de-emergencia>. Acesso em: 13 fev. 2023.

VENEZUELA. República Bolivariana da Venezuela. **Ley Orgánica sobre Estados de Excepción de 2001**. [S. l.: s. n.], 2001. Disponível em: <https://www.refworld.org/pdfid/44a102642.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

VENEZUELA. República Bolivariana da Venezuela. **Constitución de la República Bolivariana de Venezuela de 1999**. [S. l.: s. n.], 1999. Disponível em https://www.oas.org/juridico/mla/sp/ven/sp_ven-int-const.html. Acesso em: 10 fev. 2023.

VENEZUELA. República Bolivariana da Venezuela. **Constitución de la República de Venezuela de 1961**. [S. l.: s. n.], 1961. Disponível em: <http://americo.usal.es/oir/legislatura/normasyreglamentos/constituciones/Venezuela1961.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

VERDI, A. R.; PIRES, E. L. S. As dinâmicas territoriais locais na globalização: aspectos conceituais e metodológicos. **Geosul**, [s. l.], v. 23, n. 46, p. 33-53, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p33>. Acesso em: 19 mar. 2022.

VIEIRA, A. B. **Mapeamento da exclusão social em cidades médias: interfaces da geografia econômica com a geografia política**. 2009. 206 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105061>. Acesso em: 28 abr. 2022.

VILLA, R. D. Venezuela: O projeto de refundação da república. **Revista Lua Nova**, [s. l.], n. 49, p. 136-159, 2000.

VITTO, W. C; ALMEIDA, E. F. A Venezuela na geopolítica do petróleo norte-americano. **OIKOS**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 68-88, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/oikos/article/view/52025>. Acesso em: 30 jan. 2024.

WACQUANT, L. Scrutinizing the street: poverty, morality, and the pitfalls of urban ethnography. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 107, n. 6, p. 1468-532, May 2002.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEISBROT, M; SACHS, J. **El caso de Venezuela**. Washington: Center for Economic and Policy Research, 2019. Disponível em: <http://cepr.net/images/stories/reports/venezuela-sanctions-2019-05-spn.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Constr. psicopedag.** [online], [s. l.], v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

WEIZENMANN, T.; SANTOS, R. L. dos; MÜHLEN, C. von (org.). **Migrações históricas e recentes**. Lajeado: Ed. da Univates, 2017.

WHERE do refugees come from? **ACNUR**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/where-do-refugees-come>. Acesso em: 17 nov. 2021.

WIKIPEDIA. **Covid-19**. [S. l.: s. n.], [202-]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/COVID-19>. Acesso em: 23 set. 2021.

WILLIAMS, R. **Who Speaks For Wales?** Nation, culture, identity. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Thomaz T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 01-03.

YOUNG, R. J. C. **Desejo colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZARKA, Y. C. Reconhecimento sem reconciliação, tolerância e convivência intercultural: fragmentos da obra *Difficile Tolérance*. In: FERRAZ, A. C. da C.

(org.). **Desafios doutrinários e éticos dos direitos humanos fundamentais**. Direitos humanos: doutrina, prática e jurisprudência. Niterói: Impetus, 2013. p. 11-20.

ZILLA, C. Venezuela, the region and the word: steps for a possible way out of the crisis. **SWP Comment**, [s. /], n. 19, p. 01-09, abr. 2019. Disponível em: https://www.swpberlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2019C19_zll.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

ZIMMERMANN, K.; BAUER, T. **The economics of migration**. [S. /]: Edward Elgar Publishing, 2002.

APÊNDICE

Quadro 6 - Questões feitas para os venezuelanos durante o Trabalho de Campo.

01	Nome:
02	Local de nascimento:
03	Escolaridade:
04	Status migratório () solicitante de Refúgio () Solicitante de Residência () Outros
05	Como migrou () sozinho(a) () amigos () parentes
06	Tipo de moradia () quitinete () casa () apartamento () alugada () própria () outros
07	Preço do Aluguel:
08	Quantas pessoas moram na casa/apartamento/quitinete/outros:
09	Empregado () Sim () Não
10	Remuneração em média R\$
11	Custo mensal de vida:
12	Ramo de atividade () comércio () residência () Empresa () autônomo () outros
13	Quantidade média de horas de trabalho () 10-20 () 20-30 () 40+
14	Já passou por algum ato de discriminação?
15	Dificuldade com o idioma? Quais foram?
16	Vontade de regressar para a Venezuela?
17	Por que veio para o Brasil?
18	O que é ser venezuelano(a)?
19	Como faz para manter contato com os seus parentes/amigos?
20	Mantém amizades com os brasileiros? E como os veem?
21	Conte-nos como foi o processo de imigração até chegar a Dourados, Mato Grosso do Sul
22	Teve contato com os facilitadores? Ou coiotes?
23	Já se sentiu roubado por ser imigrante e não falar bem o idioma?
24	É bem atendido no comércio, no posto de saúde, no banco ou quando vai fazer alguma reclamação?
25	Conte-nos algo sobre a sua trajetória de vida e planos para o futuro? Regressar a Venezuela?
26	Já foi abordado pela polícia? Quando descobriram que era imigrante, foram truculentos?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.